



Saberes
compartilhados em
Cartas Pedagógicas:
múltiplas aprendizagens

Organizadoras:

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula

Telma Adriana Pacífico Martineli

Maria Cristina Gomes Machado

**Saberes compartilhados em
Cartas Pedagógicas:
múltiplas aprendizagens**



Pedro & João
editores

**Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula
Telma Adriana Pacífico Martineli
Maria Cristina Gomes Machado
(Organizadoras)**

**Saberes compartilhados em
Cartas Pedagógicas:
múltiplas aprendizagens**



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula; Telma Adriana Pacífico Martineli; Maria Cristina Gomes Machado [Orgs.]

Saberes compartilhados em Cartas Pedagógicas: múltiplas aprendizagens.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 412p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0396-6 [Impresso]
978-65-265-0450-5 [Digital]

1. Saberes compartilhados. 2. Cartas pedagógicas. 3. Múltiplas aprendizagens. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

AGRADECIMENTOS

a Prof^a Dr^a Franciele Clara Peloso pelo prefácio amoroso e freiriano.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|-----------|
| CARTA PREFÁCIO | 17 |
| Franciele Clara Peloso | |

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO DAS CARTAS PEDAGÓGICAS SOBRE TRAJETÓRIAS, APRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS: EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES E ESTUDANTES | 21 |
|---|-----------|

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula
Telma Adriana Pacífico Martineli
Maria Cristina Gomes Machado

PARTE I

CARTAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO: INÍCIO DE NOSSAS TROCAS E CORRESPONDÊNCIAS

| | |
|--|-----------|
| CARTA PEDAGÓGICA PARA NOSSOS DIÁLOGOS ESCRITOS: O ESPERANÇAR FREIREANO EM TEMPOS SOMBRIOS E TURBULENTOS | 35 |
| Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula | |

| | |
|--|-----------|
| CARTA PEDAGÓGICA NA CHEGADA DA PRIMAVERA: NOVAS FLORES, TEMPOS E ESPERANÇAS | 41 |
| Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula | |

| | |
|---|-----------|
| CARTA PEDAGÓGICA PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: SEMENTES E FLORES DE HOJE E DO AMANHÃ | 45 |
| Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula | |

CARTA PEDAGÓGICA PARA ESTUDANTES DE PAULO FREIRE: TRAVESSIA EM DIFERENTES TEMPOS 59

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE NOVOS OLHARES PARA A TEORIA HISTÓRICO- CULTURAL CONSTRUÍDOS COM ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA EDUCAÇÃO 63

Telma Adriana Pacífico Martineli

PARTE II

CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: ENSINAMENTOS E SABERES SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

ENEGRECENDO CARTAS PEDAGÓGICAS APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO E SUBJETIVIDADES NEGRAS EM DIÁLOGO 71

Andrey Gabriel Souza da Cruz

Teresa Kazuko Teruya

CARTA PEDAGÓGICA PARA MARAVILHOSA PROFESSORA TELMA E SOBRE REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS NA DOCÊNCIA E NA EDUCAÇÃO 87

Marinalva de Oliveira Máximo

CARTA PEDAGÓGICA DE UMA MULHER NEGRA, MÃE E MESTRANDA COM MUITO ORGULHO 93

Marinalva de Oliveira Máximo

| | |
|---|------------|
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A NECESSIDADE DE HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE | 99 |
| Claudemar Pedroso Lopes | |
| POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: UM OLHAR DE UM MESTRANDO SOBRE OS PROFESSORES(AS) QUE RESISTEM AO SISTEMA DO DESMONTE DO ENSINO PÚBLICO: CARTA PEDAGÓGICA PARA PAULO FREIRE | 107 |
| Claudemar Pedroso Lopes | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE METAMORFOSES E SUPERAÇÕES | 115 |
| Gisleine Cristina da Silva | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO HUMANO E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR NESSES PROCESSOS | 125 |
| Alberto Freiburger Bernardinelli | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, APRENDIZADOS NA PANDEMIA, INCERTEZAS E POESIA | 131 |
| Ana Paula Evangelista de Andrade. | |
| CARTAS PEDAGÓGICAS: VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGENS E DESENVOLVIMENTO PELO OLHAR DE UMA ALUNA | 139 |
| Ana Paula Evangelista de Andrade | |

| | |
|--|------------|
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE TRAVESSIAS, DIFICULDADES, MIGRAÇÕES E APRENDIZADOS | 147 |
| Dinalva Souza Ferreira Oliveira | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE EMOÇÕES, DIREITOS DOS MIGRANTES E AMOROSIDADE | 153 |
| Dinalva Souza Ferreira Oliveira | |
| CARTA PEDAGÓGICA DA MINHA VIDA | 157 |
| Jéssica de Jesus Souza Suzuki | |
| CARTA PEDAGÓGICA: SER PROFESSORA, PROFISSÃO QUE ME INSPIRA | 165 |
| Juliana Dias Breves | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE SER PROFESSORA E PESQUISADORA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS: PROJETOS E SONHOS ALCANÇADOS | 171 |
| Juliana Dias Breves | |
| CARTAS PEDAGÓGICAS COMO ADVENTO DA PERCEPÇÃO INTRA E INTERPESSOAL DO SER PROFESSOR: CONSTRUINDO ESCOLHAS HUMANIZADORAS NA AÇÃO DOCENTE | 175 |
| Michely Milena Souza Nascimento | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO DOS(AS) PROFESSORES(AS) EM SUAS ATIVIDADES, MOVIMENTOS, ESCOLHAS E RESPEITO AOS OUTROS | 181 |
| Michely Milena Souza Nascimento | |

| | |
|--|------------|
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE PERSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO | 187 |
| Naira Natiéli de Araujo Novello | |
| CARTA PEDAGÓGICA: ENTRE ENSINAMENTOS, DORES E AFETOS | 197 |
| Nathaly Cristina Fernandes | |
| CARTA PEDAGÓGICA: ROMPENDO SILÊNCIOS E PRODUZINDO TRANSFORMAÇÕES | 203 |
| Nathaly Cristina Fernandes | |
| EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR: CARTA PEDAGÓGICA DE UMA PÓS-GRADUANDA | 209 |
| Regina Ridão Ribeiro de Paula | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ARTE E PROCESSOS CRIATIVOS NO APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 221 |
| Regina Ridão Ribeiro de Paula | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MUDANÇA DE DIREÇÃO: UM PROJETO PARA NOVOS CONHECIMENTOS | 231 |
| Rodrigo Marcello Rosa | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE NOVOS TRAJETOS: CONHECIMENTO SE CONSTRÓI COM BASE TEÓRICA FORTE E MUITO AMOR PELA EDUCAÇÃO | 239 |
| Rodrigo Marcello Rosa | |

CARTA PEDAGÓGICA EM DEFESA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 247

Thiago Barbosa da Silva

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE CAPITALISMO E OS DILEMAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 253

Thiago Barbosa da Silva

A PESQUISA COMO METAMORFOSE DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO: UMA CARTA PEDAGÓGICA SOBRE VIRADAS E PARTILHAS. 259

Giovani Giroto

PARTE III

CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: ENSINAMENTOS, AFETOS E SABERES SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA PAULO FREIRE

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A NECESSIDADE DA ESPERANÇA FREIREANA 267

Eliana Nunes da Silva Tinti

CARTA PARA OS(AS) EDUCADORES(AS) DO BRASIL 273

Ana Claudia da Silva Correia

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE E REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO 277

Bárbara Yuka Moraes Watanabe

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA PAULO FREIRE 281

Beatriz Martins Fiorillo

| | |
|--|------------|
| CARTA PEDAGÓGICA DE UM UNIVERSITÁRIO INDÍGENA PARA OS (AS) PROFESSORES (AS) DO BRASIL | 285 |
| Eli Eder Norato | |
| CARTA PEDAGÓGICA PARA OS (AS) EDUCADORES (AS) DO BRASIL SOBRE PAULO FREIRE E SUA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA | 289 |
| Joseane Máisa dos Reis | |
| CARTA PEDAGÓGICA A UMA QUERIDA AMIGA | 293 |
| Julia Gardini dos Anjos | |
| CARTA PEDAGÓGICA PARA PAULO FREIRE SOBRE CÍRCULOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS | 297 |
| Maria Clara Ito de Souza | |
| CARTA PEDAGÓGICA DE DESLUMBRE A PAULO FREIRE | 301 |
| Natalia Orlando da Silva | |
| CARTA PEDAGÓGICA PELA EDUCAÇÃO RESISTENTE | 303 |
| Sarah Emily Alves da Silva | |
| CARTA PEDAGÓGICA DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA PARA PAULO FREIRE: AGRADECIMENTOS E ESPERANÇAS DE NOVOS TEMPOS | 307 |
| Vitoria de Valois Veloso Benelli | |

CARTA PEDAGÓGICA A PROFESSORA DRA. ERCILIA E AOS(AS) DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA TURMA 001/2022: DIÁLOGOS SOBRE PAULO FREIRE 311

Joelma Fátima Castro

PARTE IV

CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO PARA PAULO FREIRE NA CONTEMPORANEIDADE

SEMPRE ACREDITAREI EM VOCÊS E NA MUDANÇA POSSÍVEL: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR EM UMA CARTA PEDAGÓGICA 321

Matheus Morais da Luz

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ASPIRAÇÕES PARA ME TORNAR PROFESSORA 329

Cassiana Patrícia Morandi

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MIGRAÇÕES E TRANSPOSIÇÕES DE BARREIRAS 337

Dinalva Souza Ferreira Oliveira

CARTA PEDAGÓGICA PARA AS MINHAS FILHAS ARIANE E FRANCIELLE 345

Edna Aparecida Pitelli Sabatine

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MINHA VIDA: SUPERAÇÕES E CONQUISTAS 355

Jéssica de Jesus Souza Suzuki

| | |
|---|------------|
| CARTA PEDAGÓGICA AOS PROFESSORES E PROFESSORAS QUE VIVENCIARAM A BARBÁRIE DO MASSACRE: 29 DE ABRIL NO ESTADO DO PARANÁ | 363 |
| Joelma Fátima Castro | |
| NUNCA DESISTI DOS MEUS SONHOS: NARRATIVAS EXPRESSAS NESTA CARTA PEDAGÓGICA | 373 |
| Lucas Henrique Barbosa Alves | |
| DIÁLOGOS E SONHOS EM UMA CARTA PEDAGÓGICA | 383 |
| Márcia Galbero | |
| CARTA PEDAGÓGICA À DIARISTA E AO DIARISTA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS QUE SE ENTRELAÇAM | 391 |
| Regina Ridão Ribeiro de Paula | |
| CARTA PEDAGÓGICA SOBRE EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE | 405 |
| Vânia Rodrigues Nicolau | |

CARTA-PREFÁCIO

Querido Paulo Freire,

Hoje é domingo! Faz um dia solar de brisa quase outonal. Gosto dos domingos. Eles nos permitem viver a profundidade de nossos sentimentos. Nessa consciência dominical, finalizei a leitura do livro que as professoras Ercília, Telma e Maria Cristina me enviaram em primeira mão. O livro é intitulado “Saberes compartilhados em Cartas Pedagógicas: múltiplas aprendizagens”. E é por meio destas linhas e com o corpo encharcado de emoção, inquietações, esperança e inspiração domingueira que me aproximo de você, das professoras organizadoras e de todos àqueles e àquelas a quem esse livro alcançar.

Como você bem sabia e sempre afirmou, meu querido Paulo, a educação é um ato de amor e de coragem, que exige compromisso com a transformação social e com a construção de um mundo mais justo e igualitário, mais bonito. As cartas pedagógicas foram utilizadas por você como recurso pedagógico, como uma forma de comunicação escrita, de compartilhamento de ideias e experiências, sobretudo, para reflexão crítica sobre a práxis pedagógica, sobre o mundo, sobre as teorias e as relações de que fazemos parte. Essa forma de compartilhar conhecimento dá vida ao que você chamou de unidade dialética subjetividade-objetividade, uma vez que nas cartas é possível realizar a conexão entre razão e emoção quando se efetivam como exercício rigoroso, dialógico e reflexivo. Quem escreve se (re)visita ao escrever e é visitado ao compartilhar seu escrito, ocasionando também emoção e reflexão. Assim, posso afirmar que as cartas pedagógicas se configuram como instrumentos de humanização.

Paulo, você nos ensinou que as cartas pedagógicas, como exercício de subjetividade-objetividade, podem ser utilizadas como expressão amorosa de anunciar possibilidades outras de ler o

mundo, bem como uma ferramenta de denúncias sobre as “feiras” desse mesmo mundo. Também, um convite à poesia, à autoria e a criação. Elas permitem a expressão de reflexões, de sentimentos e de emoções de forma mais livre e autêntica, rompendo com a rigidez epistêmica defendida pelas escolas tradicionais modernas.

As cartas pedagógicas contidas nesse livro, são expressão desse amor e dessa coragem pedagógica. Se inscrevem como inserção crítica na realidade por meio do exercício da unidade dialética objetividade-subjetividade. São fruto de dinâmicas desenvolvidas em espaços educativos, em salas de aulas, socializadas no âmbito da graduação e da pós-graduação no Brasil. São poesia, luta e criação. Os remetentes apresentam diversas experiências e reflexões, afirmando esse livro como possibilidade metodológica, uma vez que compartilham de habilidades de comunicação escrita, leitura crítica, de denúncias e anúncios sobre as possibilidades de existir, aprender e ensinar, tudo isso com base em experiências e situações de sua vida mesma diante do cenário educacional brasileiro.

Ao ler as cartas pedagógicas apresentadas neste livro, é possível perceber a variedade de temas abordados, questões relacionadas à diferentes faixas etárias, incluindo debates sobre inclusão, formação e diversidade na educação. Cada carta traz consigo uma perspectiva única e valiosa, que enriquece o diálogo e o aprendizado coletivo. São narrativas profundas, inundadas de emoção, sem perder de vista a razão, singularmente, marcadas por uma escrita crítica sobre as condições políticas e das desigualdades sociais vividas no Brasil.

Diante de tudo isso, senti esse livro como uma homenagem à sua obra, Paulo Freire, uma contribuição para a continuidade do seu legado. É uma demonstração de que sua pedagogia crítica e libertadora continua viva e inspira educadoras e educadores de todo o mundo.

Meu desejo é que este livro possa motivar práticas educativas outras e que as cartas pedagógicas sejam utilizadas como instrumento de ensino e aprendizagem, promovendo uma educação mais colaborativa e inclusiva para todas e todos os envolvidos no

processo de ensinar e aprender. Que as cartas pedagógicas possam continuar sendo um instrumento de amor, coragem, humanização e poesia na construção de uma educação transformadora.

Neste domingo solar, de um março quase outonal,
Franciele Clara Peloso¹

¹ Pedagoga pela UNICENTRO. Mestre em Educação pela UEPG. Doutora em Educação pela UFSCAr e Pós-Doutora em Educação pela UEPG E UEPA.

APRESENTAÇÃO DAS CARTAS PEDAGÓGICAS SOBRE TRAJETÓRIAS, APRENDIZAGENS E ENSINAMENTOS: EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES E ESTUDANTES

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Telma Adriana Pacífico Martineli²

Maria Cristina Gomes Machado³

Aos (as) queridos (as) leitores (as) do nosso livro

Tudo bem com vocês? Desejamos que estejam bem.

Esta carta de apresentação do nosso livro tem com intuito de compartilhar histórias, saberes e aprendizados. Neste livro trataremos nossas ideias e reflexões discutidas em nossas aulas sobre a realidade educacional brasileira no ano de 2022. As Cartas Pedagógicas apresentam problematizações discutidas em duas disciplinas do programa de pós-graduação em Educação da

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Prof^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM).

² Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é docente do Programa de pós-graduação em Educação (PPE-UEM) e do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

³ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestrado e Doutorado em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/UEM).

Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM) e uma disciplina do curso de Pedagogia da UEM.

O ano de 2022 foi um ano marcado com muitos acontecimentos em nosso país, principalmente relacionados a educação. As Cartas Pedagógicas deste livro foram escritas pelos (as) estudantes e trazem as aprendizagens e saberes construídos coletivamente em nossas aulas. Essas cartas foram escritas com muita amorosidade e trazem reflexões sobre as angústias, incertezas, alegrias e esperanças de um Brasil mais justo, igualitário e humano para todos(as) brasileiros(as).

A ideia da proposta de escrita desse livro em forma de Cartas Pedagógicas surgiu com a proposta e o convite da Prof^a Ercilia para as professoras Telma e Maria Cristina e para nossos(as) alunos(as) do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM) que participaram de disciplinas por nós ministradas. Neste livro, também apresentaremos as Cartas Pedagógicas escritas por estudantes de Pedagogia da UEM, a qual a professora Ercilia trabalhou no ano de 2022.

A professora Ercilia já vem trabalhando com a escrita de Cartas Pedagógicas com os (as) estudantes há alguns anos na universidade e foram publicados dois livros sobre esta temática, Paula (2016, 2017). As Cartas Pedagógicas são fundamentada na leitura e discussões dos livros-cartas de Paulo Freire (1994, 2000, 2005, 2011) e de obras de Paulo Freire, principais referenciais teórico-metodológicos desses livros e dos seus projetos de pesquisa desenvolvidos na UEM com os seguintes temas “Diálogos entre cinema, cartas e educação: estudo das narrativas e intertextualidades”, (Processo n. 7110/2019) e “Cartas, Cartas Pedagógicas e vídeo-cartas na educação: Múltiplas formas de comunicar e educar” (Processo n 740/2022). A professora também orientou duas dissertações de mestrado com cartas como instrumentos de pesquisa, Batista (2018) e Silva (2019).

Neste livro, o trabalho de todos(as) aqui materializados nas Cartas Pedagógicas pretende contribuir para pesquisa e para a

formação de professores (as) na busca de metodologias diversificadas para a educação.

Quando as professoras Telma e Maria Cristina foram convidadas para a utilização das Cartas Pedagógicas em nossas disciplinas, elas foram extremamente acolhedoras, companheiras e incentivadoras para a escrita das cartas como trabalhos finais. Elas auxiliaram com muito carinho, competência e amorosidade a condução do trabalho das disciplinas no PPE/UEM em Maringá, no Paraná e na organização deste livro.

É preciso destacar que quando nós fizemos os convites para que os(as) estudantes da pós-graduação e da graduação escrevessem seus trabalhos em forma de Cartas Pedagógicas, de início, alguns(as) estranharam um pouco essa forma de escrita. Muitos (as) estudantes, por serem jovens, nascidos no mundo das tecnologias e considerados “nativos digitais” nos disseram que nunca haviam escrito uma carta em suas vidas. As reações foram diversas: alguns (as) ficaram surpresos, outros(as) estranharam e alguns(as) foram resistentes a escrita de seus trabalhos acadêmicos neste formato. Todavia, outros (as) estudantes foram muito receptivos(as) a esta proposta. Durante as aulas, através dos diálogos freirianos fomos explicando sobre a escrita de cartas e, mais especificamente, a escrita de Cartas Pedagógicas para esses trabalhos.

Muitos(as) de vocês nunca devem ter escutado o termo Cartas Pedagógicas. As Cartas Pedagógicas não são recentes em nosso país. Entretanto, elas ainda são pouco conhecidas. Paulo Freire, patrono da educação brasileira, há muitos anos escrevia cartas para expressar suas ideias, denunciar fatos e acontecimentos autoritários em nosso país e no mundo. Os livros-cartas de Freire (1994, 2000, 2005, 2011) nos ensinam sobre a necessidade de ruptura com sistemas opressores, desiguais e injustos. As cartas e os livros-cartas escritos por Paulo Freire refletem a luta por uma educação libertadora e uma mais humanizada tão necessária no Brasil e no mundo. Vieira (2010, p. 125) traz uma excelente definição de como Paulo Freire concebia as Cartas Pedagógicas

Manifestar-se por escrito, através de cartas era um hábito constante de Paulo Freire: “uma das formas de comunicação que Paulo tanto gostava” (FREIRE, 2000, p. 8). Como era próprio desse pensador da prática educativa, seu pensamento consistia no exercício da coerência com a prática. Daí pensar sobre o diálogo como exercício rigoroso do pensamento refletido e compartilhado precisava se apoiar em instrumento coerente. A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso.

As Cartas Pedagógicas nos trazem esses “diálogos escritos”, como bem definido por Paulo Freire entre docentes e estudantes para refletirmos nossos processos educacionais construídos coletivamente nas salas de aula e discussões sobre a realidade educacional no Brasil e no mundo.

O nosso livro foi organizado em um período muito crítico e desafiador que vivenciamos no Brasil, por isso levou alguns meses para ser construído. Enfrentamos vários acontecimentos, por isso a demora para sua conclusão. É preciso deixar registrado neste livro que não podemos esquecer que o ano de 2022 foi um ano conturbado e muito difícil para os(as) brasileiros(as), assim como o início do ano de 2023 tem sido marcado por alegrias e tristezas.

Nos anos de 2016 a 2022 o Brasil sofreu vários retrocessos impostos pelos governos destes períodos. A gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro foi avassaladora nos retrocessos que atingiram várias áreas. A educação foi uma das áreas mais afetadas. Sofremos muito com a desvalorização do trabalho de professores(as), com a ausência de concursos públicos, com os cortes de verbas nas pesquisas, com as trocas de ministros da educação, com a corrupção no Ministério da Educação, com a precarização do trabalho docente, com o aumento de escolas militares,

principalmente no Paraná e com o desrespeito aos trabalhos dos professores (as), desde a Educação Básica até as universidades.

No período da pandemia do COVID-19, a educação também sofreu muito com a ausência de políticas públicas efetivas do governo federal do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro para garantir a continuidade da escolarização, desde a educação das crianças pequenas até os adultos. Embora saibamos dos esforços dos(as) professores (as) para garantirem o direito a educação, muitas crianças, adolescentes, jovens e adultos desistiram de estudar por não terem acesso à *internet*, computadores ou celulares para poderem acompanhar aulas remotas. Outros(as) não conseguiram acompanhar as aulas em casa, mesmo com a distribuição quinzenal das escolas de materiais e tarefas escolares pelas escolas, pois tinham dificuldades econômicas e sociais.

Também sofremos com a pandemia do Coronavírus que abalou o mundo. No Brasil, o governo do ex-presidente Bolsonaro foi marcado pelo negacionismo da ciência, pela morosidade no enfrentamento da pandemia e pela demora na compra de vacinas. Esses fatores ocasionaram a morte de muitas pessoas por COVID-19. Em dezembro de 2022 o número de mortos pela COVID-19 chegava a 690 mil pessoas. Aliado a esses fatos, nesta gestão deste ex-presidente tivemos muitas tragédias ambientais, o aumento das queimadas na Amazônia, perseguição as populações indígenas, assassinatos de ativistas que protegiam as florestas, ampliação do garimpo e invasão das terras indígenas, enchentes e secas em várias regiões do Brasil, ciclones que atingiram drasticamente várias cidades, inclusive a cidade de Maringá. O Brasil retomou ao mapa da fome, aumentaram as violências e os preconceitos, principalmente o racismo contra os negros (as), com a população LGBTQIa+, com os(as) deficientes, com os (as) indígenas, assim como a xenofobia com os (as) imigrantes, os ataques a imprensa, as mulheres e aos movimentos sociais. Aumentaram drasticamente os casos de feminicídio, de violência doméstica, o número de pessoas em situação de rua (incluindo crianças, adolescentes, jovens, adultos

e idosos), os ataques ao trabalho dos professores (as), dos(as) pesquisadores (as), artistas e tantas outras questões de violação de direitos que a população brasileira sofreu, principalmente as pessoas das classes populares que é difícil escrever todos os retrocessos que enfrentamos nestes anos. Um dos piores retrocessos foi a mentalidade disseminada por aliados(as) do ex-presidente Bolsonaro que defendem o retorno a ditadura e a intervenção militar, situações essas que geram ameaças constantes a democracia brasileira. Portanto, neste cenário avassalador, produzir ciência é um ato de resistência.

As Cartas Pedagógicas escritas neste nosso livro trazem críticas, denúncias, os nossos sentimentos marcados nestes últimos anos e, principalmente no ano de 2022 marcado por muitos embates nos períodos de campanha e eleições para presidência da República. As Cartas Pedagógicas foram atravessadas por todas essas situações e não conseguimos ficar neutros(as) e não nos indignarmos com todos os acontecimentos que o Brasil enfrentou e ainda tem enfrentado. Mesmo com a vitória do presidente Luís Inácio Lula da Silva no dia 30 de outubro de 2022 com 60.341.333 votos, o equivalente a 50,90% dos válidos, ainda enfrentamos os(as) bolsonaristas radicais que não aceitam os resultados das eleições e tumultuam cotidianamente a democracia, a paz e a alegria de nosso país.

Nosso livro traz essas marcas vivenciadas por todos(as) nós e também traz esperanças de um Brasil diferente com a vitória do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva para a reconstrução de nosso país livre de autoritarismos, opressões, preconceitos, massacres e desrespeitos. Se por um lado o livro demorou alguns meses para ser concluído, por outro, traz muitas histórias e narrativas dos (as) estudantes sobre como fomos afetados (as) por esses períodos de início das campanhas para presidente, período das eleições e período da vitória do presidente Lula – foram momentos históricos.

Nosso livro está dividido em quatro partes. A primeira parte é intitulada “CARTAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO: INÍCIO DE NOSSAS TROCAS E CORRESPONDÊNCIAS” e apresenta as

estratégias por nós utilizadas para a escrita das cartas nas diferentes turmas da pós-graduação e a turma da graduação. É preciso considerar que não existe uma proposta única para a escrita das Cartas Pedagógicas, pois não existe uma “receita pronta”. Entretanto, algumas características são importantes para a construção destas cartas. Um livro que nos auxiliou muito neste processo foi o livro de Paulo; Dickmann(2020) que apresenta vários artigos sobre o conceito, as características e aspectos principais das Cartas Pedagógicas como a escrita das trajetórias pessoais, o posicionamento político diante das atrocidades e desumanidades do mundo, a criatividade e subjetividade mesclada com o rigor metodológico das pesquisas na educação.

Este primeiro capítulo apresenta cinco Cartas Pedagógicas escritas para as diferentes turmas para condução dos trabalhos. Os roteiros para as escritas das cartas foram bem diversificados. As duas primeiras cartas deste capítulo foram escritas pela professora Ercilia para os (as) estudantes da disciplina “Aprendizagem e desenvolvimento humano e educação escolar” ministrada em conjunto com a Prof^a Telma no PPE/UEM. Inicialmente, a proposta para os (as) estudantes foi a escrita de duas cartas. A primeira carta foi destinada a professora Telma (após o término da primeira parte das aulas) e a segunda carta destinada a professora Ercilia. No final da disciplina, pensamos na ideia do livro e os (as) estudantes teriam que unir as duas cartas em uma terceira. Alguns (as) estudantes fizeram a terceira carta e outros(as) preferiram apresentar as cartas em separado para esse livro. As outras duas cartas deste capítulo foram: uma carta da professora Ercilia escrita para os(as) estudantes de Pedagogia da turma “Alfabetização e Letramento III” sobre a boniteza da construção deste trabalho com essa turma e a quarta carta deste capítulo foi o roteiro para os (as) estudantes da disciplina “Tópicos Especiais em Educação: Contribuições de Paulo Freire”, ministrada em conjunto com a Prof^a Maria Cristina no PPE/UEM. Este roteiro foi fundamentado nas contribuições do livro “Cartas Pedagógicas de Paulo”, Dickmann (2020).

A segunda parte deste livro é denominada de “CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: ENSINAMENTOS E SABERES SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO” e apresenta as cartas dos(as) estudantes de pós-graduação na disciplina “Aprendizagem e desenvolvimento humano e educação escolar” ministrada pela Prof^a Telma e Ercilia para estudantes do programa de pós-graduação em Educação da UEM. Essa turma foi muito especial. A diversidade se fez presente e as lutas pela melhoria da educação para todos(as) indistintamente foi uma das principais temáticas discutidas na disciplina. Era o começo do semestre de 2022, as aulas foram intercaladas entre aulas presenciais e remotas em função da pandemia do Covid-19. A guerra da Rússia contra a Ucrânia estava no início e vivíamos momentos de muitas incertezas mundiais. Estudávamos os pesquisadores da área de ensino aprendizagem como Vygotsky, Piaget e Wallon e discutíamos o contexto históricos destes pesquisadores e, ao mesmo tempo, assistíamos a um cenário de guerra internacional desumano. No Brasil, acirravam preconceitos, racismos, xenofobia, situações homofóbicas, dentre várias outras questões que enfrentamos pelo governo do ex-presidente Jair MESSIAS Bolsonaro. Fomos questionadas por que não estudarmos a psicologia atual, mais especificamente, a psicologia preta diante da necessidade urgente de superação dessas situações. A disciplina foi replanejada, inserimos a psicologia preta em nossas aulas e certamente, todos(as) aprendemos muito e temos muito o que aprender. Foram aulas fantásticas.

As vinte e seis Cartas Pedagógicas deste capítulo trazem histórias de vida, as difíceis trajetórias de muitos (as) estudantes para ingressarem na pós-graduação, os preconceitos vividos durante suas vidas, os sonhos e as esperanças na educação. São narrativas muito emocionantes, escritas com a alma, com o coração e a partir de reflexões críticas sobre nosso país sobre as desigualdades sociais. Essa turma nos cativou pelo engajamento político nas causas sociais, por suas preocupações com as questões

das condições de trabalhos dos professores(as) e os processos de ensino-aprendizagem na pandemia e pós-pandemia, desde as questões emocionais, cognitivas, físicas e culturais. A turma foi muito afetiva e as cartas nos emocionam sobre denúncias de racismo, homofobia, preconceitos com deficientes e necessidade de rever essas questões em nosso país.

A terceira parte é de “CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: ENSINAMENTOS, AFETOS E SABERES SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA PAULO FREIRE” traz as escritas dos (as) estudantes do 3º ano vespertino do curso de Pedagogia da UEM na disciplina “Alfabetização e Letramento III”. Nesta disciplina os (as) estudantes construíram vários projetos educacionais para diferentes modalidades de ensino fundamentados em Paulo Freire, um dos principais referenciais teóricos da disciplina. Essa turma era muito dedicada aos estudos e a formação. A maioria era engajada em projetos da universidade – Programas de Iniciação Científica (PIBIC e PIC), Residência Pedagógica, Programa de Educação Tutorial (PET) e Projetos de Extensão. Muitos(as) estudantes já trabalhavam em escolas de educação infantil nos estágios. Era uma turma muito entusiasmada com a educação, participavam das atividades na universidade, se posicionavam politicamente e tinham muita delicadeza, cuidado e acolhimento com as pessoas.

A proposta da escrita das Cartas Pedagógicas para esta turma foi que eles (as) escolhessem os destinatários (as). O resultado foi que as narrativas das onze Cartas Pedagógicas foram muito criativas, amorosas e subjetivas sobre o significado da alfabetização para Paulo Freire. Essas estudantes(as) e essas juventudes nos movem para esperança de dias melhores em nosso país. Cabe destacar como os(as) estudantes gostaram de estudar as ideias de Paulo Freire e reconhecerem o seu trabalho. Um estudante indígena também traz as denúncias sobre as condições de vida dos indígenas no Brasil e a necessidade de revisão urgente das políticas públicas para essas pessoas.

A quarta parte denominada “CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO PARA PAULO FREIRE NA CONTEMPORANEIDADE” é referente a disciplina “Tópicos Especiais em Educação: contribuições de Paulo Freire” ministrada pelas professoras Ercilia e Cristina no PPE/UEM. Essa disciplina foi ofertada pela primeira vez no PPE e foi muito apropriada, principalmente pelo cenário das eleições presidenciais. O primeiro período foi ministrado pela Professora Ercilia e foi marcado pelas campanhas para presidente da república. Os textos que líamos e discutíamos sobre Paulo Freire eram muito atuais e muitas angústias marcavam a todos(as) nós. Compartilhávamos coletivamente nossas ansiedade e dúvidas se a população brasileira iria optar nas eleições pela manutenção de um governo autoritário ou por um governo que retomasse a democracia. Graças a muitos esforços empreendidos na campanha, o governo Lula venceu a democracia, muito embora muitos brasileiros(as) que defendem o governo autoritário e ainda não se convenceram dos resultados das eleições democráticas de nosso país e têm dificultado o início do governo Lula.

As Cartas Pedagógicas desta turma também são muito bonitas e algumas nos levam a chorar pelos sentimentos que nos trazem. A proposta para os (as) estudantes também foi que eles escolhessem seus destinatários (as) e as cartas foram endereçadas para diferentes pessoas: familiares, trabalhadores (as), professores(as), estudantes como se fossem cartas para o presente próximo e um futuro mais humano e acolhedor. Esta turma trouxe suas histórias de vida, suas dificuldades para estudar, as marcas de passados difíceis, o posicionamento político frente às injustiças e às desigualdades sociais, além de nos trazer, também, a crença em um futuro mais humano e mais acolhedor. Os conteúdos compartilhados nestas Cartas Pedagógicas são muito comoventes. São histórias escritas com muita densidade, emoção, carinho de dedicação para os estudos. Elas trazem proximidade com esses (as) estudantes que talvez jamais conheceríamos se não tivessem esses espaços de escrita na forma das Cartas Pedagógicas.

Aos(as) leitores(as) de nosso livro. Desejamos a todos(as) que gostem das nossas Cartas Pedagógicas e que possam se deliciar com os textos maravilhosos contidos neste livro.

Boa leitura e abraços fraternos

Maringá, 30 de janeiro de 2023.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ingrid Yasmin Oliveira da Silva. **Cartas sobre o meu eu:** trajetórias escolares de professoras e professores negros na educação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, 2018.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina.** 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 15ª ed. São Paulo: Editora Olho D`Água, 2005.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau:** registros de uma experiência em processo. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira. (org). **Cartas Pedagógicas:** Estratégias revisitadas para novos tempos. Curitiba: CRV, 2018.

PAULA. E.M.AT. (org). **Cartas Pedagógicas:** revisitando memórias e experiências em novos tempos. Curitiba: CRV, 2019.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1ª ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53

SILVA, Silvia Mara da Silva. **A pedagogia da correspondência e narrativas de crianças e adolescentes com câncer e familiares:** O direito a educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2019.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides, ZITOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

PARTE I

**CARTAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO:
INÍCIO DE NOSSAS TROCAS E
CORRESPONDÊNCIAS**

CARTA PEDAGÓGICA PARA NOSSOS DIÁLOGOS ESCRITOS: O ESPERANÇAR FREIREANO EM TEMPOS SOMBRIOS E TURBULENTOS

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Querida Professora Telma e estudantes da pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá

Tudo bem com vocês? Desejo que todos(as) estejam bem.

Durante vários dias tenho pensado em como escrever uma carta de agradecimento para a professora Telma por ter aceitado ministrar a disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações da educação escolar nesses processos” e ter compartilhando comigo, tanto o trabalho, como situações desafiadoras de buscar orientar os textos e as discussões com os(as) estudantes da melhor forma possível sobre temas tão complexos e abrangentes.

Também pensamos muito em como orientar a escrita de cartas como um dos trabalhos da disciplina. Telma e eu já havíamos conversado sobre essa proposta e ela foi muito receptiva para encontrarmos formas diferenciadas de produção do texto científico. Ao longo de meses estamos trocando textos, mensagens, impressões e compartilhando projetos. Está sendo muito feliz essa nossa aproximação e as partilhas mediadas por essa disciplina.

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Prof^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM).

As cartas nos trazem lembranças, recordações, subjetividade e também promovem a objetivação de nossas ideias. Nesse sentido, lembro que no primeiro encontro com Telma, que foi regado com café, açúcar e afeto, estruturamos uma proposta e um cronograma de atividades e textos bem interessantes. Também conversamos sobre as inconstâncias da vida nesta pandemia do coronavírus (que ainda enfrentamos), a situação crítica do nosso país e as nossas revisões diárias de planejamentos.

Estamos vivendo tempos de incertezas, indecisões e mudanças de rumos. As aulas na pós-graduação iniciaram presenciais, porém, devido ao aumento do contágio do coronavírus voltaram a ser remotas e mais recentemente, retornaram a ser presenciais. Quando em tempos passados pensávamos que nossa vida e as formas de aprender, estudar e nos relacionarmos como professores e estudantes seriam tão diversas?

Nas aulas presenciais, nos conhecemos com máscaras para nos proteger do vírus. Nossos sorrisos estão escondidos e os olhos buscam compensar as expressões não reveladas por nossos lábios. Nossos rostos não são vistos por completo, mas sabemos que essa incompletude faz parte de um processo de sobrevivência coletiva. Para os(as) surdos(as) que fazem leitura labial, essa forma de comunicação está interrompida se as máscaras não mostrarem os movimentos labiais. Nossos abraços são raros e nossa movimentação no mundo é diferente.

Nas aulas remotas nos sentimos distantes. A tecnologia nos auxilia e traz diferentes recursos para aprendizagem, mas sentimos as lacunas da ausência de contato dos olhos nos olhos. Quando iríamos imaginar que nossos corpos se adaptam a essas formas de expressão? O modo de vida, de ensinar, de se relacionar é outro nesta pandemia. Este momento é marcado por histórias de perdas, lutos e também muitos enfrentamentos, lutas e resistências para preservação de nossas vidas, do nosso povo, da nossa saúde mental, da natureza e de nossos sonhos.

Não só as relações humanas estão impactadas. A própria natureza está diferente. Telma iniciou a disciplina em um período difícil e uma fase marcante na cidade de Maringá após a tempestade de abril de 2022 a qual destruiu muitas árvores centenárias. A cidade ficou muito triste. A cada esquina nos deparávamos com árvores caídas pelo chão. O cenário era de guerra e devastador.

Fiquei imaginando como é viver em uma situação de guerra e conseguir pensar, produzir conhecimentos e pesquisas? Esse foi o contexto da vida de Vygotsky. Como vocês já estudaram com Telma, Vygotsky nasceu em 1896 na cidade de Orsha na Bielo-Rússia. Em 1917, ele viveu a Revolução Russa. A primeira guerra mundial aconteceu no período de 1914 a 1918. Vygotsky faleceu de tuberculose em 1934 aos 37 anos de idade. Sua vida foi permeada por períodos turbulentos. Como seriam as escolas, universidades e produção da ciência neste contexto?

Vivemos no ano de 2022 com cenários de retrocessos no Brasil e no mundo. A Rússia e Ucrânia estão em guerra, assim como mais 17 países. Também estamos vivendo em tempos sombrios e somos impactados com essas situações. As nossas pesquisas não são neutras.

Pensando nessas questões, no trabalho para a disciplina, nas cartas como registros históricos fui movida pela minha curiosidade epistemológica, aprendida com as leituras de Paulo Freire, para orientar a escrita das cartas. Pesquisei na *internet* se Vygotsky havia escrito cartas. Qual não foi minha surpresa quando encontrei cartas de Vygotsky e pesquisas sobre essas cartas que vou enviar para vocês. Fiquei encantada.

Sei que os(as) estudantes mais jovens não tiveram as mesmas experiências de escritas de cartas de outras gerações, mas é sempre bom pensarmos em outras formas de escrita no ambiente acadêmico, principalmente aquelas que trazem autoria em nossos textos. Tenho trabalhado com cartas pedagógicas de Paulo Freire na graduação e na pós-graduação deste 2016 e os estudantes têm apresentado trabalhos muito bonitos e reflexões interessantes sobre seus modos

de ver o mundo, a sociedade e a educação. Esta disciplina está me trazendo outros aprendizados e leituras que senti necessidade de compartilhar com vocês.

Um dos textos que encontrei e que me chamou a atenção foi o artigo “A elaboração da psicologia histórico-cultural: As cartas vygotskianas” escrito pelo (a) professor (a) João Batista Martins do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Ele analisou as cartas de Lev Semenovich Vigotski, escritas no período de 1926 à 1934 e publicadas no *Journal of Russian and East European Psychology*. Essas cartas são como os “bastidores” da vida de Vygotsky nas quais ele descreveu suas angústias com os tempos vividos, problematizou a psicologia russa, descreveu conflitos na produção do conhecimento e das pesquisas e tantas outras questões que eu não conhecia anteriormente. Também encontrei um artigo publicado na Revista Cadernos de Pesquisa *Cartas de Vygotski a Leontiev: ressonâncias de um passado* (1933) traduzidas por Elizabeth Tunes e Zoia Prestes em 2009 sobre desentendimentos da vida de Vygotsky com Leontiev.

Uma outra carta muito interessante é da mestrandia Priscila Kohls dos Santos da PUCRS escrita em 2010. A carta se intitula *Carta Póstuma a Lev Vygotsky* e foi publicada na Revista Educação por escrito. Nessa carta Priscila traz vários aspectos dos conceitos aprendidos na teoria de Vygotsky os quais influenciaram na sua vida e trabalho. Essa carta de Priscila pode ser um modelo para auxiliar na escrita das cartas de vocês. A proposta da carta é que vocês escrevam uma carta destinada a Professora Telma, agradecendo os conteúdos trabalhados na disciplina e mostrando as relações dos conteúdos com os projetos de pesquisa e a vida atual de vocês.

A proposta do tema da carta é “O que tenho a contar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Telma e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação -PPE/UEM”. A carta pode ter de 3 a 5 páginas e o tema traz os ensinamentos compartilhados. O prazo para entrega é até dia 21 de julho e deve

ser enviado para os e-mails: ematpaula@uem.br e tapmartineli@uem.br.

Escrever cartas é um ato de escrita de si e para os outros. Ao pensarmos sobre as questões que iremos escrever buscamos refletir sobre nossas vidas, nossos encontros e nossos aprendizados com rigor do pensamento reflexivo. Paulo Freire considerava a escrita de cartas como um diálogo entre as pessoas nas quais exercitamos a amorosidade e registramos nossos pensamentos.

Desta maneira, com muita gratidão, agradeço imensamente a Telma o compartilhar dessa disciplina iniciada em tempos difíceis e contraditórios – assim como é nossa vida e a vida da natureza. Passamos por um tempo de destruição da natureza na cidade de Maringá e com muita tristeza andamos e vimos árvores caídas pelas ruas. Era como se um pedaço de nós estivesse no chão e hoje assistimos a chegada de um inverno florido cheio de cores, borboletas, passarinhos, abelhas e esperança de novos tempos. Um cenário lindo construídos através do trabalho dos mais velhos que plantaram as árvores para futuras gerações andarem em ruas floridas. Assumo a disciplina nesses tempos com uma turma cheia de boniteza, com a diversidade presente, assim como está a nossa cidade – repleta de flores, ipês maravilhosos que têm abrilhantado os nossos dias e também, com suas contradições.

Esta carta foi escrita nesse papel verde com intencionalidade pedagógica.

O verde significa esperança e como Paulo Freire escrevia:

O diálogo é a busca do ser mais e não pode ser movido por desesperança. Não é, porém, a esperança de cruzar os braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero. (FREIRE, 1981, p.97).

E assim vamos aprendendo com as ideias desses teóricos e das teóricas da educação e lutando cotidianamente pela defesa da educação de qualidade e para todos(as) em nosso país referenciados

nesses(as) pesquisadores(as) e em professores e professoras que nos ensinaram a pensar criticamente sobre o mundo.

Abraços fraternos

Maringá, 05 de julho de 2022

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MARTINS, João Batista. A elaboração da psicologia histórico-cultural: As cartas Vygotskyanas. **Análise Psicológica**. Lisboa, Portugal, (XXXI): 69-86, 2013.

SANTOS, Priscila Kohls dos Santos. Carta Póstuma a Lev Vygotsky. **Revista Educação por Escrito** –Rio Grande do Sul, PUCRS, v. 1, n. 2, 142-143, dez. 2010.

VIGOTSKI, L. S. (1933/2009) Carta de Vygotsky a Leontiev. Anexo a PRESTES, Z.; TUNES, E. Vygotsky e Leontiev: ressonâncias de um passado. In: **Cadernos de Pesquisa**. v. 39, n. 136, jan./abr. 2009. p. 306-308.

CARTA PEDAGÓGICA: A CHEGADA DA PRIMAVERA E DE NOVAS FLORES, TEMPOS E ESPERANÇAS

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Queridos(as) estudantes da pós-graduação

Amanhã será o encerramento da nossa disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” iniciada no mês de maio deste ano de 2022 pela Professora Telma Adriana Pacífico Martineli.

Fui reler a minha primeira carta enviada a vocês em 05 de julho de 2022. Estávamos enfrentando um período difícil na cidade de Maringá. No mês de abril uma tempestade muito forte atingiu a cidade e região. Muitas árvores foram arrancadas com suas raízes. O chão ficou repleto de árvores, galhos, folhas caídas e muita tristeza de ver aquele cenário. A cidade ficou irreconhecível e a pandemia do Coronavírus ainda atingia muitas pessoas. A natureza e as pessoas estavam clamando por cuidados.

As aulas da pós-graduação no mês de maio foram iniciadas de forma presencial, entretanto, nos meses de junho a julho, com inverno rigoroso e do aumento do número de casos de Coronavírus, as aulas precisaram ser remotas. Em uma das aulas presenciais da Prof^a Telma, nos conhecemos pela primeira vez. Já havia conversado com Telma sobre a proposta de escrevermos “Cartas Pedagógicas” durante e no final da disciplina como recurso de avaliação e até

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Prof^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM).

mesmo, como possibilidade de publicação de um livro. Telma foi bem receptiva com essa proposta e ficou empolgada com a ideia de publicarmos um livro.

Ao iniciar as minhas aulas na disciplina escrevi uma Carta Pedagógica a vocês e solicitei uma escrita de carta para Prof^a Telma, com cópia para mim. Esta primeira carta era de agradecimentos dos saberes compartilhados e conhecimentos internalizados sobre a perspectiva Histórico Cultural de Vygotsky (1989, 2009a, 2009b)

Quando fiz a proposta da escrita de cartas, as reações foram diversas. Alguns estudantes mais jovens, considerados “nativos digitais” que nasceram imersos no universo das tecnologias e nunca haviam escrito cartas em suas vidas, ficaram receosos sobre o que escrever e como escrever. Já alguns estudantes que haviam escrito cartas anteriormente, gostaram da proposta e foram muito receptivos. Tivemos também estudantes que nunca haviam escrito cartas e gostaram do desafio de escrever neste gênero textual para um trabalho científico na universidade.

As cartas foram muito bem escritas. Algumas com textos maiores nos quais os estudantes apresentaram seus memoriais de vida, as dificuldades para estudar e conseguirem cursar a pós-graduação. Outras cartas apresentaram textos mais sintéticos nos quais os estudantes descreveram os aspectos principais internalizados na teoria histórico-cultural e as relações ensino-aprendizagem. Algumas cartas foram escritas e enviadas por e-mail com papéis coloridos, molduras, fotografias e desenhos. O programa inicial da disciplina e de programação dos textos foi modificado ao longo do semestre. Em diálogo com os alunos(as) conversamos sobre a importância de abordarmos outros teóricos que estudam os processos de ensino aprendizagem como Piaget (1999), Henri Wallon (1971) e, como proposta muito pertinente dos alunos(as), de estudar teóricos(as) contemporâneos que discutem a Psicologia Preta. Vimos que existem muitos trabalhos. Discutimos o texto de Mota (2019) e reconhecemos que muito precisamos estudar e inserir nos currículos da graduação e da pós-graduação a história

da cultura afro-brasileira e indígena. Afinal, estamos vivendo em tempos sombrios de muitos preconceitos com diferentes etnias, preconceitos relacionados a questões de gênero, racismo e processos de exclusão social e precisamos reverter essa situação.

É urgente a formação de professores antirracistas e que trabalhem em suas práticas pedagógicas com respeito as histórias de todas as pessoas indistintamente. Neste momento de quase-conclusão do curso, solicito as e aos estudantes queridos(as) que escrevam uma carta a mim com as características das “Cartas Pedagógicas” discutidas na disciplina e faço uma sugestão para publicarmos um livro como resultado do nosso trabalho. A proposta do tema da carta é o mesmo da carta anterior – “O que tenho a contar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Ercilia e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação - PPE/UEM.” A carta pode ter de 3 a 5 páginas e o tema traz os ensinamentos compartilhados. A prazo para entrega é até dia 21 de Setembro e deve ser enviada para os e-mails: ematpaula@uem.br e tapmartineli@uem.br. Obs: rever a 1^a carta e unir com a 2^a carta. Estamos no mês de setembro, chegando na primavera e quantas flores teremos pela frente. Temos que esperar. Espero as cartas de vocês...

Abraços fraternos.

Maringá, 31 de agosto de 2022.

REFERÊNCIAS

MOTTA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas – Artigos. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 10/09/2022.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. Trad. Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

VYGOTSKY, L. S. (2009a). **Imaginação e criação na infância**. (A. M. B. Smolka, Trad.). São Paulo: Ática.

VYGOTSKY, L. S. (2009b). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).

VYGOTSKY, L. S. (1989). **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

CARTA PEDAGÓGICA PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: SEMENTES E FLORES DE HOJE E DO AMANHÃ

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Queridos(as) estudantes do Curso de Pedagogia Vespertino
UEM

Escrevo esta Carta Pedagógica para vocês com todo meu carinho e gratidão pelos aprendizados e partilhas que tivemos no ano de 2022. A maioria de vocês sabe que trabalho com educação desde os meus 17 anos quando iniciei minha trajetória em uma escola particular de Educação Infantil em Campinas. O ano era 1985 e correspondia ao meu ano de ingresso no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP).

Quando vejo vocês, estudantes de Pedagogia com brilhos nos olhos e muitos (as) já trabalhando na educação, outros(as) com Bolsas de Iniciação Científica, outros(as) envolvidas com projetos de extensão, outros(as) com projetos de formação de iniciação à docência, confesso que é como se eu voltasse no tempo e me sentisse uma de vocês. Como sabem, trabalho no Ensino Superior faz 24 anos e algumas turmas são especiais em nossa trajetória. Esta turma de vocês é uma das turmas mais queridas que já tive e vocês sabem disso, não é?

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Prof^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM).

Nosso encontro ocorreu na disciplina “Psicologia da Educação III” em 10 de janeiro de 2022 de forma remota. No período de dezembro de 2020 a dezembro de 2021 eu havia feito o pós-doutorado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB/BA) também de forma remota. Devido a pandemia do Coronavírus não pude ir a Salvador e realizar o plano de trabalho proposto no início de 2019. Em 2019, jamais imaginava que iríamos ser acometidos por essa pandemia e enfrentarmos tantas tristezas no Brasil e no mundo com a perda de familiares, de amigos(as) e tantas pessoas que poderiam estar conosco neste momento. Também sofremos no Brasil com um governo irresponsável no período de 2018 a 2022, o Governo do Ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro que levou nosso país a muitos retrocessos, principalmente na educação. Apesar de todas essas barbáries, sobrevivemos e temos esperanças da reconstrução de nosso país.

Retomando ao nosso encontro em janeiro de 2022, como vocês estão lembrados(as), no início do ano, na Universidade Estadual de Maringá, mesmo que grande parte da população já estivesse sido vacinada da COVID (apesar de todo o negacionismo da ciência e a campanha anti vacina do governo Bolsonaro) estávamos vivenciando o desejo do retorno as aulas presenciais. Os (as) professores (as) e estudantes estavam muito cansados (as) do ensino remoto, do excesso das telas e do distanciamento das relações professores (as) e estudantes nas aulas remotas. Embora as aulas virtuais possam trazer vínculos, sabemos da importância das aulas presenciais e de podermos olhar nos olhos das pessoas e dialogarmos de uma forma mais próxima. Naquela época, também existia uma forte pressão dos comerciantes de Maringá, das imobiliárias e da economia em geral da cidade pelo retorno dos(as) estudantes.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Maringá (CEP) em conjunto com o Grupo de Trabalho Técnico de Enfrentamento a COVID-19, após várias reuniões com os(as) docentes, estudantes e servidores, definiram o calendário acadêmico para graduação do ano de 2022. Em princípio, haviam definido que as aulas que seriam retomadas no início de janeiro.

O site da TV Caiuá (2022) na *internet* anunciava esse retorno

São 13.931 estudantes nas cerca de 70 graduações presenciais, mas apenas os 10.725 veteranos voltam nesta segunda-feira (17), já que os 3.206 calouros virão aos *sete campus* somente no dia 31 de janeiro. Este não é o início do ano letivo de 2022. As aulas, que começaram remotamente (pela *internet*) no dia 10 de janeiro são referentes ao segundo semestre acadêmico de 2021, que irá até 14 de maio. O 1º semestre de 2021, cujas aulas terminaram em 15 de dezembro, foi realizado em Ensino Remoto Emergencial (ERE), assim como todo o ano letivo de 2020, devido a pandemia. (TC CAIUÁ, 2022, p.1)

A proposta da Universidade era o retorno gradual dos(as) estudantes sendo que os veteranos voltariam primeiro e depois os ingressantes de 2022. Em relação aos cuidados de saúde, todos(as) lembram bem que para ingressar na universidade, tínhamos que apresentar os comprovantes de vacinação completo contra a Covid-19. Apenas poderiam retomar as aulas, aqueles(as) que apresentassem esquema vacinal completo até aquele momento. Os (as) estudantes e docentes que estivessem impossibilitados ou estivessem doentes precisavam apresentar relatórios e atestados médicos. Já os(as) docentes que não haviam sido vacinados (as) e que não seguissem os protocolos de segurança estariam sujeitos a faltas e sanções disciplinares.

Para essa turma, estudantes de Pedagogia que ingressaram na universidade em 2020 com tantos sonhos, desejos das aulas presenciais e que foram acometidos(as) pela pandemia do Coronavírus e tiveram que cursar os dois primeiros anos de forma remota, o retorno as aulas presenciais era muito esperado. Como todos(as) vocês sabem, eu estava com muito receio deste retorno as aulas presenciais dia 17 de janeiro de 2022, pois a contaminação do vírus da Covid era alta e existia um risco grande do retorno presencial e adoecimento das pessoas. Pelo fato de já ter sido professora hospitalar, ter trabalhado quatro anos no Hospital Sarah em São Luís do Maranhão e ter realizado pesquisa durante 24 anos

de projetos de extensão em diferentes hospitais do Brasil, conheço um pouco da realidade hospitalar e quantos sofrimentos este contexto impõe. Em várias reuniões promovidas pela universidade sobre o retorno das aulas, me posicionei contrária a esse retorno. Mas, como foi decidido pela comunidade acadêmica que teríamos que retornar, assim o fiz, mesmo contrariada. Segui os protocolos do uso de máscara, utilização de álcool em gel, coragem e fui dar aula.

Confesso que quando retornei as aulas presenciais e tive o nosso primeiro encontro com vocês naquele dia 17 de janeiro de 2022 e vi a maioria vestida com as camisetas pretas escritas em branco Pedagogia - Universidade Estadual de Maringá, com o maior orgulho do curso, literalmente “vestindo a camiseta do curso e da instituição”, fiquei encantada. Todos(as) estavam com brilhos nos olhos, vacinados(as), seguindo os protocolos de biossegurança, com máscaras nas bocas contra o COVID-19 e sedentos (as) por conhecerem a universidade, de vivenciarem a “calourada” frustrada devido a pandemia. Também me coloquei no lugar de vocês, por ter tido também meus desejos interrompidos de poder cursar o Pós-Doutorado de forma presencial na UNEB em Salvador devido a COVID19. Embora eu tenha conseguido realizar os meus projetos de estudos, foram feitos remotamente.

Como era o primeiro dia de aula presencial de vocês na UEM, lembrei dos aprendizados que tive na graduação na UNICAMP sobre a teoria de Célestin Freinet, um professor francês que gosto muito e que utilizava as aulas passeio, as cartas e correspondência interescolar em suas práticas pedagógicas já descritos por Freinet (1967), Sanches (1998), Legrand (2010) por Paula e Leiro (2022) e muitos pesquisadores (as) da sua teoria. Fiquei olhando para vocês e fiz uma revisão do cronograma da aula naquele dia. Não resisti e os(as) convidei para conhecermos a universidade.

Naquele primeiro dia de aula, vocês devem lembrar, fizemos nossas apresentações e, posteriormente, realizamos nossa aula passeio. Fomos conhecer a universidade a pé. Andamos até o Colégio de Aplicação (CAP), ao prédio do curso de Educação Física,

a creche e a biblioteca da UEM. A aula passeio foi muito divertida e para muitos(as) de vocês também era o primeiro encontro presencial depois de dois anos. Tenho certeza que esse dia ficou marcado em seus corações, assim como ficou bem registrado no meu. Entretanto, embora esse retorno das aulas presenciais tenha sido muito desejado, a situação da pandemia do Coronavírus ainda era grave no país e em Maringá.

Após dois dias de retorno as aulas presenciais, a situação do Covid-19 era crítica e as aulas tiveram que voltar a serem remotas. Esta matéria produzida por Linjard (2022) intitulada “COVID-19 – Universidade Estadual de Maringá volta a suspender as aulas presenciais”, demonstra como era a situação que vivenciávamos da pandemia em janeiro de 2022

UEM anunciou decisão na noite de quarta-feira (19), dois dias após retorno de veteranos e professores às salas; cronograma de aulas continua, mas de forma remota. A Universidade Estadual de Maringá (UEM) anunciou a suspensão das aulas presenciais diante do avanço da pandemia da Covid-19. A decisão foi tomada na noite desta quarta-feira (19), dois dias após a volta de alunos e professores às salas de aula. (LINJARD, 2022, p. 1)

Os dados epidemiológicos demonstravam que o índice de contaminação da COVID-19 era alto e arriscado o retorno presencial das aulas

A portaria 29/2022, assinada pelo reitor Júlio Cesar Damasceno, cita dados epidemiológicos de Maringá como justificativa para a decisão. O documento reproduz números da taxa de positividade dos exames e da ocupação das UTIs, ambas em torno de 70%. Segundo a assessoria de imprensa da universidade a suspensão começa a valer a partir desta quinta-feira (20), sem prazo para terminar. Com a decisão, as aulas voltam a ser oferecidas pela *internet*. A universidade informou que o ensino presencial será mantido apenas nas disciplinas de práticas profissionalizantes. As aulas presenciais foram retomadas na segunda-feira (17), após 715 dias de suspensão. A última vez que

alunos e professores haviam se reunido em sala de aula havia sido em 1º de fevereiro de 2020. O retorno às aulas presenciais na segunda-feira foi limitado a 10.725 estudantes veteranos, dos cerca de 70 cursos presenciais, em sete *campi* da instituição. Os 3.206 calouros tinham o início das aulas programado para o dia 31. Maringá voltou a registrar nesta quarta-feira o maior número de casos de Covid-19 em um único dia. Segundo boletim divulgado pelo município no início da noite, foram confirmados mais 1.229 novos casos em 24 horas. Nenhum óbito foi registrado no período. Com mais esses dados, a média móvel de casos também atingiu novo recorde. A partir disso, são 800 infecções a cada 24 horas nos últimos sete dias. O resultado é 1.171% superior ao de 14 dias atrás, o que aponta tendência de alta. (LINJARD, 2022, p. 1)

O Brasil no ano de 2022 sofreu muitas inconstâncias e este aspecto ocorreu também em relação ao retorno das aulas presenciais na UEM. Embora o desejo de grande parte da comunidade acadêmica fosse o retorno as aulas presenciais, o cenário de contaminação do COVID-19 era muito alto. As aulas foram realizadas remotamente no mês de janeiro de 2022 e foram retomadas de forma presencial em 31 de janeiro através da Resolução 001/2022 – CEP (MARINGÁ, 2022).

Escrevo para vocês esses dados, pois é um registro histórico das situações pelas quais vivenciamos no Brasil, de inseguranças, de incertezas e de contaminações. Portanto, nossas práticas pedagógicas foram sendo revisadas a todo momento. Nesta disciplina de Psicologia fiquei muito motivada com a empolgação de vocês com o retorno das aulas presenciais. Lembro que antes da pandemia, os(as) professores (as) reclamavam muito dos(as) estudantes ficarem conectados nos seus celulares durante as aulas. Após a pandemia, na turma de vocês, isso não ocorria. Vocês eram muito atentos(as) as aulas com seus olhares, diálogos e expressões faciais por traz das máscaras de proteção.

Lembro que fiz uma proposta para vocês para uma das avaliações da disciplina ser descrita em forma de cartas. De início vocês estranharam. Perguntei se já haviam escrito cartas. Alguns(as)

de vocês relataram que sim e outros não. Durante várias aulas fui explicando as características da escrita de uma carta pedagógica e vocês entenderam muito bem. Esta Carta Pedagógica da disciplina de Psicologia era um dos instrumentos de avaliação da disciplina e era referente aos conteúdos da disciplina. O tema da Carta era um texto dissertativo, referente aos aspectos do behaviorismo e humanismo na educação. Concluímos o semestre em 03 de maio de 2022 e vocês foram aprovados (as) com boas notas.

Após esse término deste período, a coordenação da área de Didática, a qual faço parte, fez a programação para o próximo semestre. Solicitei a Prof.^a Simone Sartori para ministrar a disciplina “Alfabetização e Letramento III” para o curso de Pedagogia, pois um dos objetivos do programa da disciplina era elaborar propostas e materiais de alfabetização e letramento destinados a diferentes faixas-etárias e para diversas modalidades de ensino. Dentre as principais REFERÊNCIAS da disciplina estava Paulo Freire (1993). Esse foi um dos aspectos que me motivou a solicitar para ministrar a disciplina que foi prontamente atendido pela coordenação da didática.

No período anterior a retomada deste semestre preparei a primeira aula que iniciou dia 20 de julho de 2022 e fiz um cronograma de leituras e trabalhos para o semestre que encerrou em 16 de novembro de 2022. Vale destacar que eu sempre faço revisões do cronograma durante as disciplinas que trabalho. Qual não foi minha surpresa quando cheguei na sala de aula e soube que ministraria a disciplina para a turma de vocês? Fiquei muito feliz e senti um carinho muito especial da turma. Neste dia fiz a apresentação dos textos e novamente solicitei que vocês escrevessem uma Carta Pedagógica como uma das avaliações bimestrais da disciplina. A outra avaliação da turma foi a apresentação dos seminários que vocês apresentaram em grupo de forma muito competente, criativa sobre “Alfabetização e Letramento III” nos quais vocês foram muito criativos e competentes nas apresentações dos seminários para diferentes modalidades de ensino.

Nesta disciplina tivemos a oportunidade de discutir dois textos que considero muito especiais. O primeiro texto foi escrito por Moacir Gadotti (1989) explicando detalhadamente “O método que levou Paulo Freire ao exílio”, no livro que ele escreveu “Convite a leitura de Paulo Freire”. Neste texto Gadotti intitulou o método de alfabetização, entretanto, ele problematiza esse conceito de método que é muito mal interpretado nos princípios teóricos metodológicos de Paulo Freire, pois Paulo Freire não construiu um “método” que pudesse ser compartilhado como uma “receita” para alfabetizar. A proposta de Paulo Freire é uma teoria do conhecimento e da filosofia da educação e pressupõe uma construção coletiva do processo de alfabetização que considera a história de vida das pessoas, o diálogo construído nas rodas de conversa e nos círculos de cultura. As aulas são construídas com o levantamento vocabular da comunidade que se transforma em temas geradoras e o processo é construído de forma coletiva e gradual e crítica sobre os problemas que afetam a humanidade.

Nesta disciplina também discutimos o texto de Osmar Fávero sobre o “Material Didático” construído no programa de alfabetização de Paulo Freire realizado na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte no ano de 1963. Esta cidade foi escolhida porque era uma cidade que possuía o maior índice de analfabetismo do Rio Grande do Norte naquele período. O governador da época Aluísio Alves convidou Paulo Freire para alfabetizar 300 pessoas em 40 horas e Paulo Freire, em conjunto com sua equipe e os (as) estudantes, assim o fez. Porém, como sua proposta era revolucionária e criticava as desigualdades sociais no Brasil, eles (as) receberam muitas críticas e Paulo Freire foi preso e exilado do Brasil por alfabetizar pessoas na perspectiva da educação libertadora que leva as pessoas e problematizarem as questões sociais e lutarem para um mundo mais humanizado com a superação das desigualdades sociais.

O livro de Osmar Fávero (2006) “Uma Pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB-Movimento de Educação de Base (1961-1966)”, como vocês sabem,

tem um significado especial para mim, pois assisti o seu lançamento na 29ª Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Pós-Graduação na Educação (ANPED) em 2006 na cidade de Caxambu em Minas Gerais.

O Prof. Osmar Fávero é formado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFPR), mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/PR) e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atualmente é Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense (UFF). É um professor muito atuante, pesquisador renomado e militante da Educação Popular, principalmente da Educação de Jovens e Adultos. Sua participação nos movimentos de Educação Popular no Movimento de Educação de Base com Paulo Freire e seu posicionamento político na luta pelos direitos humanos o levou a muitas perseguições políticas.

Tive a honra de participar do lançamento deste livro do Prof. Osmar Fávero sobre a prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (2006) na década de 1960 com Paulo Freire. Confesso que foi um dos lançamentos de livros mais bonitos que assisti na vida. O (a) professor (a) contou a sua história de participação no programa de alfabetização de adultos em Angicos com Paulo Freire e as perseguições que sofreu dos militares. Ele também contou que muitos livros e materiais didáticos produzidos em Angicos pelo MEB e pelas equipes de alfabetização em conjunto com a população que participou deste programa, foram queimados pelos militares e muitas informações do trabalho foram perdidas.

Como contei a vocês nas aulas, a história desse livro de Fávero (2006) é muito especial. No lançamento do livro ele contou que achava que os materiais deste livro haviam sido queimados na Ditadura Militar na década de 1960. Espero que minha lembrança não me traia, mas eu me lembro que o (a) professor (a) Osmar Fávero contou que ele só descobriu que os documentos deste livro ficaram intactos quando sua mãe faleceu e os filhos foram arrumar um porão da casa dela. Nesta casa estavam guardados em uma geladeira

antiga todos os filmes com os materiais fotográficos com os personagens das histórias, os estudantes que participavam das aulas, suas vidas, seus cotidianos, suas dificuldades. Essas “cartilhas” de alfabetização de Paulo Freire foram construídas com as palavras das pessoas, suas angústias, suas dificuldades, seus desejos e sonhos. O (a) professor (a) contou que quando eles encontraram esse material, era como se tivessem encontrado um tesouro. Na verdade, esse material é um tesouro mesmo. Fico muito agradecida pelo (a) professor (a) ter organizado esse livro e poder compartilhar com os(as) estudantes.

O livro, como vocês puderam ver, é um material importantíssimo para história e para quem deseja conhecer os referenciais teóricos metodológicos do programa de alfabetização de Paulo Freire. O livro do (a) professor (a) Fávero (2006) apresenta os materiais produzidos pelo MEB no período de 1961 a 1966 e apresenta as origens do MEB, os objetivos das ações de alfabetização, os vínculos com a cultura popular, os processos de conscientização, a crise após o golpe militar, as escolas radiofônicas, o treinamento das equipes e avaliações do programa.

Tive a oportunidade de trabalhar nas aulas com vocês, em conjunto com a Joelma Fátima Castro (minha orientanda de doutorado e que fazia estágio de docência) um dos capítulos que aprecio muito, o Capítulo 5 sobre o “Material Didático”. Discutimos as cartilhas construídas com os (as) estudantes de Angicos, suas palavras, seus problemas sociais e suas fotografias. O material foi organizado em três livros sendo: 1) “Saber para Viver”, 2) “Viver é lutar” e 3) “Saber para construir”. Esse era o conjunto didático intitulado “Viver é lutar” que foi censurado pela ditadura. Tenho certeza de que esse material impactou muito a todos(as) vocês, pois expressaram muito bem as nossas discussões em suas Cartas Pedagógicas.

Nesta disciplina de alfabetização vocês tiveram a oportunidade de escrever novamente uma Carta Pedagógica como instrumento de avaliação de nosso trabalho. Desta vez, como vocês já haviam escrito

as cartas na disciplina anterior, essas outras cartas ficaram mais fáceis de escrever e ficaram muito bonitas.

Eu solicitei a vocês que escrevessem uma Carta Pedagógica destinada a quem vocês quisessem e pedi que apresentassem aos seus e suas destinatários(as) os artigos que discutimos nas aulas de Gadotti (1980) e Fávero (2006) sobre o programa de alfabetização de Paulo Freire.

As cartas de vocês ficaram lindíssimas. Todos(as) foram muito criativos(as). Nenhuma carta é igual a outra e a autoria na escrita é muito agradável de ler. Inicialmente, quando eu li as cartas, pensava que era somente material da disciplina e de avaliação da turma. Entretanto, naquele período, eu estava no processo de construção deste livro. Quando fui lendo as cartas, me encantando com a escrita de vocês e a riqueza do material. Pensei que não podia deixá-las de fora deste livro. Sendo assim, vocês devem levar, quando devolvi as cartas a vocês, fizemos uma roda de conversa na aula e, em círculo, cada um(a) de vocês foi lendo para turma os trechos das cartas que vocês mais gostaram.

Fiz o convite de vocês, a quem tivesse interesse, para publicarmos este nosso livro. Muitos(as) de vocês gostaram da ideia. Era final de semestre, novembro de 2022, todos(as) estavam muito exaustos(as). Eu propus uma data inicial de envio das cartas e depois fui ampliando os prazos. Mas, nem todos(as) conseguiram cumprir os prazos e precisávamos concluir o trabalho. Entretanto, sei que as cartas aqui expressas representam os (as) estudantes da turma.

Vou concluindo por aqui e dizendo que considero vocês sementes de hoje, pois são estudantes bem novos(as) que estão lutando pela educação. Também são flores que se renovam nas estações, pois contribuem com o nosso país e estão conosco lutando cotidianamente por dias melhores em nosso país.

Abraços fraternos

Campinas, 06 de janeiro de 2023

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961/1966)**, Campinas, Autores Associados, 2006, p. 175-199.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Paz e Terra, 1993.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Tradução Filomena Quadros Branco. Cooperativa de *L'Enseignement Laic Cannes*, Editorial Estampa, Portugal, 1967.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Louis Legrand, tradução e organização – José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 150 p. (Coleção Educadores)

LINJARD, Fabio. COVID-19 – **Universidade Estadual de Maringá volta a suspender as aulas presenciais**. RPC, Maringá, 20/01/2022. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2022/01/20/covid-19-universidade-estadual-de-maringa-volta-a-suspender-aulas-presenciais.ghtml>. Acesso em 05 de janeiro de 2023.

MARINGÁ, **Resolução 01/2022. Universidade Estadual de Maringá**. Disponível em http://www.pen.uem.br/site/public/assets/files/19944F3D475A0C509C267FE117F4A9F8/20220128_095239-res001cep2022.pdf. Acesso em 06 de janeiro de 2023.

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira, LEIRO, Augusto Cesar Rios Leiro. Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire. **Revista Cocar**. V, 15, n 33, 2021, p. 1-21. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4855>.

Acesso em 10/02/2022

SANCHES, Raquel Cristina Ferraroni. **Freinet no contexto da educação contemporânea e uma experiência com adultos em Marília. 1988**. Dissertação (Mestrado Ensino na Educação Brasileira)

Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campo de Marília,
Marília, São Paulo, 1998

TV CAIUÁ. UEM retorna as aulas presenciais nas graduações nos sete campus. 18 de janeiro de 2022. Disponível em <https://tvcaiua.com.br/noticias/uem-retoma-aulas-presenciais-das-graduacoes-nos-sete-campus/>. Acesso em 06 de janeiro de 2023.

CARTA PEDAGÓGICA PARA ESTUDANTES DE PAULO FREIRE: TRAVESSIA EM DIFERENTES TEMPOS

Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula¹

Queridos (as) estudantes da disciplina sobre Paulo Freire no PPE/UEM

Tudo bem com vocês? Desejo que sim. Saudades de vocês e de nossos debates em sala de aula sobre a situação da educação e do Brasil na perspectiva de Paulo Freire. Como todos(as) lembram, as campanhas eleitorais para presidente da República do Brasil atravessaram a nossa disciplina “Tópicos Especiais em Educação: Contribuições de Paulo Freire”, de setembro a dezembro de 2022 e conversávamos que a disciplina seria dividida entre antes e depois das eleições. As influências das obras de Paulo Freire para compreensão daquele momento histórico foram muito expressivas. Nós discutíamos muito que a oferta desta disciplina pela primeira vez no PPE/UEM e naquele momento histórico foi providencial diante de um cenário de tantas incertezas e necessidade de luta pela democracia no Brasil. Também constatávamos que os livros, os livros-cartas, as cartas, os vídeos e textos de Paulo Freire eram muito atuais e contemporâneos.

No dia 30 de outubro o presidente Luís Inácio Lula da Silva venceu as eleições presidenciais do Brasil. A população elegeu a democracia e um novo Brasil, mais humano, mais justo e igualitário

¹ Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Prof^a do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM).

começou a ser desenhado novamente, muito embora com muitos desafios ainda temos pela frente para enfrentarmos de reconstrução do país.

Nesta turma partilhamos angústias, incertezas e muitas esperanças. No período que trabalhei com vocês, discutimos os aspectos contemporâneos da produção acadêmica de Paulo Freire como as cartas pedagógicas, Paulo Freire para as infâncias e a os estudos decoloniais. A professora Maria Cristina trabalhou a história e o contexto histórico de Paulo Freire e a importância deste intelectual na educação brasileira. Tivemos a oportunidade de receber alguns convidados(as) que nos presentearam com suas contribuições sobre Paulo Freire como os(as) professores (as) Cézár de Alencar Arnaut de Toledo da UEM, a professora Franciele Clara Peloso da Universidade Tecnológica do Paraná – UTFPR de Pato Branco, a professora Cristiane Silva Melo, UNESPAR, Campo Mourão, o (a) professor (a) André e as professoras Maria da Conceição N. Marques – GEOTEC/UNEB, prof. de História da rede municipal de Salvador e a prof. Kátia Santos Araújo – GEOTEC/UNEB que abrilhantaram nossa disciplina.

Naquela época, estávamos muito apreensivos pelos acontecimentos do país. Desta maneira, sentimos a necessidade de orientar a escrita das Cartas Pedagógicas para vocês através de um roteiro bem pragmático e fizemos a seguinte proposta adaptando a escrita das cartas as ideias de Dickmann(2020):

1) Para o trabalho final da disciplina solicitamos a escrita de uma “Carta Pedagógica” fundamentada nas obras e discussões realizadas nesta disciplina sobre Paulo Freire. A Carta Pedagógica apresenta algumas características específicas para sua produção. No artigo discutido na disciplina de Dickmann (2020) vocês encontrarão detalhadamente os passos da construção de uma Carta Pedagógica.

2) Nesta disciplina solicitamos um tema para a produção desta Carta Pedagógica que será “A contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire e as contribuições para a educação”.

3) Solicitamos que vocês atribuam um título para a Carta Pedagógica e o destinatário pode ser escolhido por vocês: pode ser um professor(a), crianças, jovens, adultos, estudantes, um familiar, alguém que possua um significado especial em sua vida e que você gostaria de escrever os ensinamentos obtidos na disciplina.

4) No artigo de Ivania aprendemos que as características essenciais das Cartas Pedagógicas são: iniciar o texto descrevendo o seu local de fala (quem é você, qual a relação com educação). As cartas pressupõem diálogos com quem irá ler seu texto, portanto, o tema trará muitas reflexões para si e para o seu destinatário. A carta pedagógica tem a intenção de compartilhar e construir conhecimentos e posicionamentos políticos diante das situações vivenciadas. É importante escrever um texto que provoque efeitos e reações dialógicas com quem irá ler a sua carta. A carta pedagógica pode ser escrita e destinada a muitas pessoas. A carta pedagógica precisa ter um rigor na escrita e compromisso político com as ideias e reflexões que você irá apresentar e para quem vai ler. A carta pedagógica promove autoria e é importante escrever com amorosidade e sabedoria. É importante pensar que a carta gera reflexões sobre nossas existências, opressões e sobre o mundo em que vivemos. As cartas sempre buscam respostas de quem recebem. A criatividade é uma das marcas essenciais das cartas pedagógicas.

5) O texto poder ser de 6 a 10 páginas com as REFERÊNCIAS utilizadas no final. Solicitamos que nos enviem nos nossos e-mails: ematpaula@uem.br e mcmachado@uem.br até o dia 14 de janeiro de 2023.

Abraços fraternos e boas escritas. Estaremos aguardando as cartas de vocês!

Com essas orientações, recebemos em janeiro de 2023 os belíssimos trabalhos de vocês.

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As 10 características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas pedagógicas: Tópicos Epistêmico Metodológicos de Educação Popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE NOVOS OLHARES PARA A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL CONSTRUÍDOS COM ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Telma Adriana Pacífico Martineli¹

Caros(as) leitores, é com grande satisfação que escrevo esta carta, na perspectiva de que, de alguma maneira possa contribuir para ampliar a visão que temos dos processos pedagógicos da pós-graduação e de como isso contribuir para o desenvolvimento humano e social, mesmo em meio a um período tão difícil que foi o período pandemia da Covid-19.

No ano de 2022, iniciamos a disciplina de aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Foi um desafio imenso com aulas presencial e ainda aulas remotas, dadas as dificuldades de superação dos momentos de oscilação dos ciclos do Coronavírus.

O momento marcou o meu ingresso na linha de Aprendizagem e desenvolvimento humano no PPE e a insegurança própria de um início de trabalho com pós-graduandos(as) ansiosos(as) pelo aprendizado foi realmente desafiador.

O que eu observava nos olhos e na expressão, nas falas e histórias, nas características de cada aluno(a) daquela turma me encantava e me instigava a pensar: como posso eu contribuir com a formação de alunos(as) tão ricos(as) em experiências, com histórias tão diversas e com espírito de luta e de justiça?

¹ Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é docente do Programa de pós-graduação em Educação (PPE-UEM) e do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

A disciplina, anteriormente ministrada por professoras muito estudiosas, dedicadas e com grande competência, historicamente fundamentou-se na Teoria de Vigotski, Lúria, Leontiev, seus colaboradores e continuadores. Por minha vez, essa também é a teoria que tenho dedicado esforços em compreender e aprofundar os meus estudos pedagógicos e de psicologia escolar na minha área específica, que é a Educação Física. Além de projetos de pesquisa na área também tenho publicado reflexões sobre a teoria histórico cultural com meus orientandos(as) e professoras, colegas de trabalho: Martineli, Mileski e Fugi (2009), Almeida e Pacífico (2018) e Cruz, Martineli, Muller e Borgi (2007). Entretanto, teria que focar mais na amplitude que é a educação, estabelecendo nexos com as diversas áreas de discussões, o que foi para mim enriquecedor, porém, laborioso.

Ao fazer algumas aproximações com os(a) alunos(as) acerca desta teoria, eles(as) expressaram que já conheciam minimamente esta teoria, por fazer parte da formação do(a) professor(a), todavia era bastante superficial. Fomos em frente! A elaboração do conteúdo programático seguiu a ementa da disciplina, porém, os textos poderiam ser discutidos com os(as) alunos(as), o que causou uma certa inquietação, por se tratar de uma psicologia russa, cujas interlocuções deveriam ser feitas pelos(as) estudantes da área da educação, o que tornava ainda mais complexa a nossa empreitada.

O trabalho foi intenso de leituras e discussões. Muitas indagações surgiram no caminho, principalmente em relação ao contexto, as referências a cultura europeia e a atualidade da teoria. Fomos estudando, debatendo e avançando dentro de nossas possibilidades enquanto grupo. Esse processo foi riquíssimo, pois abriu possibilidades instigantes de pensar, a partir das colocações dos (a) alunos(as), em questões mais amplas e de pensar no desenvolvimento sócio-histórico do desenvolvimento humano.

Estudar o ser humano em uma perspectiva histórico-cultural pressupõe a compreensão da generalidade humana, da ontologia do seu social e no desenvolvimento do seu psiquismo. O conceito de

cultura de Leontiev (2004) contribuiu para essa compreensão e para as ilimitadas potencialidades do desenvolvimento humano. Em uma sociedade marcada pela luta ideológica e pela desigualdade econômica, pensar nessa possibilidade ilimitada e pleno desenvolvimento do ser social parece impossível. Entretanto Leontiev nos exorta a superar a luta pela existência e avançar para os processos de produção e aquisição da cultura de forma que promova esse desenvolvimento.

Nesse ponto as discussões foram muito intensas, a medida em que muitos alunos(as) eram envolvidos(as) nas lutas sociais de gênero, étnica, raça e outros temas que nos levaram a superar alguns conceitos e buscar, de forma contextualizada, pensar o hoje com as lentes da Teoria Histórico-Cultural. Foi um exercício muito interessante!

Os outros temas tratados, como a teoria da atividade, nos possibilitaram pensar nos estágios histórico-culturais do desenvolvimento humano e o quanto as condições objetivas determinam o desenvolvimento desse potencial latente humano. As brincadeiras, jogos, atividades de estudos foram nosso foco. Descobrir o quanto as brincadeiras de papéis sociais contribuem para o desenvolvimento para além das concepções psicomotricistas e construtivistas foi um avanço para todos nós. O trilhar para a atividade de estudo nos levou a questionar: como avançar na formação de conceitos científicos em uma educação escolar precarizada e desprovida de condições estruturais, de gestão e pedagógica? De políticas públicas para a educação que foi para além do que intencionalmente propõe a BNCC como um projeto neoconservador de formação da classe trabalhadora? Isso nos exigiu estudar como se formam os conceitos cotidianos (espontâneos) e os conceitos científicos e como essa formação contribuir para o desenvolvimento do psiquismo humano.

O contexto político devastador da educação brasileira esteve como pano de fundo das discussões. Temas, charges, críticas sempre se fizeram presentes em uma turma composta por pessoas de

diversas formações acadêmicas e sociais e com um senso crítico aguçadíssimo. Mesmo em meio a tantos retrocessos e precarização na formação básica e superior, despontam pessoas de luta e de resistência que muitos somam para uma formação política crítica, sólida e contextualizada. Foram realmente indescritíveis a riqueza dessas contribuições.

Quando li cada carta dos(as) alunos(as) que cursaram a disciplina me impressionei com os resultados de todo esse processo. Por vezes me emocionei com o zelo dos(as) alunos(as) e com a avaliação tão rigorosa e criteriosa da disciplina, dos seus desafios e das contribuições para as novas etapas dessa disciplina no curso de pós-graduação.

São por essas e outras experiências que podemos acreditar nas pessoas como construtoras e produtoras da riqueza humana e transmissoras às gerações futuras dessas riquezas. Eu acredito nessa e nas novas gerações, no potencial humano e nas possibilidades de seu desenvolvimento. Aprendi muito com os alunos e eles me fizeram acreditar, com mais potência nisso.

Viva a educação pública! Viva a universidade pública e autônoma!

Que persista a luta e a resistência!

Vamos em frente, buscando forças nessas experiências tão gratificantes e tão motivadoras como tive nessa disciplina, formada por pessoas de luta e com sede de justiça, com força para educar, ensinar e promover as pessoas.

Abraço afetuoso e que possamos inaugurar novos tempos na educação e na sociedade brasileira.

Maringá, 20 de janeiro de 2023.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliane Maria de; MARTINELI, Telma Adriana Pacífico. Apropriações da teoria histórico-cultural na educação física. **Proposições** (UNICAMP. ONLINE), v. 29, p. 383-400, 2018.

CRUZ, Patricia Volponi da; MARTINELI, Telma Adriana Pacífico; MÜLLER, Verônica Regina; BORG, Celma Rodrigueiro. A produção de material didático pela criança: uma experiência na escola a partir da Teoria Histórico-Cultural. In: **III Congresso Internacional e IX Semana de Psicologia**, 2007, Maringá. **Anais do III Congresso Internacional e IX Semana de Psicologia, 2007**.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 279-302.

MARTINELI, Telma Adriana Pacifico; MILESKI, Kéros Gustavo; FUGI, N. C. A valorização do brinqueado na Teoria Histórico-Cultural: aproximações com a educação física. **Psicologia Escolar e Educacional** (Impresso), v. 13, p. 251, 2009.

PARTE II

CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: ENSINAMENTOS E SABERES SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

ENEGRECENDO CARTAS PEDAGÓGICAS - APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO E SUBJETIVIDADES NEGRAS EM DIÁLOGO

Andrey Gabriel Souza da Cruz¹
Teresa Kazuko Teruya

Quando foi a última vez que você escreveu ou recebeu uma carta? Segundo Sousa e Cabral (2015, p. 155) “O gênero carta é instrumento de comunicação na sociedade há décadas e portador dos mais diversos conteúdos”, tal mídia que transita pelos campos da comunicação e educação, é instrumento que, de certa maneira, rompia/rompe com distâncias aproximando indivíduos interlocutores/as. Seja expondo saberes, sentimentos, impressões, afetos e todos os possíveis conteúdos, cartas nos cercam, e neste capítulo, leremos três ²exemplos. Iniciando com uma carta de impressão da professora Dra. em educação Teresa Kazuko Teruya sobre o encontro com seu orientando de mestrado Andrey Gabriel Souza da Cruz, e posteriormente, duas cartas que relatam as experiências do discente pós-graduando em Educação na disciplina

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá. Graduando em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo ARTEI - Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens; e grupo GPEMEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais. Bolsista da CAPES – PPE/UEM.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e História pela Faculdade *Auxilium* de Lins. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Pós-Doutora pela UnB. Aposentada pela Universidade Estadual de Maringá e professora voluntária do Programa de pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá-PR. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídia e Estudos Culturais - GPEMEC.

de “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares nesses processos”.

1. O lugar da pessoa negra - Nos conhecendo

Olá, leitor/a.

Conheci Andrey Gabriel Souza da Cruz como candidato ao Mestrado em Educação. Ele apresentou um projeto ousado e muito bem elaborado, que problematiza as masculinidades negras nas narrativas midiáticas. Seu projeto está em sintonia com meu Grupo de Pesquisas em Educação, Mídias e Estudos Culturais. Mas eu poderia oferecer apenas uma vaga, no entanto, a política de cotas da UEM possibilitou a vaga das cotas raciais a esse brilhante rapaz, com muita curiosidade investigativa, no sentido freireano. Essa conquista do Andrey é também uma conquista da democracia em prol da diversidade cultural e reparação histórica dos danos causados pelo Colonialismo, por isso, destaco a necessidade de desconstruir a ideia racista de que o lugar da pessoa negra é na subalternidade.

Abraço,

Prof^a Dr^a Teresa Kazuko Teruya

2. Começamos a jornada - Há espaço para se desenvolver

Cara professora, Telma e colegas da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares nesses processos” - do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Estadual de Maringá

Início esta carta com esse certo formalismo na escrita, mas peço de imediato uma licença para a Professora, para usar mais afeto.

Maravilhosa Telma e queridas/os colegas,

Espero que todas e todos estejam bem.

Embora tenhamos tido poucas semanas de aulas, e especificamente poucos encontros presenciais, sinto que foram o suficiente para transbordar do afeto que peço então permissão para utilizar. Há pouco, em conversas com uma amiga, passei a pensar com mais profundidade a grandeza sobre a palavra afeto e sua raiz compartilhada com afetar. Com afeto e afeição, afetamos aqueles que nos cercam. Eu afeto! E quando afetamos, lembramos e entendemos que podemos afetar positiva ou negativamente, com interpelações saudáveis ou talvez, nem tanto. O interessante do afetar é que assim como o afeto, ele nos cerca em todas as relações, está presente na simples interação, haja vista que estamos constantemente afetando as pessoas. Bom mesmo é quando sabemos que estamos afetando com carinho, inspiração e possibilidades de transformação e afeição. Foi assim que você me afetou. Obrigado pelo afeto.

Tenho a compreensão também de que por vezes, alguns detalhes que tanto me afetam, não tocam outras pessoas ou talvez não na mesma intensidade. Nossas vivências, experiências e histórias fazem com que sejamos afetados por detalhes e ações diferentes. Pra mim, uma das primeiras coisas que me afetaram ao me deparar com a disciplina, foi sem dúvida a pessoa a quem por um tempo eu chamaria de professora e que estaria a frente da sala. Embora entendamos que não há uma “fonte do saber”, tradicionalmente chamada professora, e receptáculo, aluno, aquele que apenas “absorve” é extremamente significativo para mim ver corpos não brancos nesses lugares de dispersão de saber, nesse lugar de condução e regência. Enfatizo como nossos contatos, com toda certeza, nunca foram de uma educação bancária, como dialoga Freire, uma educação que passa de um/uma que “sabe”, para um outro(a) que não sabe e apenas recebe. Sempre vi contribuições de todos os lados, mas reforço que pra mim, foi muito significativo ver um corpo “diferente” nesse lugar de saber. Ainda mais quando observamos que o saber sempre foi monopolizado por corpos masculinos brancos.

Lendo uma das produções do pesquisador brasileiro Silvio de Almeida (2019), tive compreensão de como meu imaginário sempre foi corrompido e moldado a aceitar corpos negros em lugares diferentes, basicamente sempre em subalternidades e em lugares taxados como inferiores. O autor explica como a mídia durante muito tempo (e até hoje) consolidou e apresentou lugares específicos para os corpos. Especificamente nos ensinando a ver e imaginar homens brancos em lugares de saberes e conhecimento, com ações racionais, bem pensadas e natos a liderança. Enquanto mulheres e homens negros estariam intrinsecamente destinados a subalternidade, ao trabalho braçal e destituídos de intelectualidade. Não consigo esquecer as palavras do autor em *Racismo Estrutural* (2019, p.65), “[...] Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico [...]”.

Entrar em uma sala de aula, na pós-graduação e me deparar com uma professora negra, me afeta com esperança e possibilidades. Ainda que boa parte da sociedade me exclua, e nos exclua desses lugares de saber (tendo consciência do quão mais árduo é para uma mulher negra, interpelada por raça e gênero), ver que aquela a quem me dirigi e que de algum modo me ajudou a trilhar meu caminho na pós é/foi um corpo negro, me afeta imensamente.

Ainda pensando em ser afetado e interpelado, começo a recordar-me das nossas aulas. Embora eu seja da licenciatura, me afastei do campo por basicamente quatro anos, sem atuação e nem estudos aprofundados no segmento. Todavia, na primeira aula que tivemos, reconheci nomes que havia estudado lá atrás, quando eu estava no segundo ano da graduação de história, com meus 18/19 aninhos, foram especificamente Vigotski e Piaget. Embora lembrasse seus nomes, não recordava com exatidão suas visões e contribuições para o campo da educação, e nossas aulas foram excelentes para rememorar aquilo que li lá em 2016, e também para me alçar para compreensões mais complexas que o Andrey mais jovem nem sequer saberia tecer.

Agora, talvez com uma bagagem um pouco maior (e ainda bem espaçosa para mais e mais conhecimento), com a fusão que fiz/faço, com a graduação em História e atualmente em Comunicação e Multimeios, leio os textos e pensando na amplitude das possibilidades educacionais e seus efeitos e afetos na constituição dos indivíduos. Interessantemente, durante as leituras propostas, fui sempre direcionado a pensar em diversidade. Enquanto os escritos me apresentavam as premissas de Vigotski, eu pensava mais e mais em diversidade, no “outro” e nos contatos necessários que são fundamentais para o desenvolvimento humano. Lendo sobre a intencionalidade de agir, atuar e desenvolver, presente no discurso de Vigotski sobre educar um novo indivíduo para uma nova sociedade, em seu caso, uma sociedade marcada por revoluções e guerra, almejando democratizar a cultura e desenvolver a potencialidade das pessoas, imaginava sobre os indivíduos que temos formado em nosso contexto social, cultural e histórico, assim como também pensei naquelas e naqueles que temos barrado as potencialidades.

Foi a partir da leitura dos textos selecionados que lembrei dos interesses de Vigotski, sua preocupação em combater o analfabetismo e desenvolver as pessoas enfatizando a potencialidade que seus corpos carregaram. Fiquei encantado com a tomada de responsabilidade que o pesquisador fazia questão de reforçar; a compreensão de que os indivíduos podem se desenvolver, apropriar-se de tudo que fora histórico e culturalmente desenvolvido e muito mais, todavia, mediados, logo, cabe que haja intencionalidade e investimento para que isso aconteça. De fato me encantaram as prerrogativas que apresentam a nossa responsabilidade enquanto sociedade e educadores, sobre a constituição de indivíduos bem instruídos, que vivem e alcançam seus potenciais. Todavia, tive que lidar com a dualidade do que sentia lendo sobre o desenvolvimento humano, ao mesmo tempo que me encantava, me esperançava e me gerava alegria, me entristecia, pois me fazia lembrar a realidade que estamos vivendo, uma sociedade cada vez mais “especializada” em

podar sonhos, potencialidades e a existência das pessoas. Seja por diferenças raciais, de gênero, sexualidade, físicas (pessoas com deficiências) e/ou outras diferenças, encontramos indivíduos que usurpam de um posto de “normalidade”/norma no social e consequentemente, desprezam, menosprezam e intencionalmente prejudicam outras vidas/vivências.

Enquanto o diálogo oportunizado por Vigotski traz e trazia a tona a responsabilidade que temos enquanto sociedade perante os indivíduos em formação e desenvolvimento, observamos cada vez mais uma negação de certas potencialidades, pois aparentemente a lógica é de que “se não existe potencial, não há porque investir ou se preocupar com esse ser”. Não é à toa que por séculos e até atualmente negavam e negam a intelectualidade à e de corpos não brancos, afinal, reconhecer a potencialidade desses corpos implica em assumir a responsabilidade de encontrar alternativas para desenvolvê-los, haja visto os lugares que todas e todos nós podemos alcançar. Assim, negar as potencialidades de minorias sociais é uma estratégia cruel para negligenciar a responsabilidade de desenvolvimento. Penso em como seria para Vigotski, que viveu em um país que pensava no desenvolvimento e na aprendizagem daqueles que não sabiam, contemplando nossa atualidade, em que as autoridades negligenciam e sucateiam a educação. Acredito que deveríamos também assumir nossas culpas enquanto sociedade por cada pessoa que por algum empecilho, não têm alcançado um pleno desenvolvimento, seja por estruturas excludentes, seja por nossa inaptidão na inclusão. Ter em sala uma pessoa surda me faz pensar constantemente em como não apenas posso podar o outro de se desenvolver, como também me podar. Mas sem dúvidas, as discussões em sala de aula, e essas experiências, despertam em muitas e muitos a responsabilidade de atentarmos-nos a tais questões.

Nos poucos encontros que tivemos, passei a entender como discutir sobre o desenvolvimento humano e a aprendizagem é então uma grande forma de nos responsabilizarmos e nos prepararmos para que em nossos mínimos alcances, possamos transformar e

impulsionar alterações nos universos que tocamos, e aqui chamo poeticamente as vidas de universos. Estudar sobre educação, me faz lembrar das falas de pessoas próximas, que embora hoje eu tente crer que não foram palavras ditas com crueldade e desencorajamento, muito me marcaram. Recordo-me do dia que ouvi que eu não mudaria o mundo, fala e conclusão de um homem preto retinto adulto que por inúmeros motivos fora privado de educação muito cedo e cresceu em uma sociedade estruturada para rejeitá-lo. De fato, entendo que a partir de certas trajetórias, seja mais difícil sonhar com o transformar do mundo, assim, tento ver a pessoa da fala com muita empatia. Hoje, mais do que nunca, entendo que talvez possamos mudar o mundo sim, e que o mundo pode ser o “mundo do outro”, o mundo que é o outro, mudando vidas, trajetórias e universos que por vezes chamaremos de “você” ou “eu”.

Voltando novamente aos textos trabalhados na disciplina e em como fui afetado, expressando novamente como muitos me fizeram pensar sobre diversidade, ressalto que enquanto víamos a respeito do conhecimento, sendo fruto de contextos históricos, acumulados e transmitidos entre as pessoas, recordei de discussões quanto a saberes negligenciados, marginalizados e excluídos. Lembrei da pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2019) e novamente de Silvio Almeida (2019), que em suas distintas produções teceram comentários sobre epistemicídio e racismo epistêmico, a intencionalidade do racismo de apagar e matar saberes não ocidentais e não brancos. Pensei muito em como pode/poderia ser um desenvolvimento decorrente de um acúmulo de conhecimento mais plural, como a aprendizagem caminharia quiçá para a formação de pessoas mais empáticas também. Não apenas pensei, como me imaginei nesse lugar, entre muitas e muitos pesquisadoras/es que enfatizam a importância da pluralidade de saberes.

Lendo Leontiev (2004) e discutindo com a turma, revisitei inúmeras discussões que tive em outros momentos sobre o “cair em um mundo pronto”, mundo este que a todo instante me ensina e que me apresenta tudo previamente estabelecido. Minhas discussões até

então flertavam com as temáticas de gênero, raça e sexualidade, logo, pensava como caíamos em um mundo — podemos fazer um recorte geográfico falando de Brasil—, em que dos meninos se esperam o gosto por futebol, azul, a heterossexualidade e afins, como parte do processo de desenvolvimento, íamos nos apropriando desses saberes, dessas performances, assim como dos conhecimentos técnicos nos desenvolvendo. “Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e fenômenos criados pelas gerações precedentes.” (LEONTIEV, 2004, p. 284). A leitura ampliou então tal compreensão sobre cair em um mundo pronto, não sendo isso necessariamente algo negativo, longe disso, é esse mundo constituído das produções técnicas e de saberes dos que me antecederam que me prepara para o questionar e transformar. Sendo o conhecimento uma construção histórica dos indivíduos, podemos e vamos ampliando os saberes que transmitiremos para as gerações futuras.

As aulas me apresentaram como o desenvolvimento nos direciona a funções psicológicas superiores, a tomada de consciência e intencionalidade das nossas ações. Tudo isso com uma grandiosidade imensa, pois é a garantia de que o desenvolvimento e aprendizagem que caminham de mãos dadas, também possibilitam rompamos e modificamos aquilo que deixaremos para aquelas e aqueles que virão, saberes novos, possibilidades outras e caminhos diversificados. Ainda que estivéssemos pensando e dialogando quanto a aprendizagem e desenvolvimento que desemboca nas funções superiores, na autonomia e consciência articulada das ações, em todo momento pensava no que mais estamos transmitindo e internalizando naquelas e naqueles a quem estamos ensinando e acompanhando o desenvolvimento.

Finalizando, tentando sintetizar tudo aquilo que tenho para contar sobre as aprendizagens que tive com as suas aulas, Prof^a Telma, entendo que talvez seja muito para tentar sintetizar, haja vista que ainda está tudo martelando em minha cabeça, e as aulas agora com a Prof^a Ercilia, continuam ampliando meus horizontes, me afetando e me instigando a conhecer mais. Acredito que não cabe

mesmo uma tentativa de síntese, mas sim um grande agradecimento, a vocês, Prof^a Telma e a Prof^a Ercilia, que desde o primeiro contato nos apresentou uma preocupação com a inclusão e com a diversidade, e os percursos do desenvolvimento e da aprendizagem na “diferença”.

Com muita afeição e afeto,

Maringá, 20 de Julho de 2022.

Andrey Gabriel Souza da Cruz

3. Nos vemos no caminho - De mãos dadas com a diversidade descolonizando saberes

Querida professora Ercilia e colegas da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” - do Programa de pós-graduação em Educação - Universidade Estadual de Maringá

Desta vez inicio a carta longe do formalismo de um vocativo relativamente distante, o famigerado “cara professora”. Acredito que não estou sendo presunçoso em entender e observar que nossas relações nas últimas semanas foram se estreitando com muito carinho, afeto, responsabilidade e também pela convergência de um desejo parecido, o de por meio do ensino transformar pessoas e consequentemente tornar o mundo um lugar melhor. E é extremamente satisfatório ver o quanto esse mesmo desejo pode unir pessoas tão diversas. Vi em sala de aula como essa pulsão de melhorar a educação e formar uma sociedade saudável, livre de preconceitos e plena em desenvolvimento pode unir, e nos uniu. Pude contemplar então uma excelente professora de mãos dadas com uma turma interessada e disposta a pensar e transformar, a si e os espaços que ocupam. Sinto que devo o quanto antes agradecer pela experiência e pelo afeto que vivi. Muito obrigado!

Escrever novamente uma carta, agora destinada a outra professora maravilhosa, aciona inúmeras memórias em mim, além de reforçar o quanto a prática da escrita de cartas, passa a ocupar um espaço de grande importância em mim. Conheci um caminho de escrita proximal que há de integrar o projeto de conclusão da minha segunda graduação, em que pretendo escrever e distribuir cartas pedagógicas para algumas pessoas do bairro onde nasci e cresci. Contemplando que “[...] toda escrita é um discurso e, assim, tem uma intencionalidade. Pois bem, a carta pedagógica quer iniciar um diálogo sobre o tema que o autor ou autora decidiu provocar em seu interlocutor/a.” (PAULO; DICKMANN, 2020, p.40), ambiciono criar pontes, apresentar rotas e caminhos para os conhecimentos adquiridos do outro lado da cidade, dentro do campus da UEM, como nos ensina Paulo e Dickmann (2020, p. 40), “outro objetivo de uma carta é nos conectar.”. Espero que com tudo que tenho aprendido, eu saiba como conectar lugares, pessoas e saberes. Sinto que encontrei o caminho para cumprir a chamada que bell hooks (2017, p 76), quando expressa o quanto entende como “[...] necessário e crucial que os intelectuais negros insurgentes tenham uma ética de luta que informe seu relacionamento com aqueles negros que não tiveram acesso aos modos de saber partilhados nas situações de privilégio.”. Levarei para o lugar de onde vim e seus arredores o que tive acesso em espaços de saber institucionalizados, que infelizmente não são acessados por todas as pessoas. Espero levar também o cuidado e a responsabilidade de se pensar o desenvolvimento humano como bem foi trabalhado em nossas aulas.

Retomo que, escrevendo novamente uma carta, revisitei memórias e cenas das nossas primeiras aulas presenciais, professora Ercília. Me recordo do entusiasmo e do amor que você tem e teve em nos apresentar a proposta das cartas pedagógicas e vídeo-cartas, lembro do meu encantamento e também que após a aula, subindo as ruas até embarcar no ônibus, fiz registros de lindas árvores cheias de flores que avistei no caminho, estava naquele momento pensando o quanto eu poderia guardar alguns momentos da minha trajetória

na pós-graduação para narrar minha história depois. Sorri sozinho vendo a beleza da natureza e imaginando os lugares que ainda chegarei com a educação, e exponho que sorrir tornou-se basicamente uma ação contínua nas aulas e após as aulas. Mesmo quando trabalhávamos temas complexos, os sorrisos e uma boa sensação apareciam, uma vez que pensava o quanto tudo o que estávamos estudando e analisando, poderiam, e há de poder, transformar realidades. Sorrio imaginando um futuro em que as subjetividades serão respeitadas, as potencialidades serão instigadas e trabalhadas e os preconceitos não apenas estarão fora das instituições de saber e conhecimento, mas fora da sociedade.

bell hooks (2017, p. 85) em “Ensinando a transgredir — A educação como prática da liberdade”, expressou o quanto “a teoria pode ser um lugar de cura”, o que para mim fez muito sentido, haja vista que desde quando comecei a ler, aprender e pesquisar sobre gênero, raça e sexualidade, fui me curando. Me curando de mim mesmo, de pensamentos cruéis sobre quem sou e sobre outras/os; me curando de medos, traumas, e preconceitos enraizados; me curando e conseqüentemente curando a minha volta na medida que encontrava espaço e pessoas abertas a cura vinda pelo conhecimento. Estudar então sobre a aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares nesses processos, nome e tema da nossa disciplina, me apresentou novas áreas e lugares que precisavam de cura, além de me mostrar lugares onde eu e nós, como educadores e educadoras, podemos ser ponte mediadora para a cura. É lindo cada vez mais entender que a educação tanto liberta, premissa freireana, como também cura.

Posso dizer que entre os inúmeros conhecimentos apresentados e estudados em nossa segunda etapa da disciplina, a abertura para dialogar sobre a subjetividade e o emocional das crianças/educandos no exercício de uma docência que rompe com o ensino tradicional, foi como um divisor de águas para mim. Observar a partir de Galvão (1992), os pensamentos e contribuições de Henri Wallon, oportunizaram endossar mais ainda a discussão e

a preocupação com as influências do meio no psiquismo e desenvolvimento das crianças. A contemplação da emoção, do movimento, da inteligência e personalidade focada por Wallon e o estudo dos domínios afetivos das crianças, oportunizam discutir a não universalidade do/a educando(a) e o papel dos(as) educadores(as) perante a diversidade. Quando compreendemos que os meios e as emoções interpelam o desenvolvimento, precisamos entender que no mesmo local, crianças com narrativas de vida diversas, terão trajetórias diferentes e percorreram tempos e caminhos diversos no desenvolvimento. Seus(nossos) marcadores sociais, influenciam significativamente no percurso educacional, e aqui ressalto o marcador da racialidade.

Enquanto líamos sobre a imaginação e o desenho enquanto linguagem, também a partir da escrita de Galvão (1992), a problemática perante a cobrança pela perfeição que permeia a prática pedagógica de muitas/os professoras/es, fui levado a pensar o quanto, enquanto mediadores, podemos podar a subjetividade daqueles e daquelas que ensinamos e educamos, o “errado” indicado a partir das minhas perspectivas, ou o “feito” conduzido a partir do meu senso estético pode estar desprezando a subjetividade do/a outro/a, apontando preconceito, reforçando estereótipo e não indicando caminhos de correções que aprimoram o desenvolvimento.

Pense comigo, quando o padrão de beleza se configura a partir da pele branca e dos cabelos lisos, será que taxaríamos de feio o desenho da criança que apresentasse pessoas negras ou todos aqueles desenhos que apresentassem corpos “diferentes” do esperado e exigido pela perfeição? Corpos que fujam dos padrões. Eu, enquanto um homem negro retinto, revisitei minha infância e recordei das vezes que escutei frases limitantes e estereotipadas como “me empresta o lápis cor de pele” ou “usem o cor de pele”, havia subentendido que havia alguns erros em colorir corpos para além do “cor de pele”, nomenclatura que era recorrente para evocar nada mais, nada menos, que um lápis cor de rosa claro, utilizado

para pintar e representar a pele branca. Afinal, estaria certo e perto da “perfeição” pintar corpos de “cor de pele”? Mas de qual pele estaríamos falando?

As discussões que sinalizavam então a importância da subjetividade das/os) educandos/crianças, o apreço e espaço para as emoções, e as questões psicológicas, ampliaram nosso conteúdo esquematizado para a matéria. Não me esquecerei do movimento que a professora fez ao ser indagada sobre a possibilidade de trabalharmos sobre a “Psicologia preta”, a atenção “diferente” que devemos ter sobre o desenvolvimento de pessoas negras, que tendo suas vidas interpeladas por inúmeras mazelas advindas do racismo, perpassam os “mesmos” caminhos que crianças e pessoas não negras, mas com interferências constantes que alteram suas (nossas) autoestima.

Vendo sua ação rápida de incluir leituras sobre negritude, contemplei o quão real é a possibilidade de construir rotas de conhecimentos juntamente com aquelas e aqueles que estão à frente das disciplinas. Agradeço a disponibilidade da professora, e agradeço mais ainda pelas indicações dos textos. Buscando da fala supracitada de bell hooks (2017), de como a teoria pode nos curar, os referenciais teóricos que dialogavam sobre negritude muito me ajudaram, em especial um dos autores trabalhados para lidarmos com a Psicologia preta. O texto de Lucas Veiga (2019) foi responsável por me fazer compreender episódios da infância, me levando a reflexão e a cura, além da maior convicção de que devo (devemos) enfaticamente tentar ao máximo impedir que aquilo que me atingiu na infância, atinja as crianças pretas que hoje encontram-se nas escolas.

Falando da subjetividade e do desenvolvimento, Veiga (2019, p. 244), expõe sobre a atuação da colonização em “territórios existenciais”, tocando o inconsciente. O autor evoca como o “Racismo, machismo, lgbtfofia são produtos da máquina colonial de produção de subjetividade, produtos que operam um corte na realidade e que dividem o mundo num arranjo que compõe quem exerce violência e quem a sofre.”. Assim, pensar nas subjetividades

construídas em contato com a colonialidade, implica em pensar como as inúmeras violências que nos circundam estão criando opressores e oprimidos, logo, uma educação anti-racista, anti-lgbtfóbica, anti-machista e contra todas as formas de preconceitos e opressões, é também uma forma de combater o colonialismo que tem capturado as mentes e subjetividades, alterando nossas formas de ver e ser no mundo, conseqüentemente, nossas formas de mediar desenvolvimentos e educar.

Entre os inúmeros saberes trabalhados na disciplina nas últimas semanas, ênfase com as discussões que circundaram racialidade e diversidade foram ao meu ver de grande valia. Dialogar sobre tais questões nos abrem os olhos para compreendermos que é necessário romper com um preparo que idealiza alunas(os) quase que pautados em uma universalidade de ser, ainda que talvez nunca estejamos preparados para todas as subjetividades e particularidades que encontraremos no caminho docente, compreender que é sempre possível procurar rotas respeitando as particularidades dos indivíduos, visando alcançar as potencialidades de cada ser, é extremamente alentador. Há possibilidades!

Na primeira carta escrita para a Professora Telma, no último parágrafo, escrevi o quanto havia visto em você, Professora Ercília, uma pessoa preocupada em lidar com diversidade e inclusão, e nossos encontros comprovaram a impressão que sempre tive. Obrigado novamente pela trajetória, e gostaria de finalizar com a citação de um dos trechos que mais me tocaram na disciplina, de Veiga (2017, p. 247) em que o autor expõe que “Descolonizar implica estilhaçar as velhas sedimentações culturais, intelectuais e políticas [...] Pertencemos ao povo que criou a matemática, a filosofia, a medicina, o samba, o jazz, o blues, o rap, o funk, o vogue, o hip hop, as pirâmides do Egito...”. Enquanto discutíamos a responsabilidade de lidar com a subjetividade e emoção dos(as) educandos(as), a minha subjetividade e minhas emoções eram trabalhadas, meu valor próprio era elevado e minhas feridas de vivências racistas eram curadas. Entre os inúmeros saberes adquiridos na disciplina, reforcei a convicção de

que educar perpassa por pertencimento, e nosso papel é também evocar a grandiosidade a que outras e outros pertencem.

Com muito carinho e admiração,

Maringá, 20 de Julho de 2022.

Andrey Gabriel Souza da Cruz

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL Fernando. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5464/3021>. Acesso em: 23/05/2022.

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. In. PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53.

GALVÃO, IZABE. Reflexões sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. **Revista Ideias Fde**, v. 20, p. 33-39, 1993. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf. Acesso em: 10/09/2022.

GALVÃO, IZABEL. Desenho na Pré-Escola: o olhar e as expectativas do professor. **Revista Ideias Fde**, v. 14, p. 53-61, 1992. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_14_p053-061_c.pdf. Acesso em: 10/09/2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MOTTA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma psicologia preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas – **Artigos**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?lang=pt>. Acesso em: 10/09/2022.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

CARTA PEDAGÓGICA PARA MARAVILHOSA PROFESSORA TELMA E SOBRE REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS NA DOCÊNCIA E NA EDUCAÇÃO

Marinalva de Oliveira Máximo¹

Querida Professora Telma

Venho através desta carta lhe expressar um sentimento muito genuíno que tenho dentro de mim e com lágrimas nos olhos hoje vou lhe expor, quando foi proposto pela Prof^a Ercilia a realização de uma carta para contar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Telma e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação - PPE/UEM, muitas coisas eu tinha a dizer nesta carta, eu me articulei de modo que conseguisse transmitir esse sentimento puro para que você saiba o tamanho da minha admiração pelo ser humano que se tornou.

Telma Adriana Pacífico Martineli, nome este já conhecido por mim há algum tempo, quando fui me inscrever no Mestrado e vi no edital uma orientadora de nome Telma, logo mandei mensagem para minha mãe, não é essa sua amiga de escola?

Ela logo respondeu— era sim! Nossa! Éramos as melhores no esporte naquela época, lembrou ela com uma voz de orgulho, poucas vezes vejo minha mãe se remeter ao passado com orgulho. Mas vou voltar um pouco mais no tempo quando você dava aula de ballet para crianças ali no bloco M7, lá estava eu novamente em uma

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Tecnologias Digitais e Inovação na Educação pelo Centro Universitário Cidade Verde no ano de 2021. Graduada em Ciências Biológicas - Habilitação Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá.

fase de minha vida levando minha filha mais nova para o projeto, e encontro quem?

A Telma Adriana Pacífico Martineli, e retorno novamente para minha mãe quando ela diz: A Telma foi minha amiga de escola, ela é muito legal, éramos as únicas negras da sala e nos destacamos muito, minha mãe tem lembranças de ser bem expressiva em sala de aula fazendo com que ela fosse interpretada como “bagunceira” e recorda que possuía sérias dificuldades na disciplina de Matemática.

Fatos estes que me trazem a refletir sobre o papel da Educação na formação da Humanidade da criança na perspectiva de Vygotsky (1998) o qual considera que é pela apropriação da cultura historicamente elaborada pela humanidade que os indivíduos desenvolvem sua atividade psíquica complexa e sua personalidade.

Hoje minha mãe ainda possui segundo ela o bloqueio em Matemática e isso e outros fatores fez com que ela bloqueasse a sala de aula de um modo geral, não concluindo o ensino médio, e a vejo com muito orgulho quando ela ouve o nome Telma, sabendo que esta que seguiu com ela até uma fase da vida continua em um processo de desenvolvimento na área da educação, diante disso, posso dizer que esta carta tem vários sentidos: Orgulho, representatividade, pesar e superação.

Para a psicologia histórico-cultural, as determinações naturais existem e agem sobre a nossa conduta e sobre o desenvolvimento humano, mas a partir do momento em que passa a existir a cultura, as determinações culturais superam e subordinam as determinações naturais, desse modo trago no peito o orgulho por você, prof^a Telma, penso que poderia ser minha mãe também neste lugar de prestígio dentro da academia, mas de algum modo a cultura e a sociedade determinaram outra trajetória em seu desenvolvimento.

Leontiev (1978, p. 267) nos ajuda a compreender esse fenômeno ao explicar que “[...] as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de

apropriação da cultura criada por gerações precedentes”. Leontiev ainda reitera a tese de “a transmissão das conquistas humanas passa a se dar sob uma forma absolutamente particular, a dos fenômenos externos da cultura material e intelectual” (idem, p. 267).

A representatividade que você prof^a Telma tem para as pessoas que a cerca é muito importante, hoje quando pude me conectar mais de perto com você posso sentir que é um lugar de muito prestígio, o mesmo caminho que eu quero trilhar para chegar no meu objetivo, olhando para você consigo ver que é possível sonhar em chegar ao topo desta montanha que eu escolhi escalar.

O pesar no meu coração fica por conta de que hoje quando paro para refletir, me remeto ao sentimento do que me fez chegar até aqui, identifico muitas barreiras que eu precisei pular, às vezes sem ter forças nas pernas, e tenho um sentimento de como eu queria que alguns de meus familiares pulassem essa barreira também, se alguma mulher da minha família tivesse feito isso antes talvez não seria tão difícil para eu chegar até aqui, entendo obviamente todas as questões das quais elas não conseguiram transpor e entendendo que precisava ser eu essa pessoa.

Hoje me olho com sentimento de superação, determinação, objetiva, mas todos esses adjetivos me embarga a voz, pois minha trajetória até aqui ainda me dói no íntimo, eu fui criada pela vó Marina, pois ela na época se achou autossuficiente tomando para si a responsabilidade de criar, ela pensando no melhor achou que com ela eu passaria por menos adversidades diante da vida como ser humano.

Na sua sabedoria ela criou duas netas, então pude apreciar em minha trajetória de vida uma senhora muito forte e determinada, com a perda de seu marido precocemente a mesma criou seus três filhos sozinha, só não contava que um deles faleceria também tão precocemente aos doze anos de idade, então foi neste momento que o sentido da vida passou a ser questionado, porque perder um filho ainda criança? Prof^a Telma, acho que nenhuma mãe deveria passar por tamanha dor, dor esta que reverberou por toda vida até os dias de hoje, mas a prof^a deve estar se perguntando porque a Marinalva

voltou tanto no tempo? Foi para ilustrar um pouco do sentimento que me trouxe até aqui.

Quero dizer que o trabalho transforma a realidade natural, produzindo cultura, a atividade de transformação intencional da natureza pelo ser humano implica, também, a transformação de sua própria natureza. O trabalho diferencia o homem dos animais.

Hoje consigo relacionar como a objetivação humana de natureza imaterial se conecta com meu processo de formação, tornando as capacidades psíquicas e motoras humanas disponíveis para a sociedade, convertendo-as em patrimônio histórico e cultural dos seres humanos e em seu processo inverso, esta apropriação se dá ao movimento pelo qual aquilo que está disponível para a sociedade torna-se uma capacidade do psiquismo de determinada pessoa.

Hoje prof^a Telma, eu chego aos meus 38 anos de idade, três filhos, feliz e reflexiva desta trajetória, ciente do meu impacto neste processo de desenvolvimento de um ser humano, tão expressivamente que é preciso ter consciência dos atos diariamente a fim de não interferir negativamente em sua criação, hoje a disciplina, aprendizagem e desenvolvimento psíquico do ser humano são palavras com sentido consciente, das quais eu me aproprio para lidar com a educação aqui em casa, o papel do adulto é orientar, organizar e guiar a atividade da criança para que nela se reconstitua a atividade cultural e histórica incorporada nas objetivações da cultura.

Prof^a Telma, é com muito orgulho que ingresso minha filha mais velha no curso de Arquitetura na UEM, sendo esta a única negra em sala de aula, mais uma reflexão realizada por mim, a história nos faz colhermos frutos até os dias de hoje, o processo de escravidão explica muitas questões trazidas por mim nesta carta, todas as questões que envolve minha família e trajetória é baseada em um processo, a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, manifestando como sequelas

emocionais com danos à saúde mental e ao rebaixamento da autoestima.

A ocupação de bancos acadêmicos por mulheres negras ainda é inalcançável por muitas de nós, assim como minha mãe não conseguiu tal feito, hoje eu estou aqui e consegui inserir uma filha a partir da valorização da educação, pois quero transpor a sociedade racista que desde a escravidão negra no Brasil destinou como ocupação prioritária o trabalho doméstico às mulheres negras.

Espero Prof^a Telma, que sua linda jornada se concretize com bastante êxito, que nesta carta eu tenha conseguido expor os sentimentos mais puros para agradecer sua conduta na disciplina e sua importância na minha vida, desejo a Prof^a Ercilia toda gratidão por propor tal atividade onde pude me aprofundar em sentimentos que estavam adormecidos dentro de mim e conjugar em palavras para lhe expressar.

Muito obrigada de coração, de sua aluna Marinalva.

Maringá, 21/07/2022.

Marinalva de Oliveira Máximo

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978

VIGOTSK, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

CARTA PEDAGÓGICA DE UMA MULHER NEGRA, MÃE E MESTRANDA COM MUITO ORGULHO

Marinalva de Oliveira Máximo¹

Estimada Prof^a Ercilia, espero que esteja bem, por aqui estamos seguindo na luta diária, fiquei feliz em saber que precisaria escrever mais uma carta, mas dessa vez vamos realizar um livro como sugestão da Prof^a. Esta temática das cartas pedagógicas é muito intensa, pois possibilita dizer para o mundo o que sempre esteve na mente e no coração.

Genuinamente venho escrever esta carta, e escrever cartas pedagógicas é de um exercício muito profundo, eu me pego por vezes trazendo sentimentos adormecidos, quando proposto para realização de uma segunda carta fiquei pensando em qual sentimento eu poderia me abarcar para esta escrita, aproveito as noites sem sono para escrever, geralmente sempre entre duas e quatro horas da manhã, o silêncio paira nestes momentos e apenas ouço o som da mente.

E por falar em mente estou aqui pensando em uma frase muito falada por alguns *Coaching*: “estudem enquanto eles dormem...”, eu sempre achei destruidora esta frase porque acredito que cada ser humano parte de um ponto de partida e que sempre terá alguém a sua frente que por algum privilégio você talvez nunca alcance, mesmo que se esforce três vezes mais que a mesma pessoa.

Falo isso, pois estou em um momento da minha vida em que acabei de entrar no mestrado com uma gestação a caminho, minha filha Dandara nasceu praticamente junto com a realização desta

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Tecnologias Digitais e Inovação na Educação pelo Centro Universitário Cidade Verde no ano de 2021. Graduada em Ciências Biológicas - Habilitação Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá.

maravilhosa etapa, e junto com este momento eu me pego reflexiva as questões que me norteiam, neste exato instante a bebê está dormindo e como ela não dorme a noite inteira por vezes acorda para mamar, me pego sempre deixando o notebook e correndo na cama para acalantar e após voltar ao meu processo de escrita, nem sempre consigo voltar, pois é tentador a cama quentinha ao lado dela.

E neste processo trago comigo hoje o sentimento de provação, isso mesmo, de ter que provar para todos o meu devido valor, sou estudante, mãe, e esposa, nesta ordem de prioridades, mas nem sempre foi assim, o silêncio da casa me faz ouvir a mente e me pego denunciando as opressões que passei e passo, em especial desde que o mestrado iniciou, pois foi de suma importância para eu fazer a leitura da mulher no campo acadêmico, que por vezes sempre está em estado de provação.

No processo de seleção do mestrado, eu estava de nove meses, com data marcada para chegada da Dandara, fiz minha entrevista de barriga, algo que eu não iria contar, por não achar que seria um empecilho para outras pessoas, penso que se sou eu a gestante que está ingressando, ninguém precisaria sentir mais medo do que eu própria em conseguir ou não concluir esta etapa.

Mas havia pessoas incrédulas da minha capacidade enquanto mulher, mãe, estudante, e me faz pensar o quanto um corpo preto é hostilizado, e é desde sempre esta barbárie. Fico pensando será que um dia eu vou precisar parar de constantemente ter que provar que tenho capacidade e sentimentos que me movem em direção aos meus objetivos? Será que um dia eu vou poder estar nos espaços acadêmicos como a doutora que eu quero ser e, ainda assim, ser confundida com a zeladora do prédio?

Prof^a Ercilia, fico nestas noites quietas pensando, até quando vou precisar escrever para mostrar que sou boa para academia? Quantos textos e artigos preciso confeccionar? Talvez esta resposta eu já saiba, e a prof^a pode talvez mensurar a resposta destas perguntas, olhando para nosso corpo docente composto pelo

programa do curso, podemos ver a ausência das mulheres negras nele, e será que quantas ficaram pelo caminho por cansar de ter que provar, por vezes eu não sou boa em muitas coisas, mas sempre me pego precisando provar que sou.

Nesta carta que escrevo a prof^a Ercilia, pensei em fazer diferente do que escrevi para a Prof^a Telma e me pego pensando, será que apenas as mulheres brancas e sem filhos que terão a ascensão? Por que da descredibilização das mulheres-mães? E nas mulheres negras? Se for as duas juntas em uma só, esta mulher não tem valor em meio a sociedade? Esta mulher está fadada aos cuidados apenas do lar? Ela está fadada apenas a submeter-se aos cargos de limpeza, porque se tem um lugar onde a mulher negra está e a sociedade não se incomoda é nos lugares de subalternidades.

Pouquíssimas pessoas negras tiveram acesso à escolarização básica, quem dirá àquelas de nível superior. No contexto da primeira metade do século XX, enquanto mulheres brancas lutavam pelos direitos sufragistas e de trabalharem fora de casa, mulheres negras trabalhavam nas casas destas tomando conta dos seus filhos e filhas, lavando roupa, sendo empregadas domésticas, em um presente bem distante de um futuro emancipado academicamente, mesmo sabendo dos processos de alterização negativa que mulheres em geral sofrem na sociedade, há um descompasso histórico entre a ausência de privilégios das mulheres brancas comparadas às mulheres negras que se perpetuam até os dias de hoje.

Como dizia bell hooks, (2002) “e eu não sou uma mulher?”. Neste momento estou aqui após anos dizendo para a sociedade, nos deixem trabalhar! Nos deixem conquistar o melhor que conseguirmos para o nosso povo, queremos produzir ciência, quero poder colocar o máximo de mulheres e homens negros dentro da academia, comecei dentro da minha família e agora atuando como professora na escola da periferia do Município de

Sarandi, quero poder plantar em cada aluno negro a semente da possibilidade de trilhar caminhos em direção ao ensino superior.

Tanto se fala que a mulher negra é forte, a enxergam como uma fortaleza onde tudo suporta, mas, dentro da academia, ela é tratada como a incapaz que precisou das cotas para chegar até aqui, como se as cotas fosse uma esmola, como se para chegar até aqui um caminho não tivesse sido percorrido das formas mais opressoras possíveis.

Minha querida prof^a Ercilia, neste segundo momento da escrita, eu sinto que tenho muito para aproximar as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a e todas as leituras realizadas, me pego em meio as tempestades de afazeres cotidianos, mas o poder de escrever essas cartas me impulsiona de uma forma muito genuína em contar por aqui minhas experiências.

Iniciadas por Paulo Freire as cartas pedagógicas me chegam como forma de colocar em palavras o que sinto no coração, o que eu quero gritar para o mundo ouvir, de uma forma muito crítica, Freire já dizia que nós devemos ser o que escrevemos, falar do que fazemos, fazer o que falamos, a ponto do nosso discurso tornar palavração. Deste modo, embarquei, nesta proposta da carta pedagógica, não conseguindo desvincular minhas vivências diárias.

Prof^a Ercilia, meu sentimento finalizando esta carta é que eu precisava falar sobre as questões étnico-raciais, pois acredito em uma mudança de ensino e aprendizagem e me sinto no lugar certo para levantar estas pautas, pois na formação continuada poderemos discutir tais questões com diversos professores e instigar a prática da Lei 10.639/0 (BRASIL, 2003), fazendo com que ocorra a valorização da identidade nos negros.

Acredito na escolarização como caminho importante para a população negra, pois coloca o sujeito mais próximo da possibilidade de alcançar lugares sociais equivalentes a de outros sujeitos escolarizados que partem de outras realidades, para que não precisemos mais percorrer caminhos mais longos e tortuosos

do que os demais e que não encontremos mais a negação de acesso a elementos essenciais para a sobrevivência desde o início da vida.

Um forte abraço.

Maringá, 14 de Setembro de 2022.

Marinalva de Oliveira Máximo

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

hOOKS, b. **“E eu não sou uma mulher?”**: Mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: UM OLHAR DE UM MESTRANDO SOBRE OS PROFESSORES(AS) QUE RESISTEM AO SISTEMA DO DESMONTE DO ENSINO PÚBLICO: CARTA PEDAGÓGICA PARA PAULO FREIRE

Claudemar Pedroso Lopes¹

Maravilhosa professora Telma

Foi assim que iniciei minha fala em sala como estudante de pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares nesses processos” do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Ubundu, espero que você esteja bem... passei o final de semana pensando como iria iniciar essa carta de agradecimento. Porém, quero começar falando um pouco de mim. Afinal, neste registro em carta quero fazer memória da minha trajetória e de como uma pessoa especial como você faz a diferença nessa sociedade. Então, vamos lá!

Sempre fui um admirador de Paulo Freire que, certa vez, disse: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. De certa forma, é isso que proponho nesta carta, que já estava semeada em minha vida em meu passado, quando em 2006, ainda muito jovem, almejando entrar na Faculdade, encarei pela primeira vez o exame do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e me deparei com uma situação muito

¹ Mestrando em Educação no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Pedagogia pela UNINORTE, como também em Teatro pela UNESPAR/FAP. Especialista em Gênero e Diversidade Escolar pela Faculdade São Braz. Atualmente, é professor pela rede estadual de ensino do estado do Paraná (SEED-PR).

interessante: lá havia um texto na redação daquele ano cujo título era “O poder de transformação da leitura”. O texto provocou em mim uma intensa reflexão que impactou em mim de maneira a me proporcionar um choque de realidade que só iria se intensificar posteriormente, já no campo acadêmico.

Após aquela prova, consegui uma bolsa integral pelo sistema Programa Universidade Para Todos (PROUNI) em Pedagogia em Londrina pela UNINORTE, Faculdade Norte Paranaense. Eu, um estudante de periferia, LGBTI+, sofrendo com várias adversidades dentro da escola pública, havia conseguido pela primeira vez na vida uma conquista no âmbito acadêmico em pleno interior do Estado do Paraná.

Porém, no curso, havia uma falta de debates em torno desse tema a respeito da LGBTI+fobia que, na década de 2000, caminhava a passos curtos no país. Essas discussões começaram a ser ampliadas e apresentaram debates mais avançados somente após 2004. Portanto, em 2007, eu não conhecia muito acerca do debate naquele espaço social e não tinha muito preparo sobre o assunto, mas estava em busca de ferramentas que me preparassem para enfrentar os obstáculos que a LGBTI+fobia traziam ao meu mundo.

Por exemplo, é importante registrar que, em função da minha orientação sexual, vivenciei variadas situações discriminatórias sofridas tanto por mim quanto por outros indivíduos, experiências que foram fundamentais na minha formação como pessoa e como pesquisador, além de terem sido basilares no interesse que passei a desenvolver a respeito desse tipo de discurso que tendem a fixar e a estabilizar as identidades dos sujeitos com base em suas marcas anatômicas.

Mais precisamente, no ano de 2009, quando cursei o terceiro ano do curso de Pedagogia, fui à procura de instituições de ensino para a realização do estágio obrigatório da educação infantil. Este curso é majoritariamente realizado por mulheres. Por esta razão, encontrei barreiras que dificultaram o meu acesso às escolas como estagiário. Além desse fator, a minha orientação sexual também

dificultou esse acesso, cabendo lembrar que, em uma das instituições, a direção geral argumentou que havia um impedimento relativo à realização do dito estágio na escola por ela não aceitar indivíduos *gays*. Aquilo reviveu em mim memórias traumáticas que vivenciei no ensino básico, que também foi extremamente violento para mim no que diz respeito à LGBTI+fobia. Por esse motivo, como não tinha o devido preparo para enfrentar a situação, abaixei a cabeça e me retirei, especialmente pela falta de coragem que gradativamente adquiri para enfrentar o pré-conceito, que reforça esses tipos de práticas geradoras de exclusão, violência e evasão escolar. Portanto, a partir de mais leitura, mais ação, mais reflexão, passei a seguir o que o mestre Paulo Freire afirmou na frase anterior e em ações posteriores a esse relato, atuei de maneira diferente e busquei formas de trazer voz a indivíduos LGBTI+, ou seja, por meio da palavra, do trabalho e da ação-reflexão.

Diante dessa dificuldade pela qual passei, sofrendo com a LGBTI+fobia na pele, resolvi partir para a ação reflexão e busquei compreender melhor o tema, aprofundando-me em leituras e na pesquisa no âmbito acadêmico e também participando de movimentos sociais que me trouxeram vivência a respeito do assunto. A partir disso, em 2009 iniciei o projeto Debatendo Gênero: no caminho contra a homofobia no ambiente escolar. A pesquisa se transformou no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que foi defendido em 2010, o que me proporcionou a Licenciatura Plena em Pedagogia. Naquela época, havia uma invisibilidade do tema acerca do LGBTI+, mas nem por isso o sofrimento de um jovem era menor. Contudo, já a questão da homofobia já era bastante debatida.

A minha pesquisa foi bibliográfica e buscava compreender a questão para procurar ações que tentassem amenizar o problema nas escolas naquele período em que o debate passou a se tornar mais viável. Era um acadêmico e pesquisador que havia sofrido aquele tipo de violência que estava naquele momento tendo a voz necessária para se voltar contra o sistema que o oprimia e que estava também reivindicando seus direitos, tal como Paulo Freire havia me

ensinado em várias das leituras que eu havia feito e que foram libertadoras para mim no curso de Pedagogia.

Após trabalhar alguns anos como pedagogo em Londrina, segui o sonho de ir para Curitiba em 2014 e ingressei no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR/FAP), em que continuei a minha pesquisa sobre LGBTIfobia, elaborando também um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *“Por uma escola sem LGBTIfobia: Proposta teatral desenvolvida com estudantes do Ensino Médio”*, defendido em 2018. Contudo, diferentemente da pesquisa de 2010, que foi bibliográfica, dessa vez fui a campo no Colégio Guilherme Maranhão, na periferia da cidade de Curitiba. A partir de então, procurei me especializar em diversas áreas do conhecimento relativas ao campo da docência e que buscavam ampliar meus horizontes. Contudo, sempre tive como um dos meus objetivos principais a luta contra a LGBTIfobia. Por exemplo, em 2016, concluí o Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Gênero e Diversidade Escolar, cujo Trabalho de Conclusão de Curso versou sobre o mesmo tema de 2010. Após alguns anos de prática como pedagogo, e já com a atuação com a pesquisa de campo nos colégios Guilherme Maranhão e Rodolpho Zaninelli, em uma das maiores periferias da cidade de Curitiba, a pesquisa ganhou contornos muito maiores: debater a LGBTIfobia no ambiente escolar havia saído da bibliografia e estava se tornando algo que fazia cada vez mais sentido para mim, fazendo parte da minha vida como professor, pedagogo, militante de movimento social e líder sindical. A cada dia a minha voz se tornou mais e mais ouvida e por mais e mais gente. Agora é a vez da academia também me ouvir. Acho que estamos falando de resistência, né? Acho que é por isso que antes de tudo resolvi falar um pouco da minha luta diária, que não é diferente da sua né, professora Telma?

Estamos em um momento trágico da conjuntura brasileira, em que os medos, as angústias e aflições ainda nos colocam a refletir sobre que país é este. Vivemos um período complexo de

recrudescimento da onda conservadora. Tempos de retrocessos políticos, culturais, educacionais, econômicos, sociais, étnico-raciais e ambientais, com sistemática retirada de direitos e intensa regressão das leis e das políticas públicas que efetivem os direitos fundamentais.

No atual contexto histórico e político brasileiro, o Congresso Nacional, as assembleias legislativas, as câmaras municipais e a Distrital estão tomadas por grupos conservadores e fundamentalistas. Os avanços da democracia, do reconhecimento e do respeito às diversidades e às diferenças, às/aos diferentes, dos direitos humanos, da justiça social e da inclusão sofrem ataques violentos e sistemáticos de forças empresariais, midiáticas, parlamentares (principalmente da “bancada da bíblia, do boi e da bala”), ruralistas, religiosas, e jurídicas conservadoras, no âmbito da execução das políticas educacionais, atendendo aos interesses da classe dominante.

A pandemia da Covid-19, reiteramos, agravou essa situação, uma vez que impactou, principalmente, os mais vulneráveis. Segundo pesquisas, a pandemia atingiu as crianças e os adolescentes desproporcionalmente, sobretudo, aqueles que vivem nas famílias mais pobres. A queda do poder econômico provocou aumento significativo no nível da pobreza, causando forte impacto na desigualdade social no país e no mundo, afetando diretamente a educação. A queda da renda familiar, decorrente da pandemia e da ação e inação equivocadas do atual governo federal aumentou o número de famílias que não conseguiram se alimentar adequadamente. Menos estudantes tiveram acesso a atividades escolares e houve receio das famílias no sentido de deixarem os filhos e filhas retornar à escola de forma presencial, sem segurança plena.

Ademais, Leontiev (1978, p. 279-280) destaca que a “[...] desigualdade das condições e das circunstâncias do progresso econômico e social pode criar, em povos humanos estabelecidos em regiões diferentes do mundo, uma certa desigualdade de desenvolvimento”. Há, segundo Leontiev (1978, p. 280), por conta

das relações de dominação entre os homens, uma concentração e a alienação da cultura; esta última, a alienação, “[...] provocou uma ruptura entre, por um lado, as gigantescas possibilidades desenvolvidas pelo homem e, por outro, a pobreza e a estreiteza de desenvolvimento que, se bem que em graus diferentes, é a parte que cabe aos homens concretos”.

Não poderia de deixar de registrar aqui, quando soube que minha professora seria uma mulher negra, representatividade né? Afinal, eu quase não tive professores negros e negras na escola e nem na Universidade! Naquele momento eu não tinha dúvida que seria um aulão e foi assim, iniciamos aulas, já com os textos bases, como: BORTOLANZA, SHUARE, LEONTIEV, DUARTE, PASQUALINI e outras e outros, aulas muito bem fundamentadas, e você sempre preocupada com a qualidade dos conteúdos.

Me recordo que em certo momento, após o término da aula, te mandei um *whatsApp* te parabenizando sobre a aula, e humildemente me perguntou se de fato a aula foi boa, aquilo me chamou atenção vindo de uma professora que todos os dias nos motiva a seguir em frente em busca dos nossos sonhos.

Paralelo a isso, já em Curitiba, estamos lutando por direitos de um jovem periférico, negro e vereador do nosso município que, injustamente, está ameaçado de ser cassado.

Nossa turma tem uma interação bem expressiva. Afinal, cada estudante tem sua vivência educacional, cultural e suas especificidades, o que nos proporcionou grandes debates acerca dos textos sobre Vygotsky. Segundo Leontiev (1978, p. 282), as aquisições das gerações precedentes incorporam-se, não no homem, não em suas “[...] disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana”. Vygotsky foi muito importante para os estudos futuros na área da Educação. Ele foi o primeiro pesquisador a realizar estudos e experimentos que permitissem entender a relação entre o pensamento e a linguagem, que até hoje contribuem na formação de educadores.

Com morte prematura, Vygotsky também tem sua contribuição dentro das teorias da linguagem. Seu reconhecimento veio após sua morte. Argumentava que o desenvolvimento intelectual das crianças era devido às interações sociais e às condições de vida (BORTOLANZA; RINGEL, 2016; CENCI; DAMIANI, 2018). Encerro aqui esta carta e, mais uma vez agradeço o carinho e preocupação com a nossa formação.

Um abraço bem quentinho e fraternos.

Curitiba, 21 de julho de 2022.

Claudemar Pedroso Lopes

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, A. E.; RINGEL, F. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016.

DUARTE, Newton. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vygotsky**. Campinas: Autores Associados: Campinas, 2007. p. 75-107.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizontes, 1978.

**POR UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: UM OLHAR
DE UM MESTRANDO SOBRE OS PROFESSORES(AS)
QUE RESISTEM AO SISTEMA DO DESMONTE DO
ENSINO PÚBLICO: CARTA PEDAGÓGICA PARA
PAULO FREIRE**

Claudemar Pedroso Lopes¹

Querida, Professora ERCÍLIA

Começo esta carta com um sorriso gigante no rosto e já quero deixar um agradecimento especial dedicado a você, professora Ercília, que não se preocupa só em ensinar. Mas que inspira a todes nós, estudantes, a aprender, e abrir as mentes dos que se sentam na sua sala de aula para outros horizontes.

Passei o final de semana todo pensando como iria descrever o que penso sobre seu trabalho e sua trajetória conosco nesta disciplina. De fato, estudar VIGOTSKI nos enriquece cada vez mais. Na prática, nas escolas e para os nossos estudos como pesquisador no programa de mestrado, sua didática me impressiona pela forma leve e doce de ensinar, estudar tais texto como: Aprendizagem e desenvolvimento, funções psicológicas superiores e elementares, o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da escrita na criança, desenvolvimento psicológico da criança — imaginação e criação e outros textos e referências. Foi extremamente delicioso, sabe por quê? Porque de fato temos uma professora que se preocupa em ensinar com essa voz infantil, doce e amável, tornando possível transformar a aula em um “aulão”.

¹ Mestrando em Educação no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Pedagogia pela UNINORTE, como também em Teatro pela UNESPAR/FAP. Especialista em Gênero e Diversidade Escolar pela Faculdade São Braz. Atualmente, é professor pela rede estadual de ensino do estado do Paraná (SEED-PR).

Porém, nem tudo são flores. É preciso muita luta para conquistarmos uma sociedade plural, emancipadora de todas, todos e todas.

Gostaria de contar nesta carta a violência que acontece no espaço escolar, pois a indignação de viver e presenciar amigos e amigas no período escolar sofrendo violência me tornaram um militante LGBTIQIAPN+, obstinado a não me calar diante do preconceito e da discriminação e acredito que a educação, em meio às contradições da sociedade, pode ser uma das formas de buscar uma consciência coletiva conjuntamente com as outras esferas sociais.

A violência no ambiente escolar é algo que preocupa e assola as escolas públicas e privadas de todo o país. Criar alternativas que promovam o respeito à diversidade de forma didática e pedagógica é o caminho mais adequado para a mudança dessa cultura de violência entre estudantes, corpo docente e comunidade escolar.

Em geral, as/os estudantes chegam nas escolas com suas opiniões formadas pelo senso comum, determinado pelo meio familiar, pela mídia e pela comunidade em que vivem. Estes discursos podem estar carregados de preconceitos como os estereótipos de gênero, de sexualidade, da cor da pele. Estes estereótipos também podem ser reforçados pela escola, quando não se tem uma formação voltada para o respeito à diversidade e se propaga a cultura machista, patriarcal e racista na qual todo/as/s nós estamos inseridos.

Na perspectiva teórica de Vigotski, o desenvolvimento não é pensado de forma linear nem se detém naquilo que já foi atingido, mas é pensado como um todo que se processa numa dimensão social. Essa perspectiva permite refletir sobre o desenvolvimento humano e compreendê-lo articulado às relações sociais. Ela fornece os elementos para se compreender que sujeito é esse que se constrói a partir do meio e da cultura. Vygotsky (1989) compreende o desenvolvimento como um processo dialético no qual o ser humano se transforma a partir de sua inserção em uma relação complexa entre fatores internos e externos. O desenvolvimento psicológico é

marcado por conflitos e pela alternância entre períodos estáveis e críticos que ocorre em determinadas condições materiais de vida. Desse modo, o caminho para se compreender o desenvolvimento vai do intersíquico ao intrapsíquico, a partir das atividades da criança.

É neste sentido que a escola precisa ser um espaço acolhedor e seguro. Por isso, dialogar, estudar e aprender desde criança a respeitar o próximo, faz parte do desenvolvimento humano.

Um dos efeitos provenientes do preconceito e da discriminação contra a população LGBTIQIAPN+ é a “evasão” escolar, para Bento² *apud* Bello e Luzzi (2009) não se trata de evasão, mas sim, de expulsão destes sujeitos da escola, o que colabora para a marginalização destes.

É importante registrar que, em função da minha orientação sexual, vivenciei variadas situações discriminatórias, experiência esta fundamental no interesse no questionamento de discursos que tendem a fixar e a estabilizar as identidades dos sujeitos com base em uma marca anatômica. Mais precisamente no ano de 2009, quando cursei o terceiro ano do curso de Pedagogia fui à procura de instituições de ensino para a realização do estágio obrigatório da educação infantil. Este curso é majoritariamente realizado por mulheres, por esta razão, encontrei barreiras que dificultou o meu acesso às escolas como estagiário. Além deste fator, a minha orientação sexual também dificultou este acesso, cabendo lembrar que, em uma das instituições a direção geral argumentou sobre o impedimento da realização do estágio na escola por não aceitarem gays. Naquele momento, abaixei a cabeça e meretirei, especialmente pela falta de coragem que gradativamente adquiri para enfrentar o pré-conceito que reforça práticas geradoras de exclusão, violência e evasão escolar.

Na condição de sujeito/professor/homossexual foi possível constatar a fundamental importância de projetos políticos e pedagógicos voltados para esta temática, sobretudo, na formação docente inicial e continuada. Em função da falta de conhecimento

² BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

sobre o assunto, que ainda hoje permanece tabu no espaço escolar, determinados estudantes e professores são alvo de situações discriminatórias envolvendo variados tipos de violência.

A escola, precisa estar em constante formação, e pensar possibilidades pedagógicas para minimamente garantir a plenitude da dignidade humana. Vigotski (2009a) atribuía fundamental importância ao trabalho pedagógico na criação de condições e na abertura de novas formas de participação das crianças na cultura. Neste sentido, a ZDP(zona de desenvolvimento proximal) constitui-se como elemento do processo de ensino-aprendizagem escolar, e a escola, por sua vez, desempenha papel específico em cada área do desenvolvimento e das funções psíquicas superiores (Vigotski, 2007a).

De acordo com Martins (2009), a base da desigualdade não estaria na diferença biológica entre os sexos, mas nos significados construídos culturalmente sobre essas diferenças. Ou seja, a partir da diferença sexual se desenvolvem expectativas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, processo este que tendem à construção de corpos-homens e corpos-mulheres. Sem perceber, desde os primeiros meses de vida, reagimos a pressões familiares, sociais, morais com tendência a definir padrões de comportamento e papéis sociais estabelecidos ao homem e à mulher. Neste contexto, as distintas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, sobretudo por meio de estratégias com tendência a reiterar identidades e práticas hegemônicas, enquanto subordinam, negar ou recusar outras práticas identitárias.

Por outro lado, o sistema de educação é um espaço político, capaz de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. Neste sentido, é de suma relevância que a Escola se articule com as novas situações e reformule as diretrizes de seus objetivos, para viabilizar resultados além das competências cognitivas e intelectuais para atingir também o espaço que permitam o repensar da própria conduta e

do contexto sociocultural no qual estamos inseridos. Para exemplificar, ainda hoje as formas de representações de mulheres e homens divergentes dos arranjos sociais estabelecidos no tecido social, permanecem sob o estigma da doença, do anormal, impróprio e nocivo.

Diante do exposto questiono-me: como trabalhar as questões de gênero e as múltiplas possibilidades do sujeito viver a sua sexualidade sem qualquer constrangimento no espaço escolar? Em que medida a formação na escola pode contribuir no combate a LGBTIfobia?

Nessa perspectiva, Vygotsky (2009b/ 1934) chama a atenção para o caráter inacabado de determinados processos de desenvolvimento que constituem condição indispensável para que a fase de desenvolvimento proximal possa ser estimulada. Nesse sentido, as funções básicas envolvidas na aprendizagem adquirida através do ensino formal na escola se configuram como eixo de novas formações essenciais à idade escolar, entre as quais a formação dos conceitos, que é elemento essencial para o desenvolvimento do pensamento verbal, uma vez que evolui como significado das palavras, e o domínio inicial das quatro operações aritméticas, o qual fornece a base para o desenvolvimento subsequente de vários processos internos altamente complexos (Vigotski, 2007a).

Importa mencionar que, desde o ano de 2017, passei a exercer o cargo de secretário executivo dos direitos LGBTI+ da APP Sindicato do Professores do Paraná, atualmente o maior sindicato do estado paranaense. Desde então, busco contribuir na luta contra todo e qualquer tipo de violência e discriminação LGBTIfóbica. Para melhor especificar, por meio da Secretaria Executiva dos Direitos LGBTI promovo espaços de debate sobre esta questão com estudantes, pais, mães, professoras, professores, funcionárias e funcionários da educação, envolvendo, portanto, distintas escolas deste mesmo estado. Desta maneira, a referida Secretaria vem proporcionando o debate mais amplo, por meio de seminários,

encontros e formações com educadores de todo estado, com o objetivo desenvolver os conhecimentos e as habilidades necessárias para a vida em uma autêntica democracia.

Enfim, temos muito que lutar e, cada vez mais, garantir uma educação pública, gratuita, laica, emancipadora, plural de todas, todos e todas. Quero aqui me despedir, deixando meu agradecimento a você, guerreira Professora Ercília. Mais uma vez gratidão por todos os ensinamentos valiosos em nossa vida acadêmica.

Voce é luz, é luta e resistência.

Um abraço bem quentinho do seu estudante que tanto a estima.

Curitiba, 14 de Setembro de 2022.

Claudemar Pedroso Lopes

REFERÊNCIAS

- MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. **Encontro Marcado: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades**. 2009. Tese de Doutorado em Artes Cênicas - Programa de pós-graduação em artes cênicas, UFBA, Salvador/BA.
- BELLO, M.C.; LUZZI, J. Gênero e Diversidade sexual na escola: da exclusão social a afirmação de direitos. A experiência do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná – In. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. PUCPR, 2009.
- BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade**. São Paulo; Brasiliense, 2008
- VYGOTSKY, L. S. (2009a). **Imaginação e criação na infância**. (A. M. B. Smolka, Trad.). São Paulo: Ática.

VYGOTSKY, L. S. (2009b). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).
VYGOTSKY, L. S. (1989). **Pensamento e linguagem**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE METAMORFOSES E SUPERAÇÕES

Gisleine Cristina da Silva¹

Prezada Prof^a Telma e Prof^a Ercília

Tudo bem com vocês? Desejo que estejam bem.

Durante vários dias tenho pensado em como lhes escrever uma carta de agradecimento pela competente mediação realizada entre nós e os conteúdos estudados e por todos os conhecimentos compartilhados conosco na disciplina de “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” — do Programa de pós-graduação em educação — Universidade Estadual de Maringá, bem como, agradecê-las pela dedicação, pela disposição em me ajudarem no que fosse necessário para que eu pudesse acompanhar da melhor maneira a disciplina.

A disciplina ministrada em seus dois momentos foi muito proveitosa e enriquecedora para mim, cada uma a seu modo com suas singularidades e conhecimentos nos oportunizou momentos de grande aprendizado.

A professora Telma que ministrou o primeiro momento da disciplina eu não a conhecia, porém, logo de início, demonstrou ser uma pessoa muito humana, empática e atenciosa. Já a professora Ercília a conhecia do curso de Pedagogia da UEM em que ela foi minha professora no último ano de graduação no ano de 2014 e

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação (PPE) na Universidade Estadual de Maringá PR (UEM). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Especialização em Educação Especial com ênfase em TGD pelo Grupo Rhema de Educação. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo de estudos "Grupo de estudos em Formação Docente e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil" - GEFOPPEI (UEM). Atualmente atua como educadora infantil.

posso dizer que foi muito bom reencontrá-la e perceber que continua sendo uma ótima professora e uma grande pessoa, muito atenciosa, alegre, humana, responsável, dedicada e afetiva. Assim sendo, a vocês o meu respeito e o meu muito obrigada.

Sou grata também ao grupo de estudantes desta disciplina que ao compartilharem suas experiências relacionando-as com o conteúdo ministrado pela professora Telma e pela professora Ercília agregou muito ao meu aprendizado. De tal modo, como defende Vygotsky, o aprendizado ocorre na interação com o outro, na educação sistematizada e com a mediação de pessoas mais experientes.

Aproveito também para lhes falar um pouco sobre mim, o momento atual, meu projeto de pesquisa e, sobre alguns dos aprendizados que tive durante essa disciplina. Sou graduada em pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Tenho especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UEM e especialização em Educação Especial com Ênfase em TGD pelo Grupo Rhema de Educação. Sou educadora infantil e atuo como educadora auxiliar com a turma do infantil 1. Atualmente estou de licença para poder me dedicar somente aos estudos no mestrado.

A seleção no mestrado foi um grande desafio. Na minha primeira tentativa não obtive êxito, somente na segunda fui aprovada, sendo a entrevista a etapa mais difícil para mim, devido às minhas limitações de comunicação verbal e interação social. A aprovação foi um momento de grande alegria e de superação.

Ainda estou tentando me adaptar e me organizar a essa nova realidade. Tem sido mais um processo de desafio que envolve um misto de alegria, entusiasmo com medo, preocupação e uma certa dose de angústia e ansiedade. Entretanto, como diz a metáfora de Rubem Alves (2008) “não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”. Assim sendo, tenho tentado encarar a nova realidade como um longo e silencioso processo de metamorfose e espero que ao final eu seja uma pessoa e uma profissional melhor, a fim de contribuir com o desenvolvimento

pleno das crianças que passarem por mim, bem como, contribuir com um mundo melhor por meio da educação.

Em relação ao meu projeto de pesquisa, ele é intitulado “ O papel da formação continuada na construção da identidade docente dos professores de bebês: um estudo a partir da produção científica brasileira (2017-2022)” e terá como objetivo geral apresentar uma discussão teórica a respeito do papel da formação continuada na construção e consolidação da identidade docente dos professores de bebês. Deste modo, busca entender como a formação continuada pode ser um meio de desenvolvimento da identidade docente dos professores que atuam nos berçários.

O meu objeto de pesquisa é a formação continuada como instrumento de construção da identidade docente dos professores de bebês. E, cheguei a esse objeto de pesquisa, a partir do meu trabalho em dois centros municipais de educação infantil no município de Mandaguari, onde trabalhei como educadora infantil com crianças de quatro meses a um ano e seis meses, por quatro anos.

Nesse trabalho, observei a rotina pedagógica, a dinâmica da ação com os bebês, percebi minhas dificuldades, limitações e despreparo, senti a ausência de cursos de formação continuada que suprissem a nossas necessidades e fragilidades formativas para o trabalho com bebês, bem como, o não reconhecimento das profissionais que trabalham com bebês como professoras.

Então, a partir dessa aproximação o meu projeto de pesquisa justifica-se, pois admitir que a docência na educação infantil seja exercida por pessoas sem formação específica e domínio dos conhecimentos teóricos metodológicos é desprezar todo o caminho de lutas e conquistas da sociedade brasileira em prol da formação docente e da composição da especificidade do trabalho com crianças pequenas (VICENTINI *et al.*, 2021).

Bem como, pela urgência de discussão e reflexão sobre a formação continuada específica e seus efeitos no desenvolvimento da identidade e da profissionalidade do (a) professor (a)de crianças pequenas, pois embora a literatura e a legislação orientem a

educação infantil, a sua especificidade permanece invisível (TEODORO; SIMIANO, 2020).

Diante disto, é importante que a formação docente atenda as especificidades do trabalho educativo na educação infantil, assegurando conhecimento teórico suficiente para se materializar em práticas pedagógicas humanizadoras que representam o saber elaborado pela humanidade ao longo do tempo, com mediações eficazes e comprometidas dos profissionais que estarão diariamente com as crianças (SAITO; OLIVEIRA, 2018).

Parte-se do princípio de que a escola tem como função principal promover a humanização das crianças em suas máximas potencialidades e o (a) professor (a) é o mediador mais experiente na relação. Posto isto, a formação docente deve ter como fundamento uma teoria que assegure uma prática pedagógica capaz de potencializar o desenvolvimento humano (MELLO; LUGLE, 2014).

Sendo assim, a formação continuada é um dos meios de valorização profissional e é por meio dela que o (a) professor (a) será capaz de entender os problemas do cotidiano escolar, refleti-los e, a partir disto, planejar práticas pedagógicas que objetivam o desenvolvimento global infantil. Diante disto, a importância dessa formação ser baseada e estruturada de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, uma vez que tal abordagem possibilita ao (a) professor (a) a Educação Infantil orientar sua prática pedagógica, tendo como propósito o processo de humanização das próximas gerações (LORDANI; CRUZ; ARAÚJO, 2022).

Neste sentido, os estudos ministrados pela professora Telma no primeiro momento da disciplina foram muito pertinentes e se mostraram ser valiosos, na medida em que me permitiu compreender melhor a Teoria Histórico-Cultural e acredito que ajudará muito na fundamentação da minha pesquisa, uma vez que, ela terá como base os pressupostos da concepção Histórica Cultural defendida por Vygotsky que estuda especificamente o desenvolvimento humano com base em suas relações sociais.

Assim, todos os conteúdos ministrados nesse momento da disciplina foram de grande importância e agregaram muito ao meu aprendizado. Entretanto, reconheço e admito que preciso de mais aprofundamento nos fundamentos de tal teoria, a fim de dominá-la bem e poder de fato utilizá-la com propriedade tanto na realização da minha pesquisa quanto no meu trabalho como educadora na educação infantil.

Diante disso, posso dizer que dos conteúdos ministrados gostei muito da ideia de zona de desenvolvimento, de motivo e atividade, bem como, da diferença entre conceitos espontâneos e conceitos científicos.

Dessa forma, pude aprender que a zona de desenvolvimento, segundo Vigotsky, citado por Facci (2004), pode ser dividido em dois níveis, que são a zona de desenvolvimento real ou efetivo e a zona de desenvolvimento potencial. A zona de desenvolvimento real ou efetivo corresponde aquilo que o sujeito é capaz de realizar sozinho e a zona de desenvolvimento potencial diz respeito aquilo que o sujeito consegue realizar com a ajuda do outro mais experiente.

Foi possível aprender também no estudo do texto “O desenvolvimento do psiquismo na criança” que todo fazer humano possui um motivo e um fim. E, quando há a coincidência entre o fim a ser alcançado e motivo que mobiliza o indivíduo a agir, pode-se afirmar que o indivíduo está em atividade e ela, impulsiona o aprendizado e o desenvolvimento (LEONTIEV, 2004).

Além disso, pude aprender que os conceitos são construções culturais, internalizadas pelos indivíduos durante o processo de desenvolvimento. E, diz respeito a um processo gradativo, mediado e inter-relacionado. Desse modo, os conceitos podem ser espontâneos ou cotidianos e conceitos científicos. O desenvolvimento dos conceitos espontâneos é ascendente enquanto o desenvolvimento dos conceitos científicos é descendente. Entretanto, apesar de desenvolverem-se em direções opostas são processos intimamente relacionados (VIGOTSKI, 2004).

Não poderia deixar de falar sobre o quanto me surpreendi, me emocionei e fiquei um tanto quanto impactada e reflexiva, a partir do filme da BBC “As borboletas de Zargosk”,(1992) que foi trabalhado na disciplina. O filme é muito interessante e mostra a força e todo poder de superação do ser humano e de fato é impressionante como pessoas em tal condições são capazes de a partir de muito esforço pessoal e do processo de educação adequado com foco nas potencialidades e não nas limitações alcançar o máximo do seu desenvolvimento. E, ele me fez refletir e pensar que é possível também vencermos nossas limitações desde que tenhamos as condições adequadas e profissionais que acreditem em práticas humanizadoras para ajudar a nos desenvolvermos como seres humanos e como profissionais.

Em relação ao segundo momento da disciplina ministrado pela professora Ercília, posso dizer que também foi muito profícuo e que contribuirá muito com a minha pesquisa e para que eu me torne cada dia mais uma profissional melhor, porém reconheço que se faz necessário da minha parte um aprofundamento maior nos autores e teorias estudadas.

Gostei muito desse momento da disciplina, pois me oportunizou conhecer um pouco sobre a vida e teoria do Henri Wallon, a partir do estudo dos textos “Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem” de Paula et al (2020) e “Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon”, também de Galvão (1994). Nesses textos pudemos aprender que a teoria psicogenética de Wallon estava voltada para o entendimento da pessoa como um ser completo e que o autor recusava-se em seus estudos isolar um único aspecto do ser humano.

Além disso, a disciplina me possibilitou também conhecer um pouco mais sobre a vida de Paulo Freire e a utilização de cartas pedagógicas como meio de produção de conhecimento, a partir do estudo do texto “Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire” de Paula e Leiro (2021).

Não só isso, mas o estudo do capítulo do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” de Paulo Freire (2005) foi em particular o que me chamou mais atenção e que desejo fortemente fazer a leitura da obra completa. O capítulo estudado se relaciona bem com um dos pontos que pretendo abordar em minha pesquisa, pois acredito que a forma que as professoras de bebês são chamadas tem influência também na construção da sua identidade. O capítulo estudado traz que ser professor não é uma missão, mas sim um ato político, uma profissão e não assistencialismo.

Cabe ressaltar também que este momento da disciplina foi muito importante porque nos oportunizou a estudar também outros teóricos que estudam o processo de ensino-aprendizagem como Piaget e Henri Wallon e, a partir do posicionamento e questionamentos de alguns alunos frente aos autores elencados pudemos estudar também teóricos(as) contemporâneos que discutem a Psicologia Preta.

Quero terminar esta carta de gratidão com uma frase que gosto muito: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p.142).

Com meu respeito e admiração.

Mandaguari, 10 de setembro de 2022.

Gisleine Cristina Silva

REFERÊNCIAS

ALVES, R. (2008). **Os Quatro Pilares**. São Paulo: Paulus, DVD, 4 v. BBC TV. **As borboletas de Zagorski**. (Documentário) Série os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michel Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992

FACCI, M, G.D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, 2004. p. 64-81.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olho D'Água, 2005, 15ª edição.

GALVÃO, Isabel. Uma Reflexão Sobre o Pensamento Pedagógico de Henri Wallon. Centro de Referência em Educação Mario Covas. **Série Ideias** n. 20. São Paulo. FDE, 1994, pag. 33 a 39. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=009. Acesso em 13 de setembro de 2022.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 305-333.

LORDANI, S. F. S.; CRUZ, D. S. L.; ARAÚJO, R. N. A formação continuada de professores da educação infantil: Contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0661-0673, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16318>. Acesso em: 07 jun. 2022.

MELLO, S. A. LUGLE, A. M. C. Formação de professores: implicações pedagógicas da teoria histórico-cultural. **Revista contrapontos**, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 259-274, 2014. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4763>. Acesso em: 07 jun. 2022.

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira, LEIRO, Augusto Cesar Rios. Cartas na educação: contribuições de Celestin Freinet e Paulo Freire. **Revista Cocar**. Volume 15, n 33, 2021, p.1-21

PAULA, Marlúbia Corrêa de; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; NASCIMENTO, Maria Manuel Silva; VIALI, Lorí. Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 56, p. 181-192, agosto de 2020 ISSN 1676-8965. Disponível em <https://repositorio.pucrs.br/>

dspace/bitstream/10923/18769/2/Contribuiões_de_Henry_Wallon_o_papel_da_emoo_na_aprendizagem.pdf.

SAITO, H. T. I. OLIVEIRA, M. R. F. de. Trabalho docente na Educação Infantil: Olhares reflexivos para a ação intencional e planejada do ensino. 2018. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 8, n. 1, 2018.

TEODORO, J. P.; SIMIANO, L. P. **Formação continuada das professoras de educação infantil do município de Laguna/SC**. 2020. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2020.

VICENTINI, D. *et al.*, Educação infantil e desenvolvimento humano no contexto da pandemia: Reflexões a partir da Teoria Histórico-Cultural. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 6, n. 4, p. 194-217, 2021

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO HUMANO E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR NESSES PROCESSOS

Alberto Freiberger Bernardinelli¹

Agradeço professoras Dra. Telma Adriana Pacifico Martineli e Dra. Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula que ministraram sobre educação para estudantes dos mestrados e doutorados na UEM, Universidade Estadual de Maringá na disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” ofertada pelo Programa de pós-graduação em Educação (PPE/UEM).

Uma história curta sobre a minha vida. Nasci surdo profundo. Não tive a doença e sempre observei o mundo e sociedade através da visualização. Meus pais me matricularam no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá, Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil (ANPACIN) desde a educação infantil até o ensino médio. Por isso a necessidade de professores bilíngues para que eu aprendesse a língua de sinais e português. Essa escola é uma escola especializada. As escolas de surdos bilíngues, de acordo com Moura, Freire e FELIX (2017) são lutas a serem conquistadas. Para Sá (2002, p.15)

¹ Mestrando em Educação no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Administração pelo Centro Universitário de Maringá e graduado em Letras/Libras pela Faculdade Eficaz. Pós-graduado em Educação Especial e Inclusiva pela Sociedade de Ensino Elvira Dayrell-SOED. Pós-graduado em Libras - Língua Brasileira de Sinais pelo Instituto Paranaense de Maringá - IPE e Pós-graduado em Transtorno do Espectro Autista (TEA) & Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) pela Faculdade Unina. Atualmente é professor de Libras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Tem experiência na área de Linguística, Letras, Educação de Surdo e Administração com ênfase em Língua Brasileira de Sinais.

Escolas bilíngues priorizam a língua brasileira de sinais (LIBRAS) como a língua primária e o português escrito como língua secundária para os alunos surdos — ao contrário das escolas inclusivas, que incluem os alunos surdos em salas de aulas mistas com alunos ouvintes, na qual a língua primária é o português e a secundária (LIBRAS).

A questão da identidade surda é muito importante. A cultura surda tem trabalhado para a construção da própria identidade do surdo representada por meio de uma língua visual que busca informações entre os olhos para passar para memória. A língua de sinais é a comunicação com as mãos, corpo e expressões faciais nas quais as percepções do mundo são marcadas pelas experiências visuais. É necessário que a sociedade respeite os vários sujeitos surdos como seres humanos.

Meus desafios vão crescendo conforme a vida vai passando e não posso parar de buscar conhecimentos. Fiz o curso superior completo de Administração, mas tive dificuldade no mercado de trabalho. Depois concluí o curso de graduação em Letras/Libras, pós-graduação de Libras, Educação especial e transtorno global do desenvolvimento (TGD), muita graduação para meu desenvolvimento profissional. Sempre estou me atualizando. Comecei a estudar mestrado em educação e participo sempre das discussões em sala de aula para reflexões e busco conhecimentos sobre a sociedade, a ciência em educação a fim de transformar a sociedade e diminuindo as barreiras dos problemas. Hoje sou professor de Libras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Neste memorial de escrita dessa carta pedagógica inicio primeiramente com meus agradecimentos às professoras Dra. Telma e Dra. Ercília que aceitaram ministrar a disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações da educação escolar nesses processos”. Esse trabalho sobre conhecimento de educação, discussões com estudantes para trocar as ideias são importantes, assim como as referências de textos da pós-graduação em Educação

no Programa de pós-graduação em Educação – PEE da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Quando iniciamos as aulas em maio de 2022 a proposta do trabalho era fazer uma carta pedagógica na avaliação final e a segunda opção era tentar fazer um relato de como é a Universidade pública, quantos alunos, quais as aprendizagens e como são os processos de mudança de comportamentos obtidos através das experiências construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Esses aspectos orientam o aprendizado que é resultado das interações entre as estruturas mentais e o meio ambiente. Enfim, essa foi a proposta para fazer com que escrevêssemos a carta para quem esteja lendo essa carta pedagógica.

Posso “enxergar” a universidade que nós escolhemos para realizar o processo de aprendizagem, conhecimento, fazer dissertação, tese sobre educação. As professoras Telma, Ercilia e os colegas de classe me mostraram o melhor caminho por meio de exemplos e de ensinamentos. Levarei vocês sempre no meu coração, as professoras — tivemos a sorte de ter aula com essas profissionais competentes —, ministrando conteúdos, e espero encontrá-las mais vezes.

Quanto à organização do projeto pedagógico foi bem estruturado, todos departamentos da universidade, além de conhecerem, também participam da formalização. A equipe de apoio aos professores e aos estudantes parecem ser muito eficientes. A orientadora educacional foi muito prestativa e atenciosa.

Durante todos esses anos, tivemos inúmeros professores, um diferente do outro, todos deixaram uma marca em nossas vidas, isso é claro, inclui vocês.

Agradecemos, não só pelos conteúdos que nos ensinaram, mas também pelos ensinamentos da vida, pelos conselhos, e pelas críticas que nos tornaram pessoas melhores, com objetivos e sabendo o que nos espera lá fora. Professores, vocês mudaram de alguma forma nossa visão de mundo.

Durante todos esses meses, tivemos vários professores, um diferente do outro, todos deixaram uma marca em nossas vidas, não só pelos conteúdos que nos ensinaram, mas também pelos ensinamentos da referência e ciências sobre educação, pelas discussões e reflexões, que mudaram, de alguma forma, minha visão de mundo, mostrando que a universidade pública vai além de um ambiente educacional e científico, podendo ser, também, um lugar divertido com troca de informações, de carinho e de amizades.

O que marcou muito para mim foi no que diz respeito à escola, Vygotsky (1987) que dizia que não se adquire conhecimentos apenas com os educadores, mas defendia que a aprendizagem é uma atividade conjunta e que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço nas salas de aula. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, Paulo Freire (2001).

Foi muito produtivo ter aulas com as professoras Telma Adriana Pacifico Martineli e Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula onde organizaram aulas dinâmicas dando oportunidade para que pudéssemos nos expressar.

Maringá, 14 de setembro de 2022.

Alberto Freiburger Bernardinelli

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

MOURA, Anaisa. Alves de.; FREIRE, Edileuza Lima.; FELIX, Neudiane Moreira. Escolas Bilingues para surdos no Brasil: uma luta

a ser conquistada. **Revista *On-line* de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v.21, n.esp.2, p.1283-1295, nov. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10172>>. ISSN: 1519-9029.

SÁ, N. R. L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002

VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, APRENDIZADOS NA PANDEMIA, INCERTEZAS E POESIA

Ana Paula Evangelista de Andrade¹

Carta para Professora Dra. Telma Adriana Pacifico Martineli e Professora Dra. Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula

Querida Professora Doutora Telma Adriana Pacifico Martineli, que alegria poder estar escrevendo essa carta para a Senhora, após a sugestão realizada pela Professora Doutora Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula, em contarmos sobre as aprendizagens que adquirimos durante os seis encontros que tivemos com a senhora na disciplina intitulada “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” pelo Programa de pós-graduação em Educação.

Gostaria de iniciar os meus escritos, agradecendo por todo carinho e dedicação que teve desde de o processo das entrevistas, no qual tive a oportunidade de ter a professora como uma das possíveis orientadoras. A sua doçura, preocupação, atenção e dedicação durante aquele processo apreensivo se estendeu durante todos os encontros, no qual foi possível se sentir acolhida para esse retorno aos estudos após alguns anos fora da Universidade. Destaco que ao pensar como iria escrever a minha carta, observei a necessidade de elencar alguns pontos principais que compreendi e desenvolvi

¹ Mestranda em Educação no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Infantil - Práticas na sala de aula. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil Inclusiva (GEEII), liderado pela Prof^a Pós Dr^a Marta Chaves; Prof^a Dr^a Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar e Prof^a Dr^a Eloiza Elena da Silva. Possui experiência na área da Educação, com ênfase na Educação Infantil.

durante os nossos encontros de estudos, por esse motivo, em alguns momentos pode parecer que estou realizando uma descrição/síntese das aulas, porém essa foi a forma que acredito que irei conseguir relatar as vivências que consegui ter com os nossos estudos.

Iniciamos os nossos estudos de forma remota, por motivos de saúde, algo que já estamos um pouco mais habituados por conta da pandemia que nos amedrontou por meses. No primeiro momento aconteceu uma breve apresentação da Professora Telma e posteriormente os alunos e as alunas do mestrado realizaram suas apresentações, com isso, conhecemos um pouco dos nossos colegas, as suas linhas de pesquisas e sonhos durante esse período de estudos. Em seguida conhecemos a ementa e cronograma da disciplina e a forma como iria ocorrer as avaliações.

No segundo momento, a Professora conduziu os estudos do contexto social e histórico da Teoria Histórico Cultural, no qual a produção do ser social do século XIX foi desenvolvida em um momento de grandes conflitos, em que ocorria a Revolução Russa de 1917, cenário este que venho estudando para compreender os escritos de Lev Semionovitch Vigotski (1896 – 1934), no qual as pessoas estavam morrendo de fome, frio, por doenças ou até mesmo a guerra. Gostaria de citar um dos escritos de Fiodor Dostoievski (1821 – 1881) em sua obra “Crime e Castigo” de 1866, no qual relata a dor de uma mãe doente, prestes a morrer e preocupada em ensinar algo para seus filhos que ficarão:

Ekatierina Ivânovna, com o seu vestido esfiado, com aquele xale aos quadrados e com o seu amassado chapelinho de palha, todo de banda, parecia verdadeiramente alheada. Estava esgotada e arquejava com dificuldade. O seu vincado rosto de tísica parecia agora mais dolorido do que nunca (pois na rua, ao sol, os tuberculosos parecem sempre mais doentes e desfigurados do que em casa); mas o seu estado de excitação estava na mesma e mostrava-se cada vez mais nervosa, de momento para momento. Corria para os filhos, dava-lhes gritos, ralhava com eles, ensinava-lhes ali mesmo, diante das pessoas, a maneira como haviam de dançar e de cantar, e punha-se a explicar-lhes por que é que tinham de fazer isso, desesperava-se perante a

incompreensão deles e batia-lhes... Depois, ainda antes de ter acabado, dirigia-se ao público; assim que via algum sujeito bem vestido, que tivesse parado para olhar, aproximava-se imediatamente dele e punha-se a explicar-lhe que podia ver ali, que diabo!, o extremo a que tinham chegado os filhos "duma família distinta e até aristocrática". (DOSTOIEVSKI, 1866, p.463)

Após algumas reflexões iniciais de como era o contexto histórico e social dessa teoria que estava sendo escrita, é possível compreender as necessidades que o grupo Tróika, composto por: Vigotski, Alexander Luria (1902 – 1977) e Alexei Leontiev (1903 – 1979) apresentavam em escrever uma teoria que valoriza a riqueza humana, que vai para além de uma sociedade capitalista, levando em consideração o papel das relações sociais para o desenvolvimento humano e a aprendizagem. Pensando na educação, a teoria leva as reflexões da valorização do (a) professor (a) como mediador entre o objeto de conhecimento e o aluno.

Dando seqüências aos estudos, agora de forma presencial, tivemos a oportunidade de conhecer os colegas, ainda que de máscara era possível observar os olhares atentos, entusiasmados e apaixonados por estar vivenciando esses momentos de estudos, após dois anos de forma remota. Conhecemos Grupos de Pesquisa que desenvolvem estudos sobre a Teoria Histórico Cultural no Brasil, no qual um deles é o que faço parte, GEEII / UEM – Grupo de pesquisa e estudos em Educação Infantil Inclusiva e autores de diversas universidade que estão se dedicando em realizar estudos sobre esta Teoria.

Em um momento posterior, iniciamos os estudos do Clássico “O homem e a cultura” – de Leontiev, no qual destacamos que o homem é considerado um ser a parte qualitativamente diferente dos animais, sendo assim possui as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado, sendo possível reais progressos ligados à arte da subsistência.

Gostaria de destacar a dia 2 de junho de 2022, um dia que o sol demorou um pouco para aparecer, acredito que ele também ficou

chateado com o que estava acontecendo, pois foi necessário retornarmos para as aulas remotas, pois alguns Professores, Funcionários e alunos estavam com o COVID-19 e nas reportagens escutava-se falar dos índices de casos aumentando e um contágio muito rápido. Posso dizer, que esse dia trouxe à tona um medo que pensava estar curado e com isso muitos questionamentos começaram a percorrer em minha mente, levando a reflexões e pedindo amparo a Deus para que tudo isso ocorresse de forma rápida e sem causar grandes devastações.

Porém com tudo, a Professora Telma manteve-se firme e dedicada em nos ensinar as suas contribuições para o nosso momento de aprendizagem e desenvolvimento, sou grata por isso. Lembro que neste dia assistimos um curta metragem, com o nome de Alike (2015) no qual nos colocou a reflexão da sociedade atual e suas dinâmicas diárias, em que o sujeito está a cada dia realizando apenas o básico para sobreviver, evitando o desperdício de tempo e não se dedicando para que as ações aconteçam de forma conscientes e não condicionadas. Pois é de grande relevância estabelecermos as nossas reflexões sobre esse curta metragem por meio de uma citação de Karl Marx (1818 – 1883) na qual ele descreve a importância de que cada geração, pise sobre os ombros da geração anterior, para assim dar um novo salto.

Dando ênfase a importância da continuidade e com isso o momento de reflexão interior aconteceu, no qual fiquei pensativa se a forma como estou levando o meu ensino para o aluno, está ofertando um processo de aprendizagem e desenvolvimento. Pois, atualmente atuo com crianças de dois anos em um Centro de Educação Infantil que apresenta inúmeras limitações, atendendo uma comunidade escolar empobrecida de conhecimento e desenvolvimento, sendo importante destacar que essas crianças, desde seu nascimento, estão em casa por conta da pandemia que iniciou em 2020, momento este que estavam nascendo e os pais e familiares assustados com tudo o que estava acontecendo. As indagações e questionamentos de como posso melhorar a minha

atuação permaneceram durante um tempo e assim encerramos mais um encontro com a Professora Telma.

Já em nosso quarto encontro, ainda de forma remota as respostas para as indagações começaram a aparecer, principalmente, por ter como amparo o texto “O desenvolvimento do psiquismo na criança” – Leontiev, no qual é destacado a importância de compreendermos os estágios de desenvolvimento, para assim entender as queixas do sujeito, levando em consideração que o (a) professor (a) é o mediador deste processo. Dando ênfase, na importância dos jogos de papéis sociais para assim acontecer a internalização dos seus conhecimentos.

Sendo importante apropriar-se e elucidar os conhecimentos para que a educação aconteça de forma dirigida e não espontaneamente, levando sempre em consideração que o desenvolvimento nos estágios da criança não acontecerão pela sua idade, mas sim pelos processos de mudanças psíquicas e as particularidades psicológicas da sua personalidade durante o estágio de desenvolvimento. Esses estudos ficaram mais claros, quando recebemos a tarefa de pensarmos em uma proposta de atividade dominante, amparados em compreender qual o motivo, ação e a operação irão acontecer para que essa atividade proporcione o desenvolvimento das funções psicológicas superiores do aluno.

Os nossos estudos, leituras e apropriação de conceitos foram aumentando e com isso a compreensão da teoria, sendo possível observar por meio dos olhos atentos e entusiasmados com tudo o que estávamos aprendendo. Chegou o momento de retornarmos para as aulas presenciais, porém infelizmente a nossa querida professora Telma, estava em isolamento por ter contraído o COVID-19, sendo necessário permanecermos de forma remota.

Gostaria de destacar que este dia foi de grande emoção. O sentimento e a vontade que se apresentava em meu coração era de encaminhar para a professora Telma uma mensagem de afeto, dizendo que era o momento de ela descansar e se recuperar, porém ao entrar na aula foi possível observar um belo sorriso e palavras

doces: “Bom dia, Ana Paula”, no qual percebi que a professora estava muito feliz em estar ministrando aquela aula, e que não seria os momentos de pausa para uma água para cessar a tosse que lhe impediu de conduzir uma belíssima aula, tendo como amparo o documentário sobre Surdocegueira – Borboletas de Zagorsk. No qual tivemos as contribuições do colega de turma Alberto, sendo possível compreender a importância do (a) professor (a) “humano” e função da linguagem como princípio fundamental para o desenvolvimento.

Chegou a data 30 de junho de 2022, dia de retornarmos para as aulas presenciais, porém não foi possível que eu estivesse, pois neste momento aguardava o resultado de um teste para ver se havia contraído o vírus, mas graças a Deus o resultado foi negativo e tive a oportunidade de conversar com as colegas de turma e apropriar-me dos conceitos e conhecimentos adquiridos na aula.

Desta maneira, gostaria de encerrar os meus escritos agradecendo a oportunidade de conhecer, conviver e aprender com a professora doutora Telma Adriana Pacifico Martineli, gratidão por toda doçura, cuidado e atenção ao conduzir as aulas. Os momentos de reflexões e condução nos colocaram a pensar em uma educação rica de sentido e de significado, que acontece de uma forma humanizada, pensando sempre em desenvolver ao máximo as funções psicológicas superiores. Agradeço também a professora por seguir com os estudos da disciplina. Gostaria de finalizar com um poema “Estrelas” – Ana Maria Machado:

São cinco pontas Cinco destinos areias tontas de desatinos Cinco sentidos Cinco caminhos Grãos tão moídos Mares moinhos Estrela guia em pleno mar outra Maria a me chamar.

Ana Maria Machado (2017)

Gratidão professoras, por serem uma estrela que estão auxiliando, incentivando e guiando os caminhos dos alunos da disciplina Aprendizagem, Desenvolvimento e Educação Escolar do

Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

Com carinho e dedicação,

Maringá, 21 de julho de 2022.

Ana Paula Evangelista de Andrade

REFERÊNCIAS

DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e castigo**. [S. l.: s. n.], 1866. 589 p. Disponível em: file:///C:/Users/Ana/Downloads/Crime-e-Castigo.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004 p. 279-302.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 305-333.

CARTAS PEDAGÓGICAS: VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGENS E DESENVOLVIMENTO PELO OLHAR DE UMA ALUNA

Ana Paula Evangelista de Andrade¹

Querida professora doutora Ercilia Maria Angeli Teixeira, que alegria dar continuidade a carta pedagógica, agora apresentando um pouco dos estudos e reflexões que tivemos com a professora, no decorrer dos nove encontros da disciplina intitulada “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” pelo Programa de pós-graduação em Educação.

Agradeço pela oportunidade de estar em estudos com a senhora pela segunda vez, tendo em vista que a primeira aconteceu durante a minha graduação (2012 – 2016). Gostaria de iniciar realizando uma breve apresentação, sou Ana Paula Evangelista de Andrade, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá, pós-graduada *lato sensu* em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Práticas em sala de aula na Educação Infantil. Atuo como educadora infantil em um município e supervisora educacional em uma escola de ballet pedagógico. Participo do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva, no qual uma das líderes é Dr^a Marta Chaves, minha orientadora no mestrado.

¹ Mestranda em Educação no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Infantil - Práticas na sala de aula. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil Inclusiva (GEEII), liderado pela Prof^a Pós Dr^a Marta Chaves; Prof^a Dr^a Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar e Prof^a Dr^a Eloiza Elena da Silva. Possui experiência na área da Educação, com ênfase na Educação Infantil.

Após finalizar a minha pós-graduação, comecei a trabalhar em uma clínica de psicopedagogia, atendendo crianças com dificuldades no processo de aprendizagem, porém não me identifiquei com a área e após assumir um concurso como educadora infantil, consegui compreender quais eram os meus objetivos profissionais e propósitos para a vida. Sou extremamente apaixonada pelas crianças da Educação Infantil, sendo com eles que passo a maior parte do meu dia. Após estar atuando três anos em um centro de educação infantil, senti a necessidade de retornar aos estudos, pensando não apenas em conhecimentos novos para realizar com os meus alunos, mas buscar formas de ajudar os profissionais que passam horas do seu dia em um ambiente em que não são valorizados.

Quando digo da equipe pedagógica que não é valorizada, não estou dizendo apenas na questão salarial, mas em momentos de formação contínua, com qualidade e que promovam o desenvolvimento dos profissionais e não um encontro de “estudos” no início e meio do ano letivo, como ocorre nos municípios. Por esse motivo, decidi tentar uma vaga no mestrado e graças a Deus consegui ser aprovada. Hoje posso dizer que estou conseguindo estudar por ter o auxílio, incentivo e compreensão das minhas colegas de trabalho, que deixaram de ter hora atividade para que eu conseguisse cursar as disciplinas do programa.

Penso que de uma forma breve consegui dizer quem é essa sonhadora aluna do mestrado, agora gostaria de descrever como foram os momentos de estudos com a Professora Ercilia, na qual posso adiantar que possui um coração tão grande, que não cabe dentro do peito, ficando expresso seu carinho e amor por todos, por meio da sua voz doce e fina, dos seus estudos para garantir o direito a todos e as suas ações em diferentes ambientes.

Nosso primeiro encontro de estudos, aconteceu em uma manhã na Universidade, no qual mesmo utilizando as máscaras de proteção, conseguimos acompanhar os sorrisos dos alunos pelos olhares, enquanto se apresentavam e dialogavam sobre as possíveis

pesquisas e estudos. Durante esse momento, consegui expressar sobre o desejo de estudar as festividades que acontecem dentro dos centros de educação, de uma forma a auxiliar os professores para que esse momento proporcione o desenvolvimento. Foi durante esse diálogo que a professora, comentou de um trabalho realizado sobre as festividades dentro dos hospitais.

Dando continuidade à aula, a dr^a Ercilia nos apresentou a proposta de avaliação da disciplina, na qual realizaríamos a produção de cartas, não seria qualquer carta, mas sim cartas pedagógicas, com uma intencionalidade e que apresentasse as memórias e experiências que ocorreram durante a disciplina. Destaco também que conseguimos acompanhar um vídeo carta do seu orientando em que gostaria de enfatizar a palavra esperar, presente em sua fala.

Em nosso segundo encontro, realizamos estudos com o texto “Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico” de Marta Kohl de Oliveira, no qual de uma forma clara conseguimos compreender a concepção de desenvolvimento humano para esse teórico, na qual ocorre por meio da relação social, dando ênfase na importância das funções psicológicas superiores como: memória, consciência, percepção, fala, pensamento, linguagem, emoção e formação de conceitos. Pois para Vygotsky, toda a ação humana é uma reação mediada.

Tivemos, em nosso terceiro encontro de estudos, a oportunidade de dialogar sobre a escrita da primeira carta pedagógica, destinada a professora doutora Telma Adriana Pacifico Martineli, e assim destacamos as nossas angústias, anseios, preocupações, dificuldade e sentimento. Professora Ercilia realizou algumas ponderações que observou durante a leitura e tranquilizou os alunos, dizendo que estamos no caminho. Em seguida, foi exposto os estudos intitulados “Comida, diversão e artes: o coletivo infantil no almoço na creche” nos quais a professora realizou a pesquisa sob a orientação da dr^a Zilma de Moraes.

Que riquíssimo material tivemos a oportunidade de conhecer, confesso que no primeiro momento realizei muitos questionamentos internos e uma certa tristeza ao assistir aos vídeos das crianças sendo alimentadas, pois em alguns momentos os olhares se voltavam como se as professoras só estivessem realizando coisas erradas, porém depois com a exposição da professora até o final, foi possível compreender os resultados atingidos com a pesquisa, destacando a importância da: interação e mediação, para assim desenvolver a linguagem, emoção e cognição com as crianças.

Ao sair da aula no dia 21 de julho de 2022, fiquei pensando qual poderia ser a forma de ajudar para que o meu local de trabalho, mudasse as ações durante os momentos das refeições. Confesso que são períodos curtos, porém de grande tensão e cobrança, no qual não conseguimos por muitos momentos dar a atenção que nossos alunos precisam e merecem. Sendo assim, ao conversar com as minhas colegas de sala, tivemos a ideia de registrar em um quadro próximo ao refeitório, o cardápio do dia, pois conseguiríamos trabalhar os alimentos que serão consumidos, antes de irmos para o refeito e instigar as crianças a conhecer e experimentar novos alimentos.

Essa ideia ainda não conseguiu sair do papel, pois em alguns momentos temos que respeitar o processo, respirar fundo e aguardar. Mas de qualquer forma, conseguimos iniciar esse trabalho com os alunos da nossa sala, pois perguntamos para a merendeira o cardápio e a mesma informa, assim dialogamos com os (as) alunos (as) para que compreendam os alimentos que irão digerir, é uma graça. Esses dias atrás, um aluno incentivou o outro a comer os brócolis, dizendo que é um alimento gostoso, verde, que deixa forte e parece uma árvore, aquecendo assim o coração e mostrando que estamos no caminho certo.

Professora Ercilia, gostaria de destacar que quando conseguir que essa ação saia do papel e realizarmos com todos os alunos do CMEI, escreverei para senhora contando como foi, pois, hoje consigo

refletir, que se as professoras que foram filmadas durante os seus estudos da dissertação, tivessem esses diálogos com os alunos, alguns dos comportamentos que foram assistidos no decorrer do vídeo não aconteceriam da mesma forma.

Nossa quarta aula, foi marcada pelos escritos de Isabel Galvão sobre o teórico Henri Wallon (1879 – 1962), que dedicou suas pesquisas e estudos as consequências psicológicas deixadas pelas guerras, realizou mais de 200 observações em crianças doentes, com deficiências e anomalias psicomotoras e comparações com crianças de diferentes culturas. Em nossa quinta aula, conseguimos dar continuidade nos estudos, compreendendo os quatro temas centrais da sua teoria: emoção, movimento, inteligência e personalidade. Presentes nos estágios: impulsivo – emocional, sensório – motor e projetivo, personalismo, categorial e estágio da adolescência. Enfatizando que o teórico Wallon, gostava de estudar a pessoa completa, em seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor.

Dando sequência, os nossos dois próximos dias de estudos aconteceram de forma remota, no qual gostaria de enfatizar a leitura da obra “Imaginação e Criação na Infância” – de Lev Semionovitch Vygotsky, em que destaco o excerto. “Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência [...] mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação” (VIGOTSKI, 2009. p.23). Penso que a compressão desses escritos, proporcionam refletirmos sobre a importância de levarmos aos alunos o que temos de melhor e o nosso melhor.

Estabeleço essa relação com uma dinâmica em que a professora Ercilia pediu que cada aluno falasse algo que critica, propõe e felicita para as próximas aulas. Ao realizar essa dinâmica, a senhora estava assumindo uma posição de sair da zona de conforto e realizar novas atribuições para a disciplina. Hoje consigo compreender a riqueza que este momento foi, pois tivemos a oportunidade de escutar colegas que lutam por uma democracia, um pensamento coletivo e que adorariam ter estudado autoras negras da psicologia, e só foi

possível porque foram ouvidos, tiveram a oportunidade de vivências e experiências.

Nosso penúltimo encontro de estudos foi marcado pela presença do orientando Giovani Giroto, em que apresentou os seus estudos intitulados “Xenofobia e Racismo no Brasil: a educação social como combate ao preconceito e preservação da saúde mental”, no qual concluiu que o trabalho pedagógico dá a oportunidade para que os alunos conheçam outras narrativas e culturas, pois esse é um dos caminhos para acabarmos com a xenofobia e o racismo em nosso país.

Chegamos ao nosso último encontro de estudos, momento esse marcado de grandes emoções, pois tivemos a oportunidade de estarmos com as duas professoras da disciplina e as mesmas realizarem considerações sobre a primeira carta pedagógica escrita para a disciplina, quanta delicadeza, cuidado e afeto, foi possível observar na fala das professoras, sou grata por ter conseguido participar desta disciplina e por todos os ensinamentos que foram expostos.

Nossa última aula encerrou com um delicioso café, muita risada, abraços e fotos sem máscara, conseguindo ver a felicidade no rosto de todos que estavam presentes. Fomos convidados para com as professoras Ercilia e Telma produzirmos um livro a partir das nossas cartas realizadas para a disciplina. Convite esse aceito sem pensar duas vezes, que prazer poder participar de um livro e por meio desse convite, gostaria de finalizar a minha carta com um poema de Cecília Meireles (1901 – 1964):

Ah! Tu, livro despretensioso, que, na sombra de uma
prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo
qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias,
esqueceu as horas, os companheiros, a merenda...
tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio
será, na verdade, imortal.
Cecília Meireles (1901 – 1964)

Que possamos em nossa caminhada de estudos e vida, ser como este livro que encantou, foi de verdade e tanto ensinou. Obrigada professoras por todos ensinamentos. Deus abençoe. Com carinho e admiração,

Maringá, 14 de setembro de 2022.

Ana Paula Evangelista de Andrade

REFERÊNCIA

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE TRAVESSIAS, VIVÊNCIAS, MIGRAÇÕES E APRENDIZADOS

Dinalva Souza Ferreira Oliveira¹

Querida professora Telma e colegas do curso da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares nesses processos” do Programa de pós-graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá.

Tudo bem? Desejo que sim.

Nossa também querida, professora Ercília, deu-nos uma complexa, porém prazerosa tarefa de contar sobre as aprendizagens que tivemos com suas aulas e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação – PPE/UEM.

Sinto-me feliz em tê-la conhecido, uma mulher gentil, dedicada, que ensina com primor. Já no primeiro dia de aula você escreveu a seguinte mensagem no grupo de *WhatsApp*: “conte sempre conosco. Serão muitos os desafios, mas conseguiremos”. Palavras encorajadoras, de alguém que sabe que a caminhada é difícil, árdua, serão muitas experiências e muito aprendizado e é preciso seguir o caminho até o final, e esse final, para mim, deve terminar não quando terminar o curso, mas até o desfecho de nossa existência.

Conheci a cidade de Maringá por meio de um amigo angolano que vive aqui, e lá se vão sete anos...cidade linda!!! Uma das coisas que me agrada aqui é a possibilidade de ter minha filha, com necessidades especiais, na escola em período integral; digo isso pelo fato de estar cuidando dela há muitos anos e não ter como dedicar-

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2019). Atualmente é diretora do Instituto *Ethnos* Brasil e educadora social do Instituto *Ethnos* Brasil.

me aos estudos, algo que sempre gostei, mas confesso que estou cansada, foram muitas noites sem dormir, 27 internações e 9 cirurgias.

Na teoria Vigotskiana as deficiências são chamadas de defectologia. Ele defendia que todas as crianças tinham condições de aprender, mesmo as com limitações cognitivas e motoras, como é o caso da Paulinha. De fato, ela apresenta desenvolvimento significativo com as mediações realizadas pelas professoras. O documentário “As Borboletas de Zagorski”, elaborado pela BBC, Londres, 1992, faz parte de uma série da rede de TV inglesa intitulada “Os Transformadores”, cujo escopo era mostrar o resultado de ações transformadoras de professores.

Estando mais “livre” comecei a estudar em 2016, durante o curso de Pedagogia, envolvi-me com pessoas de outras nacionalidades advindas de contextos de catástrofes, guerras, situações de graves e generalizadas violações dos direitos humanos, que de acordo com o ACNUR, Agência da ONU para refugiados, denomina-se: refugiados. São pessoas que deixaram tudo para trás e que enfrentam muitas dificuldades e barreiras no país de acolhida. Dentre elas, a principal: linguística. Não saber a língua impede a comunicação e a inserção na sociedade de acolhida.

Aprendemos com Vygotsky que a linguagem, a comunicação, permite a inserção na cultura e favorece as relações do ser humano com o meio, já que o homem é um ser social. Então, como fazer para que se apropriem da cultura historicamente elaborada pela humanidade se ela acontece por meio das relações sociais? Ensinar nosso idioma foi o primeiro passo nessa direção.

Dando sequência à carreira acadêmica entrei no programa de pós-graduação da UEM (Universidade Estadual de Maringá). A primeira aula do mestrado foi *on-line*, 19 de maio de 2022, às 8:30, gostei que tivesse sido virtual porque estava muito frio naquela manhã, um frio atípico resultante de um ciclone extratropical com uma massa de ar polar, muitas regiões do Brasil sofriam com as baixas temperaturas. Neste dia chegava em Maringá algumas famílias ucranianas, advindas da guerra iniciada em fevereiro, pela

Rússia. Mulheres e crianças que deixaram para trás tudo o que conquistaram, bens humanos e materiais, esposos, pais e filhos, pois os homens entre 18 e 60 anos não puderam deixar o país.

Estima-se que metade dos refugiados no mundo sejam crianças e adolescentes, seres humanos em processo de desenvolvimento... deveriam ser protegidos e resguardados, pois os traumas emocionais podem ter cicatrizes na memória. Memória, atenção, pensamento, vontade, percepção, etc. são denominadas por Vygotsky “funções psicológicas superiores”. Elas, conforme aprendemos nas aulas, estão sendo estimuladas e transformadas pelas trocas dos sujeitos com o ambiente, com as relações sociais, certamente, esses estudantes sofrerão danos na vida escolar.

Já no primeiro dia de aula foi mencionado sobre o trabalho da disciplina: “Cartas Pedagógicas”, e que a professora Ercília explicaria melhor quando retornasse de viagem. A professora Ercília precisava de um tempo de descanso para cuidar de situações familiares. É muito preciosa essa postura, pensar no bem estar do outro, principalmente daqueles que amamos e não os temos por perto.

Estudamos alguns textos importantes sobre o desenvolvimento do psiquismo na criança (Leontiev); Vygotsky e as origens da Teoria Histórico-Cultural (Bortolanza e Ringel); Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem (Vygotsky, Luria e Leontiev); A Educação como Produção da Humanidade na Criança (Juliana Pasqualini e Nadia M. Eidt); Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na idade escolar; dentre outros. Disciplina apaixonante pela significação que a teoria histórico cultural trouxe para a educação.

Algumas aulas foram remotas e outras presenciais, é muito boa essa aproximação depois de dois anos de distanciamento por conta da Covid-19, tomamos café juntos no intervalo e conhecemos melhor os colegas de classe. Adorei!

Assistimos à passagem de bastão da prof. Telma para a prof. Ercília, muito carinho entre elas, penso que afinidade é um elemento significativo na amizade, foi possível identificar isso no momento em que as duas doutoras estavam juntas em sala.

Com a prof. Ercília, vimos vários modelos de cartas, a Carta Póstuma à Lev Vygotsky escrita por Pricila Kohls dos Santos, mestranda do PPE da PUCRS, apresentada em sala de aula me chamou a atenção, achei inusual, mas fulgente. Se o autor tivesse tido a oportunidade de lê-la certamente estaria satisfeito com seu legado. Pricila conversa como quem tem familiaridade, admiração.

Fiquei imaginando que o trabalho com cartas é muito legal. Traz algo de divertido, agradável, é um trabalho científico dentro de uma linguagem pessoal, ou seja, posso me expressar, dizer como foi meu processo de aquisição de determinado conhecimento, minha percepção das informações, sem abandonar, suprimir ou inferir na ideia do autor.

Gosto da expressão usada pela prof. Ercília “vamos que vamos, vai dar tudo certo”.

Beijos.

Maringá, 27 de julho de 2022.

Dinalva Souza Ferreira Oliveira

REFERÊNCIAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. ACNUR Brasil. **“Refugiados e Migrantes”:** Perguntas Frequentes. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>. Acesso em 31 jan. 2021.

BBC TV. **As borboletas de Zagorski. (Documentário)** Série os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michel Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992.

DINIZ, A. F. M. As borboletas de Zagorski. **Revista História e Ensino**, Londrina, v. 20, n. 2, p.171-189, jul./dez. 2014.

ONDA DE FRIO SEGUE NESTA QUINTA (19);g1.globo.com, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/>

noticia/2022/05/19/previsao-do-tempo-quinta-19.ghtml>. Acesso em: 26, jul.2022.

SANTOS, Pricila Kohls dos. Carta Póstuma a Lev Vygotsky. **Revista Educação por Escrito**, Rio Grande do Sul, PUCRS, v. 1, n. 2, 142-143, dez. 2010.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16ª edição. São Paulo: editora Ícone, 2017.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE EMOÇÕES, DIREITOS DOS MIGRANTES, RUPTURAS E AMOROSIDADE

Dinalva Souza Ferreira Oliveira¹

Querida professora Ercília e colegas da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, Desenvolvimento Humano e Implicações Escolares nesses Processos”, do Programa de pós-graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá.

Desejo que todos estejam bem.

Iniciei a escrita dessa carta ontem, 12 de setembro de 2022, fiquei animada ao ver como estava o tempo, aconchegante, nublado, respingos de chuva e um friozinho brando, bom para ficar na cama mais um pouco, mas não dava...

Esta disciplina foi realmente muito especial, não apenas pelos textos que estudamos, mas pelas professoras que ministraram. Vimos as teorias de Vygotsky, a construção do conhecimento e suas contribuições para educação, concebendo a ideia do ser humano como um sujeito histórico e social, a relevância da cultura na contribuição do indivíduo e do mesmo com a sociedade; e divergências epistemológicas em relação ao pensamento de Piaget, que valoriza o biológico.

Numa aula muito rica, conhecemos também os estudos do médico Henri Wallon, o qual considera todas as dimensões do desenvolvimento da criança: afetivo, motor, cognitivo. No texto da Isabel Galvão “Uma reflexão Sobre o Pensamento Pedagógico de Henri Wallon”, vemos esta relação recíproca do emocional com o

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2019). Atualmente é diretora do Instituto *Ethnos* Brasil e educadora social do Instituto *Ethnos* Brasil.

cognitivo, sendo a qualidade das relações determinantes na construção do conhecimento, corroborando com Vygotsky que enfatiza o valor das mediações e a importância da zona de desenvolvimento proximal.

Ainda na abordagem de Wallon, foi introduzido o texto “A questão do movimento no cotidiano de uma pré-escola” (Isabel Galvão). Na classe, abordando a mesma temática, a prof^a Ercília passou um vídeo de seu trabalho de dissertação de mestrado defendida em 1994 “Comida, Diversão e Arte: o coletivo infantil no almoço na creche” Paula (1994) observando a prática social de crianças em uma creche em São Paulo durante o almoço. Muitas risadas...

Houve por parte de uma colega o relato sobre a situação que enfrentava na escola onde trabalha, semelhante ao que ocorreu nas filmagens da professora, ou seja, ainda hoje fazem desse tempo um momento ausente de reflexão das relações sociais, os infantes precisam se encaixar na forma de estruturação imposta pelos adultos tanto na postura, comportamento, quanto rigidez de horário.

Na aula do dia 11 de agosto foi sugerido pela colega Marinalva estudarmos sobre textos de pesquisadores negros, a prof^a Ercília gentilmente concordou com a proposta, sugeriu alguns livros e indicou o texto da Ingrid, sua orientanda do Mestrado, sobre “Cartas de mulheres: narrativas de educadoras e discentes sobre a cultura afro-brasileira e africana na escola”.

Apreendi com o referido texto que as cartas pedagógicas podem ser um gênero textual promissor na educação, pois oportuniza a criação, a reflexão, a subjetividade, ou seja, traz novas perspectivas, novos saberes, valoriza as identidades e diversidades.

Ainda lemos o artigo escrito por Giovani Giroto, Ingrid Yasmim O. da Silva Batista e Ercília Maria A. T. de Paula, “Xenofobia e Racismo no Brasil: A Educação Social como combate ao preconceito e preservação da saúde mental”, o qual reflete a respeito do preconceito aos negros e migrantes e suas consequências emocionais. Apontando a Educação Social, área que atuo, como

suporte e facilitadora nas relações sociais destes indivíduos, haja vista que seus direitos foram conquistados, mas não respeitados.

Valoriza-se ainda hoje o branco, o europeu, desvaloriza-se o negro; valoriza-se o refugiado europeu, desvaloriza-se o refugiado haitiano, venezuelano, sírio. Na educação, segundo a Lei de Migração 13.445/2017 e o ECA/90, todos devem ter igualdade de oportunidades na sala de aula, contudo não é o que acontece, o texto mostra a importância de se discutir a garantia de direitos destes sujeitos.

Nesse tempo fraturei o pé ao caminhar nas calçadas desniveladas da zona 3, para pessoas com dificuldades ou cadeirantes fica evidente a urgência em melhorias estruturais na cidade. Com isso não pude participar de algumas aulas, nem da confraternização que aconteceu no término da disciplina.

Termino a presente carta com agradecimentos à nossa querida prof. Ercília, sua habilidade para ensinar, assim como para cobrar o que precisa ser feito, de forma respeitosa e amorosa.

Muito obrigada, professora!

Abraços.

Maringá, 13 de setembro de 2022.

Dinalva Souza Ferreira Oliveira

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Isabel. A Questão do Movimento no Cotidiano Escolar. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 98, p. 37-49, ago. 1996.

GALVÃO, Isabel. **Uma Reflexão Sobre o Pensamento Pedagógico de Henri Wallon**. Centro de Referência em Educação Mario Covas. Série Ideias n. 20. São Paulo. FDE, 1994, p. 33 a 39. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=009. Acesso em 13 de setembro de 2022

GIROTO, Giovani; BATISTA, Ingrid O. da Silva; PAULA, Ercília M. A. Teixeira. Xenofobia e Racismo no Brasil: A Educação Social Como Combate ao Preconceito e Preservação da Saúde Mental. **I Colóquio Internacional de Direitos Humanos e Políticas de Memória**. UEM, PR, 2019.

PAULA, Ercília M. A. Teixeira; LEIRO, Augusto C. R. Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire. **Revista Cocar**. V.15.N.33/2021, p. 1-21, ISSN: 2237-0315.

OLIVEIRA, Zilma (org.) **A Criança e Seu Desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARTA PEDAGÓGICA DA MINHA VIDA

Jéssica de Jesus Souza Suzuki¹

Queridas Professoras Telma, Ercília e estudantes da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” — do Programa de pós-graduação em Educação — Universidade Estadual de Maringá.

Tudo bem com vocês? Espero que sim. Esta carta tem como cunho central agradecer às professoras Telma e Ercília pela oportunidade de poder explanar nossa vivência com o conhecimento científico desde a mais tenra idade, em que eu me deparei quando tinha apenas seis anos de idade. Para uma criança desenvolver em meio a um ambiente de pobreza e tráfico de drogas ao redor, não foi fácil. Eu morava na favela de São Paulo quando comecei os estudos, morava com minha mãe costureira, meu pai açougueiro, e, mais dois irmãos menores.

Sem a perspectiva de um futuro melhor, eu fui me dedicando aos estudos, mesmo que fosse o público, eu gostava muito de conhecer e pesquisar para me aprimorar mais. Minha maior alegria foi quando minha mãe comprou a enciclopédia Barsa por minha causa quando tinha onze anos e a pagou em suaves prestações. Imagina só, eu com todo aquele conhecimento dentro de casa! Foi maravilhoso pois como a biblioteca da escola não tinha muitos recursos, aquela coleção iria me ajudar a abrir meus olhos para o conhecimento, mesmo que resumidamente.

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia e Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Gestão Educacional e Educação Especial (AEE). Docente da rede municipal da Prefeitura de Maringá-PR.

E assim foi os primeiros momentos com o conhecimento, fui crescendo e as condições de poder frequentar uma faculdade/universidade era precária. Tinha que trabalhar para ajudar em casa e morando no ambiente que me encontrava, favela, ficava cada vez mais longe o sonho de continuar a estudar e me formar professora, o que sempre sonhara em ser.

Querida ser aquela professora que ensinava o conhecimento científico aos alunos com dedicação e amor. Que os alunos se apaixonassem pelo saber como eu me apaixonei, era muito esforçada, mas minhas notas nunca saíram da média, sete ou oito, mas o dia que tirei dez em literatura, fiquei muito alegre, imagina, como eu poderia tirar dez? Sem chance, mas tive uma professora que me via além de uma estudante na sala dela. Ela me encorajou a continuar a estudar, porém morando onde morava a realidade era outra, na escola eu vivia um sonho, mesmo estudando à noite e trabalhando com quatorze anos oito horas por dia.

Quando meus avós que moravam em Maringá ficaram doentes, nós todos nos mudamos para cá e minha mãe cuidava deles, eu logo comecei a trabalhar e estudar no Instituto de Educação Estadual de Maringá à noite no curso de Magistério. Imagina a minha alegria, era minha chance de ser professora, mesmo que não conseguisse ingressar numa Faculdade/universidade. Conheci meu esposo com dezesseis anos e começamos a namorar. Ele era bem metódico, filho de japoneses já dá para imaginar como ele era.

Mas nos apaixonamos e casei com dezoito anos e já tinha terminado o magistério, porém ele não deixou que trabalhasse na profissão. Tivemos dois filhos (os quais me orgulho muito, atualmente, os dois têm curso superior na UEM). Então, fui criá-los primeiro e depois voltei a estudar com trinta e três anos. Fiz cursinho e passei no primeiro vestibular que fiz para Pedagogia na UEM de manhã. Foi uma festa quando soube do resultado na quadra de esportes da UEM onde constava os nomes dos aprovados de cada curso.

A partir daí não parei mais de estudar, que felicidade poder aprender mais, e mais. Fiz um PIC e um PIBIC durante a graduação.

Publiquei em vários congressos (ANPED, EAIC, HISTEDBR) artigos dos assuntos que estudava. Após a graduação, continuei com os estudos me formei especialista em Psicopedagogia clínica e Institucional, em que trabalhei em clínica por seis anos. Também sou especialista em Gestão Escolar e Educação Especial.

Foi quando que aos trinta e seis anos passei no concurso para professora 20h na prefeitura de Maringá e logo adiante aos trinta e nove anos, passei em outro concurso para professora de contraturno 20h na prefeitura de Maringá também. Dois concursos que me realiza muito, o trabalho com as crianças, seja na turma regular, seja nos atendimentos dos alunos com dificuldades de aprendizagem, é muito gratificante.

E após algumas tentativas para o mestrado, este ano de 2022 com quarenta e nove anos, consegui ingressar como aluna regular do PPE em Educação com o tema de pesquisa sobre o aprendizado das crianças com dificuldades de aprendizagem tendo como base a teoria histórico-cultural e tem sido um aprendizado atrás do outro durante as aulas. Na disciplina de Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar, têm sido aulas as quais tem contribuído muito com meu aprendizado, para ser melhor como pessoa e como profissional. Vou mencionar alguns dos textos que me marcaram.

No texto de Zoia Prestes — Lev Semionovitch Vigotski: a atualidade de seu pensamento impõe a recuperação de sua obra — que traz a referência das “Obras Completas” do autor, menciona que “Em novembro de 2015, durante o evento Leituras Internacionais Vigotski, organizado anualmente em Moscou (Rússia), foi lançado o primeiro volume das Obras Completas (VIGOTSKI, 2015) de Vigotski, em russo” e depois “como foi feito em inúmeras obras traduzidas para o inglês e outras línguas. [...] Sem dúvida, o volume é uma riquíssima fonte para todos que estudam a teoria histórico cultural e o contexto de seu surgimento, pois proporciona uma imersão no espírito da época e possibilita reflexões sobre a atualidade.” (p. 4)

Na outra semana estudamos sobre “Vygotsky e as origens da teoria histórico cultural: estudo teórico”, em que a professora Telma nos fez refletir sobre a teoria em que nos faz pensar o homem a partir de suas relações sociais e nos anos que isso veio a ser construídas desde os primórdios da raça humana até que cheguemos em Vigotski com suas pesquisas sobre as relações dos homens. Inclusive, com o texto do A. Leontiev “O homem e a cultura” para agregar ao nosso conhecimento de homem humano. E assim continuamos a estudar na outra semana sobre o texto de Leontiev.

Quando chegamos na “Periodização do desenvolvimento psicológico infantil” foi fascinante descobrir que Vigotski não leva em consideração idade cronológica para o desenvolvimento infantil, e sim, no período em que ela se encontra e se relaciona, se pré-escolar, escolar ou adolescência. Isso pra mim foi o que mais me marcou ao descobrir no texto “O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: O desenvolvimento do psiquismo de Leontiev”, sendo o que importa é o desenvolvimento cognitivo da criança no ambiente em que está inserida.

Num outro momento em que nossa maravilhosa professora Ercília nos enviou uma carta em que nela foi relatando de como uma carta traz lembranças, recordações e subjetividade daqueles que a escrevem. Ela relatou várias informações, e, a que me marcou mais foi quando ela mencionou o período em que nossa cidade de Maringá havia passado por um furacão e que estava com uma aparência de guerra. Pois por onde se passava havia muitas árvores caídas pelas ruas e ficamos sem luz durante quatro dias inteiros e foi bem difícil passar por isso.

Continuando com o nosso aprendizado, foi proposto que fizéssemos uma carta para as professoras Telma e Ercília. A reprodução dessa carta que realizamos nos marcou, pois trouxe lembranças que não havíamos parado para pensar no que passamos durante a vida.

Na sequência das aulas conhecemos sobre “Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon” de Izabel Galvão que

conhecemos sobre o autor que estudou sobre os domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nos diferentes momentos do desenvolvimento, os vínculos entre cada um e suas implicações com o todo representado pela personalidade da criança. Esse momento foi muito importante para mim, em que pude perceber melhor que havia outros pensadores em desenvolvimento humano.

Logo na outra aula assistimos aos vídeos trazidos pela professora Ercília em que ela filmou alguns momentos em uma creche de São Paulo na hora da refeição. Esses vídeos foram de muita valia, adorei ver as crianças, como elas se comportam na hora da refeição e perceber de como é importante o conhecimento científico para poder ensinar melhor as crianças pequenas.

Tivemos um momento que nossa aula teve que ser on-line via *meet*, e nesse dia foi muito prazeroso, pois foi estudado sobre “imaginação e criação” do livro de Vigotski *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico livro para professores*. A imaginação é a base de toda atividade criadora e se manifesta em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica.

Outro momento estudamos sobre a psicologia preta, o que me abriu os olhos para outro olhar com relação a pessoa preta. Foi muito interessante saber que havia estudiosos que se preocupavam com essa teoria.

A aula que tivemos com o Giovani Giroto sobre seu estudo sobre os Haitianos residentes na cidade de Maringá, me intrigou de como as autoridades maiores, nossos governantes locais não se importam e ao menos dão suporte por meio de políticas públicas aos imigrantes que chegam em nossa região.

Por fim, tivemos a devolutiva da primeira carta que escrevemos às professoras da disciplina. Esse momento foi ímpar, pois o reconhecimento acadêmico que tive por meio delas, eu nunca tivera em nenhum outro momento.

Sabe, durante as aulas foi muito prazeroso aprender com a professora Telma, como ela conduzia as aulas era intrigante e

bastante instigante, pois em cada aula foi muito aprendido. Não tenho palavras para agradecer tamanho aprendizado que levarei comigo para sempre, desde suas palavras afetuosas até as palavras de incentivo no mundo do saber.

Aqui me despeço com muita gratidão às aulas que tive nessa disciplina até o momento. Essa carta foi escrita com muito apreço e consideração as professoras Telma e Ercília, esta que continuará a nos conceder muitos outros conhecimentos. Abraços com carinho,

Maringá, 11 de setembro de 2022.

Jéssica de Jesus Souza Suzuki

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL Fernando. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5464/3021>.

DUARTE, Newton. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados: Campinas, 2007. p. 75-107.

GALVÃO, Isabel. **Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon**. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf.

GIROTO, Giovani **(Sobre)vivências migratórias: narrativas de haitianas e haitianos residentes no município de Maringá-PR sobre acolhida, educação e inclusão**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, UEM, 2019, Paraná, 137 p. Disponível em <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2020/2020%20-%20Giovani.pdf>.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 279-302.

_____. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 305-333.

_____. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.), **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Moraes, 2006.

PRETES, Zoia. NUNES, Eliabeth. Lev Semionovitch Vigotski: a atualidade de seu pensamento impõe a recuperação de sua obra. **Revista de Educação Pública**, v. 31, p. 1-14, jan./dez. 2022.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/download>pdf>.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. São Paulo: Expressão popular, 2018. Apresentação e comentários. Ana Luiza Smolka, Tradução, Zoia Prestes. P. 12

CARTA PEDAGÓGICA: SER PROFESSORA, PROFISSÃO QUE ME INSPIRA

Juliana Dias Breves¹

Querida Professora Telma, responsável pela disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” — do Programa de pós-graduação em Educação — Universidade Estadual de Maringá.

Espero que esteja tudo bem com você!

Nesta manhã eu estava na biblioteca, preparando-me para ler os textos da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” que serão discutidos na próxima aula. Entretanto, ideias me vieram a mente e decidi começar a escrever a carta pedagógica para você. Vou iniciar escrevendo sobre a escolha profissional que move o mundo: professor.

Desde pequena eu falava para a minha família que queria ser professora, ainda não tinha definido a área, mas por inúmeras vezes essa foi uma profissão que identificava minhas ações. Era visível no cotidiano com as crianças, o quanto eu gostava de ensinar o conteúdo que eu dominava para elas. Essa ação me proporcionava uma sensação de vigor. Ainda no Ensino Fundamental I, na busca e descoberta de possíveis atividades que poderiam desenvolver as minhas capacidades, minha mãe me inscreveu no *ballet*, pois eu era encantada pela leveza e delicadeza contida nessa dança, mas

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Educação Física. Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá (2021). Bacharelado pela UEM. Pós-graduanda em Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla pelo Centro Universitário UNIFAMMA. Pós-graduanda em Educação Física Escolar e atividades de recreação pelo Centro Universitário UNIFAMMA.

quando comecei a frequentar as aulas, particularmente, não me despertou a paixão. Em seguida, comecei a praticar *futsal*, foi uma modalidade que me despertou maior interesse no esporte, mas ainda não havia me despertado a paixão. Até que aos 12 anos de idade, eu conheci o *Badminton* na aula de Educação Física Escolar, uma modalidade que utiliza peteca e raquete, podendo ser jogada em dupla ou individual. A partir de então, defini que eu queria entrar para a graduação e ser professora de Educação Física.

Sou apaixonada pelo curso e não poderia ter feito escolha melhor. Acredito que todos temos caminhos que nos levam a escolha da profissão, esse foi o meu e eu fico leve em compartilhá-lo com você. Durante a graduação eu conheci pessoas maravilhosas e você é uma delas, uma doce professora, que passa o conhecimento otimamente e se preocupa com os acadêmicos, sempre com diálogo, calma e empatia para resolver os problemas que possam surgir. Além da afinidade com a linha de pesquisa, a sua seriedade com o ensino-aprendizagem e o respeito pelos alunos me levaram a escolhê-la como orientadora do meu trabalho de conclusão de curso, o qual pude realizar com sucesso por meio das ideias que foram estimuladas e desenvolvidas durante as reuniões de orientação.

Contente com a conclusão do TCC e instigada a aprimorar meus conhecimentos na área da Educação, tive a oportunidade de entrar para o mestrado e o privilégio de ser sua orientanda. O que eu tenho a enfatizar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Telma e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação PPE-UEM, é que a partir dos pressupostos da Teoria Histórico Cultural, em que Vigotiski é o principal precursor, conseguimos entender a importância do (a) professor (a) no processo de aprendizagem do aluno, uma vez que ele é o responsável por realizar a mediação necessária para que a zona de desenvolvimento proximal se torne a zona de desenvolvimento real, e assim sucessivamente, criando ciclos de aprendizado.

A zona de desenvolvimento real compreende a capacidade para resolver um problema sem orientação. E a zona de desenvolvimento

proximal determina a resolução de um problema a partir da mediação, ou seja, compreende aquelas capacidades que ainda não estão consolidadas, mas que estão em processo de consolidação no indivíduo. Para Vygotsky (1999) o desenvolvimento ocorre desvinculado da idade cronológica, ou seja, a idade cronológica não determina o desenvolvimento da criança, mas sim a interação do sujeito com o meio.

Ainda, por meio da contribuição da Prof^a Telma nessa disciplina, tive a oportunidade de conhecer a defectologia, termo proposto por Vygotsky (2011) para definir o estudo do desenvolvimento humano da criança com deficiência. A introdução da defectologia na disciplina ocorreu através da discussão sobre o documentário da BBC (1992) “As borboletas de Zargosk”, que trata do trabalho desenvolvido por professoras em uma escola russa com crianças surdas e cegas. Inúmeras crianças eram consideradas deficientes mentais antes de irem para a Escola de Zagorsk, o que lhes gerava uma grande desestabilidade.

A tese defendida no filme é de que a linguagem tem o poder e, através dela, o (a) aluno (a) sistematiza o seu pensamento e adentra no mundo dos conhecimentos científicos. O depoimento de uma das alunas confirma esse pressuposto: “Lá, em Zagorsk, diferente de quando vim para a minha casa, eu aprendi a me comunicar com todos (professores, funcionários); aprendi como compreender as ideias confusas que fazia do mundo naquela época. Eles me ajudaram a viver melhor no mundo, apesar de não ter sido um processo fácil”.

Esse conteúdo me encanta, pois eu já atuo na área do ensino para crianças com deficiência e ele direciona uma Educação de qualidade para as mesmas. A partir de então, a defectologia se tornou o assunto central da minha dissertação de mestrado. Não tenho palavras para descrever o prazer em desenvolver a dissertação sobre um tema que eu tenho grande apreço, ao lado de uma orientadora maravilhosa.

Acredito que a sua vida seja bem corrida, com tantos conteúdos para aprender e para ensinar, com tantos trabalhos para corrigir,

com toda a preocupação com a família, amigos, acadêmicos, graduação, pós-graduação, entre outras. Entretanto, desejo que esta carta toque o seu coração e a sua mente como motivação para continuar seu empenho nessa linda profissão.

Lembre-se: “os desafios são grandes, mas você é maior ainda!” Dessa forma, aproveito a oportunidade de escrita dessa carta para agradecer a Prof^a Telma por todo conteúdo mediado nesse primeiro momento da disciplina e pela sua ética, respeito, responsabilidade, amizade, e compreensão comigo e com os colegas de classe.

Apesar da despedida nessa disciplina, tenho o prazer de continuar os estudos do mestrado sob sua orientação por mais um tempo, querida orientadora. Do TCC a dissertação, espero que possamos desenvolver um ótimo trabalho, assim como os anteriores. Aproveito também, para desejar às boas vindas à Prof^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, que está dando continuidade nessa trajetória de estudos, proporcionando momentos riquíssimos de discussões e reflexões sobre a educação.

Minha gratidão às gigantes, Prof^a Telma e Prof^a Ercília, por todo conhecimento compartilhado. Como Isaac Newton escrevia: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes” (Newton, 1676).

Abraços fraternos,

Maringá, 21 de julho de 2022.

Juliana Dias Breves

REFERÊNCIAS

BBC TV. **As borboletas de Zagorski. (Documentário)** Série os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michel Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992

VYGOTSKY, Lev. Semionovich. As emoções o seu desenvolvimento na infância. In: VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução. Claudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 79-106

VYGOTSKY, Lev. Semionovich. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da pessoa anormal. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

NEWTON, Isaac. **Trecho da Carta de Newton para Roberto Hooke**, 5 de fevereiro de 1676. Disponível em https://www.pensador.com/ombro_de_gigantes/. Acesso em 21 de julho de 2022

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE SER PROFESSORA E PESQUISADORA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS: PROJETOS E SONHOS ALCANÇADOS

Juliana Dias Breves¹

Querida Professora Ercília, responsável pela disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” — do Programa de pós-graduação em Educação — Universidade Estadual de Maringá.

Espero que esteja tudo bem com você!

Início esta carta expondo o quão maravilhosas foram as reflexões e as contribuições proporcionadas pela disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” do Programa de pós-graduação em Educação. Entrei no mestrado logo que terminei a graduação e fui muito bem acolhida pelas professoras e colegas de sala.

Com esse acolhimento foi criada uma relação mais próxima entre os discentes e docentes, e isso foi muito importante para otimizar o ensino e expandir as possibilidades para uma formação de qualidade. Nos sentimos pertencentes ao espaço e realizamos grandes reflexões acerca dos textos que foram indicados para leitura.

Eu sempre quis ser professora, a área da educação me encantava. No ensino fundamental I decidi que queria ser professora. No ensino fundamental II descobri que queria ser

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Educação Física. Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá (2021). Bacharelado pela UEM. Pós-graduanda em Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla pelo Centro Universitário UNIFAMMA. Pós-graduanda em Educação Física Escolar e atividades de recreação pelo Centro Universitário UNIFAMMA.

professora de Educação Física. No ensino médio descobri que queria estudar em uma instituição pública, gratuita e de qualidade. Próximo da minha colação de grau, descobri que meu sonho tinha se realizado.

Comecei a cursar Educação Física Licenciatura na Universidade Estadual de Maringá no ano de 2017. Foram anos de aprendizados, desafios, emoções e amizades. A princípio, eu tinha a perspectiva de atuar apenas na educação básica, mas a partir dos projetos de pesquisa, ensino e extensão, a universidade me apresentou uma gama de possibilidades de atuação e eu me apaixonei por uma delas: educação para pessoas com deficiência. Mais uma vez realizo meu sonho, trabalho na área da Educação Física para pessoas com deficiência, além de ter a oportunidade de desenvolver uma pesquisa no mestrado referente a essa população, com a orientação da querida Professora Telma. Com certeza, assim como outros estudantes, passei por grandes desafios para chegar até aqui, mas quando trabalhamos com o que amamos, sentimos motivação para sermos melhores a cada dia.

Professora Ercília, você é um exemplo para mim e com certeza para tantos outros estudantes. Nos apresentou parte da sua dissertação de mestrado, Paula (1994) com um amor e carinho sem igual, consegui ver o brilho nos seus olhos toda vez que exibiu suas filmagens das crianças na escola. E é exatamente dessa forma que, futuramente, eu quero lembrar do trabalho que hoje estou realizando, com carinho, com amor e com orgulho.

O que eu tenho a enfatizar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Ercília e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação PPE-UEM, é que apesar de ser prazeroso, ser professor exige determinado preparo físico, emocional e afetivo. Na sala de aula, somos seres humanos e também estamos lidando com seres humanos, providos de emoções e sentimentos, que por vezes, são expressados de formas boas e infelizmente ruins. Ao mesmo tempo em que estamos ensinando, também estamos aprendendo, criando e recriando.

Quanto mais experiências a pessoa vivenciar em sua infância, maior pode ser a sua capacidade criativa nas fases seguintes. Nesse sentido, destacamos a importância da educação de qualidade nas escolas. É necessário que a escola propicie diversas experiências aos seus alunos, para que eles ampliem suas atividades combinatórias cerebrais e possam construir uma gama de pensamentos.

A aprendizagem das crianças possui idas e vindas, em determinados momentos ela pode regredir e em outros ela continua avançando. Cabe aos professores identificar esses avanços e regressos e trabalhar da melhor forma possível, visando o desenvolvimento dos seus alunos. A partir dos estudos das teorias, somos capazes de compreender os fenômenos do nosso dia a dia, agradeço a professora por nos transmitir tanto conhecimento.

Sei o quanto a vida de professora é corrida, família, amigos, alunos, estudos, reuniões, aulas, entre outros. Tudo exige tempo e dedicação, e você consegue administrar suas ações de forma tranquila e ainda nos motivar a ser melhores a cada dia, com empatia e atenção até mesmo aos nossos problemas pessoais. Desejo que estas palavras toquem seus melhores sentimentos e sirva como motivação para continuar seu trabalho com amor e carinho.

Dizem que o verdadeiro (a) professor (a) inspira os alunos a aprender através do seu jeito de ensinar. A disciplina finaliza aqui, mas eu sigo inspirada a aprender cada dia mais! Dessa forma, encerro a escrita dessa carta agradecendo a Prof^a Ercília por todo conteúdo mediado nesse segundo momento da disciplina.

Abraços fraternos,

Maringá, 14 de setembro de 2022.

Juliana Dias Breves

REFERÊNCIA

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira. **Comida, diversão e arte?: o coletivo infantil em situação de alimentação na creche.** Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, USP, 1994.

CARTAS PEDAGÓGICAS COMO ADVENTO DA PERCEÇÃO INTRA E INTERPESSOAL DO SER PROFESSOR: CONSTRUINDO ESCOLHAS HUMANIZADORAS NA AÇÃO DOCENTE

Michely Milena Souza Nascimento¹

Querida Professora Telma Martineli, docente da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” — do Programa de pós-graduação em Educação — Universidade Estadual de Maringá.

Espero que a senhora e toda a sua família estejam bem.

É com muita honra e alegria que escrevo estas linhas, desde que a atividade da escrita da carta foi proposta tenho pensado o que deveria explicar... sendo diversas as possibilidades.

Ser aprovada no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá foi revigorante, para a minha vida profissional e pessoal, todo o processo foi recheado de emoções, expectativas e incertezas. Ter a palavra: aprovada ao término do processo foi emocionante. Em minha trajetória avaliativa o momento da entrevista foi decisivo e desafiador, nervosismo e ansiedade assolaram a minha explanação, contudo, a senhora que estava presente foi gentil, doce e “mestre”, em sua fiel tradução: *pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento em qualquer ciência ou arte*, trazendo calma e respeito à minha iniciante trajetória na pós-graduação.

Dessa maneira, dou início aos meus escritos justificando a escolha da disciplina. Desde que o horário e cronograma para as aulas foram disponibilizados o título *Aprendizagem, desenvolvimento*

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação (PPE/ UEM) – Paraná.

humano e implicações escolar nesses processos me chamou atenção tanto pela nomenclatura e relação com o projeto proposto quanto pelas docentes responsáveis, professora Telma que foi um acalento em minha entrevista e uma exímia estudiosa da Teoria Histórico Cultural e a Professora Ercilia Maria, doce, competente, com vasta experiência na Teoria e que desempenha uma ação humanitária eximamente com a Pedagogia Hospitalar, no qual não pude participar como integrante durante a graduação, mas admirava e torcia a favor. Ambas amparadas pelo objeto de estudo primordial para o desenvolvimento do meu projeto.

Em nossa pesquisa para o mestrado propomos estudar as proposições da Teoria Histórico Cultural sobre a brincadeira de papéis sociais a fim de contribuir com o trabalho do (a) professor (a) que atua na Educação Infantil, para que as práticas pedagógicas sejam humanizadoras. Desde a primeira aula no dia 19 de maio de 2022, senti que os estudos da disciplina fortaleceriam a pesquisa, de fato até o momento fortaleceu. Iniciamos com o texto “Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico” que trouxeram informações sobre a vida do expoente Vigotski bem como o contexto histórico político e social da época na qual a Teoria Histórico Cultural dera seus primeiros passos, trazendo à tona a importância do contexto vivido de um dos criadores da Teoria Histórico Cultural. Compreendendo a história compreende-se ricamente os motivos, objetivos, influências e relevâncias. Com o estudo do texto “O desenvolvimento do psiquismo” de Leontiev durante as suas aulas, discutimos sobre o processo de desenvolvimento humano voltado a cultura, ao trabalho, em suma, do processo de hominização e humanização do homem. O homem é um ser de natureza social, é pela interação que se aprimora, “o homem definitivamente formado possui todas as propriedades biológicas necessárias para seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado.” (LEONTIEV, 2004, p.291). Trazendo tais discussões para a nossa pesquisa, consideramos que a Educação Infantil apresenta um papel fundamental na formação integral do ser humano. Nesse sentido,

indagamos: O que a Teoria Histórico-Cultural versa sobre a brincadeira de papéis sociais? Quais as contribuições da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento das crianças? Como os professores podem realizar práticas pedagógicas humanizadoras que envolvam a brincadeira de papéis sociais? Sabemos que a brincadeira permite à criança o desenvolvimento de suas capacidades físicas, intelectuais, motoras, pessoais e interpessoais, ao experimentar e vivenciar diferentes situações na Educação Infantil. A brincadeira de papéis sociais é uma atividade-guia capaz de conduzir o desenvolvimento intelectual da criança na idade pré-escolar. Vivemos em um tempo pandêmico, o qual, as relações intrapessoais foram repensadas, ficamos com receio do toque, do abraço, do beijo, da interação física. Relações familiares foram estremecidas, balanços econômicos e sociais vieram à tona, morte, fome, desemprego, desumanidade... O elemento que nos dá a vida se tornou “vilão” ... o ar. Professora Telma, como ensinar e se desenvolver mediante essas adversidades? Pois bem, em suas aulas fomos convidados a repensar as práticas em sala, não podemos mais continuar a repassar e reforçar traumas e vícios, não devemos ser apáticos com o contexto, é preciso valorizar os conceitos cotidianos, as especificidades, para que a partir disso formemos conceito científico. Cada um traz consigo uma história...

E a brincadeira como mencionado é um recurso riquíssimo para alcançarmos os objetivos educacionais como vimos em “Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar” e “Cultura Corporal na Infância: Por que brincar na Educação Infantil?”, a criança passa a compreender a relação com os adultos e os objetos humanos, e pode desenvolver a personalidade, a responsabilidade, a consciência, bem como, representar as relações humanas que vivencia.

Vimos que em resumo o desenvolvimento do homem é relacionado ao meio em que vive, a cultura e a interação por meio de suas vivências, nesse sentido, o fator econômico interfere nesse processo? Infelizmente sim, a economicidade interfere ao acesso as

máximas elaborações humanas, as crianças periféricas não obtêm do mesmo acesso que as crianças ricas, é na escola por intermédio da prática do (a) professor (a) e dos recursos didáticos que a possibilidade da arte se fazer presente na vida dos pequenos existe. A arte sensibiliza e permite ao sujeito senso crítico, que auxilia na atuação, aperfeiçoamento social e domínio interpessoal.

Também, ressalto a contribuição dos seus ensinamentos, professora Telma, ao meu desenvolvimento pessoal, venho de uma família simples, cristã e vinda das periferias do Estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sou a primeira neta, filha, sobrinha e prima a se formar em uma Universidade Estadual e agora mestranda. Durante as aulas, com as discussões fiz associações a minha formação e resistência em estudar, quando o mais cômodo era parar. É preciso estarmos em ATIVIDADE, ela transforma, coloca o homem em movimento com o objetivo primeiro de satisfazer suas necessidades, também de aperfeiçoamento e como protagonista da sua história. “A criatura humana aguenta tudo: é o principal defeito que tem. Pode prestar-se a uma porção de coisas. E é muito difícil de destruir.” - Bertolt Brecht

Abraços de gratidão, amor e respeito, de uma tarde de inverno aconchegante e agradável.

Maringá, 20 de julho de 2022,

Michelly Milena Souza Nascimento

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL Fernando. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5464/3021>. Acesso em: 17/05/2022.

GÓES, G. F. de; MARTINELLI, T. A. P.; ALMEIDA, E. M. de. Cultura Corporal na Infância: Por que brincar na Educação Infantil? **Revista Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 15, 2019.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.), **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Moraes, 2006.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 279-302.

LIMA, Cárta Portilho; SEKKEL, Marie Claire. A promoção da atividade de estudo: repercussões para a organização do ensino. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 22, Número 2, 2018, p. 403-411.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO DOS(AS) PROFESSORES(AS) EM SUAS ATIVIDADES, MOVIMENTOS, ESCOLHAS E RESPEITO AOS OUTROS

Michely Milena Souza Nascimento¹

Querida Professora Ercilia Maria de Paula, docente da pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” — do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Desejo do meu coração que esteja bem e feliz.

Gostaria de iniciar estas linhas com o verso do clássico *Pequeno Príncipe* “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, a senhora como docente de um Programa de pós-graduação de uma Universidade Pública em uma cidade, em regra, elitizada, cativou os seus alunos, nos ouviu, acolheu, tocou, indagou, promoveu, entre outras palavras que passaria laudas e laudas, falando...

Em minha primeira carta discorri sobre as minhas expectativas com a disciplina e contribuição com a minha pesquisa e posso dizer que com certeza nossos estudos por todo o semestre foram encantadores e incentivadores, de fato contribuiu. Em nosso primeiro encontro, conhecemos a senhora... doce, encantadora e com a proposta de cartas pedagógicas, naquele momento me senti acolhida e abraçada, sua exposição foi doce e revigorante ao propor uma carta em agradecimento a professora Telma Martineli, sua companheira de disciplina, ali vi o quanto seria empática nossos estudos e, foi...

Iniciamos nossos estudos com os textos, mediação simbólica e pensamento e linguagem do livro *Vygotsky Aprendizado e*

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação (PPE/ UEM) – Paraná.

desenvolvimento Um processo sócio-histórico da autora Marta Kohl de Oliveira, tecendo reflexões acerca de: o que aprendemos sozinhos e o que aprendemos com os outros desde o nascimento? Trazendo as reflexões de que o desenvolvimento humano tem uma dimensão social. O homem constitui-se como um ser na sua relação com o outro; a cultura molda o funcionamento psicológico do homem. As Funções Psicológicas Superiores (FPS) são adquiridas ao longo da história, fortalecendo os conhecimentos que obtemos com a condução da professora Telma Martineli, integralizando e amarrando as reflexões quanto a nossa pesquisa sobre a brincadeira de papéis sociais, na qual a criança brincando se desenvolve como um SER SOCIAL, inicia sua trajetória como protagonista. Também consideramos os instrumentos, elementos que possibilitam as transformações na natureza, condutores da influência humana sobre o objeto da atividade e os signos: forma de auxílio, elementos que auxiliam na execução da atividade, representam ou apresentam outros objetos, a brincadeira é um agente de desenvolvimento das FPS.

O quão são necessárias essas discussões nos dias atuais... educadores são condicionados a impender metas, na rotina corrida do dia a dia cumprem protocolos e agenda, acabam desfocando dos detalhes, da sistematização do ensino, da valorização do tempo de qualidade, todo o tempo da criança na escola é pedagógico. Para exemplificar a senhora, professora Ercilia Maria, foi solidária e competente ao compartilhar conosco a condução dos professores da Educação Infantil na rotina e trato com os alunos, embasadas em seu trabalho de dissertação, a alimentação na creche (termo utilizado no trabalho). Fundamentadas no texto: “Comida, Diversão e Arte?: o coletivo infantil no almoço da creche”, texto advindo da sua dissertação de mestrado.

Daí fomos trilhando caminhos quanto a aprendizagem escolar da criança chegando a Wenry Wallon e o movimento, como isso tocou em meus estudos, somos em uma quantia considerável apáticos com esse cuidado em sala, falo embasado em minha vivência profissional... fiquem quietos, sentem-se, não corram, quem estiver mais quietinho...

são frases comuns nas ações didáticas. Como se desenvolver extasiado, sem expressão, condicionado? No texto a questão do movimento no cotidiano de uma pré-escola da autora Izabel, discutimos sobre o motor que auxilia no nosso desenvolvimento, levando a discussão de que a atenção não é estática, pelo menos não deveria ser... criança precisa se mexer, brincar! A condução da educação, principalmente, atual acaba trabalhando com a pobreza postural (métodos de ensino engessados). O ato motor faz a costura do plano cognitivo e efetivo, a motricidade não está dissociada do funcionamento da pessoa e da personalidade. O (a) professor (a) precisa elevar esses aspectos na hora de ensinar para não submeter os alunos a uma ditadura postural. Afinal, quais cidadãos queremos formar?

Há estágios de desenvolvimento, neles possibilidades de intervenções e ações didáticas, dentre todos os métodos a brincadeira se fortalece, contudo, o ensino deve ser organizado: espaço, planejamento e relação professor-aluno, entre o docente e a criança não há NADA de empecilho, está ali, na interação... o que os une são as ESCOLHAS do professor... por isso, necessitamos rever nossas práticas.

Em nossa pesquisa sobre a contribuição da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento da criança e possibilidade de prática pedagógica para o (a) professor (a) de Educação Infantil consideramos a imaginação e criação como fatores principais de desenvolvimento e possibilidades de HUMANIZAÇÃO, durante todo o percurso na disciplina isso foi fortalecido, temos que permitir SEREM crianças, o movimento, o desenho a brincadeira são instrumentos de ensino. Está na hora do (a) professor (a) entender que a educação é puramente simples, não necessitamos somente de jogos caros, recursos mirabolantes, tecnologia, para ensinar. Devemos fazer uma escolha... enxergar o (a) aluno (a) e possibilitar que seja CRIANÇA em todo o processo, precisamos de boa vontade, uma sala de aula e CONHECIMENTO.

Retomo a indagação, afinal, quais cidadãos queremos formar? Processos seriados, rotina desumana, recursos de ensino mirabolantes,

estafa profissional, portfólios de trimestres, exposições, apresentações escolares... trabalhamos em sala para que essas metas sejam alcançadas para justificar a estadia do (a) aluno (a)em sala. E será que era assim há 20 ou 30 anos atrás? Sim! Só alteramos vestimentas, informações, *layout* e a tecnologia que agora se faz mais presente... Nossos professores foram ensinados assim, formam os alunos assim... é um ciclo vicioso de “faz de conta” educacional, no qual a quantidade está em pauta. Respondendo, queremos formar a conformidade, a competição, colecionando estafas mentais e comodismo, se não estamos bem nem conosco professores, como ensinaremos outros seres a serem protagonistas das suas histórias?

Na obra: *Imaginação e Criação na Infância* de Vigotski apresentação de Ana Luiza Smolka e tradução de Zoia Prestes, no qual foi discutido o conceito de atividade criadora, discorrendo sobre a capacidade criativa humana, é isso somos imensamente capazes. Em nossas aulas professora Ercilia, a senhora, por intermédio dos estudos da abordagem walloniana, demonstrou que a aprendizagem está no alcance e no respeito a quem nós somos, demonstrou a simplicidade do ensinar é somente sistematizar e proporcionar, todo momento importa. Parece simples ao falar, mas como o fazer, se...no Brasil, a globalização, consumo, preconceito, competitividade são dores diárias, ser professor no Brasil não é uma tarefa fácil, mas, as crianças estão aí, vão à escola e devemos proporcionar em toda a sua estadia o melhor do que pudermos. Devemos discutir sobre representatividade, protagonismos, consciência de classe, EMPATIA.

Espero ser entendida em minhas linhas de desabafo, tentei transmitir meus sentimentos enquanto educadora, parece fácil ao falar, mas como fazer? É somente proporcionar, mas como? Professora Ercilia Maria e Telma Martineli consegui responder as minhas perguntas enquanto pesquisadora iniciante, a disciplina demonstrou a importância de se discutir a aprendizagem do (a) aluno (a)por intermédio da atuação docente e máximas elaborações humanas, do cuidado ao ensinar, do proporcionar, principalmente,

das nossas ESCOLHAS... É urgente repensarmos a nossa prática para promover desenvolvimento. Respondo até aqui todas as minhas indagações iniciais e crio inúmeras outras para que o constante aperfeiçoamento me acompanhe em minha trajetória para que eu seja PROTAGONISTA da minha história.

Contudo, tenham a CERTEZA de que me fizeram ter ainda mais vontade de seguir em frente em proporcionar, com tudo o que tenho, com conhecimento e amor ao outro.

Cativaram a comprovação, em uma estudante do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, profissional e pessoal eternamente e serão responsáveis... Gratidão a todos os conhecimentos compartilhados e a ESCOLHA de nos ensinarem a sermos PROTAGONISTAS, levo comigo as palavras: ATIVIDADE, MOVIMENTO, ESCOLHA, PROPORCIONAR, RESPEITO E OUTRO de maneira diferente a partir da disciplina "Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos".

Finalizo dizendo: "Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós". – Antoine de Saint-Exupéry.

Até a próxima...

Com carinho, respeito e amor.

Maringá, 14 de setembro de 2022 (a 7 dias da estação mais linda do ano, a primavera... que com ela esperamos que floresça o amor ao outro e dias melhores)

Michelly Milena Souza Nascimento

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. In. PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na

educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53.

GALVÃO, Isabel. **O desenho na pré-escola.** O olhar e as expectativas do professor. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_14_p053-061_c.pdf

GALVÃO, Isabel. **Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira, LEIRO, Augusto Cesar Rios Leiro. Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire. **Revista Cocar.** V.15 N.33/2021 p.1-21 ISSN: 2237-0315

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (org). **A criança e o seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil.** 5ª edição, São Paulo: Cortez, 2012, p 92-113.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. **Comida, diversão e arte?:** o coletivo infantil em situação de alimentação na creche. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1994.

GIROTO, Giovani. Xenofobia e racismo no brasil: a educação social como combate ao preconceito e preservação da saúde mental. In: **Colóquio Internacional de Direitos Humanos, Política e Memória,** 13 a 14 de junho de 2019, UEM, Maringá, p. 305 - 317.

VYGOTSKY, L. S. As emoções o seu desenvolvimento na infância. In: VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** Tradução Claudia Berliner. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 79-106. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4944243/mod_resource/content/1/ Acesso em 11 de maio de 2022.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE PERSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Naira Natiéli de Araujo Novello¹

O que tenho a contar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Telma e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação PPE/UEM

Queridas professoras Dr^{as} Telma Adriana Pacifico Martineli e Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula e leitores

Tudo bem com vocês? Espero que estejam bem.

Me debruço na escrita dessa carta pedagógica, a fim de apresentar uma parte da aprendizagem e experiência vivida nas aulas de pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolar nesses processos” do programa de pós-graduação em Educação – Universidade Estadual de Maringá-UEM. Pretendo destacar informações que acredito serem imprescindíveis para a formação do conhecimento científico de qualquer profissional, que se volta para compreender o ensino-aprendizado, utilizando Lev Vygotsky (1989,2009), Piaget (1999) e Wallon (1971) como percursos para compreender como ocorre o ensino e aprendizado das crianças. Visto que ambos, apesar de terem teorias distintas, defendem que a relação social é determinante no desenvolvimento humano.

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá - Paraná (2016); Pós-graduada em Gestão Escolar (2016), Educação Especial em Deficiência Intelectual (2016), Neuropsicopedagogia (2017), Psicomotricidade (2021) e cursando Neurociência (2022) pela Faculdade Campos Elíseos de São Paulo. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual de Maringá - Paraná (2018).

Confesso que escrever uma carta pedagógica, não é algo simples, contudo, é um processo extremamente prazeroso, visto que possibilita o leitor conhecer um pouco sobre quem escreve, e possui uma linguagem acessível e dinâmica, contendo muita informação científica e com significado. Dito isso, gostaria de expor um pouco sobre minha trajetória profissional até o mestrado de educação da Universidade Estadual de Maringá.

Atualmente sou aluna regular do mestrado da UEM e professora regente no município de Ourizona-PR, residindo no município vizinho São Jorge do Ivaí-PR. Em meu tempo de escola sempre desejei ter uma profissão que me possibilitasse contribuir para a construção social do meu País, e após muito pensar optei por cursar pedagogia, já que o (a) professor (a) é capaz de moldar as mentes e corações de muitos indivíduos, transmitindo conhecimentos que tende a possibilitar o pensamento crítico e autônomo. Nessa época eu já sabia que é pela educação que podemos ter uma sociedade mais justa e igualitária.

Após muito estudo, consegui ser aprovado em pedagogia pela minha amada Universidade Estadual de Maringá, devo ressaltar que nunca fiz vestibular para outras instituições, pois meu objetivo sempre foi a UEM, devido a qualidade de seu ensino, após concluir a graduação continuei estudando, tendo atualmente cinco especializações, incluindo a Psicopedagogia Clínica e Institucional realizada na UEM.

Em minha época de escola regular, era considerada uma criança com problemas de aprendizagem, o que descobri na graduação que não era verdade, afirmo isso, porque ao estudar as teorias de Vygotsky, Piaget e Wallon, entendi que a metodologia é que não contribuía para as minhas necessidades, tanto que atualmente tenho me destacado como profissional, e muitas vezes me pego a refletir que se eu tivesse acreditado no “rótulo” que colocaram em meu desenvolvimento, provavelmente eu não estaria aqui escrevendo para vocês. Visto como estes autores colaboraram para minha compreensão do processo de construção da

aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, irei pontuar algumas considerações relevantes sobre a teoria de cada um, no qual foi discutido nas aulas do mestrado pelas ilustríssimas professoras Dras. Telma Adriana Pacifico Martineli e Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula.

A turma de pós-graduação é bem diversificada e revela verdadeiros diamantes na área de educação, o que contribuiu significativamente nas discussões sobre os textos estudados, os preenchendo de experiências e significados. A professora Telma foi excepcional em suas aulas, trazendo informações que ainda não tinha o conhecimento e que fez toda a diferença para me aprofundar na teoria histórico-cultural de Lev Semenovich Vygotsky, bem como a professora Ercilia que prossegui com os estudos, e acrescentou outras referências, incluindo a teoria de Jean Piaget (1999) estudada por La Taile (1992) e Henri Paul Hyacinthe Wallon, descrita por Dantas (1992) nos orientado para a produção científica em Cartas Pedagógicas fundamentadas em Paulo e Dickmann (2020).

A primeira consideração que devemos ter é que Vygotsky foi um estudioso excepcional. Sua infância foi estimulada pelos seus pais, que acreditavam que somente pela educação e pesquisa ele conseguiria ter uma vida boa e segura. Durante sua vida acadêmica ele se voltou para a psicologia, filosofia e a literatura. Vygotsky foi professor e teve contato com crianças deficientes, o que levou ele a buscar conhecimento e meios de ajudar o aprendizado e desenvolvimento delas. Ele também enfrentou um longo período de guerras e revoluções que deixariam qualquer pessoa desanimada e desmotivada, no entanto, se utilizou de pesquisa e reflexões com outros estudiosos para sanar o analfabetismo que havia assolado o país.

Assim, sua teoria denominada histórico-cultural começou a ganhar contornos, baseando-se principalmente nas ideias marxistas e construindo relações e contradições entre essa e outras teorias da época.

A ideia principal da teoria de Vygotsky é que o desenvolvimento se dá por meio da convivência social e uso dos instrumentos culturais, ele defende que as crianças nascem com funções psicológicas elementares, e com as experiências adquiridas e o aprendizado da cultura essas se elevam para as funções psicológicas superiores (FPS), que são funções mais elaboradas e abstratas do desenvolvimento humano, sendo elas: memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção.

Em nossos estudos, evidenciou-se a diferença entre o homem e o animal, comprovando que o homem é capaz de utilizar e modificar a natureza para atender as suas necessidades, e toda essa construção não é algo hereditário, mas cultural e sendo ensinado para as gerações mais novas. Este ensino acontece de diferentes maneiras, uma delas é pela imitação que permite que as crianças consigam realizar ações que ainda não compreendem, mas as reconhecem como algo social e humano.

A aprendizagem no ser humano é algo ilimitado, onde ele pode ressignificar e criar novos conhecimentos. Contudo, para que isso aconteça é importante promover condições que permitam que a criança aprenda com significado e tenha consciência do ensinado. E esses são termos que consegui distinguir nas aulas da professora Telma que relatou que o Significado é algo que a criança compreende e faz com a mediação do professor, direcionando-a para o processo da Consciência que é algo que a criança compreende e faz sozinha.

De acordo com a teoria histórico-cultural o desenvolvimento vem a partir da aprendizagem estando estes dois ligados entre si. A maturação da criança é algo importante, visto que o próprio desenvolvimento do conceito espontâneo deve atingir o nível esperado para realizar certas habilidades. Um exemplo bem ilustrativo seria a impossibilidade de uma criança de dois anos iniciar uma escrita de letras legíveis, tendo em vista que seus ossos e articulações de suas mãos ainda não estão completamente

formados, dificultando a pegada e mobilidade do lápis e isso se aplica também a questões cognitivas.

A aprendizagem acontece muito antes da escola, iniciando já nos primeiros dias de vida, pois as relações que a criança tem com o outro e o meio transmite um aprendizado espontâneo que gera um desenvolvimento no indivíduo, que ao ingressar na instituição escolar, depara-se com inúmeras outras influências e aprendizagem mais científicas, ressignificando o que já conhece e criando novos conceitos e habilidades.

Vygotsky traz em sua teoria três zonas de desenvolvimento da criança, que permeia todo o seu estudo, e pelo qual sou apaixonada desde a graduação quando tive o primeiro contato.

No processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, existe o Nível de Desenvolvimento Real (NDR) que denomina a capacidade da criança fazer e compreender algo sem o auxílio de um adulto. Depois temos a Zona de Desenvolvimento Potencial/Iminente (ZDP) que é quando a criança necessita de ajuda ou cooperação de outros para realizar a ação solicitada, não conseguindo fazer sozinha. E no meio destas duas, temos a terceira que é o Nível de Desenvolvimento Proximal (NDP) considerado como o intermediário do Potencial para o Real.

Vygotsky traz, que a aprendizagem e desenvolvimento da criança acontece a todo o momento, onde até as brincadeiras não são instintivas, elas são uma reprodução das experiências vividas e estão repletas de significados e consciência, e o (a) professor (a) deve saber fazer uso do que a criança traz no seu Real para poder avançar com a aprendizagem na Zona de Desenvolvimento Potencial/Iminente, havendo assim um apropriação da habilidade esperada.

Confesso que não é algo fácil, visto que cada criança tem sua particularidade e o mesmo conceito pode ser assimilado de formas distintas, se fazendo necessário um olhar sensível diante de todo o contexto social, familiar e orgânico de cada criança. Ministrando aulas que elas consigam fazer relações e distinguir a finalidade, de

forma lúdica, concreta e sendo uma experiência enriquecedora e possibilitadora de interação social.

Assim como já mencionado acima, para Vygotsky a aprendizagem leva ao desenvolvimento. Todavia, quando voltamos a teoria de Piaget, denominada de Epistemologia Genética, tendo ele uma abordagem construtivista, a ordem do processo de desenvolvimento é invertida, declarando que é necessária uma maturação orgânica para que a criança alcance a aprendizagem pela qual será submetida, assim primeiro ela se desenvolve para poder ter condições de aprender.

De acordo com Piaget, o desenvolvimento do sujeito percorre por quatro etapas, sendo elas a sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7 anos), operatório-concreta (7-11 anos) e operatório-formal (a partir dos 13 anos). O indivíduo passa por cada etapa, seguindo sua ordem cronológica, e uma vez desenvolvida a capacidade mental da fase, ela não recrudescerá, seus estudos são permeados pela gênese da inteligência, voltando para o pensamento lógico e do intelecto em si. Piaget é um psicólogo, biólogo e filósofo, que nasceu em Neuchâtel, Suíça e elaborou um instrumento que mede a inteligência humana que são utilizados até hoje, tendo sofrido algumas modificações.

Em sua teoria, declara que para que haja o desenvolvimento cognitivo do sujeito, se faz necessário os seguintes fatores: maturação, integração social, maturação ativa e equilíbrio. Piaget revela que o desenvolvimento cognitivo, ocorre pelo movimento constante de desequilíbrio e equilíbrio do sujeito, ou seja, a pessoa está em um estado de equilíbrio, até o momento que algo novo surge, gerando um desequilíbrio, levando o indivíduo a se organizar e adaptar (assimilar e acomodar) para voltar ao movimento de equilíbrio, ocasionado a aprendizagem, permitindo que o novo se integre ao estágio anterior.

Para ele o desenvolvimento moral não pode ser aprendido pelo outro, e sim experienciado pelo sujeito, acentuado a importância da interação social. O que nos leva a visualizar que tanto Piaget, quanto

Vygotsky e Wallon, defendem a importância da interação social, todavia, cada um possui particularidades, no caso de Piaget, é pela interação social que o sujeito irá se desenvolver levando em consideração sua maturação orgânica e só depois ocorrerá a aprendizagem, sendo ela um processo gradual, mais restrito e gerado por situações específicas. Já para Vygotsky, a interação social promove a aprendizagem que proporciona o desenvolvimento do indivíduo, e ambas caminham juntas. Para Wallon a criança é um ser social desde o seu nascimento, assim a interação social é de extrema importância para o desenvolvimento do indivíduo, ele assim como Piaget e Vygotsky destaca a imitação como uma função essencial para a construção do conhecimento do sujeito.

Antes de finalizar minha fala sobre Piaget devo destacar um de seus conceitos que aprecio, que é o “aprender a aprender”, visto que atualmente tem-se discutido sobre essa frase nas instituições de ensino, pois nossas crianças estão apresentando muitas dificuldades escolares, levando o (a) professor (a) a refletir sobre métodos e metodologias mais eficazes para atender as necessidades individuais de cada aluno. O que me leva a mencionar qual o papel do (a) professor (a) na visão de cada teoria mencionada nesta carta. Para Piaget o (a) professor (a) é um facilitador da aprendizagem, diferente da concepção de Vygotsky, que defende que o (a) professor (a) é um mediador do conhecimento e Wallon declara que o (a) professor (a) é um fortalecedor de vínculos, trabalhando a confiança dos alunos e promovendo o conteúdo de modo prazeroso e afetivo.

Wallon foi um psicólogo, filósofo, médico e político, nasceu em Paris, França e desenvolveu a teoria intitulada de Psicogênese da Pessoa Completa, tendo uma abordagem sócio interacionista, afirma que, a aprendizagem da criança ocorre de acordo com a motricidade e a afetividade, desta forma, ele nos leva a refletir sobre como as emoções influenciam diretamente na aprendizagem das crianças e na construção de sua personalidade. Wallon crítica o ensino tradicional, fazendo parte do movimento da Escola Nova, todavia ele acaba por adotar o método do materialismo dialético, para

analisar e fundamentar sua teoria psicológica, defendendo que o desenvolvimento humano envolve a afetividade, a motricidade e a inteligência, sendo o sujeito um ser social, buscando assim compreender a gênese do ser humano.

Ele também atribui estágios para o desenvolvimento humano, sendo elas o estágio impulsivo-emocional (0-1 anos), estágio sensório-motor e projetivo (1-3 anos), estágio do personalismo (3-6 anos), estágio categorial (6-12 anos) e o estágio da adolescência. Para ele a emoção tem um papel central no desenvolvimento do indivíduo, e a sala de aula deve promover um espaço gerador, de emoções, sentimentos e sensações, possibilitando a troca de papéis. É através das emoções que a criança faz comunicação e a interação com os indivíduos, contribuindo para o seu desenvolvimento completo e possibilitando a formação de sujeitos mais participativos, ativos, pensantes e independentes.

Wallon traz a motricidade relacionado-a ao plano do afetivo e cognitivo, assim o ato motor leva ao ato mental. Ele afirma que o desenvolvimento do sujeito ocorre na interação da criança com o meio, numa relação complementar entre fatores orgânicos e socioculturais. Desta forma a teoria de Wallon tem ganhado cada vez mais adeptos, visto que atualmente estamos passando por um período de ansiedade, depressão e estresse, atingindo até as crianças da educação infantil, no qual o (a) professor (a) deve ter esse olhar voltado para o afetivo e motor de cada aluno, levando em consideração seu social, emocional e cognitivo.

Infelizmente, não tem como eu me estender sobre tudo o que foi discutido em aula, mas acredito ter mencionado o que mais me chamou a atenção e a essência da teoria de Vygotsky, Piaget e Wallon. Não tenho palavras para agradecer as professoras Telma e Ercilia, que com seu vasto conhecimento, paciência e didática, conseguiram transmitir uma nova visão sobre a vida e pesquisa desses teóricos, bem como, a de outros teóricos importantes da época, as professoras nos apresentaram matérias excepcionais, suas aulas foram leves, divertidas e repletas de informações que fizeram a diferença na minha

vida acadêmica e profissional. Desde já, sou grata pelo comprometimento e carinho das professoras Telma e Ercília.

Muito obrigada e um grande e afetuoso abraço.

Maringá, 12 de setembro de 2022.

Naira Natiéli de Araujo Novello

REFERÊNCIAS

DANTAS, Heloisa. Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência. In **Piaget, Vygotsky e WALLON: Teoria psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Summus, 1992, p. 35-46.

LA TAILLE, Yves. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves, OLIVEIRA, Marta Kohl, DANTAS, Heloisa, **Piaget, Vygotsky e WALLON: Teoria psicogenéticas em discussão**. São Paulo, Summus, 1992, p. 11- 22.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D Amorim e Paulo Sergio Lima Silva, 24 edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

VYGOTSKY, L. S. (2009). **Imaginação e criação na infância**. A. M. B. Smolka, Trad. São Paulo: Ática.

VYGOTSKY, L. S. (1989). **Pensamento e linguagem**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. Trad. Pedro da Silva Dantas, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1971.

CARTA PEDAGÓGICA: ENTRE ENSINAMENTOS, DORES E AFETOS

Nathaly Cristina Fernandes¹

Querida professora Telma

Como está? Eu estou bem, contente com as aulas que tivemos, foram muito importantes para nossa formação, por meio delas conseguimos ouvir, assimilar e discutir sobre teorias e autores importantes na área do desenvolvimento humano.

Foi ali também, nas quintas de manhã, de maneira remota e também presencial que conseguimos nos conectar uns com os outros, debatendo, interagindo e compartilhando que desenvolvemos discussões importantes, levantamentos necessários, questionamentos críticos, compartilhando angústias, medos e indignações, mas também acolhendo e sendo acolhidos a cada situação vivenciada que era contada a sala.

Nossas discussões perpassaram pela história, aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações da educação escolar em todo esse processo. Foi ali na aula, que chegávamos quinta de manhã sentindo o friozinho do inverno, e saíamos aquecidos com o calor do afeto e do conhecimento adquirido.

Com certeza da próxima vez que escutarmos os nomes Vygotsky e Leontiev nossa memória irá nos remeter a nossas aulas. Lembraremos também de Piaget na próxima vez que alguém disser que a fase de desenvolvimento da criança é determinada apenas pela idade, e nesse caso iremos explicar que na verdade ocorre o

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Jandaia do Sul - FAFIJAN. Participa como membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais - GPEMEC.

contrário, que a passagem de um estágio a outro depende do seu conteúdo, que mudam de acordo com as condições históricas.

Conseguiremos discutir sobre conceitos espontâneos e científicos, que para a criança atingir outro nível, para assimilar o que são os conceitos científicos ela precisa desenvolver primeiro os conceitos espontâneos.

As aulas passaram rápido, você também tem essa impressão, professora?

Mas mesmo com o tempo que tivemos, aprendemos muitas coisas, sobre a teoria histórico-cultural, sobre o desenvolvimento do psiquismo da criança, os estágios de desenvolvimento, que a tomada de consciência e arbitrariedade atuam na zona de desenvolvimento imediato, que a criança tem um estágio de desenvolvimento dominante, mas que para chegar nele passa por crises que o levam a saltos qualitativos, que cada atividade requer um motivo, o que logo nos remete a ação e a operação.

Não teríamos aprendido isso e muito mais, se não fosse pela sua disposição, dedicação, desempenho, comprometimento, interação, paciência, preocupação, adaptação, empatia, boa comunicação e condução.

- Disposição: em ter aceitado ministrar a disciplina com a professora Ercília.

- Dedicação: em nos explicar de diversas formas os conteúdos que muitas vezes era mais denso.

- Desempenho: em conseguir manejar o conteúdo que precisávamos, dentro do tempo que tínhamos, focando nos aspectos mais importantes.

- Comprometimento: em pesquisar, ler, resumir e passar o conteúdo para que tivéssemos a compreensão de cada conceito.

- Interação: em se comunicar conosco durante as aulas, provocando nossa participação.

- Paciência: em tirar as dúvidas, em respeitar o tempo da assimilação do conteúdo de cada um.

- Preocupação: em sempre buscar se atentar às necessidades individuais de cada aluno, em ter certeza que compreendemos e que não resta mais nenhuma dúvida do conteúdo.

- Adaptação: em conseguir adaptar a aula para o remoto quando necessário e nas exposições das aulas presenciais. Sabendo lidar com os desafios de cada modalidade.

- Empatia: em compreender as especificidades de cada aluno.

- Boa comunicação: emitindo da melhor forma os conteúdos.

- Boa condução: utilizando de diversos recursos para que assimilássemos os conteúdos, com texto, slide, vídeo, filme.

Como sou da psicologia minha escolha geralmente era ouvir e aprender com vocês, professores. Assim eu consegui aprender muito mais, com a teoria estudada e também com os exemplos trazidos pelos demais. Então, professora Telma se passou pela sua cabeça em algum momento a indagação de “por que será fulana é tão quieta? Por que não interage tanto? Será que está conseguindo acompanhar? Será que tem dúvidas?”. Agora tem suas respostas, pode ficar tranquila que todos nós aprendemos em sua aula.

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 25). Nesse sentido todos entramos na disciplina de uma forma e saímos de outra, melhores, desconstruímos e reconstruímos determinadas questões.

Sei que os tempos que temos vivido em nosso país nos últimos anos tem sido desesperançoso em diversos pontos, espero que nossas cartas possam te trazer alegria e esperança de alguma forma, para que continue seguindo forte, ensinando outras turmas, passando seu conhecimento, ouvindo e compartilhando.

Geralmente os alunos saem marcados pelos professores que têm e pelas disciplinas que fazem em toda trajetória de vida, alguns marcam positivamente e outros negativamente, a você minha

gratidão e respeito. Lembraremos da disciplina com muita consideração.

Sabemos que professores são importantíssimos na vida de cada pessoa, de como seus ensinamentos ultrapassam as salas de aulas e acompanham o (a) aluno (a) durante toda sua vida. Em minha opinião a profissão mais linda, que infelizmente não tem ainda o reconhecimento que merece.

- Obrigada pelas horas dedicadas, pelos conteúdos aprendidos, pelas reflexões provocadas.

- Obrigada por ter nos passado aprendizados mesmo com todos obstáculos que apareceram nesse percurso.

- Obrigada pela contribuição em minha formação.

- Obrigada pelas aulas, pela competência, pela didática, as trocas foram muito ricas.

Um afetuoso abraço e até breve

Maringá, 21 de julho de 2022

Nathaly Cristina Fernandes

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL Fernando. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016.

FACCI, MARILDA GONÇALVES DIAS. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, p. 279-302, 2004.

VIGOTSKI, I. S. Desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na idade escolar. In: **VIGOTSKI, I. S. Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, p. 517-547, 2004.

CARTA PEDAGÓGICA: ROMPENDO SILÊNCIOS E PRODUZINDO TRANSFORMAÇÕES

Nathaly Cristina Fernandes¹

Querida professora Ercília, como está?

Espero que bem, por aqui muita correria e melancolia, após o encerramento da disciplina, foram muitos aprendizados adquiridos. Assim como vimos em sala de aula a palavra saber e sabor são provenientes da mesma palavra no latim, o que nos leva a diversas comparações, pois sentimos fome de conhecimento e devoramos informações, degustando daquilo que estamos provando, do texto que estamos vendo, da teoria que estamos nos debruçando, por aqui sigo digerindo tudo que estudamos.

Sempre digo que primeiro me apaixonei pela docência e só depois pela psicologia, lá no primeiro ano da graduação enquanto assistia às aulas dos professores, foi onde decidi que queria fazer o mestrado, e desde lá vim me dedicando a isso, pesquisando sobre questões de gênero, raça e sexualidade, fiz dois projetos de iniciação científica, um intitulado "Os impactos psicológicos do racismo na infância" (2017) e outro "Branquitude: uma reflexão sobre privilégios" (2019). A cada evento científico assistido, resumo e texto completo publicado, comunicação oral apresentada ia crescendo cada vez mais meu amor e comprometimento com a produção de conhecimento.

Durante toda minha trajetória acadêmica, busquei ir a congressos, simpósios, etc, sempre estudando além do que estava

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Jandaia do Sul - FAFIJAN. Participa como membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais - GPEMEC.

previsto na agenda acadêmica da graduação, conciliando trabalho, estágios, estudos, apesar de muitos privilégios, não foi fácil. Todo meu empenho não valeria de nada se não fosse pelo esforço dos meus pais em investir na minha educação e da minha irmã, a eles todo meu amor, respeito e gratidão.

Infelizmente pessoas negras e pardas seguem sendo os primeiros de suas famílias a concluir o ensino médio, a terem acesso ao ensino superior, fazer uma pós-graduação sempre foi uma de minhas vontades, torço e trabalho para que outros dos meus tenham também essa oportunidade, que muitas vezes é nos passado pela sociedade como se para chegar lá bastasse apenas esforço, sabemos bem sobre a falácia da meritocracia.

No mestrado tenho como objetivo estudar o lugar da produção de conhecimento de intelectuais negras no espaço acadêmico, que partiu de diversas inquietações, entre elas o fato de que em minhas vivências na academia, não tive contato com intelectuais negras em meu currículo acadêmico, sendo emergente interrogar e pesquisar sobre quais saberes vem sendo legitimados e quais vem sendo excluídos.

No decorrer das aulas aprendemos muito, tanto com as leituras obrigatórias e complementares da disciplina, e também com as discussões que cada tema nos levou. Sinto que ali na aula todos nós nos tornamos mais humanos, entramos em contato com questões que são importantes e que na correria do dia a dia muitas vezes deixamos de lado.

As qualidades que citei na carta da professora Telma também se aplicam a você, não colocarei aqui novamente para não ficar repetitivo, mas só para complementar gostaria de falar um pouco sobre algumas outras palavras que essa disciplina representou para mim: sensibilidade, cuidado, preocupação, comprometimento, organização e afetividade.

- Sensibilidade e cuidado: Aprendemos com sua sensibilidade e empatia frente às especificidades e condições de cada aluno.

- Preocupação: ao saber se todos estavam compreendendo, perguntando se tínhamos sugestões a fazer sobre a aula.
- Comprometimento: com a aprendizagem e assimilação do conteúdo
- Organização: com todos os textos, slides, vídeos que trabalhou em sala
- Afetividade: com sua simpatia os vínculos afetivos foram sendo criados e mantidos.

Aprendemos muito sobre a abordagem sócio interacionista de Henri Wallon, sobre os estágios de desenvolvimento que são dinâmicos, que as crianças se apropriam da cultura e também modificam a mesma. Que as pessoas constroem suas funções psicológicas superiores de acordo com suas sociedades, no processo de assimilação da experiência histórico cultural partilhada.

Também foi fantástico aprender sobre as cartas pedagógicas e um desafio fazer agora na prática, uma experiência riquíssima e singular, por aqui conseguimos produzir conhecimento engajado também, e a partir das cartas quem escreve se sente mais humanizado, tendo sua subjetividade levada em consideração. Giovana Xavier (2019) utiliza a “narrativa em primeira pessoa” como ferramenta de escrita e demonstra também a necessidade de criarmos novos referenciais para definir o que é saber, bem como aqueles que têm a autoridade para legitimar o que é relevante e científico.

Assimilamos os conteúdos de forma consciente, desenvolvemos nossa capacidade, fomos estimulados a opinar, sugerir, obrigada professora por incentivar nossa participação de forma ativa, toda abertura e diálogo fazem toda diferença para o processo educacional. Tivemos durante a disciplina momentos maravilhosos de diálogo e escuta, para mim a disciplina foi como um convite para refletir sobre pontos importantes da realidade, problematizar e produzir transformações sociais.

Foi muito importante também o momento de crítica, elogio e sugestão que tivemos em uma das aulas, pois foi ali que uma colega sugeriu que estudássemos algum texto de autoria preta, o que

oportunizou uma aula riquíssima e com discussões urgentes em nossa sociedade, evidenciando a necessidade de uma formação de professores antirracista.

Sabemos que o racismo no Brasil manifesta-se de diferentes formas, que infelizmente ainda existe o mito da democracia racial, que oculta e nega a existência de racismo na sociedade brasileira, por isso é muito importante rompermos com o padrão eurocêntrico adotado pelo sistema educacional brasileiro, espero do fundo do meu coração que a discussão que pra muitos foi iniciada ali não fique apenas na introdução, mas que busquem formações continuadas sobre o tema, que sejam agentes críticos no combate ao racismo, tendo em vista que o espaço escolar é um local representativo, fazendo-se necessário práticas transformadoras com enfoque no respeito às diferenças e no combate a discriminação, teve um sentido pedagógico importantíssimo, obrigada por esse momento professora Ercília.

A academia exerce um papel na reprodução do conhecimento científico eurocêntrico, branco, elitista, heteronormativo, apagando o conhecimento de autoria negra, fazendo com que esse conhecimento seja invisibilizado nesse ambiente, por isso é tão importante professores como você.

- Obrigada professora Ercília pela disposição em nos ouvir, mesmo quando nossas discussões rendiam tanto que dava uma atrasada na programação da aula que você havia feito.

- Durante as aulas todos tiveram espaço para se manifestar e contribuir da maneira que achava melhor, com respeito às particularidades de cada um, obrigada por isso também.

Um afetuoso abraço e até breve

Maringá, 13 de setembro de 2022

Nathaly Cristina Fernandes

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Izabel. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. In: **Cadernos Ideias**, construtivismo em revista. São Paulo, F.D.E., 1993

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA MEDIÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR: CARTA PEDAGÓGICA DE UMA PÓS-GRADUANDA

Regina Ridão Ribeiro de Paula¹

Querida Professora Telma do Programa de pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”
Telma

Espero que esteja bem!

Desde o início da disciplina venho fazendo como se fosse um diário de bordo, no qual transcrevo sobre os pensamentos, ideias, aprendizados, provocações, problematizações e tantas outras reflexões carregadas de distintas emoções, reveladas (ou não) em minhas conversas e trocas dialógicas junto aos meus e minhas colegas de curso, amigos/as e até mesmo familiares.

Nesta tarde fresca, onde o calor foi levemente superado por ventos frios que perpassam a cidade de Maringá, a qual resido e a ti escrevo neste momento, sentada na mesma cadeira e debruçada sobre a mesma mesa e computador que utilizava em nosso primeiro dia de aula remota através do aplicativo *google meet* com a disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”, a ti transcrevo algumas de minhas escritas e reflexões.

Foi muito bom, e considero louvável a possibilidade que o programa de pós-graduação em educação da UEM, nos oportuniza, disponibilizando esta disciplina, na qual tive o privilégio de tê-la

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/ UEM) - Bolsista da (CAPES). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participa do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde e do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI.

como minha professora, em um primeiro momento. Pouco ouvi falar sobre a teoria histórico-social ao longo de minha graduação, e conhecê-la agora me oportuniza pensar em diferentes possibilidades para minhas pesquisas, reflexões e até práticas acadêmicas. Sou grata por sua mediação, as aulas virtuais e presenciais em que esteve presente sempre atuando prontamente a atender nossas dúvidas, demandas e curiosidades.

Percebo em disciplinas como esta, o quanto o mundo acadêmico tem a nos acrescentar. Confesso que ao terminar meus estudos do segundo grau por meio do “supletivo”, mais conhecido hoje como Educação de Jovens e adultos- EJA, não tinha nenhuma intenção de fazer uma graduação muito menos uma pós. Minha mãe uma mulher muito simples, empregada doméstica, pouco me incentivou a estudar, para ela o importante era ter dinheiro para não passar fome, contudo, foi dela que aprendi a batalhar, nunca desistir, sentir-se capaz de fazer o possível e o impossível quando legitimamos uma causa, que para ela era sustentar os filhos abrindo mão de suas vontades, e pra mim, hoje é conciliar com minha família e vida própria os estudos. E foi assim que por muito tempo pensei. Estudar para mim, era somente para cumprir uma obrigação social, mas pouco me ajudava em minhas profissões, pensava, que foram muitas, desde meus 12, 13 anos, já fazia “bicos” trabalhando de babá, faxineira, artesã, manicure dentre outros. Ao me dar conta de que eu poderia fazer uma graduação, que embora não tenha tido este pensamento e interesse ao longo de minha vida, pois existiu toda uma construção social que me desencorajou a isso, vi que nunca é tarde para fazer algo diferente, e identifiquei que o que eu sempre admirei que os outros fizessem, também poderia ser algo do meu feito. Prestei o vestibular e passei por cotas sociais, acho importante dizer das cotas, pois sem elas não estaria aqui, pois além de ter estudado a vida toda em escolas públicas, o contexto social da minha família acabou prejudicando meu desenvolvimento e aprendizagem. Somente aos 26 anos de idade que adentrei em uma universidade, sendo casada, com uma filha pequena para cuidar,

sem contar o horário da graduação que era vespertino, então não conseguia ter um emprego fixo, mesmo meu marido sendo o provedor da casa, precisei fazer faxinas de meio período e vender doces para complementar a renda.

Mas quando digo que o mundo acadêmico tem muito a nos acrescentar, me refiro aos conhecimentos humanizados que encontrei a partir da graduação. Relacionava o mundo acadêmico como algo muito distante, com pessoas de gravata e colarinho, com as professoras que menosprezavam a profissão da minha mãe, dizendo que — se vocês não estudarem irão lavar banheiros — como se isso fosse a pior coisa do mundo, e não era, pois foi a profissão dela que me sustentou. Esses pontos de vistas, inclusive, me afastaram do interesse de estudar. Mas quando comecei a graduação tive professores, professoras e disciplinas que pelo contrário, me proporcionaram conhecer muitas realidades e culturas, a entender que muitas pessoas tem passado por situações de opressão e discriminação, e que os estudos ao invés de oprimir mais, deveria ter como premissa “libertar”. Por isso, me apaixonei em pesquisar, e esta disciplina não diferente de outras, me oportunizou a fazer mais uma vez esse exercício de humanização e aproximação com os contextos de vida, de modo a problematizar o que é considerado natural, e refletir sobre possibilidades de contribuições do ensino.

Neste íterim, considero a importância das concepções e conceitos levantados pela teoria que hoje denomina-se histórico-cultural, desde o recorte de vida e obra de Vygotsky (1986-1934) feitos por Ana Maria Esteves Bortolanza e Fernando Ringel (2016) em nossas primeiras aulas e fichamento, até as teorias da periodização, do conceito e da atividade, estudadas e fundamentadas teoricamente por autores relevantes ao tema. Neste primeiro texto descobri que Vygotsky alterou seu nome de Lev Simkhovich Vygotsky para Lev Semenovich Vygotsky. No entanto ao longo das aulas com as diferentes leituras notei que a principal distinção na escrita do nome dele nos dias atuais em diferentes artigos, não é propriamente o ‘D’ e o ‘T’, mas sim o “i” e o “y”, que

cada autor adota de modo diferente. Mas esta é apenas uma observação que trago, dentre tantos conceitos da teoria, que pretendo abordar ao longo desta carta. Continuo minha escrita, no esforço de apresentar e argumentar sobre a teoria histórico-cultural, tanto de modo teórico como intimista.

Bortolanza e Ringel (2016) apresentam um panorama da realidade enfrentada por Vygotsky em seus dias, momento em que o mundo enfrentava o final da primeira guerra mundial, e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – USRS, no ano de 1921 passou por condições humanas e econômicas precárias. Além da crise de abastecimento decorrente do isolamento que a posição política do país aderiu, que resultou em milhares de mortes, tinham também os feridos e inválidos pós guerra. O que me levou a refletir no quanto os problemas e desafios para nossa sobrevivência tem nos assolado ao longo da história da humanidade, pois hoje, não muito diferente do contexto de Vigotski, enfrentamos inúmeros desafios, tanto em níveis nacionais quanto em globais, sendo o principal deles a recém pandemia, que fez milhares de mortos, além de inúmeros problemas e sequelas nos sobreviventes e atingidos de forma direta ou indireta pelo vírus da covid-19. Espero que assim como Vigotski conseguiu analisar e estudar o desenvolvimento humano naquele momento de tantas dificuldades, elaborando estudos que nos auxiliam na educação até os dias atuais, possamos também extrair possibilidades que nos levem a superar todos esses atrasos e retrocessos causados na educação após esta pandemia.

Ao dar continuidade aos estudos, foi abordada a teoria da atividade, que tanto me intriga, confesso. Após tê-la estudado, em todas as atividades, tanto as analisadas em contextos de ensino, como as cotidianas e banais, fico tentando identificar as fases, como, qual a “atividade proposta” o “motivo” e a “ação-operação”, buscando capturar possíveis zonas de desenvolvimento proximal - ZDP. Aqui, para explicar melhor sobre a ZDP, retomo a perspectiva histórico-cultural e seu traço principal, abordados por Marilda Gonçalves Dias Facci (2003). Para a autora a teoria histórico-cultural

tem como traço principal estudar o psiquismo humano, considerando seu desenvolvimento mediado por instrumentos que entremeiam o indivíduo e o objeto de sua atividade em meio ao convívio social. Para autora, embora as funções cerebrais tenham como base a estrutura biológica, nesta perspectiva, considera-se as interações dos indivíduos com o mundo fundamental para estas funções, denominadas de superiores, que envolvem: atenção, memória, fala, consciência, percepção, pensamento, formação de conceitos e emoção.

Para que as funções superiores ocorram, é preciso fundamentalmente do aprendizado, e Vigotski considerou complexa esta relação do desenvolvimento e da aprendizagem. Aqui retomamos a ZDP, que é o segundo nível do desenvolvimento apontado por Vigotski, sendo o primeiro o efetivo e real, já a ZDP “[...] define-se como aquelas funções que estão em vias de amadurecer e que podem ser identificadas por meio da solução de tarefas com o auxílio de adultos e outras crianças mais experientes.” (FACCI, 2003, p. 78). Estes conceitos me fizeram lembrar dos trabalhos que desenvolvi sobre Estágio Supervisionado em Artes Visuais I e a construção de recursos didáticos, momentos em que me aproximei de estudos e práticas com crianças.

Embora em meu projeto atual de dissertação não pretendemos abordar as experiências das crianças na prática, nosso foco será mais na formação de professores/as de Arte e sua atuação na Educação Infantil, em meu TCC desenvolvi junto ao meu orientador de pesquisa, uma metodologia ao elaborar recursos didáticos para o ensino de Artes, que à época denominamos de Recursos Didáticos-brinquedos - RDBs, ao relacionar o ensino de Artes Visuais com possibilidades de brincar.

Os RDBs são considerados por nós como sendo artefatos criados por arte-educadores, pensados intencionalmente para uso de crianças em suas experiências de aprendizado e de brincadeira na Educação Infantil, sobretudo nas Artes Visuais. Ao elaborar os RDBs a intenção é de alcançar visualidades que possibilitem a experimentação desses

objetos para além dos modos convencionais utilizados por professores/as. Precisa considerar não só os conhecimentos específicos das Artes Visuais e a materialidade empregada na criação deles (tais como cores, texturas, tamanhos, pesos e dimensões), mas também, como sublinham os Estudos da Cultura Visual – ECV – fundamentação teórica na qual nos baseamos na formulação do conceito RDB – precisa contemplar as crianças como impulsionadoras para a construção do conhecimento, de modo a conferir autonomia tanto para professores/as como para os infantes.

Identifiquei na teoria histórico-cultural elementos que já utilizamos na elaboração e exploração dos RDBs, como a ZDP, que consideramos importante para o avanço e desenvolvimento das crianças ao manipular os artefatos e conhecer diferentes elementos e artistas, não sozinhas, mas com a mediação do/a professor/a. Para isso, destacamos a importância da intencionalidade educativa, da interatividade das crianças com os objetos, com os colegas e os/as professores/as, bem como a concepção de que as crianças não possuem criatividade de forma inata, mas precisam ser incentivadas e aguçadas para que enriqueçam seus atuais repertórios, a partir dos quais poderão ser utilizados como uma ponte para compreender diferentes olhares e concepções a partir de um mesmo objeto ou elemento, propiciando o desenvolvimento do psiquismo. Estas concepções guardam relação com a teoria histórico-cultural, pois são práticas que se afastam de um ensino ineficaz, que considera apenas o nível de desenvolvimento real da criança, pois “Um ensino orientado até uma etapa de desenvolvimento já realizado é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento geral da criança, não é capaz de dirigir o processo de desenvolvimento, mas vai atrás dele.” (VIGOTSKI, 2016, p. 114).

É importante para psicologia, pedagogia e áreas da educação os conceitos como os de Vigotski e Leontievi, que não consideram os processos de desenvolvimento a partir do próprio indivíduo, mas que fatores externos a cada um atuam diretamente na forma e nos processos de desenvolvimento e maturação de cada indivíduo.

Como acentua Facci (2003, p. 77) que “Na abordagem histórico-cultural, o aprendizado é considerado um aspecto fundamental para que as funções psicológicas superiores aconteçam; dessa forma o ensino é fator imprescindível para o desenvolvimento do psiquismo humano.” Pois outras concepções acabam por retirar do/a professor/a a responsabilidade de mediar as atividades, o que pode tornar cômodo a elaboração de aulas pouco desenvolvidas e que não trabalham diretamente com as ZDP das crianças, que para Vigotski é o que diferencia um ensino de qualidade

Antes se imaginava que só tinham importância os testes que a criança resolvesse sozinha, e se alguém a ajudasse isto era sintomático para o desenvolvimento mental. A imitação só é possível onde ela se situa na zona das possibilidades aproximadas da criança, e por isso o que a criança pode fazer com o auxílio de uma sugestão é muito importante para o estado do seu desenvolvimento. (VIGOTSKI, 2011, p.537).

Na arte, é muito importante essas concepções, pois existem inúmeras discussões em torno das atividades artísticas. Por exemplo, no desenho, que em perspectivas equivocadas da parte dos/as professores/as por vezes não aceitam que as crianças tomem outros desenhos por referência, ou não auxiliam a criança em suas dúvidas nos termos técnicos, temendo podar a criatividade da criança, como se a criatividade não contasse com o repertório que ela tem, e por outro lado existem aqueles e aquelas professores e professoras que possuem um padrão pré-estabelecido e condenam os traços, cores e formas que não correspondem às suas expectativas.

Retomando aqui o conceito de atividade, ao conhecê-lo, muitos momentos e experiências vividas passam a fazer sentido, ou serem melhor explicadas. Para entender o conceito da atividade, primeiramente estudamos os períodos do desenvolvimento que são marcados por crises em suas transições. Segundo Leontiev (2004) O desenvolvimento do psiquismo depende de seu conjunto de atividades dominantes, ou seja, as relações da criança com a realidade em cada época que conseqüentemente determinam suas

atividades dominantes. A atividade e o estágio de desenvolvimento relacionam-se, pois “A atividade dominante é, portanto, aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento” (LEONTIEV, 2004, p. 312). Os estágios são divididos em três épocas, sendo elas: primeira infância, infância e adolescência. Dentre elas, destaco aqui os quatro primeiros períodos, primeiro ano (0-1 ano de idade), primeira infância (1-3 anos), idade pré-escolar (3-6 anos), idade escolar (6-10 anos). As atividades dominantes compreendem respectivamente: a manipulação, o jogo, o estudo e o trabalho. Leontiev (2004) acentua que embora as atividades sejam divididas por idade, elas podem variar de um indivíduo para outro, pois não são as condições biológicas que determinam o desenvolvimento humano, mas sim suas interações sociais. A atividade dominante não exclui por completo a execução das outras atividades em um mesmo estágio, pelo contrário elas podem acontecer simultaneamente, no entanto, a dominante se destaca, como o próprio nome sugere.

Leontiev (2004, p. 317,318) dá um exemplo de atividade de estudo, onde um estudante faz leitura de um livro, preparando-se para um exame, porém é alertado não ser necessária a leitura do mesmo para a resolução do exame, Leontiev explica que se o estudante considerar que o único motivo da leitura do livro for a resolução do exame, prontamente ele abandonará a leitura decepcionado, pois a atividade não era a leitura do livro, esta era apenas uma ação, a atividade para o estudante era a preparação para o exame. Para o teórico existe uma relação particular entre a ação e a atividade, no momento em que a ação se transforma em atividade, marca-se o nascimento de novas atividades, culminando no processo que “[...] constitui a base psicológica concreta sobre a qual assentam as mudanças de atividade dominante e, por consequência, as passagens de um estágio de desenvolvimento a outro” (LEONTIEV, 2004, p. 317). Existe ainda a operação, que é o modo

como pode ser executada a ação, ela é determinada por um problema, tendo como motivo a resolução do mesmo. Uma ação pode transformar-se em operação em habilidades e hábitos? sim, por meio de exercícios que visem um novo fim para uma mesma operação. Ou ainda utilizar aquilo que era o fim na operação primária como um meio para atingir um novo alvo em uma atividade ulterior.

Dado este panorama geral e conciso sobre a teoria da atividade, quero encaminhar a parte final desta carta, abordando ainda a teoria sobre o 'conceito' na pedagogia histórico-social, com foco nos conceitos cotidianos e científicos, estudados em nossa última aula com respaldo do texto de Vigotski (2001). Vigotski (2001, p. 521) considerou o pensamento como processo importante para o desenvolvimento dos indivíduos, nele se formulam os conceitos diante de coisas, situações e objetos, para isso ele se permitiu "[...] afirmar que o significado da palavra se me afigura uma unidade sumamente importante de estudo do pensamento, porque ela assegura uma investigação do pensamento discursivo em que o discurso e o pensamento estão representados em sua unidade."

Neste sentido, Vigotski (2001) dividiu o conceito em dois momentos, sendo um o conceito cotidiano, que diz respeito ao aprendizado em que a criança adquire diante de sua própria visão de mundo, em alguns momentos o texto aborda como conceito espontâneo, termo ao qual prefiro não usar, pois, por mais que a criança adquira o conceito a partir do ponto de vista dela mesma, existe todo seu contexto, a sociedade a qual ela está inserida, tudo isso incidirá diretamente em suas influências e aprendizados ditos como "espontâneos", e o conceito científico, dado de modo universal, adquirido ao longo da história pela humanidade. Ao longo do texto de Vigotski (2001, p. 543) seguia questionando sobre o conceito cotidiano, porém, com a citação a seguir meus questionamentos foram sanados, de que "tanto os conceitos científicos se apoiam em uma série de informações anteriormente adquiridas quanto o desenvolvimento dos conceitos espontâneos se

realiza não só de baixo para cima mas também a partir daqueles conhecimentos que os adultos enviam de todos os lados para a criança.”. Destes estudos, surgiram inúmeros exemplos em sala de aula, como no conceito de irmão que o próprio texto aborda, teve uma experiência com meu filho mais novo de quatro anos de idade, que exemplifica a assimilação do conceito de irmão na infância, pois ao ser questionado por seu tio — o que sua mãe é minha? — ele respondeu: — sua não, ela é minha, sua é a Mariana (esposa dele) — e quando dissemos a ele que eu sou irmã do tio dele, ele teve dificuldade em entender, pois ele tem a relação de irmã, com sua irmã mais velha, sob um conceito "cotidiano" e ainda não o "científico" que Vigotski (2001) aponta ser melhor assimilado entre os 8 e 10 anos de idade.

Contudo, os estudos da teoria histórico-cultural reafirmaram minhas concepções adquiridas ao longo de minha identidade docente, fortalecendo a importância da mediação, da intencionalidade educativa, da mediação do/a professor/a e da formação continuada. Pois segundo os estudos de Vigotski (2001, p.538) as funções mentais complexas quase não aparecem espontaneamente na criança, elas, por sua vez, dependem da mediação de outros indivíduos que já tenham dominado a atividade a ser aprendida, adiantando e facilitando o conhecimento e desenvolvimento psíquico, como o próprio teórico destaca “É curioso um fato: a criança faz com ajuda em uma idade aquilo que pode fazer com autonomia em idade mais tardia.”. Neste sentido, reitero, que não só a criança, mas até mesmo, nós, adultos, podemos antecipar nossos conhecimentos, e seguimos nessa antecipação, o que não seria possível se não por meio de estudos e mediação de professores/as, livros, artigos, filmes, cartas e tantos outros dispositivos pedagógicos.

Sem mais delongas, é com gratidão e muitos pensamentos borbulhantes, que me despeço nesta carta, acentuando o quanto é bom viver e reviver nossas vivências, e esta escrita me proporcionou neste momento, esta revisão analítica dos estudos apreendidos, além

das lembranças afetivas geradas através da disciplina e de seus ensinamentos.

Abraços saudosos

Maringá, 18 de julho de 2022

Regina Ridão Ribeiro de Paula

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL Fernando. Vygotsky e as origens da teoria histórico-cultural: estudo teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5464/3021>. Acesso em: 17/05/2022.

LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004. p. 305-333.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2016. p. 103-117.

VIGOTSKI, L. S. Desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na idade escolar. In: **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins fontes, 2001. p. 517-545.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ARTE E PROCESSOS CRIATIVOS NO APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Regina Ridão Ribeiro de Paula¹

Querida Professora do Programa de pós-graduação da disciplina “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”
Ercília

Espero que esteja bem!

Que alegria poder registrar meus conhecimentos, aprendizagens e apontamentos, a partir de uma carta pedagógica, foi uma experiência muito agradável escrevê-la na primeira parte da disciplina, e agora não será diferente. Nesta segunda carta, destinada a você Professora Ercília, como parte da avaliação da disciplina de “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar” do programa de pós-graduação em Educação — UEM, darei continuidade a que iniciei em outro momento e direcionei a professora Telma. Na Primeira carta, relatei ter usado como um guia e auxiliador para a escrita, o meu diário de bordo, o qual também acessarei neste segundo momento.

Antes mesmo de entrar em apontamentos e conceitos teóricos da disciplina, quero deixar registrado minha aclamação pelas cartas pedagógicas. A carta que escrevi para professora Telma foi a primeira carta pedagógica escrita por mim, depois dela já utilizei esse método de trocas de conhecimentos na disciplina de Estágio de

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/ UEM) - Bolsista da (CAPES). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participa do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde e do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI.

Docência, realizada com uma turma do terceiro ano do curso de Artes Visuais - UEM, e em ambas as experiências fiquei muito satisfeita com os resultados. A carta pedagógica como um método de coleta de dados, pode ser muito potente em seus efeitos, possibilitando aqueles e aquelas que a escrevem a terem sua fala registrada como documentos históricos de seu tempo e sua práxis. Como acentua Paula; Dickmann (2020) serem as cartas pedagógicas sínteses valiosas ao sistematizar escritas de caminhadas dos grupos populares, de estudantes, de universitários e de professores.

Dito isto, sinalizo que a escrita desta última carta em tom de despedida, muito me toca, com diferentes sentimentos, desde alegrias em recordar o que vivemos, até a tristeza, que para mim, são as despedidas. Retomo agora meu diário de bordo, hora escrito direto no computador durante as aulas remotas e leituras dos textos, hora escrito fisicamente em meu caderninho azul, que me acompanhou durante as aulas. Ao rever os conteúdos estudados na disciplina, identifiquei serem oito, a quantidade de aulas que tivemos ministradas por você, ao longo dos meses de julho, agosto e início de setembro. Sou grata por sua paciência, disponibilidade e disposição ao nos orientar enquanto aos textos e conhecimentos abordados, inclusive, por ter tido flexibilidade ante ao cronograma, ao notar o fluxo de conhecimento e interesse da turma. Pra mim, é muito bonito ver o modo como, tanto você quanto a professora Telma tiveram de reger a turma, cada uma com suas características, mas ambas com o compromisso de nos passar o conteúdo ao qual a disciplina se propõe.

Dando continuidade aos estudos da disciplina, utilizamos em um primeiro momento como referência a pesquisadora Marta Khol de Oliveira (1997), que apresenta a teoria de Vygotsky, com ênfase em mediação simbólica. Esse processo de mediação em termos genéricos é apresentado por Oliveira (p. 26, 1997) como sendo o “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” Como exemplo cita a relação de aproximação do

perigo que apresenta a chama de uma vela, em um primeiro momento sem a mediação, pode queimar o dedo, mas para quem já teve essa aproximação, por ter sentido a dor de se queimar e entender o perigo que apresenta a chama, em um segundo momento a lembrança da dor vai mediar a relação da pessoa com a chama, que conscientemente pode evitar que ocorra a dor novamente. E neste sentido, Oliveira (1997) apresenta que a relação do homem com o mundo não se dá de forma direta, mas está sempre sendo mediada por objetos, pessoas, e ferramentas, que auxiliam na atividade humana, sobretudo com intermédio das funções superiores já citadas na primeira carta.

Vygotsky descreve ser a relação mediadora identificada em dois tipos de elementos, são eles os instrumentos e os signos. O instrumento é sempre o objeto que se interpõe entre um trabalhador e seu trabalho, que irá ampliar “as possibilidades de transformação da natureza.” (OLIVEIRA, p 29, 1997). Neste primeiro elemento, a autora acentua que inclusive os animais podem utilizar os instrumentos, porém estes, de modo rudimentar. Já os signos, sendo utilizados como meios psicológicos de solucionar problemas, como no caso de: se lembrar, comprar coisas, escolher, dentre outros, embora seja também semelhante ao instrumento em sua função, o signo se difere em seu campo, pois não é físico, mas sim psicológico. Um exemplo interessante que Oliveira (1997) traz é o de um bebê e sua interação com um chocalho, podendo ela se iniciar como uma situação objetiva, quando o bebê estica o braço para pegar o objeto, no entanto, quando outra pessoa identifica o interesse do bebê, entrega a ele seu objeto desejado, então ele pode passar a incorporar o ato de esticar os braços e apontar os dedos, quando quiser alcançar algo, transformando em um comportamento, tendo sua relação mediadora simbólica sido incorporada a partir de interpretações de outras pessoas.

Estes estudos me remetem novamente a importância da mediação de um adulto, sobretudo, de um professor ou uma professora, pois sabendo mediar a relação da criança com o mundo

e os objetos, desde bebê, evita-se inclusive os efeitos indesejáveis dos períodos de transição do desenvolvimento, mais conhecidos como as crises na infância. Pois, saber ensinar a criança signos universais, pode ajudá-la a ser compreendida em vários contextos, visto que na infância muitos signos podem fazer parte da vida da criança, inclusive os mais comuns, como o choro, o tapa, a mordida e as birras. Como exemplo, posso falar da dificuldade que tive com minha filha e filho quando estavam aprendendo a falar, pois na correria do dia-a-dia acabava atendendo suas necessidades básicas antes de se expressarem, como dando água antes mesmo deles pedirem, mas reconheço após os estudos e experiência pessoal, não ser certo esse modo de se antecipar nas ações dos filhos ou das crianças, inclusive em suas necessidade pessoais, pois acaba por tirar deles a autonomia em saberem sentir suas necessidades, e em avisarem quando realmente sentem vontade de algo, esse modo de agir não os impulsionam para a ZDP, mas pelo contrário dificulta a autonomia e humanização das crianças.

Vale lembrar de um outro momento que tivemos em sala de aula, onde você nos apresentou sua experiência de dissertação de mestrado, onde passou um longo período se aproximando do contexto de ensino de uma escola de Educação Infantil e, posteriormente, filmando o momento da alimentação das crianças. O primeiro ponto a ser destacado foram os cuidados e demandas que você relatou ter tido ao se aproximar das crianças e das professoras, no exercício de derrubar possíveis barreiras que poderiam dificultar o fluxo da pesquisa, onde você se dispôs a filmar cenas de festividades da vida particular das professoras. É muito importante para nós em nossa trajetória enquanto pesquisadores e pesquisadoras, termos essa aproximação com os modos de se pesquisar e sobre as diferentes inter-relações que ela nos leva. Mas o momento de sua pesquisa que quero focar neste momento, guarda relação com a mediação que trouxe logo acima, pois ao assistirmos o vídeo que fez das crianças se alimentando na creche, identificamos nitidamente a facilidade que a criança tem em imitar uns aos outros,

principalmente as professoras, fazendo a tentativa de assim como elas, alimentarem suas e seus colegas.

No capítulo do livro que lemos sobre essa experiência, você aponta ter tido como base para a descrição teórica das observações na creche, a perspectiva sócio interacionista com referência em Wallon (1971) e Vygotsky (1978) onde identificou que as ações partilhadas que “ocorrem em situações historicamente determinadas, levam a criança, concomitantemente, a se apropriar de um saber construído em uma cultura a se modificar” (PAULA; OLIVEIRA, 2012, p. 93). Neste sentido, conforme identificou Paula; Oliveira (2012) o horário das refeições apesar de pouco explorado como um momento de interação que possibilita ações pedagógicas a serem exploradas junto as crianças, precisa ser contemplado como um processo importante de construção de significados. Paula; Oliveira (p. 110, 2012) apontam para a importância de formar professores/as que compreendam as crianças em seus múltiplos aspectos, pois as situações que ocorrem em espaços educativos se abordadas com intenção pedagógica, “[...] podem gerar condições para uma transformação significativa do psiquismo da criança por exigir-lhes formas mais complexa de relação com o mundo[...]”. Um exemplo ocorrido em sala de aula fortalece a ideia apresentada, pois durante a disciplina, uma das alunas que faziam aula junto conosco relatou ter conversado com a direção da escola de Educação Infantil na qual atua, para que as professoras tenham ciência do alimento que será oferecido para as crianças no lanche, e a partir disso, abordarem inclusive a experiência de se alimentarem em seus ensinamentos. Momentos como esses são valiosos para a formação do pesquisador, pois permitem encontros entre teoria e prática de modo a fortalecer a importância de se terem pesquisas que contemplam inclusive os espaços de Educação Infantil, e também a importância de que esses professores e essas professoras que encontram-se atuantes nestes espaços de ensino tenham acesso aos materiais publicados.

Ao falar em materiais publicados, ao longo da disciplina surgiu por parte de alunos e alunas a indicação de leitura de trabalhos que abordem uma “psicologia preta”, pois muito tem se falado e defendido sobre as discriminações e diversidades, mas nem sempre na prática de estudos são abordados livros e autores/as de pesquisadores/as negros/as. Com isso, tivemos a oportunidade de ler três trabalhos que abordam o tema: Silva (2028); Veiga (2019) Giroto; Batista e Paula (2019) realizadas por você junto aos seus orientandos e sua orientanda. Para além das leituras das pesquisas, foi com grande alegria que recebemos seu aluno Giovani Giroto para apresentar sua pesquisa, foi uma conversa muito esclarecedora sobre a migração dos Haitianos e suas dificuldades com a adaptação após a migração para o Brasil. Giroto; Ingrid e Paula (2019) apontam para uma educação que proporcione a igualdade de modo a contribuir com a extinção do preconceito e discriminação. Os autores identificam que um caminho para alcançar a extinção da discriminação e do preconceito seria os trabalhos pedagógicos, tanto clássicos quanto contemporâneos que abordem “[...] à diversidade, como histórias sobre os negros, índios, deficientes, entre outros personagens considerados inferiorizados na sociedade nos papéis de protagonistas.” (p.308, 2019). Sendo assim, neste momento a disciplina cumpriu inclusive com a recomendação do autor e das autoras, ao abordar a diversidade em sala de aula, e enriquecer nossos repertórios enquanto pesquisadores e pesquisadoras.

É um tanto quanto difícil resumir em uma carta pedagógica de algumas páginas “O que tenho a contar sobre as aprendizagens que tive com as aulas com a Prof^a Ercília e com o grupo de estudantes nesta disciplina da pós-graduação - PPE/UEM”. Pois o tema proposto envolve muito mais do que as discussões teóricas em sala de aula sobre os textos e as práxis dos e das discentes compartilhados durante a disciplina, mas também os lugares de minha vivência que os debates levaram-me a transportar. Esse pensamento guarda relação com a parte do texto de Paula; Dickmann (p. 44-45, 2020) sobre o compromisso que envolve a

escrita da carta pedagógica, em ser “[...] um imperativo ético, como dizia Paulo Freire, falar do que fazemos, fazer o que falamos, a ponto de nosso discurso se tornar palavração.”.

Neste sentido, já caminhando aos finalmente, gostaria de recordar mais uma discussão e texto que dialogam com minhas pesquisas e considero importante ser registrado. Galvão (1992) defende que as noções e concepções sobre o desenho adquiridas pelo/a professor/a ao longo de suas identidades docentes são fatores que interferem nas expectativas que os/s educadores/as tem sobre o desenho. Cita algumas das tendências dominantes quanto as expectativas sobre os desenhos das crianças, e todas elas têm como referência a representação fiel da realidade. Como no caso de definições de contornos e da fidelização de cores que convencionalmente são atribuídas à objetos e elementos. Outro fator é o cumprimento dos procedimentos estabelecidos ao desenho, como ao cumprimento de preencher a área previamente estipulada sobre o papel.

Nos poucos dias que frequentei a creche, aos meus 5 anos de idade, em uma das atividades realizadas, minha professora me elogiou, pois eu tinha pintado a copa de minha árvore de verde, fiquei feliz, mas na sequência ela usou meu desenho de exemplo para os/as colegas, pois alguns e algumas haviam pintado de outras cores, lembro-me de desenhos lindos, mesmo sem estarem pintados de verde. Pensei também que por sorte eu escolhi aquela cor, ou talvez por estar sentada à frente da janela, que com as cortinas escancaradas me apresentavam como exemplo as árvores, as quais eu desenhara. No momento em que ela exortou a turma, lembro-me de todos e todas se voltarem para janela, neste momento, pensei, sorte a minha por não estar como alguns e algumas de meus e minhas colegas, sentados/as de costas para o vitral. Esta experiência guarda relação com a inferência de Izabel Galvão (p. 55, 1992) que argumenta que esse tipo de expectativa por parte dos/as professores/as, não consideram a multiplicidade das percepções que se pode ter diante de um objeto, e ainda que “O olhar voltado para a “perfeição” revela a cobrança de um modelo estético restrito (em

que é muito rígida a determinação do "feio" e do "bonito") e resulta na limitação das possibilidades expressivas do desenho, reduzidas à reprodução dos modelos aceitos pelo meio escolar."

E assim, finalizo a escrita desta carta, mais uma vez, agradeço você por nos proporcionar a oportunidade de deixarmos registrado nossas aprendizagens durante a disciplina, que particularmente considero ter sido um exercício de memória, que se tornará história. Certamente quando eu retomar a leitura desta carta daqui algum tempo poderei refletir sobre minha forma de entender e escrever minhas vivências, fazendo uma reflexão de como tenho aproveitado esse momento tão rápido e transitório de estudar em um programa de mestrado, e construir minha identidade docente que pra mim, sempre estará em construção.

Abraços saudosos

Maringá, 18 de julho de 2022

Regina Ridão Ribeiro de Paula

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Izabel. Desenho na pré-escola: o olhar e as expectativas do professor. **Revista Ideias** de, V. 14, p53-61, 1992.

GIROTO, Giovani. BATISTA, Ingrid Yasmin Oliveira da Silva. PAULA, Ercília Maria Angel Teixeira. Xenofobia e racismo no Brasil: a educação social como combate ao preconceito e preservação da saúde mental. In: **Colóquio Internacional de Direitos Humanos, Política e Memória**, 2019, UEM, Maringá, p. 305 - 317.

SILVA. Ingrid Yasmim Oliveira da. **Cartas sobre o meu eu: trajetórias escolares de professoras e professores negros na educação**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

OLIVEIRA, Marta Khol de. Amediação simbólica. In: **Vigotsky aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione. p. 25-34. 1997.

OLIVEIRA, Marta Khol de. Pensamento e linguagem. In: **Vigotsky aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione. p. 41-51. 1997.

PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos (org). **A criança e o seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. 5a edição, São Paulo: Cortez, 2012, p 92-113

PAULO, Fernanda dos santos. DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (orgs). 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

VEIGA, LUCAS MOTTA. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de psicologia**, v. 31, p. 244, 2019.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MUDANÇA DE DIREÇÃO: UM PROJETO PARA NOVOS CONHECIMENTOS

Rodrigo Marcello Rosa¹

Aos amigos e companheiros da disciplina de “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”, e em especial à “maravilhosa” professora doutora Telma Adriana Pacifico Martineli, que ministrou com muita doçura nossos primeiros encontros, paz e bem.

É com imensa alegria e o coração abastecido de carinho, que estou presente junto a vós com intuito de redigir essa singela homenagem àquela quem dispôs de seu precioso tempo e sua liberdade durante as manhãs de quintas-feiras para nos transmitir todo conhecimento que possuía, de maneira generosa, singela e sempre com um largo sorriso em seu rosto.

É importante também que contextualize tudo o que me motivou a chegar até aqui, visto que sou engenheiro de formação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR desde maio do ano de dois mil e dois. Ano em que além da minha conquista pessoal, também tiveram outros marcantes fatos em minha vida, tais como: Corinthians campeão do torneio Rio-São Paulo e da Copa do Brasil, seleção brasileira de futebol pentacampeã mundial, Gaviões da Fiel consagrada com seu terceiro título do carnaval de São Paulo, Lula

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/UEM). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Paranaense (UNIPAR) Campus de Umuarama - PR. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Centro Universitário Leonardo Da Vinci, UNIASSELVI - Campus de Paranavaí.

eleito presidente do Brasil com mais de cinquenta milhões de votos, dentre outros fatos que influenciariam pouco em minha vida.

Após minha formação acadêmica, precisei me dedicar profissionalmente a engenharia civil, atuando na área deste o setor de planejamento, projeto e orçamentos, até o acompanhamento e execução de obras diversas. Muitos foram os desafios, principalmente o financeiro, em um país em que, o recém-formado é pouco valorizado. Mas com espírito empreendedor e muita força de vontade, consegui escalar os altos morros das dificuldades e gozar da maravilhosa colheita dos frutos do bom trabalho.

Com esse olhar no empreendedorismo, passei a divulgar amplamente essa ideia e visão a todos que transitavam por meu caminho, sem poupar ou esconder nada do que havida vivido ou aprendido durante toda minha jornada. Através disso, no anos de dois mil e dezoito, acabei sendo convidado a ministrar um projeto piloto, em uma escola particular de minha cidade, onde conseguiria transmitir além de meus conhecimentos práticos, toda teoria de embasamento para o empreendedorismo e projeto de vida de grande importância para um jovem adolescente.

Ao mesmo tempo em que me empolguei com o fato de poder transmitir todo conhecimento, que tinha adquirido até aquele momento, para jovens de sexto ao nono ano, percebi como seria grande o desafio e responsabilidade por formar cidadãos tão jovens e de grande interesse em se desenvolver como pessoa. Por outro lado, vivenciei a motivação com que outros profissionais da área de educação atuam, vendo a realidade que, nem todos se entusiasmam em transmitir conhecimento ou em formar seres humanos melhores.

Comecei a experimentar o sabor amargo da inexperiência em “dar aula” e ser totalmente subjugado por isso. Diversos foram os momentos em que ouvi frases como “você não é professor” ou “você não tem didática” ou ainda “seu método é ultrapassado”. O que poderia ser um desestímulo e um motivador a encerrar minha pequena experiência em docência, se transformou em um grande trampolim, ou melhor, em uma grande “mola propulsora” que me

impulsionou a alçar outros voos. Logo eu, um menino vindo de escola pública, que com dedicação e empenho conseguiu entrar em meu primeiro vestibular, em uma instituição de grande renome e pública como a UFPR, não deixaria que as palavras dirigidas a mim, me desanimasse.

Veio então dois mil e dezenove, e com ele o início de um processo que mudaria minha vida. Tive a grandiosa experiência de me tornar pai. Com isso, novos medos, receios e mais um monte de perguntas que rondavam minha mente. Como poderia ser “educador” de meu filho sabendo de tudo o que tinha passado? A desconfiança passou a fazer parte de meu cotidiano, pelo simples fato de, agora não mais educar o filho dos outros, mas sim meu próprio filho. Tomei a decisão por estudar docência. Me inscrevi em uma pós-graduação em “Docência do ensino superior” no sistema EAD, o que me fez iniciar meu processo de desenvolvimento para melhor educar.

Chegando dois mil e vinte, com uma pós já concluída, resolvi me aprofundar no que considero mais valioso, as “Sagradas Escrituras”. Me inscrevi em uma pós em teologia Bíblica, para ter mais consciência do ensinamento cristão, ao qual sigo. Outra novidade neste mesmo ano, novamente minha esposa deu a luz a outro filho, o que aumentava ainda mais minha responsabilidade como educador.

Já em dois mil e vinte e dois, com o término da pós em teologia Bíblica, percebi que ainda tinha muito a desenvolver. Resolvi me arriscar ainda mais. Me inscrevi para o processo de seleção no mestrado da UEM, em Educação. Confesso que a expectativa era pequena, mas a confiança de que Deus “escreve certo por linhas tortas”, juntamente com o auxílio de pessoas que já faziam parte do meio educacional, tinha a plena confiança de que estaria me aperfeiçoando ainda mais. Independentemente do resultado do processo de seleção, tinha uma certeza comigo, faria alguma disciplina.

O processo foi tranquilo, mas a cada etapa a expectativa aumentava, juntamente com a responsabilidade de assumir uma vaga muito disputada. Algo de pessoas privilegiadas mesmo, pois segundo estatísticas, menos de três por cento da população conseguem adentrar em um mestrado. A entrevista com meu futuro orientador me deixou tranquilo, vi que estava no caminho certo e que conseguiria me dedicar ao cumprimento de mais essa etapa em minha vida. Como bom engenheiro, já havia me planejado e me organizado para iniciar os estudos, mesmo sem saber se o processo seletivo seria uma realidade.

Esse processo de “visão” e organização antecipada, proporciona uma facilidade a mais no universo. Não que simplesmente isso seja responsável pelo meu ingresso, mas com certeza me auxiliou bastante nas etapas deste processo. Processo este que, ao final tive resposta afirmativa e a aceitação pelo meu orientador para me matricular. A alegria me tomou conta, pois estaria entre os “melhores”, sendo orientado por uma pessoa especial à qual eu depus todas minhas expectativas e confiança de crescimento pessoal e intelectual.

Após todo o processo, veio a necessidade de escolhas de disciplinas, entre elas obrigatórias e eletivas, dentre as quais optei (com a devida orientação) por matricular-me na disciplina de “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”. Uma disciplina que me chamou atenção devido a estar dentro com o que eu procuro no mestrado, que é aprendizagem e desenvolvimento.

Quando tudo já estava confirmado, e o processo todo concluído, chegou-se o momento de adentrar a este mundo que, até então não era meu, mas que a partir daquele momento faria e fará parte de toda a minha vida. A ansiedade por voltar a “escola” e o desejo em aprender me fez cometer o primeiro erro. Por não verificar meus e-mails, acabei não recebendo a informação de que não teríamos aula presencial naquele momento. Fato este que me fez estar fisicamente na sala as sete e meia do dia dezenove do ano corrente de dois mil e vinte e dois. O Hugo, secretário do programa

de pós-graduação, prontamente se deslocou para a sala e preparou para que eu pudesse assistir a aula via meeting (um recurso eletrônico de aula on-line).

Com o coração disparado e ansiedade em alta, iniciamos a aula. A princípio a professora Telma, com seu jeito carinhoso e meio de se relacionar, gentilmente pediu desculpas sobre o fato de eu não ter recebido o e-mail. Desculpas estas desnecessárias, pois foi única e exclusivamente por minha falta de atenção que precisei me deslocar até Maringá para a referida aula. Uma aula de apresentação geral, onde a professora pacientemente nos apresentou o programa da disciplina e todo o conteúdo que iríamos conhecer durante o período que passaríamos juntos. Foi uma primeira impressão marcante, pois além da diversidade de alunos, de diversos gêneros e idades, residentes de várias cidades, a inclusão também se fazia presente. Temos um colega surdo/mudo que, com auxílio de interprete está cursando conosco a disciplina.

A disciplina ainda teve mais uma aula via meeting, na qual eu, já mais atento as informações colocadas no e-mail, bem como, com a criação de um grupo de whatsapp específico, assisti de casa. Começamos a transcorrer sobre um texto de Vygotski e a construção de uma psicologia marxista. A professora Telma, com seu carinho pela educação e sempre focada no desenvolvimento de seus alunos, conduziu com maestria a discussão onde conseguimos tirar boas informações.

Eu encontrava-me ainda no modo “entusiasmos”, pois tudo o que ela explicava eu procurava assimilar e trazer para minha vida. Nossas aulas tiveram vários focos, principalmente em se tratando do “homem histórico” e o desenvolvimento de crianças. Em especial, o desenvolvimento infantil, é algo que tem me trazido boas informações, principalmente para a educação de meus filhos. Posso comparar o carinho com que a professora nos transmite o conhecimento, com o mesmo carinho de uma mãe ensinando seu filho a dar os primeiros passos.

A professora Telma se mostrou interessada também no bem estar de seus alunos, sugerindo até a partilha de café durante as aulas, que tem a duração de uma manhã toda. Confesso que a integração dela para com seus alunos foi tão imediata e intensa que em alguns momentos me senti em casa, discutindo com meus próprios familiares. Ela também se integrou às pessoas, com seu jeito simples, porém de muita responsabilidade, nos contou com propriedade suas experiências, algo de extrema importância, pois isso nos traz a luz resultados reais sobre fatos existentes, não ficando apenas na teoria.

No momento em que a professora Ercília nos pede para escrevermos algo a professora Telma, me vem muitas informações, desde a parte em que ela disse “esse palito tem uma história” até o momento em que compartilhamos uma pequena dor de garganta e pude sugerir um “leitinho” quente com açúcar queimado e alecrim.

O vídeo em que uma escola de surdo/mudos se desenvolvem com sinais através do carinho de seus educadores, ficou marcado em minha memória. O mesmo carinho com que a professora Telma nos guia nos diversos temas por ela escolhidos, de graus diferentes de complexidade. Ressalto ainda que a disciplina tem mostrado um resultado positivo, pois o próprio desenvolvimento infantil tenho visto em casa, quando estimo meus filhos à leitura ou outra atividade comum à disciplina.

Fizemos também uma atividade de desenvolvimento de jogos, onde nos responsabilizaríamos por empregar a “imitação” da criança as atitudes dos adultos. Como por exemplo, quando uma criança, no banco do passageiro, sente a sensação de dirigir um carro, apenas em sua imaginação se valendo da sensação que o pai sente ao dirigir. Fatos que marcaram o meu consciente, porém muito outros que ficaram no inconsciente que e já passam a fazer parte da minha história.

Se pudesse caracterizar, com poucas palavras, o sentimento que passei durante as aulas da professora Telma, poderia dizer, sem sombra de dúvidas, que o amor está impregnado nela. O amor por

ensinar, o amor em desenvolver o outro, o amor em aprender e principalmente o amor que demonstrou para o bem comum. Sou muito grato e me sinto especialmente privilegiado por ter tido a oportunidade de passar algum tempo ao lado dela. O dito popular é de que, quando passamos pela vida de alguém, esse alguém leva parte do que é nosso e nos preenche com parte do que é dela. Neste caso fui preenchido com muito amor a educação, que desde sempre passarei a transmitir também.

Peço a Deus, que consiga ser amoroso assim também quando estiver educando, e que, sempre consiga preencher a todos que me rodeia com o mesmo amor que a professora Telma teve para conosco (leia-se turma). Muito obrigado Professora e que seu caminho seja repleto de amor...

Nova Londrina, 21 de julho de 2022

Rodrigo Marcello Rosa

REFERÊNCIAS

LAZARETTI, L. M. Idade pré-escolar (3-6 anos) e a educação infantil: a brincadeira de papéis sociais e o ensino sistematizado. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 129-147.

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

TULESKI, Silvana. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. Eduem: Maringá, 2008

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE NOVOS TRAJETOS: CONHECIMENTO SE CONSTRÓI COM BASE TEÓRIA FORTE E MUITO AMOR PELA EDUCAÇÃO

Rodrigo Marcello Rosa¹

Queridos e estimados amigos, paz e bem.

Novamente dirijo essas singelas palavras aos amigos e companheiros da disciplina de “Aprendizagem, desenvolvimento e educação escolar”, e em especial a nossa “doce” professora doutora Ercília Maria A. Teixeira de Paula, que orientou com leveza e muito conhecimento nossos encontros.

Como já relatado na primeira carta, sou engenheiro civil de formação e profissão. Adentrei ao mundo da educação com um forte desejo no coração, o de transformar a vida de pessoas as quais passam por minha vida. Esse desejo foi ampliado com o nascimento de meus filhos, pois em um mundo onde os caminhos são variados, acredito que todos temos um grau de responsabilidade sobre a orientação de nossas crianças e jovens.

O valor de conhecer pessoas “diferenciadas” neste contexto, como a professora Ercília, é imensurável. Seu carinho com que trata as pessoas e seu desejo em um mundo mais igualitário transcende a magnitude da realidade em que vivemos atualmente. Isso me carrega de grande responsabilidade em redigir essa carta, pois acredito que apenas essas palavras, não conseguirão exprimir todo o sentimento de gratidão existente em mim, por fazer parte desta turma.

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/UEM). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Paranaense (UNIPAR) Campus de Umuarama - PR. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Centro Universitário Leonardo Da Vinci, UNIASSELVI - Campus de Paranavaí.

Toda experiência adquirida durante essas minhas primaveras, foi totalmente diferente da experiência vivenciada com, agora meus amigos, os alunos desta disciplina. Porém a dinâmica de escrever cartas, já fazem parte de minha realidade a tempos. Desde adolescente, logo após vivenciar a morte de meus pais, em um drástico acidente automobilístico. Sentia a necessidade de expor tudo o que estava sentindo a alguém. Mas quem? A minha referência havia sido tirada de mim, o meu porto seguro, já não estava mais as minhas vistas e todo o sentimento de carinho e amor que existem dos pais para com os filhos, já não faziam mais parte de minha realidade.

Sem saber o que fazer, e nem a quem recorrer, acabei entrando no mundo das cartas. Comecei a escrever cartas expondo minhas dificuldades, minhas alegrias, minhas decepções, minhas dúvidas, ou seja, todo e qualquer sentimento novo que eu experimentava, acabava por ser registrado assim. Cartas estas, nunca lidas por alguém diferente de mim. Guardadas como um tesouro e fonte de pesquisa muitas vezes. Talvez um dia, essas cartas possam orientar pessoas e conduzi-las por caminhos já percorridos por mim.

Contextualizo desta maneira, para poder dizer que, neste caso, ou melhor, esta carta é totalmente direcionada, e com o objetivo muito claro. O de demonstrar o tamanho da gratidão que sinto em ter conhecido e compartilhado conhecimentos com a professora Ercília.

Trilhamos juntos um caminho tranquilo e leve, não pela importância sobre os assuntos discutidos em sala, mas sim pela maneira de condução da professora. Uma maneira que exprimiu muito amor no coração, carinho para com as pessoas e em especial muito conhecimento de teoria e prática para conduzir nossas aulas.

Estive sempre acessível ao aprendizado, e também em colaborar com o desenvolvimento do tema e aprendizado da disciplina. Muitas vezes, inclusive, como auxiliar da professora. Saiba professora, que o que fiz pela disciplina, não supera se quer 1% do que obtive de volta, em conhecimento, experiência e desenvolvimento humano, muito obrigado.

Sou uma pessoa muito focada as regras, como bom engenheiro, também procuro seguir a risca, diretrizes e planejamento. Por isso, no caso desta carta, a maior dificuldade é em me manter dentro das 5 (cinco) páginas pré-estabelecidas pela professora. Sei também, e assim fui orientado, de que existe uma tolerância, caso ultrapasse o limite, o que me deixa mais tranquilo para escrever.

Começo pelo fim, ou seja, pelo grandioso encontro que tivemos em nossa última aula na qual, juntamente com a “maravilhosa” professora Telma, a “doce” professora Ercília nos passaram o *feedback* sobre a escrita de nossa primeira carta da disciplina. Um encontro repleto de carinho, com orientações feitas com zelo e demonstrando o tamanho do comprometimento com o qual as professoras direcionaram os trabalhos. Mas o mais importante foi perceber o tão grandioso é o interesse das professoras em seus(as) alunos(as). O tamanho da vontade delas em nos desenvolvermos como educadores(as) e pessoas.

O momento de descontração, no café, sugerido como “banquete” de final de disciplina. Momento este em que todos os alunos presentes compartilharam suas ideias e seus “salgadinhos, sucos ou café”, foi mágico. Um momento de felicidade, com uma pitada de tristeza, por tomarmos conhecimento de que não nos encontraríamos mais nesta disciplina, mas com o compromisso de organizarmos outros encontros, ficou no ar.

Como ressaltai anteriormente, a professora Ercília, desde o primeiro encontro, fez questão de nos tratar como iguais, sem distinção algumas. Nem pelo fato de eu estar ali como engenheiro. Ela trilhou a disciplina sempre relativizando a diversidade e tentando oportunizar a todos a participação e o aprendizado.

Uma professora com vasta experiência de “campo”, ou seja, além de muito conhecimento teórico, detém muitos trabalhos práticos em seu *currículo*. A quantidade de assunto aos quais ela domina é tamanho, que tivemos até uma certa dificuldade em manter um planejamento só. A todo momento ela apresentava novas

formas e conceito sobre educação, dando a oportunidade de vermos e revermos novas bibliografias.

Começamos estudando um lindo projeto que Ercília desenvolveu em uma

Creche em São Paulo, descrito em sua dissertação de mestrado, Paula (1994) que foi objeto de um de seus trabalhos. Ela procurava demonstrar o desenvolvimento das crianças e a atitude dos educadores em mediar esse desenvolvimento. Um trabalho filmado, com qual tivemos o contato na prática de teorias de Vygotsky (2009) e Piaget (1971).

Aliás, conceitos diferentes de desenvolvimento, pois aprendemos que Vygotsky acredita que a criança nasce interagindo com o meio e no seu desenvolvimento acaba por se individualizar com o passar do tempo. Já para Piaget, a criança nasce em sua individualidade e em seu desenvolvimento como ser humano vai aumentando sua interação com o meio em que está inserido.

Após algumas aulas de aprendizagem sobre o desenvolvimento infantil, a professora passou a nos mostrar a importância de Paulo Freire para a educação moderna e atual. Com uma ponte maravilhosamente bem construída através do ensino e da importância dos trabalhos existentes sobre “cartas pedagógicas” descritas no livro de Paulo e Dickmann (2020) e Paula (2018, 2019).

Aprendemos o conceito, alguns métodos e muitos exemplos de como se escrever “cartas pedagógicas”. O interesse foi tamanho, por parte da turma, que a disciplina rumou inclusive para as vídeos-cartas descrita em seu trabalho de pós-doutorado, Paula e Leiro (2022). Neste momento, tivemos uma participação especial do (a) professor (a) Giovani. Um professor jovem e também muito interessado no desenvolvimento humano. Especialista em vídeo cartas, nos apresentou seus trabalhos sobre o tema de adolescente em conflito com a lei e o trabalho desenvolvido em sua dissertação de mestrado com narrativas sobre educação e inclusão de imigrantes haitianos(as) em Maringá. Este trabalho foi publicado no livro

Giovani e Paula (2021). Estas aulas foram experiências que me fizeram perceber outras formas de se fazer o mesmo trabalho.

Percebi também que a professora Ercília é bastante visual, demonstrado através de seus vídeos, filmes ou exemplos, toda a teoria que deseja ensinar. Em um desses vídeos, nos apresentou uma maneira de educação na França, em paralelo a teoria de Wallon, nos mostrou a importância de educarmos nossas crianças com pensamento crítico e reflexivo, para que se tornem adultos “pensantes” e os facilite em tomadas de decisões.

A partir deste momento, foram diversas aulas discutindo a educação e o desenvolvimento humanos. Tivemos a oportunidade de apresentarmos nossas diferenças em sala de aula. Eu, em particular, pude colocar o sentimento do deficiente físico em relação as certas atitudes vivenciadas no cotidiano. Outro colega relatou sua experiência na educação e todo o sentimento de pessoas não heterossexuais, vivenciadas atualmente. Tivemos contato com o sentimento dos deficientes auditivos, bem como a relação com pessoas portadoras do espectro autismo.

O contato com a diversidade foi intenso em todas as aulas, inclusive quando sugerido, a professora Ercília, dotado de uma sensibilidade ímpar e uma empatia que lhe é peculiar, sugeriu bibliografias “pretas” para partilhar conosco. Essa sempre foi a máxima da professora, dando voz a todos e deixando claro seu desejo de oportunizar a todos o desenvolvimento. Desejo esse claramente demonstrado em suas atitudes, como por exemplo, as aulas remotas para alunos que, por algum motivo, não poderiam estar em sala.

Por alguns momentos, a professora também demonstrou seu descontentamento com a situação atual da educação, bem como a política aplicada atualmente pelos nossos gestores, mas em nada abalou o entusiasmo e a vontade de querer que nos desenvolvêssemos como educadores e professores, sendo sempre positiva e facilitando o aprendizado.

Finalizo esta carta, com um sincero sentimento de gratidão por tudo que aprendemos durante as aulas. Muito obrigado a Deus, pela oportunidade de vivenciar mais esta etapa de minha vida. Muito obrigado a professora Ercília, por ter demonstrado, através de suas atitudes, o quão grande amor e carinho com que um educador pode transmitir seus conhecimentos, sem deixar de lado todo o conteúdo a ser ensinado. Obrigado a todos meus companheiros de turma, que enriqueceram com seus exemplos, toda nossa teoria.

Muito obrigado

Nova Londrina, 14 de setembro de 2022.

Carinhosamente Rodrigo Rosa

REFERÊNCIAS

GIROTO, Giovani. PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **(Sobre)vivências migratórias**: narrativas haitianas sobre acolhida, educação e inclusão. Curitiba: *Brazil Publishing*, 2021, v.1. p.176.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. **Comida, diversão e arte? :** o coletivo infantil em situação de alimentação na creche. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, USP, 1994

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. (org). **Cartas Pedagógicas**: Estratégias revisitadas para novos tempos. Curitiba: CRV, 2018

PAULA. Ercília Maria Angeli Teixeira. (org). **Cartas Pedagógicas**: revisitando memórias e experiências em novos tempos. Curitiba: CRV, 2019.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira, LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação e Tecnologias contemporâneas: Narrativas digitais de jovens em video-cartas. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 65, p. 243-260, jan./mar. 2022.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D Amorim e Paulo Sergio Lima Silva, 24 edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Ana Luisa B. Smolka, Trad. São Paulo: Ática, 2009.

CARTA PEDAGÓGICA EM DEFESA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Thiago Barbosa da Silva¹

A querida Professora Telma

Olá professora Telma, espero que esteja tudo bem com você.

Em minha graduação em Educação Física não tive a oportunidade de ser seu aluno, pois naquele período você estava cursando o seu doutorado, ter sido seu aluno naquele momento seria enriquecedor para minha formação, seria mais uma boa experiência a ser somada a outras que tive com algumas ótimas professoras e professores que tive durante o curso.

Tive a oportunidade de ouvir sobre sua tese em alguns encontros em que você foi expô-la em um dos grupos de estudo que eu participo e ali tivemos um contato, que não foi o primeiro, pois me lembro de logo no início do grupo de estudos da obra *O Capital* de Karl Marx (1818-1883) temos sido colegas nessa empreitada.

Desde então muitas coisas ocorreram até aqui, terminar a graduação ao mesmo tempo em que é uma vitória traz grandes preocupações se conseguiremos ou não um emprego, se conseguiremos ou não vender a nossa força de trabalho para produzir a vida uma imposição social pela qual milhões de pessoas tem que passar nesta sociedade, mas ela nos causa insegurança, ansiedade etc. Entretanto estou entre os poucos que conseguiu/consegue vender a força de trabalho com alguma

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Educação. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (2013). Especialista em Teoria Histórico-Cultural pela Universidade Estadual de Maringá (2016). Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Cianorte.

dignidade, o que não ocorre com a maioria dos trabalhadores nesta sociedade, sou professor de Educação Física na escola pública.

Sabemos que nem sempre a graduação responde a todos os nossos anseios, como desde o início tive interesse em estudar o materialismo histórico e abordar a Educação Física a partir desta compreensão de mundo, o conteúdo ensinado a nós sobre o desenvolvimento humano no curso de Educação Física, não atendeu a este anseio que tenho. Isso me levou a buscar uma especialização oferecida pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em que o desenvolvimento humano é abordado a partir da Teoria Histórico Cultural de Vigotskii, Luria e Leontiev, que desenvolveram seus estudos tendo por base o materialismo histórico de Marx e Engels.

Na área da Educação Física não são muitas as oportunidades de se realizarem estudos em nível de pós-graduação *stricto sensu* a partir do materialismo histórico e da Teoria Histórico Cultural, por isso fiquei feliz ao saber que você faz parte do Programa de pós-graduação em Educação da UEM, orientando nesta perspectiva, o que nos abre uma possibilidade de estudar e desenvolver pesquisas sob essa base filosófica. Foi isso que me motivou a prestar a seleção de mestrado para ser seu orientando. Se não fui seu aluno durante a graduação agora o sou na pós-graduação, para, além disso, serei orientado por você nesta dura empreitada que é pesquisar em um país que a ciência e a educação não são valorizadas.

No momento atual as coisas estão piores visto que o governo Jair Bolsonaro vem retirando ano a ano recursos da educação e da ciência prejudicando muito essas áreas. O custo de vida aumentou muito e o transporte para vir a Maringá assistir as aulas tem um peso grande no orçamento familiar.

Num dos textos de Vigotskii que estudamos com você na disciplina podemos observar como a aprendizagem é de suma importância para o desenvolvimento humano, como que o bom ensino pode se adiantar ao desenvolvimento. Como afirma o próprio Vigotskii à aprendizagem não é em si desenvolvimento, mas pode arrastá-lo,

levá-lo adiante. Uma sociedade e um país que não se preocupa com a qualidade do ensino e da aprendizagem de seus integrantes, demonstra que não se preocupa com o desenvolvimento humano dos mesmos, mas sim somente com o que eles podem fornecer de lucros a classe dominante. Enquanto a classe dominante se preocupa com seus lucros, outros que se colocam pelo menos como humanistas, se preocupam com as pessoas.

No artigo que estudamos na disciplina que se intitula: *Vygotsky e as Origens da Teoria Histórico-Cultural: Estudo Teórico; observamos* como uma situação econômica confortável, um meio cultural rico em que as pessoas que fazem parte deste possuem uma boa formação, contribui muito para com a formação humana dos mais jovens. O contexto cultural que Vygotsky foi educado tinha essas características que se somam aos fatos dele ter frequentado boas escolas, de sua família ter condições de contratar tutores para ensiná-lo, de na casa em que habitava haver uma boa biblioteca, de sua mãe ser professora e falar vários idiomas, todos esses fatores foram fontes de aprendizagem e de desenvolvimento para Vygotsky. Todos esses aspectos me fizeram refletir nas mudanças socioeconômicas profundas que são necessárias para podermos proporcionar a todas as pessoas condições adequadas de desenvolvimento humano, que em minha compreensão a sociedade capitalista não pode oferecer de forma generalizada a todos.

Atualmente a classe trabalhadora passa por uma crise imensa no Brasil, onde a fome e a miséria se propagaram com grande velocidade, basta sair às ruas e observar com cuidado os sinaleiros da cidade de Maringá, a quantidade de pessoas com cartazes improvisados escritos a palavra FOME. Somam-se a isso as outras milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, que não sabem se conseguirão ter acesso a próxima refeição. A partir disso, questiono: em quais condições essas milhões de pessoas estão se desenvolvendo? Qual formação irá se produzir sobre essas circunstâncias? O que ocorre, infelizmente é uma desumanização em massa contra a qual temos que lutar.

Os conceitos que aprendemos com você na disciplina nos ajudam a pensar em como o nível de desenvolvimento imediato e a zona de desenvolvimento proximal das pessoas, que estão na situação acima, são afetados, pois a principal preocupação delas é sobreviver, não morrer de fome, em que se apropriar do patrimônio cultural produzido pela humanidade não é uma prioridade. É neste sentido que Marx e Engels afirmam logo no início de sua obra *A Ideologia Alemã*, que os seres humanos primeiro têm de estar vivos para depois poder fazer história, e para estar vivo necessita-se de vestimenta, comida, moradia além de vários outros meios de subsistência. Ou seja, para que todos tenham condições de desenvolver suas máximas potencialidades humanas, precisam antes ter suas necessidades básicas de vida satisfeitas.

Acredito que a parte da disciplina de Aprendizagem, desenvolvimento humano e implicações escolares, ministrada por você tenha sido de grande importância para todos nós, pois contribuiu para nossa formação humana nos levando a reflexões importantes em que algumas delas estão presentes nesta carta.

Abraços fraternos

Cianorte, 19 de Julho de 2022

Thiago Barbosa da Silva

REFERÊNCIAS

BORTOLANZA, A.M.E; RINGEL, F. Vygotsky e as origens da teoria historicocultural: estudo teórico. **Revista Educativa- Goiânia** v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2016. p. 103-117.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE CAPITALISMO E OS DILEMAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Thiago Barbosa da Silva¹

Querida Professora Ercilia,

Olá, professora Ercilia, espero que esteja tudo bem com você.

Antes do início da disciplina “Aprendizagem, Desenvolvimento e Educação Escolar” eu não a conhecia, nosso contato se deu mediante a relação (a) professor (a)aluno que se estabeleceu no decorrer da mesma. Sendo assim, quais teriam sido as minhas impressões sobre você? Com o passar das aulas posso afirmar que percebi ser uma pessoa afetuosa, compreensiva, sensível para com as questões da sociedade e dos seus alunos. Essa sensibilidade é muito importante, ela nos torna mais humanos e compreensivos com os problemas pelos quais as outras pessoas passam, sendo esse um dos aspectos a serem considerados no processo de ensino e aprendizagem, visto que ele se caracteriza como uma relação social que se estabelece entre seres humanos em sua completude.

Sua defesa das cartas pedagógicas vai de encontro com essas suas características elencadas acima, pois nas cartas o elemento pessoal emocional pode fazer parte do conteúdo se imbricando com o mesmo. Existe um debate se as cartas pedagógicas são ou não uma forma de fazer ciência, entretanto penso que elas são, no mínimo, uma bela forma de divulgar a ciência de uma maneira simples e mais compreensível para a maioria das pessoas, pois para mim uma

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Educação. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (2013). Especialista em Teoria Histórico-Cultural pela Universidade Estadual de Maringá (2016). Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Cianorte.

peessoa que se dedica a realizar uma pesquisa deve querer que sua produção impacte positivamente a vida das pessoas, que se proponha a ajudar na resolução ou compreensão de problemas da sociedade. As cartas pedagógicas podem ser um meio para que a ciência não se feche em si mesma e busque um diálogo com as pessoas que na maioria das vezes, engolidas pelo cotidiano da sociedade capitalista, não conseguem ter acesso ao conhecimento produzido. A partir de um dos textos trabalhados por você na disciplina intitulado: *As dez características de uma carta pedagógica*, podemos chegar a essa conclusão.

Nos últimos dias foi divulgada a notícia de que o Brasil caiu algumas posições no ranking de desenvolvimento humano organizado e divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), nesse índice são considerados aspectos como: Educação, Saúde e Economia. A questão mais importante que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) busca demonstrar é a qualidade de vida das pessoas e quando um país caiu neste ranking o indicativo é que as condições de vida das pessoas pioraram. Esse dado confirma o que estamos observando nas ruas das cidades de nossa região, onde muitos trabalhadores estão tendo que ganhar a vida como ambulantes, vendendo mercadorias nos semáforos das cidades, pelas ruas das mesmas. Na carta para professora Telma também foi relatada essa situação que a queda do Brasil da 84^a para 87^a posição é mais uma evidência do desastre pelo qual a classe trabalhadora está passando no Brasil.

O tema do desenvolvimento humano nos é muito caro na disciplina, pois defendemos que a educação é um importante aspecto do mesmo, e infelizmente temos visto como ela tem sido desvalorizada no governo Jair Bolsonaro que diminuiu os recursos financeiros para custear a educação. Recentemente o referido governante vetou o reajuste que visava diminuir a defasagem na merenda escolar, levando várias crianças que frequentam a escola e que precisam se alimentar na mesma, a terem a sua alimentação ainda mais comprometida pela não correção dos valores. Na

disciplina estudamos como, tanto Vigotski quanto Wallon, se preocupavam com as questões socioeconômicas e culturais, como as mesmas influem no desenvolvimento humano.

A partir do estudo e discussão dos textos de Izabel Galvão, podemos observar como que no plano de reforma educacional redigidos por Wallon e Laging os mesmos não desconsideravam as questões econômicas e sociais, onde chamavam a atenção para necessidade da gratuidade do ensino em todos os níveis, que não haja tipos de ensino diferentes conforme a classe social que a pessoa pertença, defendiam que os professores tinham que ser melhor remunerados, que os alunos tivessem bolsas de estudos e que educação necessitava de maiores recursos. Atualmente no Brasil se vem fazendo o contrário do que Wallon e Laging já tinham observado ser necessário. Observando toda essa situação é cabível questionar: como as pessoas podem ter seu desenvolvimento humano assegurado sem que o básico seja garantido?

Tanto em suas aulas professora, quanto nas da professora Telma, nós aprendemos que para Wallon e, também, para Vigotskii o desenvolvimento humano se caracteriza por um movimento dialético onde o social e o biológico se imbricam. No ser humano, o social tem o papel predominante, pois são nas relações sociais que se estabelecem a apropriação dos signos da cultura que modificam o funcionamento das nossas funções psíquicas as tornando superiores. Neste sentido, Galvão expõe que Wallon também reconhece que é por meio das relações sociais que o ser humano vai adquirindo o instrumental necessário para participar da sociedade, onde por meio do contato com os outros indivíduos a criança se apropria dos produtos da cultura como, por exemplo, utensílios, fala, escrita, arte etc. O ser humano é geneticamente social, por isso se faz importante avaliarmos a qualidade dessas relações sociais, pois elas são de suma importância para o desenvolvimento da humanidade.

Marx e Engels também já haviam apontado para a importância da qualidade das relações sociais afirmando que a efetiva riqueza

espiritual do indivíduo depende da riqueza de suas relações reais. Infelizmente na sociedade capitalista um número reduzido de pessoas tem acesso ao patrimônio cultural mais desenvolvido, enquanto que a maioria luta diariamente para garantir o básico para sobreviver.

Lembro-me de conversarmos na aula, que estávamos discutindo uma parte do texto de Paulo Freire intitulado: *Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar*, da necessidade de uma luta coletiva que imponha resistência a toda essa situação dramática que vivemos tanto na educação em específico quanto na sociedade em geral, onde a organização de classe é necessária para exigirmos melhores condições de vida que podem proporcionar um melhor desenvolvimento humano a todos.

Foi um grande prazer poder compartilhar esses meses de estudos com você professora Ercilia, com a professora Telma e com todos os meus colegas de turma, onde mesmo nas dificuldades de locomoção, de ter que trabalhar e estudar, conseguimos fazer boas discussões e contribuir para melhora de nossas compreensões.

Abraços fraternos.

Cianorte, 11 de Setembro de 2022.

Thiago Barbosa da Silva

REFERÊNCIAS

- DICKMANN, Ivano. As dez características de uma carta pedagógica. In. PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs) **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). p. 37-53
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GALVÃO, Isabel. **Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico** de Henri Wallon. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf.

GALVÃO, Isabel. A questão do movimento no cotidiano de uma pré-escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n 98, p-37-47, ago.1996. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=s0100-15741996000300004&script=sci_abstract&tlng=pt

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2016. p. 103-117.

MADEIRO, Carlos. **Sem reajuste há 5 anos, merenda vira bolacha e suco em cidades pobres. 2022**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/09/11/bolacha-e-suco-sem-reajuste-ha-5-anos-merenda-se-torna-lanche-em-escolas.htm>.

Acesso em: 10/09/2022.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ONU: Brasil cai da 84^a a 87^a posição em ranking de desenvolvimento humano. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/09/08/brasil-ranking-onu-desenvolvimento-humano-queda.htm>. Acesso em: 10/08/2022.

A PESQUISA COMO METAMORFOSE DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO: UMA CARTA PEDAGÓGICA SOBRE VIRADAS E PARTILHAS

Giovani Giroto¹

Brasil, virada de ano de 2022 para 2023.

Queridos(as) leitores(as),

Gostaria de anunciar que esta carta pedagógica tratará de uma parte da minha história como pós-graduando em educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM), assim como reflexões sobre como é ser pesquisador no Brasil nos últimos anos. Mas antes, sinto necessidade de tecer algumas ideias que servirão como pano de fundo deste texto.

Iniciei a escrita desta carta em dezembro de 2022. Final de ano. Fazer e desfazer malas. Fechar ciclos e esperar a abertura dos próximos. Despedir de amigos e amigas momentaneamente. Abraçar entes e familiares que chegam de longe. Celebrar a vida em um ano no qual pudemos ter de volta um pouco da rotina que tínhamos antes da pandemia causada pelo SARS-CoV-2, vírus responsável pela doença COVID-19.

Escrever esta carta pedagógica, neste período do ano, me fez refletir sobre diversas questões, mas, principalmente, sobre o sentir das 'viradas' – este intervalo de tempo que é cansaço do que já foi e

¹ Bolsista CAPES. Doutorando em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui mestrado em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2020). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (2014) e segunda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa.

expectativa do que virá. É respiro. É o metamorfosear de nossas rotinas, existências e esperanças.

Nesse caminhar da lógica estabelecida em minha mente, lembrei-me que minha pesquisa, no formato que se apresenta, só foi possível por conta de uma virada epistemológica ocorrida décadas atrás. Se antes uma pesquisa precisava ser objetiva e com viés positivista para ser considerada rigorosa e válida, agora, pós virada, é possível conceber a subjetividade como fundamento teórico-metodológico por meio de narrativas, de vivências, de humanidade.

Desde que entrei no mestrado, no Programa de pós-graduação em Educação pela UEM, no ano de 2018, sob orientação da Prof^a Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, temos desenvolvido, em conjunto, pesquisas que tratam da migração haitiana para o Brasil e os aspectos educacionais, sociais e culturais que são implicados nesse processo.

Por essa perspectiva, pensar a pesquisa com humanidade, subjetividade e contextualização, a partir das narrativas daqueles e daquelas que migram, é essencial para o fazer ciência na atualidade. Nesse sentido, atribuo que minha pesquisa é decorrente da transformação epistêmica que foi possibilitada a nós, pesquisadores e pesquisadoras das ciências humanas, após a validação de outras formas de pesquisar que se diferem daquelas propostas pelos positivistas.

Foi através das leituras de Paulo Freire que compreendi a educação como um ato político, sensível aos problemas do mundo e consciente da inconclusão humana, assim como a necessidade de libertação de qualquer forma de opressão (FREIRE, 2019).

Ler, escrever e pensar através das lentes freireanas me fez ter uma postura enquanto pesquisador que se coloca atento às diversidades, às metamorfoses e às lutas por um Brasil da equidade.

Dessa forma, pesquisar sobre migração haitiana ecoa em mim, pessoa branca e não migrante, a necessidade de compreender outras formas de ser/estar no mundo que vão muito além da perspectiva privilegiada vivenciada por mim até então.

Sinto necessidade de reforçar que não me coloco no mundo para silenciar nenhuma vida, mas para somar na luta antirracista e em prol dos(as) migrantes na construção de um mundo mais acolhedor, justo e humano.

Reforço também que a reflexão gerada acima tem mérito e influência da filósofa brasileira Djamila Ribeiro que, através de suas diversas narrativas, me fez perceber que lutar contra a opressão, o racismo e qualquer forma de violência racial e étnica é um dever humano de todos(as) e não apenas das pessoas negras (RIBEIRO, 2019).

Assim, assumo a responsabilidade de, através da minha pesquisa, da minha vivência e das minhas narrativas diárias contribuir para o mundo que Paulo Freire e Djamila Ribeiro consideram como ideal: o mundo da crença nas gentes diversas que se transformam e, assim, transformam o mundo.

E como contribuir? Através de leituras, diálogos e escritas que sejam visionárias de um lugar melhor no sentido de acolhimento, de respeito e de prosperidade para migrantes haitianos(as) que vivem no Brasil.

Ao longo dos anos de pesquisa, desde o mestrado e agora no doutorado, no Programa de pós-graduação em Educação pela UEM, foram estabelecidos vínculos com os(as) migrantes a partir de suas próprias demandas sociais e educacionais e que, a partir disso, me afetaram enquanto pesquisador e humano sensível a tais causas.

De forma semelhante, existem diversas demandas que são minhas e que são supridas a partir dos conhecimentos partilhados pelos(as) migrantes e integrados à minha forma de existir.

Assim, noto que há uma troca dialógica na relação que foi estabelecida nesse processo de pesquisador e pesquisado(a), humanizando o processo e compreendendo que somos gentes inconclusas em busca de mais e mais conhecimento.

Através dessa parceria entre os(as) migrantes haitianos(as) ativos(as) na pesquisa, Ercília e eu tivemos a publicação da primeira dissertação no Programa de pós-graduação em Educação da UEM com a temática migratória. Além disso, participamos de diversos

eventos acadêmicos em diferentes locais do Brasil. Publicamos textos em livros, revistas e eventos nacionais e internacionais. Transformamos os resultados da pesquisa de mestrado em livro (GIROTO e PAULA, 2022).

Para além dessas ações, houve diversos momentos de diálogo com outros(as) pós-graduandos(as), em algumas disciplinas regulares do programa, nos quais pudemos discutir sobre a pesquisa e seus efeitos.

Em todas essas situações acima listadas, os diálogos promovidos foram potentes no sentido da partilha do conhecimento, da democratização dos saberes e da valorização das pesquisas das ciências humanas, sobretudo às que tratam das diversidades, minorias e pessoas estruturalmente oprimidas.

Tudo isso prova que as pesquisas são vivas, fluidas e precisam ser partilhadas. Também, que não há pesquisa solitária, mas sempre no coletivo. Então, aproveito este momento para agradecer todas as pessoas que se envolvem direta ou indiretamente com a minha pesquisa, em especial os(as) migrantes haitianos(as), minha orientadora Ercília e meus(minhas) colegas de pesquisa – todos e todas tão generosos(as) com minha formação.

Pesquisar é um ofício que é árduo, mas também prazeroso. Difícil e satisfatório. Os sentidos gerados no ato de pesquisar são, por muitas vezes, contraditórios, dialéticos, transformadores e, então, representam ‘viradas’.

Para concluir, menciono o quão difícil é ser pesquisador e pesquisadora nos últimos anos no Brasil, principalmente por termos tido um governo que desvalorizava a ciência e tinha fé no negacionismo. Governo este que ameaçou a vida de diversos(as) pesquisadores(as) no último mês do ano com o não pagamento das bolsas de financiamento (GALVÃO, 2022). Governo que, muitas vezes, ameaçou fechar fronteiras para migrantes haitianos(as) em território brasileiro. Governo que desfez a ideia de vivermos em um país de todos e todas, já que ser migrante, ser negro(a), ser

professor(a) ou ser pesquisador(a) (cada qual em uma escala diferente) não representa a dignidade de ser gente de bem e bens.

Entretanto, encerro este texto em janeiro de 2023. Representando uma virada de ano, mas não só.

Com o fim do governo que ameaçou vidas e com o retorno de Lula na presidência dos diversos brasis existentes aqui, eleito de forma democrática com 60.341.333 votos (AGÊNCIA SENADO, 2022), temos uma virada política que merece ser aclamada. Há esperança de mais acolhida. De mais valorização da ciência. De mais qualidade na educação. De mais humanidade.

Que essa virada nos fortaleça cada dia mais e que possamos gastar mais energia partilhando do que resistindo.

Com esperança,

Giovani Giroto.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Lula é eleito presidente da República pela terceira vez. **Senado Notícias**, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/30/lula-e-eleito-presidente-da-republica-pela-terceira-vez>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GALVÃO, Milena. Corte no MEC: Capes diz que bloqueio do orçamento de universidades afeta pagamento de mais de 200 mil bolsas. **Educação JC**, 2022. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/12/15136982-corte-no-mec-capes-diz-que-bloqueio-do-orcamento-de-universidades-afeta-pagamento-de-mais-de-200-mil-bolsas.html>. Acesso em: 06 jan. 2023.

GIROTO, Giovani; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. **(Sobre)vivências migratórias**: narrativas haitianas sobre acolhida, educação e inclusão. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

PARTE III

**CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE
PEDAGOGIA: ENSINAMENTOS, AFETOS E
SABERES SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA
PAULO FREIRE**

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A NECESSIDADE DA ESPERANÇA FREIREANA

Eliana Nunes da Silva Tinti¹

Caros educadores e educadoras,

É evidente a necessidade de discutir educação. É engraçado a própria existência da necessidade: antes de sequer existirmos neste mundo, ela estava lá. Ela continua presente, não importa se estamos ou não conscientes dela durante o percurso de nossas vidas e, quando nosso tempo acabar, é previsto que ela continue existindo. Em minhas mais profundas reflexões, chego a acreditar que o homem (e as mulheres, as crianças, os idosos, aqueles que vieram e outros que estão por vir) necessitam da necessidade de algo. Neste particular caso, nós, os amantes da educação, suprimos nossa “necessidade de necessitar” com a necessidade de discutir o ato de educar e de alfabetizar.

Entendo que a alfabetização passou por diversos momentos de “subtração” ao invés de “adição”. Ao analisarmos (brevemente) sua progressão em solo brasileiro, percebemos uma alfabetização inicial apenas para as classes mais abastadas, subtraindo dos populares o direito de ler e escrever, de entender a palavra escrita e apropriar-se

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com foco na Alfabetização de 2020 à 2022. Atualmente, desenvolve um projeto de iniciação científica sobre cartas pedagógicas na pedagogia libertadora de Paulo Freire no Programa de Iniciação Científica (PIC/UEM) e participa do Projeto de Pesquisa "Cartas, Cartas Pedagógicas e vídeo-cartas na educação: múltiplas formas de comunicar e educar", coordenado pela professora Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. É integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Social em Saúde coordenado pela professora Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

dela, de ser cidadão atuante. Mais adiante instaura-se entre acadêmicos e profissionais a busca pelo método ideal, os elogios para alguns métodos à custa de críticas para outros percebidos como contrários. Tanto tempo fora gasto subtraindo as contribuições dos métodos quando seria mais proveitoso observar o que cada um oferecia para os alfabetizando e alfabetizadores.

É nesta perspectiva que venho dizer que Paulo Freire veio com o movimento contrário: ao invés de subtrair, somar. *Acolher. Inserir. Compartilhar.* Primeiro, acolher os populares analfabetos e reconhecer neles o poder de transformação. Depois, inserir eles na sociedade por meio da aquisição da leitura e escrita tanto da palavra quanto do mundo. Compartilhar com o povo a conscientização, o fazer político e o pensar crítico. É um método que almeja a libertação e a transformação daqueles que foram (e continuavam sendo) subtraídos da sociedade e de seus direitos.

Segundo Gadotti (1989, p.34 grifo do autor) sobre Freire e sua prática: “Ele descobriu que a forma de trabalhar, o processo do ato de aprender era determinante em relação ao próprio conteúdo da aprendizagem. Não era possível, por exemplo, aprender a ser democrata com métodos autoritários”. A fim de evitar acusações de plágio, luto contra minha vontade de citar a obra completa de Moacir Gadotti e ateno-me ao trecho acima que, brilhantemente, ilustra a importância do como ensinar sobre o quê ensinar.

Os educandos, adultos e crianças, não podem ser tratados como uma caixa com buracos a serem preenchidos por conteúdos que, majoritariamente, não fazem sentido a sua vivência. Uma alfabetização mecanizada e engessada, utilizando-se de cinquenta palavras pré-definidas, não dialoga e muito menos ensina todos os educandos, principalmente por serem palavras que não encontram-se presentes no cotidiano daquele grupo. Portanto, representando uma resistência à prática descrita, o método que exilou Paulo Freire começa na rua.

Os(As) educadores(as) iniciavam investigando o linguajar popular. Para tal, saíam com um caderno em mãos e uma verdadeira

vontade de escutar e dialogar. Conversavam com a comunidade, perguntavam sobre sua vida, o modo que enxergavam o mundo, e anotavam as palavras (e frases, ditos populares, provérbios...) mais utilizadas por eles. Com esta pesquisa, tomava-se consciência dos problemas vividos pela comunidade, tais quais levariam às palavras e temas geradores, o ponto central do método (GADOTTI, 1989).

A escolha de palavras pode parecer aleatória, contudo, elas deveriam atender a todos os fonemas da língua portuguesa ao mesmo tempo que possuíam relevância e identificação para com o grupo de alfabetizandos. Estas palavras seriam escritas e depois decodificadas em questões, ministradas pelo educador(a) e os próprios educandos, para o debate. Ademais, as palavras poderiam ser destrinchadas em sílabas. A título de exemplo: salário é a palavra geradora, levando a possível discussão de “O que é salário?”, “Por que o salário dos trabalhadores é baixo?” e depois sendo separada em sílabas: sa-se-si-so-su, la-le-li-lo-lu, ra-re-ri-ro-ru, a-e-i-o-u.

Os círculos de cultura, como eram chamados os grupos compostos por educadores(as) e educandos, eram palco do processo de alfabetização. Marques e Silva (2020) analisam os círculos de cultura em sua forma (circular para que todos possam se olhar) e conceito (cultural pois há troca de interações sobre a realidade que vivem). Nestes círculos, por meio das trocas entre os mais diversos indivíduos, havia simultaneamente a alfabetização e a conscientização sobre o mundo ao redor, suas mazelas (como um querido amigo, João, costuma dizer) e como transformá-lo. É um trabalho pedagógico e um trabalho político. Educação é política. Educar é político.

É claro que os indivíduos, alfabetizados ou não, são políticos e possuem sua visão de mundo (condição não ignorada por Freire, mas pelo contrário, norteadora de sua prática), logo tal visão deve ser explorada e ampliada a fim de que o oprimido busque a transformação e, primeiramente, reconheça a opressão e violência sofridas diariamente. Não é à toa que em sua obra “Educação como Prática da Liberdade” Freire atenta para que, ao reconhecermos a

existência da pedagogia libertária, devemos reconhecer a opressão. Não há liberdade sem do quê se libertar.

O indivíduo oprimido é adulto ou criança. Entende-se (e entendo, colocando-me como atuante direta desta carta) que o método freireano pode ser utilizado com crianças, uma vez que estas são diariamente ignoradas e violentadas. Quantas vezes observamos (e reproduzimos) práticas que calam a criança, pois quando duvida (sobre de onde vêm a chuva, de onde vêm o sal, o que é a chuva e o que é o sal) é irritante e, quando apresenta justificativas para as mais variadas questões (a chuva é o choro da nuvem ou o sal é o canto da sereia na orla da praia), é burra. Os próprios adultos, que foram/são vítimas da opressão, oprimem a criança, formando-se um ciclo de vítimas e agressores. Para além de alfabetizador, o(a) educador(a) é sensível e oferece um escape desse ciclo. Ele dá um espaço de escuta, de agência de ser, e que é livre das opressões exteriores, dentro dos círculos de cultura.

Em minhas recentes leituras (de mundo, literárias e acadêmicas) observo o mal causado pela opressão. No livro *A Little Life* a personagem Jude é emblemática. Ele é percebido pelos outros como misterioso, diferente, até mesmo engraçado, pois não dialoga sobre seus gostos e seu passado. Hanya Yanagihara, autora do livro, explora a personagem e revela, aos poucos, os motivos de seu modo de ser: Jude foi oprimido violentamente desde a mais tenra idade e, numa tentativa de escapar de seu passado, enterra-o. Não o discute. Não discute sobre si e seus gostos. Jude nunca esteve em um ambiente que permitiu-o simplesmente *ser*, simplesmente *dialogar*, simplesmente *libertar-se*.

Por conta de um passado de opressão, Jude oprimiu-se e é oprimido pelos outros. Quantos Judes existem nas ruas, nos ônibus, nas casas e nas salas de aula. Imagino e acredito que a escola, mesmo não compactuando com o método freiriano, pois é regulamentada por documentos e instâncias maiores que a plena vontade do(a) educador(a), poderia utilizar-se de conceitos freirianos para com os estudantes: a escuta, o espaço para a fala, a conscientização e a

amorosidade. Tais práticas culminarão na formação para além do conteúdo didático programado e libertarão aqueles que sofrem diariamente com o aprisionamento.

Encerro aqui com esperança. Esperança de que minhas palavras possuam significado e dialoguem com a vivência de cada leitor. Esperança de que a necessidade de necessitar concretize-se aqui, pois ela existiu e existe. Esperança de que a minha necessidade gere a sua necessidade de escrita, de reflexão, de diálogo e de prática. Esperança de que o mundo transforme-se através de pessoas. Esperança de que mais leiam e conheçam Paulo Freire. Esperança de que mais queiram viver libertados e libertadores.

Maringá, 28 de setembro de 2022

Para aqueles que ousam necessitar, somar, amar e libertar.

Com carinho,

Jude.

Eliana Nunes da Silva Tinti

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 51 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. *In*: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. *In*: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira.

(orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151-170

YANAGIHARA, H. **A Little Life**. New York: Anchor Books, 2016.

CARTA AOS EDUCADORES (AS) DO BRASIL

Ana Claudia da Silva Correia¹

Queridos(as) educadores (as), nesta carta irei relatar um pouco sobre o método de Paulo Freire, que foi um grande estudioso e é muito importante para nós que atuamos com criança. Mas por que você acha que ele é importante para nós? Na minha opinião ele é importante porque ele vê o (a) aluno (a) como pessoa e não como uma simples criança e faz com que nós como educadores(as), possamos ver o (a) aluno (a) desta mesma forma. Paulo Freire era um filósofo que defendia a educação libertadora e dava voz aos(as) oprimidos(as), isso se dava a partir da confiança e do respeito entre as pessoas. Por defender a educação libertadora, Freire não gostava que se referissem a “método de Paulo Freire”, ele achava essa palavra equivocada, visto que o que ele defendia ia além de um método, pois os métodos são regras a serem seguidas de modo que está posto. Essas questões foram muito bem apresentadas nos textos que discutimos em sala de aula, os artigos de Gadotti (1989) e Fávero (2006) e Marques e Silva (2020).

Paulo Freire, educador e filósofo, como já citado anteriormente, defendia a educação libertária e os oprimidos. E quem era esses oprimidos(as)? Ele considerava que os(as) pessoas oprimidas eram das classes menos favorecidas, que não tinham acesso à educação e os indivíduos que não tinham as suas vozes escutadas. Essas pessoas eram os(as) escravos(as), os trabalhadores(as), a população adulta (alunos da EJA) e as crianças.

Os seus textos nos fazem refletir sobre esses indivíduos, gerando em nós uma certa indignação que nos faz refletir e tentar fazer algo por essas pessoas que foram oprimidos(as). E quem deve

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e professora da Educação Infantil.

dar o primeiro passo para que essa mudança ocorra? Somos nós, os(as) educadores(as) que temos contato e que ensinam as crianças. Somos nós os(as) responsáveis de dar voz a essas pessoas para se tornarem adultos críticos e conscientes de suas ações. Se todos nós seguirmos o pensamento de Paulo Freire, certamente diminuiríamos o número de pessoas oprimidas em nosso mundo. Por este motivo, proponho que você como educador(a) tire um tempo do seu dia e reflita sobre as considerações que Paulo Freire faz e se você ainda não o conhece, peço que leia algumas de suas obras.

Presumo que se todos(as) que fazem parte da educação tivéssemos esses conhecimentos, poderíamos fazer um mundo melhor e, com o passar do tempo, precisamos pensar que nós somos o futuro. Por isto devemos ter conhecimento sobre esse filósofo e sobre a sua importância para a educação.

Como estudante do terceiro ano do curso de pedagogia, digo que, os pensamentos deste autor deveriam ter sido ofertados antes, pois o nosso atual currículo só o trouxe agora no terceiro ano e na minha opinião, esse conteúdo foi inserido de modo tardio, pois neste momento muitos(as) acadêmicos(as) já estão atuando nos espaços escolares e lidando com as crianças, que são o nosso presente e também serão o nosso futuro. Conhecendo os pensamentos deste filósofo, nós mudamos as nossas atitudes com as crianças e com os outros ao nosso redor e posso falar isso com segurança, visto que ocorreu comigo, portanto acredito que seja válido fazer essa implementação antecipadamente.

Este pensador pensa no diálogo entre as pessoas e o diálogo está presente em nossas vidas desde o primeiro segundo de nossas vidas, então, nós, como educadores (as) novamente temos uma certa responsabilidade a cerca disto, pois o educador (a) deve instigar esse diálogo, para que os(as) alunos (as) possam participar ativamente das aulas, pois é deste modo que o (a) aluno (a) irá indagar e ser críticos a alguns assuntos sem medo ou sem uma certa insegurança.

Este é outro ponto que trago para que possamos fazer uma reflexão. Por este motivo o(a) educador(a) deve sempre estar

pesquisando novos modos e pensamentos que trará mudança em sua atitude para com seus(as) alunos(as). Me despeço por aqui e espero ter feito com que você possa repensar sobre as suas atitudes com os seus(as) alunos(as) e com a sociedade e deixo também um marcador que me ajudou na escrita desta carta e espero que também te ajude.

Maringá, 28 de setembro de 2022.

Atenciosamente,
Ana Claudia da Silva Correia

REFERÊNCIAS

- FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas, Autores Associados, 2006, p. 175-199.
- GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. *In*: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.
- MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. *In*: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, 2020, p.151-170.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE E REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO

Bárbara Yuka Moraes Watanabe¹

Querida professora,

Olá, professora Ercilia, estimo que a senhora esteja bem. Após sua aula sobre o método de alfabetização do Paulo Freire para adultos e crianças no Brasil e as leituras dos textos de Gadotti (1989), Fávero (2006) e Marques e Silva (2020), fiquei a refletir e pensei em escrever esta carta primeiramente para agradecer pelo conteúdo ensinado junto a professora Joelma.

Após a aula reconheci que é de extrema importância para um(a) professor(a) conhecer o método utilizado por Paulo Freire. Percebi que a forma como ele ensinava as pessoas, estimulando a alfabetização dos adultos mediante a discussão de suas experiências da vida e com as crianças, quando defendia a educação libertária, que entendia seu lugar no mundo, sua capacidade de transformar a si mesmo sua realidade, é de extrema importância para que o ensino tenha significado nas vidas das pessoas e de forma que sejam protagonistas do processo de aprender.

Observei que apesar de ter etapas para orientar, o (a) professor (a) não fica preso a explorar o conteúdo e sim a perceber o indivíduo e sua realidade, pois na primeira etapa que é a investigação percebe a preocupação de saber o que faz parte da vida daquele grupo, qual o conhecimento prévio.

Em seguida, neste “método” de alfabetização ocorre a etapa da tematização que codificam e decodificam esses temas, buscando o

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e professora da Educação Infantil.

seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido pelos alunos. É nesse momento que os educadores fazem associação das palavras com alguma situação cotidiana.

Já na etapa da problematização os (as) alunos (as) e os (as) professores buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido, percebendo a educação como uma práxis transformadora.

É interessante que, mesmo antigamente, Paulo Freire percebia a necessidade de se importar com o ensino das crianças que deveria ser de forma lúdica e notava que as cartilhas acabavam sendo um método sem significado para a pessoa que estavam para aprender e acabavam memorizando o exercício ao invés de aprender.

Os cadernos de cultura construídos de acordo com os interesses e realidades dos alunos, como conhecemos no livro do professor Fávero (2006) e as rodas de conversas que discutimos no artigo de Marques e Silva (2002) tornam o aprendizado significativo, assim como o conhecimento e a aprendizagem se transformam em processos coletivos e libertadores.

Após as aulas, fiquei pensando em que momento nós educadores perdemos ou esquecemos de colocar esse método de ensino na prática e acabamos depositando conteúdos nos(as) alunos(as) sem valorizar o conhecimento prévio ou se quer saber a realidade vivida pelas crianças, tornando o aprendizado sem significado e sem tornar nossos(as) alunos(as) pessoas críticas capazes de pensar e mudar?

Maringá 28 de setembro de 2022

Bárbara Yuka Moraes Watanabe

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas, Autores Associados, 2006, p. 175-199.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. *In*: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. *In*: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151-170.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ALFABETIZAÇÃO PARA PAULO FREIRE

Beatriz Martins Fiorillo¹

Cara Professora Marta,

Sei que faz um bom tempo que não entro em contato contigo. Isso deve ser por conta da correria do dia a dia, ainda mais agora que estou cursando Pedagogia. Estou apaixonada pelo curso, e por esse motivo que escrevo essa carta.

Em uma aula da disciplina “Alfabetização e letramento III” do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, estamos estudando o “Método de alfabetização” de Paulo Freire e discutimos essas questões sobre o “método” a partir dos textos de Gadotti (1989), Fávero (2006) e Marques e Silva (2020).

Essas aulas me fizeram lembrar muito de você. Você sabia que Paulo Freire é reconhecido pelo seu “método”, mas que na verdade é a teoria do conhecimento, que iniciou as primeiras experiências na cidade de Angicos, uma cidade do sertão do Rio Grande do Norte que, no final da década de 50 na qual foram utilizadas diferentes estratégias para alfabetização os adultos que não sabiam ler e escrever, pois nesta cidade existia um alto índice de analfabetismo.

Esse processo ocorreu por meio dos círculos de cultura que não possuíam uma forma estabelecida previamente, pois os temas eram discutidos com os próprios grupos. As pessoas que escolhiam, no caso dos(as) educador(as), ele(as) apenas acolhia as sugestões e complementavam realizando mediações para o saber científico.

Além disso, Professora, o “Método” dele se dava por meio de diálogos, das trocas de conhecimentos dos(as) aluno(as) com os (as)

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

professores(as), ou seja, eles(as) usavam palavras do cotidiano das pessoas para alfabetizá-las, como tijolo e construção, pois isso essas palavras davam significado aos objetos.

Desta maneira, ele conseguiu alfabetizar 300 cortadores de cana em 45 dias, incrível, não é?

Ah e já ia me esquecendo, Paulo Freire já fazia críticas as cartilhas que eram produzidas no Brasil, pois era visível a inadequação dos textos a realidade dos alunos, alguns apresentavam cartilhas até o mesmo tratamento com crianças, infantilizando os adultos, você acredita?

E o que mais me chama atenção, Professora, é que Paulo Freire se importava com as pessoas oprimidos(as). Ele tinha uma grande preocupação com a dignidade humana, por isso envolvia as pessoas no círculo de cultura, para que elas conseguissem ter uma visão crítica do mundo, para que a educação não fosse apenas para formação do mercado de trabalho, mas que lutasse pelas questões políticas, sociais e econômicas.

Ou seja, a Educação como prática da liberdade, assim como a pedagogia libertadora apresentada por ele, na qual todos(as) tinham a capacidade de ler e escrever, e entender que aprender faz parte do ato de libertar-se, e antes de tudo, é preciso aprender ler o mundo e compreender seu contexto.

Ah professora... tenho tanto para lhe contar, são tantas coisas que venho aprendendo, gostaria de poder compartilhar tudo com você, portanto, vou começar escrever com mais frequência.

Aguardo seu retorno, me conte se você conhecia Paulo Freire e qual sua visão sobre ele?

Maringá, 28 de Setembro de 2022.

Abrços
Atenciosamente
Beatriz Fiorillo.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas, Autores Associados, 2006, p. 175-199.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151-170.

CARTA PEDAGÓGICA DE UM UNIVERSITÁRIO INDÍGENA PARA OS (AS) PROFESSORES (AS) DO BRASIL

Eli Eder Norato¹

Eu sou acadêmico indígena guarani nhandewa nascido na cidade de Duartina – São Paulo, terra indígena nimuendaju-Arariba. Atualmente curso pedagogia 3º ano pela Universidade Estadual de Maringá. No momento estou morando na ASSIND (Associação indigenista Maringá) com minha família, e, no entanto, quero ser um excelente profissional na área da educação. E minhas expectativas para o futuro é trabalhar na escola indígena, e dar uma boa educação para minha filha, aliando os saberes indígenas e não indígenas.

Olá, queridos professores do Brasil!

Venho por meio desta carta agradecer, todos os(as) professores(as) que trabalham com a educação das crianças, no ensino aprendizagem. Sabe-se que a alfabetização é essencial para nossas crianças, sendo que por meio da educação é que as pessoas adquirem conhecimentos e saberes dos seus direitos existentes, para que possam ter uma vida com mais dignidade. No entanto, o estado brasileiro poderia investir mais nas carreiras dos(as) professores em formação continuada e em ciências tecnológicas. Deveria ser um plano de estado e não de governo para mais eficácia, e sabe-se que o(a) educador(a) exige um processo longo para adquirir conhecimentos para colocar em práticas pedagógicas.

De acordo com o livro de Paulo Freire *Educação como prática da liberdade*, Freire (1993), ele aponta o “método” que levou a Paulo freire ao exílio, sendo o “método” utilizado para que as pessoas

¹ Graduando do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e participa do Projeto de extensão universitária com Estudantes Indígenas e faz Pesquisa Científica na Universidade Estadual de Maringá.

possam adquirir os conhecimentos e suas autonomias. Também aprendemos muito sobre esse “método”, ou melhor, essa teoria do conhecimento de Paulo Freire nos textos de Gadotti (1989) e de Fávero (2006).

A educação é muito importante na vida das pessoas, sabe-se que processo educativo é um ato amoroso, segundo Freire (1996), portanto, sabemos que seguimos documentos existentes no sistema escolar brasileiro, ou seja, que estão indo na contramão do processo do desenvolvimento das crianças que exige as regras e horários que sejam cumpridas partindo das necessidades dos adultos e não das crianças. Segundo Marques e Silva (2020) a educação da infância é um tempo/espço de construção de humanidade. As relações que se estabelecem entre as crianças e com os(as) educadores(as) nas quais vemos a importância de como o(a) educador(a) precisa estar atento no desenvolvimento das crianças.

Volto a frisar a importância do estado brasileiro criar plano de estado e não de governo, e assim em que os (as) professores(as) possam ter formação continuada e salários dignos, ofertando oportunidade para os(as) futuros(as) professores(as).

Maringá, 28 de Setembro de 2022

Abraços.
Eli Eder Norato

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 25ª edição, 1996.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. *In*: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. *In*: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira.(orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151-170.

CARTA PEDAGÓGICA PARA OS (AS) EDUCADORES (AS) DO BRASIL SOBRE PAULO FREIRE E SUA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

Joseane Máisa dos Reis¹

Carta Pedagógica para os (as) educadores (as)

Após ter lido os textos: “O método que levou o Paulo Freire ao exílio” de Moacir Gadotti (1989); “Material didático” de Osmar Fávero (2006) e “Os círculos de cultura na educação infantil” de Renata Marques e Marta Regina Paulo Silva (2020), senti a necessidade de expor minha opinião sobre esses textos que discutimos em sala de aula que me levaram a conhecer a metodologia utilizada por Paulo Freire para alfabetização dos adultos no Brasil e para as crianças. Aprendemos que, no final da década de 50, foram criados círculos de cultura, que tinham a programação sobre os temas de alfabetização a serem discutidos e eram construídos coletivamente pelas pessoas.

Esses temas eram escolhidos em conjunto com os(as) educadores(as), juntamente com o grupo de educandos(as) e tratavam de temáticas sugeridas pelos grupos. Deste modo, as pessoas participavam do processo de construção das suas aprendizagens.

Sendo assim, o programa de alfabetização de Freire consistia que o(a) alfabetizador(a) observava as pessoas que iam ser alfabetizadas com o objetivo de listar as palavras do seu cotidiano e dos grupos sociais nos quais eles(as) pertenciam.

O que eles(as) descreviam como necessidade do conhecimento e o universo vocabular das pessoas eram utilizados para trabalhar suas

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), participou dos projetos: “Entre atos e cenas: os documentários e a exposição das desigualdades ambientais no Brasil” e “Educação Ambiental na esfera da ONU: políticas educacionais em perspectiva internacional”.

histórias e o processo de alfabetização. Desta forma, após esse levantamento, das palavras e dos temas geradores era originado o processo de alfabetização.

As palavras eram codificadas e decodificadas e geravam a fase de tomada de consciência. Neste contexto a “visão mágica” da alfabetização era substituída por uma visão social e crítica.

Esse processo de alfabetização era contrário da concepção tradicional na qual o (a) professor (a) e o (a) educador(a) são os(as) agentes centrais e únicos detentores(as) do conhecimento, enquanto os(as) alunos (as), educandos(as) ficavam passivo(as) só ouvindo e memorizando.

Nas práticas pedagógicas tradicionais, os conteúdos não eram do interesse dos (as) alunos(as) e educandos (as) e não remetiam a lugares conhecidos por eles(as), porque não tinham nada a ver com as suas vidas e classes sociais das pessoas.

Já na Escola Nova, corrente pedagógica na qual descrevem que Paulo Freire estava relacionado, o(a) aluno(a), educando (a) eram as figuras centrais e os (as) professor (es) e educadores eram os mediadores (as) do conhecimento.

Freire (1993, 1996) defendia que aprender fazia parte do ato de se libertar, de se humanizar. Ele insistia na necessidade do diálogo como estratégia da educação, porque era preciso para o(a) outro(a) para que ocorresse o processo de conhecimento.

Considero a metodologia de Paulo Freire incrível e espero que chegue em todas as escolas para renovar a prática pedagógica, porque infelizmente, na maioria das escolas, os(as) professores(as), educadores(as) ainda estão presos(as) no método tradicional. E para que esta realidade mude, é necessário que seja colocado em prática por todos(as) os (as) professores(as), esta teoria do conhecimento de Freire.

Maringá, 28 de setembro de 2022.

Atenciosamente,
Joseane Maisa dos Reis.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas: Autores Associados, 2006, p. 175-199.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 25ª edição, 1996

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P.; MAFRA, Jason Ferreira (Org.). **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT, 2020 Acadêmica, p.151 a 170.

CARTA PEDAGÓGICA A UMA QUERIDA AMIGA

Julia Gardini dos Anjos¹

Carta Pedagógica a uma Querida Amiga
Querida Professora Ercília,

Fiquei animada ao receber sua carta minha amiga, principalmente por perceber a sua curiosidade em relação a metodologia que utilizamos em nossa escola, a mesma utilizada por Paulo Freire para a alfabetização de adultos e crianças. Nossa abordagem é diferente das que estávamos habituadas a ver nas escolas e entendo como uma visão mais humana e inclusiva, com o intuito de que o (a) professor (a) seja um mediador e adentre o universo deste educando(a), utilizando-se de palavras de seu entorno e o auxiliando a ressignificá-las.

Freire na época, criou dois livros compostos de lições que usavam palavras e imagens que transmitiam a realidade enfrentada pelos trabalhadores na época, para que eles a partir de palavras de seu dia a dia pudessem dimensionar e problematizá-las que foram apresentadas no livro de Fávero (2006). As fotografias presentes nas lições são muito mais que ilustrações, são em sua maioria trabalhadores rurais, que auxiliam a compõem o texto, utilizam da mesma fala da época. O professor Gadotti (1989) também descreveu como era o “método”, a teoria de conhecimento que Paulo Freire utilizou para alfabetizar adultos.

Ao trabalhar com adultos trabalhadores, Freire buscou conversar e entender quais palavras estavam presentes no cotidiano destas pessoas, como: tijolo, trabalho, salário e outros, com o intuito

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia de Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID através da Universidade Estadual de Maringá.

de fazer com que eles pensassem além da dimensão conhecida por eles, que buscassem entender qual a relação deles com o trabalho, por exemplo.

A alfabetização para Paulo Freire, ia muito além de aprender grafia ou a codificar e decodificar, pois para ele estava relacionada com o ler o mundo e compreender sua realidade. Em seu livro sobre “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1983) deixa claro a importância de construirmos uma educação com os(AS) oprimidos(as) e não para eles(as). Construir essa educação abrindo-a para diálogo, pois precisamos aprender primeiro a escutar, para que seja possível conversar com adultos e crianças sem sermos os únicos donos da fala, da palavra.

Querida amiga, a educação para Freire é inspiradora, uma vez que, é libertadora. Ela busca abrir a mente do(a) trabalhador(a) e mostrar o mundo em que eles(as) vivem, instigando-os(as) a pensarem sobre os seus lugares no mundo, instigando-os(as) a questionarem e buscarem a mudança de uma realidade que, muitas vezes, é considerada como sem esperança. Neste momento, o (a) professor (a)entra com o papel de mediar e guiar o (a) aluno (a)para esse despertar do mundo, instigando seu lado crítico e político.

As rodas de conversa são inseridas para darem voz aos(as) silenciados(as), para ensinarem as pessoas que todos(as) devem ser ouvidos(as) e que o diálogo é transformador. A cultura do silêncio é rompida, pois são nesses momentos em que o(a) educador(a) e educando(a) darão as suas visões sobre o mundo, as suas leituras de mundo, de modo que juntos (as) possam construir uma nova compreensão da sociedade, buscando entendê-la e transformá-la de alguma forma.

Deste modo, o nosso papel na escola, além de mediar, é auxiliar e oferecer situações para que os(a) educandos(as) se reconheçam como sujeitos de direitos e protagonistas de suas próprias histórias, com suas próprias visões de mundo, pois todos(as) são capazes de ensinar e aprender, principalmente porque o aprender é como um ato de se libertar.

Outro ponto importante para Freire é considerar a cultura que este(a) aluno(a) tem a oferecer. Uma vez que, muitas vezes os(a) educadores(as) tendem a considerar como cultura, apenas a cultura erudita, sendo que, todas as culturas são válidas, pois elas ajudaram a constituir aquele aluno. Partindo deste ponto, ao alfabetizar a carga que o (a) aluno (a)traz, ou seja, sua visão de mundo, cultura, linguagem e entre outros devem ser consideradas, e com esse intuito, Freire fala das palavras geradoras. Palavras presentes no dia a dia destas crianças/pessoas e que ao pensar sobre elas, e tomá-las como base para os estudos, novas dimensões e significações são criadas, com o intuito de fazer as pessoas questionarem, pois educar é um ato político, é dar voz a quem não é ouvido(a).

Paulo freire critica o uso de cartilhas, uma vez que elas são centradas no (a)professor(a), que passa para seu e sua aluno(a) todo o seu conhecimento, que por sua vez, apenas executam tarefas, sem compreender ou problematizar as mesmas, apenas memorizando exercícios. Diferentemente das palavras geradoras, nas cartilhas, as palavras presentes nem sempre são do universo desta criança/adulto, muitas vezes são desconhecidas. Por sua vez, o “método” de Paulo freire, busca construir conteúdos específicos relacionados aos interesses dos(as) alunos(as), criando conexões com sua vida e vivências e expandindo-as, trazendo um motivo para esses(as) educandos(as) se alfabetizarem.

Estimada amiga, não podemos esquecer que o ato de educar não pode transformar o(a) estudante em um objeto, mas sim, no protagonista do processo, principalmente porque o processo educativo é um ato amoroso, não importando a faixa etária do educando.

Espero que tenha compreendido um pouquinho da metodologia seguida em nossa escola e te instigo a pensar e tentar utilizá-la em sua sala de aula, tenho certeza que você verá uma grande diferença a forma como os alunos irão se relacionar com os conteúdos.

Aguardo ansiosamente para saber se decidiu tentar esta outra metodologia.

Maringá, 28 de setembro de 2022

Abraços,

Julia Gardini dos Anjos

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas: Autores Associados, 2006, p. 175-199.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151 a 170

CARTA PEDAGÓGICA PARA PAULO FREIRE SOBRE CÍRCULOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS

Maria Clara Ito de Souza¹

Querido Paulo Freire,

Já faz um tempo desde a última vez que trocamos cartas. Confesso que fiquei aflita ao saber do seu exílio e do tempo em que passou na prisão. Nesse período acabei escrevendo para Maria Madalena perguntando notícias suas, mas ela também não tinha muitas informações a seu respeito. Nessas trocas acabamos também falando sobre a educação das crianças, foram cartas de muito aprendizado!

Tenho tantas coisas a dizer! Mas queria começar falando um pouquinho sobre o “método” que infelizmente te levou para o exílio. Quando começamos a nos escrever eu ainda estava no início dessa caminhada tão gratificante da alfabetização, quer dizer, ainda estou, mas adquiri um pouco mais de conhecimento através das leituras que fiz dos textos de Gadotti (1989), de Fávero (2006) e Marques e Silva (2020).

Devo falar que os círculos de cultura são um sucesso! Ao imergir no mundo do educando(a) e ver assuntos que fazem sentido para eles a aula flui de outra maneira. Eles(as) se sentem ouvidos (as) e interessados(as) em aprender. Além disso, com os círculos de

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, desenvolve um projeto de iniciação científica sobre cartas na pedagogia de Celestin Freinet no Programa de Iniciação Científica (PIC/UEM) e participa do Projeto de Pesquisa "Cartas, Cartas Pedagógicas e vídeo-cartas na educação: múltiplas formas de comunicar e educar", coordenado pela professora Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula. É integrante do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde, coordenado pela professora Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

cultura, nós conseguimos conscientizar eles(as) sobre o mundo. Afinal é desse modo que a educação deve acontecer. A educação precisa ser libertadora e não dominadora.

Temos sempre que estar criando conhecimentos e buscando a transformação da nossa realidade, porém, isso só acontece quando estamos inconformados com ela, e se as pessoas vivem alienadas e fora de sua realidade isso não acontece. Não somos e nem devemos ser neutros(as) em relação a educação e eu me incluo, pois nesse tempo em que estive lecionando ousei falar que aprendi mais do que ensinei aos alunos(as). Ainda sobre a teoria do conhecimento, eu percebi que depois dos círculos de cultura e das palavras geradoras os(as) alunos(as) chegam mais animados(as) e cheios(as) de vontade de discutir sobre os temas que trouxeram, e todos(as) participam. Ao escolhermos as palavras geradoras, a aula flui mais ainda e todos(as) participam e se sentem confortáveis para falar, por não ser algo engessado e pré-definido, eles(as) não ficam entediados(as).

Como mencionei anteriormente, estive em contato com Maria Madalena e discutimos bastante acerca da alfabetização de crianças e como nossa sociedade tem uma dificuldade muito grande com o diálogo e em escutar, principalmente as crianças, que acabam sendo negligenciadas. Ao me deparar com certas situações do dia, chego a pensar que voltamos a Idade Média, na qual as crianças eram tratadas como mini adultos, pois se exige que elas tenham comportamento e saibam lidar com as situações igual a nós.

A relação com a criança é construída através do diálogo e do entendimento, mas para isso precisamos aprender a ouvi-las. Uma coisa que reparei bastante na educação infantil é a castração da criança, muitas vezes os(as) professores(as) acabam cortando as ideias dos alunos, quando eles(as) começam a falar, o(a) educador(a) já usa expressões como “Tá bom” ou “Já entendi”, fazendo desaparecer a empolgação do(a) aluno(a). As crianças são muito expressivas e estão a todo momento nos mostrando o que estão sentindo, só precisamos realmente parar e prestar atenção no que

elas nos têm a dizer. Infelizmente, essa negligência também ocorre ao alfabetizar.

Uma coisa que admiro muito em você, é sua empatia e o olhar para o outro, e conseguimos ver isso no jeito que você alfabetiza. Como nós queremos despertar o interesse das crianças em ler e escrever se ao apresentar esse mundo para elas usamos materiais que não fazem o menor sentido a sua realidade? Não as instigam a querer aprender mais sobre, pois elas não entendem o porquê daquilo, e por isso os cadernos de cultura são tão importantes, neles os(as) alunos (as) conseguem se enxergar, se sentirem ouvidos(as) e a vontade de aprender só cresce. O amor, respeito e diálogo são a base para uma boa educação.

Assim como você, também acredito em uma educação libertária, e é muito bonito ver esse trabalho com pessoas comuns que muitas vezes são invisíveis para a nossa sociedade, o seu método não traz apenas a alfabetização, mas também à espera de um futuro melhor, além da emancipação e principalmente a empatia que você nos ensina de forma indireta.

Bom, já me estendi muito, escrevi a você com o intuito de dizer que fiquei extremamente feliz com a sua volta, estou com saudade de você meu amigo! Espero que possamos nos encontrar em breve.

Com carinho e admiração,

Maringá, 28 de setembro de 2022.

Maria Clara Ito.

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas: Autores Associados, 2006, p. 175-199.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151, 2020.

CARTA PEDAGÓGICA DE DESLUMBRE A PAULO FREIRE

Natalia Orlando da Silva¹

Prezados professores(as) do Brasil,

Venho por meio desta, expressar total admiração para com Paulo Freire e sua filosofia da educação usada na alfabetização de adultos e crianças no Brasil. Esta teoria do conhecimento surgiu no Nordeste em 1960. Naquela época, quase metade de seus habitantes viviam na "cultura do silêncio", ou seja, eram analfabetos.

Uma das primeiras experiências com alfabetização de adultos de Paulo Freire foi em 1962, quando alfabetizou 300 trabalhadores em 45 dias na cidade de Angicos, no interior do Rio Grande do Norte. Não podemos comparar, mas todos nós educadores(as) sabemos como o processo de alfabetização pode ser demorado. Linda Bimbi (1980,10) descreveu no prefácio da versão italiana do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire "[...] Não se conscientiza um indivíduo isolado, mas sim, uma comunidade [...]", ou seja, a filosofia da educação de Paulo Freire é comprometida com uma mudança total da sociedade. Seus conteúdos eram ligados aos conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) como um grupo. Com as pessoas adultas, Paulo freire trabalhava com palavras geradoras que surgiam de conversas no grupo. Um método em que a participação dos(as) educandos(as) é indispensável.

Na alfabetização das crianças, a mesma teoria é usada, o que muda é ludicidade. Marques e Silva (2020) citam Paulo Freire em trabalhos desenvolvidos com alfabetização de crianças e consideram que é essencial possibilitar que as crianças criem conhecendo e

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR).

conheçam criando. A filha de Paulo Freire, Madalena Freire, desenvolveu com mais participação a alfabetização das crianças, baseando-se nas pesquisas de Emília Ferreiro.

Não podemos negar que o ser humano dialoga praticamente o tempo todo, e para Paulo Freire, o diálogo faz parte da própria natureza humana, sendo uma prática que precisa estar bastante presente na estratégia de ensino.

Após este conhecimento, podemos nos basear em muitos pontos da filosofia da educação de Paulo Freire com a certeza de que estará abrindo novas possibilidades, não somente para o(a) educador(a), como também para o(a) educando(a), podendo deslumbrar o interesse do(a) aluno(a) ao aprendizado. Despeço-me aqui com muito carinho

Natalia Orlando da Silva

REFERÊNCIAS

BIMBI, Linda. In: Prefácio *Pedagogia do Oprimido*. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire**, São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

CARTA PEDAGÓGICA PELA EDUCAÇÃO RESISTENTE

Sarah Emily Alves da Silva¹

Prezado Paulo Freire,

Por meio desta carta, gostaria de agradecer a todos os seus esforços e anos de dedicação, compartilhando com o senhor informações sobre como estamos hoje. Graças aos seus estudos, tantos alunos(as) e profissionais da educação podem caminhar pelos mesmos passos que o senhor trilhou anos atrás, buscando uma educação respeitosa, que validaste a todos. Sua trajetória nos possibilitou ver o quão importante e necessário é dar acesso a formação para quem fosse. Os jovens e adultos não letrados em sua maioria da classe mais afetada, tanto socialmente quanto politicamente, normalmente trabalhadores(as) que sua infância, não tiveram uma oportunidade de escolher entre o trabalho e o estudo, esses que constroem prédios de luxo, sem nunca ao menos terem o direito a posse de um dos apartamentos, que eles(as) ajudaram a construir. Não deixando os mais novos de lado, o senhor nos mostrou a importância de ouvir as crianças, validar seus sentimentos e vontades tornando-os seres políticos e de direitos, relacionando suas técnicas, com a forma de os ensinar de modo em que brinquem, se divirtam e apreciem a educação enquanto aprendem.

Chamar um país de democrático enquanto uns tem tanto e outros nada, uns passam fome e outros desprezam a comida, uns vendem produtos no semáforo e outros se quer abrem a janela do carro, será que somos democráticos mesmo? Por meio de seus

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), participou do PIBID (2020-2022), participa de pesquisas de iniciação científica com os seguintes temas: alfabetização, cyberbullying na escola.

livros, até hoje discutidos, sabemos que a resposta é não. E se um dia quisermos que seja sim, será através dos professores(as). Devemos levar educação para todos, lhes mostrando a leitura real do mundo, incentivando que nunca deixem seu lado criança, questionadora, que pergunta e que duvida. Com a ação do coletivo, podemos revolucionar o sistema mesmo que devagar.

Ter pensado em uma filosofia de educação em uma época e em contextos tão difíceis que estamos vivendo, é uma visão de mundo no mínimo, brilhante, inovando nos conteúdos de ensino para conscientizar e não alienar. Nos dias de hoje compreendemos a injustiça em tantos jovens adultos analfabetos. E tentando mudar tal contexto, hoje temos o ensino da educação EJA (Educação de Jovens e Adultos). Seu chamado "círculo cultural" tornou possível uma educação menos maçante para os(as) estudantes que chegam na aula após uma longa jornada de trabalho e outras variáveis que os conturbam. Também é muito relevante agradecer por apresentar a educação significativa, que trazia a esses discentes o interesse pela aula e auto identificação com o tema, ou palavra geradora que pode ser sugerida por eles, afinal, devemos ensinar aprendendo e aprender ensinando, não é?

A formação ainda segue sendo um assunto de bastante discussão, os(as) políticos(as) tentam de todas as formas, fornecer educação apenas aos(as) mais elitizados(as), por que deveriam trazer clareza para que as pessoas entendam e busquem seus direitos, afinal? Não faz sentido. A pois, faz e muito! Com direito e acesso a formação, tendo senso crítico, opiniões com embasamento, conhecimento de cultura e etc. podemos nos indignar, agir como sujeito não como objeto, relutando contra o que nos tentam forçar garganta baixo, reagido para cada vez mais gerar a humanização da sociedade. Criando apoio em livros como *A pedagogia da esperança*, Freire (1992), os textos de Gadotti (1989), o livro de Fávero (2006), não iremos deixar que se percam, que desistam. O livro de Silva e Mafra (2020), *Paulo Freire e a educação*

das crianças, nos estimula a lutar como o senhor lutou, e buscar por uma ótica libertadora.

Maringá, Paraná, 28 de setembro de 2022

Sarah Emily Alves da Silva

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas: Autores Associados, 2006, p. 175-199.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs). **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151, 2020.

CARTA PEDAGÓGICA DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA PARA PAULO FREIRE: AGRADECIMENTOS E ESPERANÇAS DE NOVOS TEMPOS

Vitoria de Valois Veloso Benelli¹

Querido Paulo Freire,

Nem sei por onde começar essa carta. Não sei se devo começar agradecendo todo conhecimento que nos transmitiu através de seus estudos, ou se me desculpando pelas terríveis falas de algumas pessoas a seu respeito, ou até mesmo pedindo uma palavra de conforto para um momento tão tenebroso que vem passando a Educação no Brasil.

Gostaria de começar falando sobre seu método, aliás, sua teoria do conhecimento e sua filosofia da educação que o levou ao exílio. Sua maneira de educar conectada ao cotidiano dos(as) estudantes e às experiências que eles(as) têm me pareceu uma educação extremamente acolhedora. O(a) alfabetizador(a), com um toque humanizador, visava revelar o mundo vivido para (as) pessoas analfabetas, entendendo o pensamento e realidade social do grupo com o qual ele(a) trabalharia. A partir disso, o(a) educador(a) podia observar os vocábulos mais usados pelos(as) alunos(as), educandos (as) e a comunidade, e assim eram decodificadas as palavras para a aquisição da palavra escrita e para compreensão do mundo.

Achei esse método muito interessante e tive contato com ele quando minha professora Ercília desenvolveu uma atividade similar conosco. A partir de palavras que os(as) alunos(as) falavam em relação à Educação, elaboramos um texto, seja poema, cordel,

¹ Graduanda do 3º ano de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), bolsista do PIBID.

texto corrido ou até mesmo uma carta como essa. A aula foi extremamente rica e a apresentação revelou sentimentos dos(as) alunos(as), pensamentos profundos e perspectivas sobre a Educação. Nas aulas da professora também foram discutidos os textos de Gadotti (1989), de Fávero (2006) e Marques e Silva (2020) que nos ajudaram a compreender seu trabalho.

Concordo plenamente com você quando baseou sua filosofia no diálogo entre professor(a) e aluno(a), procurando transformar o(a) estudante em um (a) aprendiz ativo através de uma aula dinâmica. Aqui, cabe salientar sua crítica aos métodos de ensino nos quais o(a) professor(a) é o(a) detentor(a) de todo o conhecimento, e o(a) aluno(a) apenas um "depósito", a tal "educação bancária". Preciso também ressaltar a genialidade presente nos ditos "círculos de cultura", na qual tal o grupo dos(as) estudantes eram quem decidiam a temática que seria tratada e a partir disso haviam os debates, sempre acrescentando a visão dos(as) participantes sobre o tema. Nesta dinâmica, o(a) professor(a), levava em conta os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) e era capaz de cativá-los(as) e apresentar uma série de mudanças práticas no dia a dia.

Posso ainda destacar os resultados do seu "método", uma vez que, através de sua teoria podemos obter maior desejo pelo conhecimento por parte dos(as) educandos(as), maior compreensão e leitura crítica do mundo, maior criticidade por parte dos(as) alfabetizandos(as) na montagem da sua visão de mundo enquanto sujeitos do mundo.

Nesse sentido, querido Paulo Freire, posso relacionar seu método com os conteúdos da cartilha "Viver é lutar", elaborada pelo Movimento de Educação de Base (MEB), movimento organizado com o propósito de alfabetizar trabalhadores rurais no interior do Brasil. De acordo com Fávero (2006), essa cartilha foi produzida para auxiliar os(as) monitores (as) no trabalho de educação de jovens e adultos que frequentavam as escolas radiofônicas do MEB, em um contexto em que os(as) analfabetos(as) tinham seus direitos políticos negados e não tinham acesso ao voto. Essa forma de educar, a partir

da experiência e contexto dos(as) educandos(as), é de suma importância, visto que mostra o potencial da educação como ato político revolucionário, sobretudo, no contexto de um estado autoritário que buscou minar as experiências de educação popular.

Vale a pena apontar como você, Paulo Freire, é tido como referência mundial em qualidade de ensino e já foi homenageado em diversos países, porém, no nosso Brasil você é mal visto por uma parcela da sociedade que acredita entender algo sobre Educação. Seu pensamento incomodava algumas pessoas, justamente porque contraria a desumanização e a opressão que compõem a lógica neoliberal e da elite.

Como citei, os tempos são difíceis e muito me envergonha as pessoas falando coisas horríveis de você, sem nunca sequer terem lido uma palavra do que escreveu ou ouvido nada do que disse. Peço desculpas em nome daqueles(as) que te difamam e te tratam como alguém que é culpado pelos males da educação no país. Nem tudo na vida acontece como queremos e as coisas estão do jeito que se encontram justamente porque não se conseguiu tornar a educação freiriana o suficiente.

Se você estivesse aqui, eu pediria conselhos sobre como persistir na educação e de onde tirar garras para me manter nessa área tão desvalorizada pelos nossos(as) líderes. Agradeço novamente por tudo que nos ensinou através de suas cartas e seus pensamentos.

Maringá, 28 de setembro de 2022.

Com carinho,
Vitoria de Valois Veloso Benelli

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961/1966), Campinas: Autores Associados, 2006, p. 175-199.

GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1989, p. 31-45.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151, 2020.

CARTA PEDAGÓGICA A PROFESSORA DR^a ERCÍLIA E AOS(AS) DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA TURMA 001/2022: DIÁLOGOS SOBRE PAULO FREIRE

Joelma Fátima Castro¹

Querida professora Dr^a Ercília e discentes da turma 001/2022 do curso de Pedagogia (UEM),

Tudo bem com vocês? Espero que sim. Hoje venho por meio desta carta dialogar, trazer os apontamentos sobre o meu estágio de docência do doutorado, no qual vocês fizeram parte e trouxeram significativas contribuições para minha formação. Desta maneira esta carta que lhe escrevo está subdividida em três seções a primeira dedico a professora Dr^a Ercília que além de ser minha orientadora, foi a professora responsável pela turma durante o estágio, em seguida destino a escrita a todas(os) discentes da turma 001 de 2022, posteriormente trago um breve relato das aulas de estágio, como forma de registrar esse momento de troca de aprendizado entre todas(os) envolvidas(os).

Vamos que vamos: três palavras de quem tem muito a ensinar.

| Professora escrevo estas linhas para agradecer por essa trajetória que estamos construindo desde 2020, na qual por meio de uma relação

¹ Mestra em Educação pelo Programa de pós-graduação (PPE) na Universidade Estadual de Maringá (UEM) em 2022 e é Doutoranda deste mesmo programa. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Participou do Programa Institucional de Bolsa à Docência (PIBID) com foco em matemática (CAPES) e participou do Programa Residência Pedagógica, núcleo Gestão Escolar (CAPES). Participa da Oficina Pedagógica de Matemática (OPM/UEM), do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde. Foi bolsista da CAPES no mestrado e também é bolsista no Doutorado do PPE/UEM.

dialógica, de comprometimento, respeito e afetividade, vamos aprendendo e reaprendendo a cada dia, e concretizando sonhos dentre eles a defesa da minha dissertação: *Educação matemática e literatura infantil para crianças do Ensino Fundamental e em tratamento de saúde: um estudo pedagógico das produções nacionais*, Castro (2021).

Em 2022, nesse processo de aprendizagem, realizar o estágio de docência do doutorado na disciplina “Alfabetização e Letramento III” no curso de Pedagogia, sob sua orientação, foi uma oportunidade de conhecer seu trabalho para além das orientações, ao observar suas aulas, ver o seu comprometimento para com as(os) alunas(os), como com os conteúdos a serem ministrados, as discussões sobre o contexto atual do Brasil. Você sempre leva as reflexões necessárias para o momento. É notável que sua conduta como professora vai de encontro com o pensamento de Freire ao dizer que:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2002, p. 25)

E são professoras(es) assim, que escutam as inquietações de seus alunos, que ao chegar em sala de aula abre a possibilidade para novas discussões, em que o diálogo se faz presente, que constroem o conhecimento junto com os (as) estudantes e não para os(as) estudantes, que fazem a diferença na formação de cada indivíduo. E você, Ercília, faz parte desse grupo de professores(as) que nos permite pensar e sair da nossa zona de conforto a lutar por nossos ideais, por uma sociedade mais justa, por uma educação que seja para todas(os) e não para minoria.

Finalizo os meus agradecimentos a você querida professora Dr^a Ercília, dizendo que foi muito construtivo para minha formação acadêmica, profissional e humana realizar o estágio junto a ti, espero que a nossa parceria perdure proporcionando aos novos estudantes

uma educação emancipatória e humanizadora, para isto faço minha as suas palavras: **VAMOS QUE VAMOS!!!**

Discentes da turma 001-2022 de Pedagogia

Retornar ao curso de Pedagogia, agora como discente do doutorado em educação é motivo de alegria, agora com um motivo maior não apenas buscando a minha formação acadêmica, mas contribuído na trajetória das(os) futuras(os) pedagogas(os) durante a graduação.

Assim, não poderia deixar primeiramente de agradecer a acolhida tão afetiva desta turma durante o meu estágio, conforme Freire (2002, p. 13) nos traz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, logo posso dizer que foi gratificante a troca de conhecimentos em que busquei levar um pouco das minhas andanças acadêmicas e ao mesmo tempo aprender com as experiências de vocês.

Findo essa parte da carta agradecendo a cada aluna(o) de forma particular: *Ana. C, Ana. H, Ana. L, Bárbara Ventura, Bárbara Yuka, Beatriz. B, Beatriz. M, Eli, Eliana, Emanoelle, Erika, Giovanna, Isabella, Isadora, João, Joseane, Julia Almeida, Julia Gardini, Karolayne, Lariane, Larissa, Maria Clara, Maria. E. M, Maria. E. O, Natalia, Sarah, Vitoria. C e Vitoria. d*, na qual juntos formaram o coletivo, a turma 001-2022 de pedagogia que fez parte do meu estágio de docência, na minha formação como doutoranda, **GRATIDÃO!!!**

Dialogando com os(as) estudantes de pedagogia sobre Paulo Freire

O objetivo do estágio é proporcionar que a(o) discente tenha a possibilidade de vivenciar na prática os conhecimentos adquiridos. Nesse sentido a escolha da temática se deu em conjunto com a professora Dr^a Ercília, tendo como proposta dialogar, trazer reflexões sobre Paulo Freire para as(os) alunas(os) da disciplina de

Alfabetização e Letramento III do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá em 2022.

Como embasamento teórico nos fundamentamos em obras e artigos que abordam sobre Freire e a educação, no qual destacamos: *“O método que levou Paulo Freire ao exílio”* Gadotti (1989), *“Os círculos de cultura na educação infantil”* de Marques e Silva (2020), *“Uma Pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966)”* escrito por Fávero (2006) e *“Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”* de Freire (1993).

Dialogar sobre Freire é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque ao lermos suas obras, temos a impressão de que foi escrita nos dias atuais, englobando questões da nossa atualidade, que nos levam a reflexões necessárias, porém ao mesmo tempo é difícil compreender as obras de Freire, cada vez que fazemos e refazemos a leitura de um texto, surgem novos questionamentos, que não podem ser desconsiderados.

As primeiras aulas dedicamos a falar quem foi Paulo Freire, pois durante estudos percebemos que muito se fala de Freire, porém pouco se conhece quem realmente foi este estudioso que contribuiu até os dias atuais com a educação, como o “método” de alfabetização de Paulo Freire, descrito por Gadotti (1989).

O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP – Movimento de Cultura Popular do Recife que, no final da década de 50, criara os círculos de cultura. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura “não tinham uma programação feita a priori. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura. (GADOTTI, 1989, p. 33)

É notável que o método de Freire, tinha como base o círculo de cultura, em que as pessoas eram convidadas a socializar palavras geradoras que tivessem uma certa relevância social para o grupo. As palavras, além de serem trabalhadas quanto aos seus significados e aos fonemas, elas eram trabalhadas também a partir delas os temas

geradores, “assim, por exemplo, para a palavra geradora governo, podiam ser discutidos os seguintes temas geradores: plano político, poder político, o papel do povo na organização social, participação popular” (GADOTTI, 1989, p. 35).

Durante a aula do estágio de docência, após a apresentação do método, convidamos a turma a falarem palavras geradoras relacionadas a educação. Algumas palavras ditas pela turma foram: *Ensino, professor, salário, formação, aluno, respeito, aprendizagem, criança*. Posteriormente, discutimos sobre esses temas, e propomos que a sala se dividisse em pequenos grupos e, a partir da escolha de um tema gerador, foram criados textos com diversos gêneros, como poético, música ou cordel.

Diante dos temas geradores escolhidos, não podemos deixar de falar sobre o respeito as professoras e professores, o desmonte que a educação vem sofrendo nos últimos anos, a luta por uma educação de qualidade a todos e não apenas para um grupo de pessoas, como também a remuneração das (os) profissionais que atuam na educação, neste viés Freire no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993), discorre sobre a valorização das(os) professores(as).

O termo tia, ainda é utilizado em algumas escolas ao se referirem as professoras, segundo Freire (1993, p. 10), essa é uma maneira de evitar que a classe lute por seus direitos, pois seria como dizer que “professoras, como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve”, essa foi uma das questões apontadas pela turma, a desvalorização das(os) professores, a luta pelos direitos.

Outro momento memorável do estágio foi o diálogo sobre o texto *Os círculos de cultura na educação infantil* de Marques e Silva (2020), no qual partimos sobre os direitos da criança, a valorização de ouvir o que a criança tem a nos dizer, sobre a sua história de vida, a criança ao ingressar na escola ela traz conhecimentos que não devem ser desprezados pelas(os) professoras(os), logo as autoras nos apontam que:

É preciso reconhecer as crianças como sujeitos de direitos. Ver o mundo a partir da altura dos seus olhos. Suas vozes precisam ser escutadas para que com elas possamos estabelecer um diálogo e, assim, conhecer suas próprias maneiras de ler e dizer o mundo através de suas múltiplas linguagens. (MARQUES, SILVA, 2020, p. 142)

A partir deste excerto, as autoras relataram um círculo de cultura realizado em uma turma de vinte e três crianças, sendo nove meninos e quatorze meninas, entre quatro e cinco anos, em que o tema gerador teve como embasamento “rosa ser uma cor de menina, meninos não dançam balé”, as professoras relatam que durante os círculos de cultura, surgiram outros temas relacionados a profissão, como a de astronauta que para as crianças eram vistas como uma profissão masculina.

No texto as autoras descrevem alguns livros infantis, desmistificando questões “rosa é de menina”, seguindo essa lógica, no estágio levei alguns livros infantis para que a turma pudesse pensar com base no livro escolhido, temas que poderiam ser trabalhados com as crianças, explorando de maneira lúdica, conteúdo a serem abordados.

Desta maneira finalizei o diálogo, sobre Paulo Freire com as(os) alunas(os) de Pedagogia, espero ter contribuído com a formação de vocês e finalizo esta carta agradecendo novamente a professora Dr^aErcília pela parceria, e desejando a cada um(a) de vocês sucesso, nessa caminhada, mesmo diante das dificuldades, não desistam, afinal “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58).

Marialva, 28 de janeiro de 2023

Abraços,
Joelma Fátima Castro

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Joelma Fátima. **Educação Matemática e Literatura Infantil para crianças do Ensino Fundamental e em tratamento de saúde: um estudo pedagógico das produções nacionais.** Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 2022.
- FÁVERO, Osmar. Material Didático. Capítulo 5. In. FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961/1966),** Campinas, Autores Associados, 2006, p. 175-199.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- FREIRE. **A educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.
- GADOTTI, Moacir. O método que levou Paulo Freire ao exílio. In: GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire.** São Paulo, Editora Scipione, 1989, p. 31-45.
- MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças.** São Paulo: BT Acadêmica, 2020, p.151-170.

PARTE IV

**CARTAS PEDAGÓGICAS DE ESTUDANTES DE
PÓS-GRADUAÇÃO PARA PAULO FREIRE NA
CONTEMPORANEIDADE**

SEMPRE ACREDITAREI EM VOCÊS E NA MUDANÇA POSSÍVEL: NARRATIVAS DE UM PROFESSOR EM UMA CARTA PEDAGÓGICA

Matheus Morais da Luz¹

Caros alunos e alunas,

Escrevo a vocês com o objetivo de compartilhar alguns momentos decisivos da minha história até o momento. Partindo dessas memórias, tento transparecer a necessidade que temos em retomar as leituras e estudos a respeito de Paulo Freire, resgatando seu desejo de transformação da sociedade.

Um resgate, sem nenhuma ingenuidade, da ferramenta que a educação se torna quando seus atores possuem o domínio de suas histórias e enxergam para além das barreiras que a sociedade os impõe.

A atualidade da obra e do pensamento de Paulo Freire se constitui no simples fato de que ainda estamos em uma sociedade desigual, sendo que essa desigualdade toma de grande parcela da população o direito de ser.

Não se trata de pensar em minhas experiências como situações que possam mudar vidas e promover nos (as) leitores e leitoras uma transformação radical de sua história. Parto do ponto de que sou um entre tantos os que nasceram entre os “mortos em vida” (Paulo Freire, 2017). Minhas histórias e experiências encontram diversas semelhanças e conexões com a grande maioria da humanidade.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto Paranaense de Educação. Graduado em Pedagogia - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual de Maringá. Professor do Município de Maringá com atuação na Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

Nascido em Santo André-SP, no ano de 1994. Como uma professora uma vez me disse, não nasci, estreei. Devido a uma situação inoportuna, minha mãe entrou em trabalho de parto nas primeiras horas da manhã, não tendo nenhuma das “previsões” de que isto estava para acontecer. Ao notar, eu já estava saindo. Meu pai, um homem de ensino médio incompleto, se viu na situação de, sabendo ou não, realizar um parto às pressas. No fim, saí com saúde e estampado em uma das páginas do jornal Diário do ABC. Recebi de imediato a companhia de um irmão de aproximadamente cinco anos e uma irmã com apenas um ano e seis meses.

Vivi em Santo André até meus quatro anos. Viemos para o Paraná, fugindo da miséria, do desemprego e da violência. Durante as últimas lembranças em Santo André, lembro de vivermos em um apartamento, que agora compreendo ser de ocupação. Infelizmente, tomado pela violência e pelo tráfico, vivemos momentos de muita aflição, ao ponto de minha mãe abandonar “tudo” e fugir, levando em seus braços apenas os filhos, a roupa, a televisão e o rádio. Ao sairmos dessa situação, procuramos abrigo entre os parentes, fomos negados por uns, acolhidos por outros.

Após todas essas situações, embarcamos para o Paraná, mais especificamente para Marialva, interior do estado. Moramos em várias casas, até nos abrigarmos em definitivo em uma casa que meu pai e eu construímos por meio da COHAPAR. Nessa casa, passamos um pouco de tudo. Fome, frio, alegria, tristeza, desespero, angústias, uma variedade imensa de sensações. Confesso que grande parte de tudo isso, só hoje, aparece de forma clara à minha compreensão.

Diante de todas essas situações, minha mãe cumpriu um papel fundamental. Lembro dela como diarista, cozinheira, até que se estabeleceu como funcionária pública do estado do Paraná, ligada à secretaria de educação do estado. Por meio deste emprego, ela conseguiu sustentar três filhos, que trouxe na bagagem de São Paulo, e um mais novo, nascido em Marialva.

Não me lembro de uma situação sequer em que minha mãe não nos tenha incentivado. Nunca ouvimos dela a palavra impossível.

Sempre nos mostrou que o caminho seria difícil e, para nós, seria ainda mais, pois contamos com o desprezo e dúvida de todo mundo. Ela abriu nossos olhos para o mundo, nos fez perceber que tínhamos tudo para dar errado nessa vida, mas que, faria tudo que dependesse dela para que a pouca chance de termos êxito viesse a se concretizar. Percebemos que as coisas não caem do céu, que a vida apesar de dura, podia ser diferente.

Nossa mãe sempre acreditou em nós, sempre se negou em aceitar o destino “dado” para nossa existência. Lutou contra tudo e contra todos para garantir que nós jamais nos tornássemos apenas o que nos era imposto, mortos em vida.

Sei que não é apenas uma questão de escolha, que a sociedade infelizmente nos impõe uma série de determinações. Mas também sei que somos sujeitos históricos e não sujeitos da história. Nossa mãe acreditou ser possível dar a nós um destino diferente aos indicados pela história. Hoje, me constituo como professor, mestre em educação e em processo de doutoramento.

Diante dessas observações e das experiências expostas até aqui, escrevo sabendo que os meus leitores também passaram ou passam por isso. Passam pelo processo de ter que se convencer de que são capazes de produzir uma realidade diferente daquela que todos já indicaram ser a sua. Pela dúvida constante em seu potencial e suas escolhas. Pelo cansaço de lutar diariamente contra tudo e contra todos, contra uma sociabilidade que impõe barreiras e mais barreiras para que se possa chegar ao mínimo.

Meus caros alunos e alunas, muitas vezes nos deparamos com muitos que, de forma alienada, seguem a maré desacreditando de seu potencial. Da mesma forma que minha mãe jamais deixou de acreditar em mim, tenho o compromisso de jamais deixar de acreditar em vocês.

Procuo em minhas aulas demonstrar essa esperança que mora em mim, de ver vocês irem além das possibilidades dadas e alcancarem patamares inimagináveis. A esperança de encontrá-los e

encontrá-las na rua e ver que suas jornadas lhes conduziram para longe, construindo em vocês seres grandes.

Não é uma questão de grandeza material, riquezas e bens, se trata de conseguir enxergar em vocês a possibilidade de muita grandeza humana, de se tornarem seres que lutam contra todo tipo de situação que rouba a humanidade do próximo. Saber que em vocês está alojado um ser humano que jamais se sentirá completo enquanto os que os cercam também não forem completos. Seres humanos que não negam a ninguém o direito à humanidade.

A tarefa que tento levar nessas poucas páginas é a possibilidade de mudança. Um dos poemas que mais gosto é “Nada é impossível de mudar” de Bertolt Brecht: Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural. Pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural. Nada deve parecer impossível de mudar. BRECHT (1982)

Não é porque nos apresentam certas “verdades”, que realmente são verdades. A nossa história possui personagens indispensáveis, capazes de alterar toda a lógica que nos é imposta: nós. Escrevo para dizer a vocês que a possibilidade de mudança existe e está mais próxima do que possamos imaginar, tão perto que já vemos seus sinais. Como Alceu Valença (1983): “Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais”. (VALENÇA, 1983)

Trago essas palavras para que aqueles que as lerem possam ser movidos a repensar suas realidades, enxergando em seus horizontes a possibilidade de um mundo diferente. Apesar de parecer fácil, não me desvio da tarefa de informar: não será. Haverão muitas barreiras, muitas oposições, muitos desafios mas, nenhum insuperável.

Gostaria de produzir em vocês o desejo de mudar a história, não a história singular e sim a história coletiva. Encontrar em vocês os companheiros necessários para juntos, promovermos a transformação radical e necessária em nossa sociedade.

Nesse ponto enxergamos a grandeza e nos identificamos, apesar das críticas, à obra de Paulo Freire, que em momento algum negou em suas obras o direito e a capacidade que a humanidade tem de alterar sua história. Reconhecendo como Marx “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (MARX, 2011).

Paulo Freire nos impõe a tarefa de acreditarmos em nós mesmos e da mesma forma acreditarmos em nossos alunos. Por isso, apresento a vocês a minha confiança em suas capacidades.

Apesar de recebermos em nossas salas de aula “mortos em vida”, podemos devolver à sociedade seres críticos capazes de conduzir a humanidade a caminhos diversos. O caminho para que isso ocorra não é de fácil acesso, uma vez que nós mesmos, enquanto professores, nos encontramos, em vários momentos, entre os mortos em vida, desesperançosos, precisando ser resgatados, para voltarmos a acreditarmos em nós e em nossos alunos.

Essa falta de esperança resulta de uma sociedade doente, por isso, precisamos sempre compreender essa realidade, pois “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. (FREIRE, 1979, p.30). Podendo então promover a compreensão da realidade em nossos próprios alunos. Podemos sim construir uma sociabilidade diferente da que hoje nos é imposta, podemos sim elevar a humanidade a um nível ainda maior de humanidade, onde os seres humanos possam ser aquilo que por eles mesmos decidiram ser.

Gosto das palavras de Rosa Luxemburgo: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”, com base nessas palavras sigo em frente na luta diária por uma transformação radical da sociedade.

Apesar de querer a mudança em nossas vidas, devemos traçar como objetivo ir além dela, promovendo uma transformação na vida de todos os seres. As nossas ações cotidianas devem

permanecer focadas em uma vitória coletiva, celebrada pela humanidade como um todo.

Paulo Freire deixa a todos os seus leitores a tarefa de se convencer e de convencer seus pares de que as alterações necessárias na educação poderiam promover na humanidade as alterações necessárias na forma de sociabilidade existente. Que a revolução inicia na educação, quando o professor em diálogo com seus alunos apresenta a história como obra da humanidade, não o inverso. Sendo a realidade mutável.

O convencimento de que a realidade apesar de posta é mutável é da mesma forma pedagógico e revolucionário, que justifica os motivos por Paulo Freire ter sido tão perseguido nos anos sombrios da Ditadura Civil-Militar e por até hoje suas obras serem excluídas propositalmente dos currículos educacionais, principalmente dos cursos de formação de professores, como menciona Darcy Ribeiro “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto.”

O projeto atual de formação, como Paulo Freire mesmo identifica em suas obras, é tornar as pessoas pacíficas e passivas no processo histórico, é convencer a maior parte dos seres humanos de que a morte em vida é um processo natural e insuperável, afastando todas as mentes de qualquer pensamento que os leve ao que ele identifica como “justa raiva” (FREIRE, 1996).

Hoje, ainda que com as devidas atualizações, os diagnósticos a respeito da educação brasileira realizados por Paulo Freire seguem possuindo o devido valor. Uma vez que, analisando a fundo os currículos escolares, experienciando no cotidiano as práticas pedagógicas realizadas, é possível ainda identificar a educação bancária que Freire denuncia.

Os espaços de formação, seja qual for o nível, ainda possuem como principal objetivo impedir os sujeitos de pensar por si mesmos, impondo a estes uma visão de mundo que os condenam ao fatalismo.

Infelizmente, vivemos em uma forma de sociabilidade que exclui a grande maioria da humanidade do direito de viver,

constituindo assim, uma camada imensa de mortos em vida. A atualidade do pensamento freiriano se justifica, dentre tantos os pontos que poderíamos levantar, no fato de que a humanidade ainda se organiza em classes de oprimidos, a maioria, e de opressores.

E essa divisão não se apresenta apenas como uma questão conceitual, mas sim em uma situação concreta em que a minoria dos opressores possui acesso ao que de melhor a humanidade produziu. Em contrapartida os oprimidos não possuem sequer o acesso a aquilo que há de mais necessário para a manutenção de uma vida digna.

Nesse contexto, aqueles que por meio da educação alcançam uma formação superior e conseguem usufruir das possibilidades trazidas por ela, possuem como tarefa apresentar a seus “irmãos” de classes a realidade em que estamos inseridos, na tentativa de promover neles a “justa raiva” e a necessidade de se apoderar de sua realidade a fim de transformá-la.

Não há como lutar contra aquilo que não conhecemos ou que compreendemos de maneira superficial. O primeiro passo para a transformação da realidade é compreender aquilo que queremos transformar, saber o porquê da necessidade do processo de transformação.

Tarefa que assumo diante de meus alunos e alunas e leitores e leitoras, por meio de minha prática educacional, buscarei promover em vocês o mais próximo de uma compreensão da realidade que eu puder oferecer. “Que meu ‘destino’ não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir”. (FREIRE, 1996, p. 53). A transformação necessária acontecerá, mesmo que eu não a veja com meus próprios olhos saberei que da minha parte foi feito todo o possível para que ela acontecesse.

Maringá, 14 de janeiro de 2023

Matheus Morais da Luz

REFERÊNCIAS

- BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.
- MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- VALENÇA, Alceu. Anunciação. **Anjo Averso**. 1983.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE ASPIRAÇÕES PARA ME TORNAR PROFESSORA

Cassiana Patrícia Morandi¹

Admiradas professoras, Prof^a. Dr^a Ercilia Maria Angeli Teixeira de Paula – DTP/PPE/UEM, Prof^a Dra^a Maria Cristina Gomes Machado – DFE/PPE/UEM, da disciplina: “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire” do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Olá, como vocês estão? Espero que esta carta as encontre bem. Escrevo com o objetivo de agradecer os ensinamentos científicos, a partir do método de Paulo Freire, compartilhados na disciplina do curso de pós-graduação em Educação. Ensinar é algo que me motiva há muito tempo, desde quando estudava na escola do campo com doze anos de idade. Sou filha do meio de uma família de agricultores e pais de cinco filhos, com muitas fragilidades econômicas e me sentia desconfortável com a condição em que vivíamos. Desde muito cedo tive preocupação com o meu futuro e da minha família. Meu pai, homem simples, oriundo de uma família de oito filhos, pôde frequentar uma escola e foi alfabetizado. Já minha mãe, filha mulher e de uma família de doze filhos, não dispôs de igual sorte, não frequentou escola e sequer foi alfabetizada na idade correta.

Ser professora sempre foi minha aspiração. As brincadeiras quando criança reiteradamente eram de “escolinha” em que eu era a professora e meus irmãos os alunos. Como não possuíamos

¹ Graduada em História pela UNIPAR - Universidade Paranaense - Campus de Francisco Beltrão. Segunda licenciatura em Pedagogia pela UNINTER. Possui Especialização em Ciências Sociais com ênfase em História e Geografia; em Educação Especial Inclusiva com ênfase na Deficiência Intelectual, em Transtorno do Espectro Autista (TEA) & Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e, em Libras/ Língua Portuguesa Educação Bilíngue para Surdos, Educação Especial Área da Surdez. Mestranda em Educação pela Unioeste - PPGEFB.

recursos para comprar brinquedos pedagógicos, na maioria das vezes pedíamos para as professoras as sobras dos gizos da escola para brincar em casa. Lembro claramente dos meus finais de semanas escrevendo ditado para minha irmã mais nova em uma tábua de madeira improvisada como lousa. Essas memórias carregam sentimentos de gratidão pelas oportunidades que a vida me proporcionou.

Uma lembrança a qual guardo em destaque foi ver minha mãe assinando meus documentos escolares com o dedo, algo comum para pessoas analfabetas. Uma almofada embebida em tinta era utilizada para marcar seu polegar e, assim, pressionar os documentos para deixar seu registro. Isso me deixava muito desconfortável e entristecida, pois minha mãe não sabia assinar o seu próprio nome. Nesses momentos, o desejo de ensinar falava cada vez mais alto. Passei, então, a desenhar as sílabas e vogais que faziam parte do nome da minha mãe, e ela com muito esforço foi copiando aqueles desenhos que simbolizam a escrita do seu nome. Passávamos muitas noites e finais de semanas juntas aprendendo a escrever seu nome.

Após alguns meses, minha mãe já reconhecia as vogais de seu nome e os primeiros traços começavam ser feitos. No dia em que minha mãe, pela primeira vez, conseguiu escrever seu nome completo, lembro-me do orgulho que sentia e das lágrimas que caíam do meu rosto, não de tristeza ou vergonha, mas sim de felicidade, pois o primeiro desafio de ensinar foi vencido e minha mãe passaria a assinar seu próprio nome. Passaram-se alguns anos e eu já poderia iniciar o magistério. Logo precisei mudar da casa dos meus pais no interior para a cidade, pois o transporte que levava os estudantes ao colégio não fazia o transporte no horário que era ofertado o curso de magistério. Aos 15 anos de idade, a fim de continuar meus estudos, comecei a trabalhar e fui morar na cidade de Francisco Beltrão, no sudoeste do Paraná, com uma família que precisava de uma babá. Assim, no horário da manhã eu ia à escola e no período da tarde trabalhava como preceptora um menino.

Os desafios continuavam, no entanto, a força e agarra me desafiavam todos os dias e ia vencendo as barreiras encontradas. Logo consegui um novo emprego de vendedora no comércio local com uma renda maior, o que me permitiu ajudar meus pais na compra de móveis novos para casa e os planos e sonhos começavam a ser colocados em prática.

Aos 19 anos a paixão me encontrou, lá estava eu seduzida pelo primeiro namorado que conheci. A menina moça do interior sem saber muito como seria essa nova fase se entregava para o amor. Com o tempo, o namoro se tornou mais sério e comprometedor. Em seguida, eu estava grávida. Nesse momento alguns sonhos em construção precisaram ser adiados, como o de fazer uma faculdade. Passados dois anos e aquela paixão findou. Agora novos desafios se apresentavam. Além de cuidar de mim, eu tinha um bebê, minha Heloisa, e toda a responsabilidade de uma dona de casa. Diante disso, a motivação de retornar meus estudos estava mais presente.

Iniciei minha primeira graduação em uma universidade particular presencial, a Unipar, com financiamento estudantil do FIES. No primeiro ano de faculdade já comecei a trabalhar em uma escola particular como estagiária. Ao concluir o curso, fui contratada por duas escolas particulares como professora titular de história. Na sequência, realizei minha primeira especialização de pós-graduação na área de gestão escolar.

A segunda especialização surgiu a partir das vivências de sala de aula, pois estava em contato com alunos diagnosticados com diferentes patologias, o que me motivou a fazer especialização em educação especial. Os desafios como professora cada dia aumentavam e a necessidade de aperfeiçoamento estavam muito presentes.

Diante disso, retornei à universidade para cursar pedagogia. Foram mais quatro anos de grandes conquistas e aprendizados e um aproveitamento mais efetivo em que o amadurecimento fazia parte do processo. Sempre trabalhando e estudando, as conquistas começavam chegar. Comprei minha primeira moto e dei entrada

no financiamento da minha primeira casa, com um programa especial do governo Lula, chamado “Minha casa, minha vida”. Durante quatro anos, trabalhei sessenta horas semanais, isto é, manhã, tarde e noite entre escolas particulares e escolas públicas como PSS e CLT.

O tempo passou e eu estava em um novo relacionamento. Agora com mais tranquilidade financeira e experiência programamos ter um filho. Assim, nasceu o pequeno Joaquim, no dia 16 de março de 2020. Naquela mesma época, o mundo inteiro era assobrado por um novo vírus, o coronavírus, que mais tarde deixou marcas profundas em milhares de famílias. Nas primeiras semanas de 2020, quando começaram a circular as informações sobre o novo coronavírus, posteriormente batizado como covid-19, existiam muitas dúvidas e nenhuma certeza. Ficamos em casa isolados, usando álcool gel e máscara, mas aquele cenário parecia não ter fim.

Para vencer a ansiedade e o medo iniciei outro projeto de estudos. Todavia, agora o desejo era de fazer mestrado. Como estava de licença maternidade, com a família isolada em casa, fui me reinventado. Prontamente comecei leituras e escritas para um projeto que foi aprovado pela Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. O sonho do mestrado se tornava realidade.

O cenário dos meus dias era assustador. Os jornais mostravam números crescentes dos casos diagnosticados com o coronavírus e inúmeras vítimas, vidas que nunca mais voltarão. Essa era a triste realidade que estava vivendo o mundo e principalmente o Brasil.

Na ocasião, infelizmente estávamos diante de um governo extremista que não tinha o mínimo de empatia para com seu povo. Esse era o governo de Jair Bolsonaro em relação à pandemia da covid-19. Tal governo permitiu que milhares de vidas morressem, centenas de pessoas ficassem desempregas e fez pouco caso da ação mais importante no combate contra a doença: a adoção das medidas de segurança, como o isolamento social e o uso da vacina. Dois anos se passaram com a pandemia que jamais será esquecida.

Em janeiro de 2022, a busca por crescimento pessoal e mudança de vida me trouxeram a cidade de Maringá. Lugar longe da família, mas perto de conquistar novos sonhos. No dia 14 de setembro 2022, iniciei uma disciplina eletiva na Universidade Estadual de Maringá – UEM, “Tópicos especiais em educação I: contribuições de Paulo Freire”.

Era um dia chuvoso eu não conhecia os campos da universidade, então demorei até encontrar. Mas lá estava eu, com uma turma cheia de pessoas com entusiasmos e diversidades. Nossa primeira aula foi de apresentação da disciplina, das professoras e do cronograma, além de um delicioso bate-papo. O meu conhecimento do referido autor era raso, conhecia somente as frases de impacto dos murais das escolas por onde passei.

Na disciplina, passei a ter contato com algumas das obras de Paulo Freire. O primeiro texto foi “Carta de Paulo Freire aos Professores”. Em seguida, o texto “Ensinar, aprender: leitura de mundo, leitura da palavra”, o qual me fez voltar no tempo e relembrar minha trajetória de estudante e professora. Trajetória que resumo na seguinte citação: “O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensino algo que é reaprendido por estar sendo ensinado”.

Nossas aulas ocorreram presencialmente durante o período vespertino, nas quartas-feiras às 13h30min. Como tínhamos duas professoras para essa disciplina, ela foi dividida em dois momentos. Entre os dias 21 de setembro até 26 de outubro 2022, as aulas foram conduzidas e ministradas pela professora Ercilia. Nos dias 26 de setembro a 14 de dezembro 2022 foram pela professora Cristina. Durante esse período tivemos diversos convidados que estudiosos das obras de Paulo Freire.

No dia 19 de outubro 2022, a aula foi remota em virtude da convidada ser de outra cidade, a Professora Dr^a Franciele Clara Peloso da UTFPR/Pato Branco. Nesse momento o conteúdo abordado dizia respeito à contemporaneidade das obras de Paulo Freire e às contribuições para a educação. Um olhar voltado para as

diferenças. Já no início de sua fala a professora Franciele fez uma crítica à falta de conhecimento da grande maioria das pessoas em relação as obras de Paulo Freire. Na sequência, fez uma abordagem sobre o sujeito *versus* realidade, explicando o sujeito como humanização/ser de relações no mundo, de acordo com o pensamento de Paulo Freire. Subsequentemente, apontou sobre educar-nos coletivamente, isto é, “ninguém precisa se colocar no lugar do outro e sim basta se colocar em seu próprio lugar”. Nesse sentido, no texto “A constituição do ser humano a partir de diversos contextos e experiências nas infâncias”, Paulo Freire assevera que é importante nos colocarmos na condição de aprender como se fossemos uma criança.

Nossos encontros sempre foram de muito aprendizado, especialmente no que diz respeito as obras de Paulo Freire e as vivências de mundo. Para tornar nossas tardes de estudo mais agradáveis levávamos lanche e compartilhávamos.

Estávamos em período eleitoral, um ano político cheio de incertezas, medos, ameaças, pois tínhamos eleições para presidente e os relatos eram inevitáveis, pois quanto mais se aproximava a data mais aumentava a tensão. O grande dia chegou e as eleições entre Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro foram para o segundo turno. No entanto, graças a Deus, o amor venceu o ódio e vencemos as eleições consagrando Lula como o novo presidente do Brasil.

Aliás, estudamos nas obras de Paulo Freire sobre a valorização do indivíduo e a importância do sujeito. É por isso que temos a certeza de um novo cenário para os próximos quatro anos no Brasil. No texto “Educação como prática da liberdade”, Paulo Freire aponta:

O respeito à liberdade dos educandos, que nunca são chamados de analfabetos e sim de alfabetizandos. A busca pela interferência do povo na estrutura do programa através do levantamento do vocabulário popular. "Estas palavras básicas em termos de sua frequência, relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica que apresentam. Estas palavras, de uso

comum na linguagem do povo e carregadas de experiências vividas, são decisivas, pois a partir delas o alfabetizando irá descobrir as sílabas, as letras e as dificuldades silábicas específicas e seu idioma, além de que servirão de material inicial para descoberta de novas palavras."(Freire, pag. 13).

A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda a pedagogia moderna: "uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política". Nas linhas de sua filosofia existencial, a única exigência específica define claramente os termos do problema vivenciado no país. É que "teria o homem brasileiro de ganhar responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade".

Esse saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum do trabalho do educador e do educando. Ademais, Paulo Freire comenta no apontado livro que é impossível "dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como 'absurda e imoral' a participação do povo no poder".

Pelo exposto, nosso cenário atual revela que a democracia precisa ser respeitada e qualquer um que colocar em risco deve receber as punições devidas, sendo que Paulo Freire já previa essa crise de valores.

Maringá, 14 de janeiro de 2023

Abraços fraternos,
Cassiana Patrícia Morandi

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As 10 características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas pedagógicas: Tópicos Epistêmico Metodológicos de Educação Popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo, Ed. Cortez, 1981.

MARQUES, Renata Fernandes B.; SILVA, Marta Regina Paulo. Os círculos de cultura na educação infantil. In: SILVA, Marta Regina P., MAFRA, Jason Ferreira. (orgs) **Paulo Freire e educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, p.151 a 170.

PELOSO, Franciele Clara, Paula, Ercilia Maria Angeli Teixeira. A constituição do ser humano a partir de diversos contextos e experiências nas infâncias: a complexidade das obras de Paulo Freire. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2116609, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MIGRAÇÕES E TRANSPOSIÇÕES DE BARREIRAS

Dinalva Souza Ferreira Oliveira¹

Ao meu esposo

Escrevo esta carta para meu esposo, na singularidade de nossas vivências encontrei em você palavras de incentivo e encorajamento para seguir na jornada acadêmica. Por isso, te escrevo esta missiva pedagógica, ciente de que a lerá e se encantará com os aprendizados que tivemos nas discussões dos textos da disciplina de um educador de raro valor, Paulo Freire. O Tema: “A contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire e as contribuições para educação”.

Antes de mais nada, penso ser necessário explicar que uma carta pedagógica não é igual a uma convencional, ela visa produzir conhecimento, reflexão, saberes compartilhados, mas não de forma mecânica, um instrumento de diálogo e de transformação em quem lê e quem escreve, possui ainda um caráter político, me posicionar como cidadã. Nas palavras de Fernanda dos Santos Paulo e Ivo Dickmann (p. 25) “as Cartas Pedagógicas, mais que uma ferramenta de educação são um convite a uma Pedagogia Engajada ética e politicamente”.

Lembra quando nos conhecemos? Eu intencionava ir para a região amazônica realizar um trabalho social com os ribeirinhos, em visita anterior, vi o quanto seria útil terem uma enfermeira entre eles, então, decidi fazer o curso de enfermagem, mas os planos mudaram, acabamos nos casando e indo para um lugar ainda mais

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2019). Atualmente é diretora do Instituto *Ethnos* Brasil e educadora social do Instituto *Ethnos* Brasil.

longe...Equador. Lá, nasceu nossa princesa Paula, que devido a complicações de saúde foi preciso voltar ao Brasil. Tempos difíceis, incerteza, desesperança, contudo, permanecemos firme, pois sabíamos que não estávamos sós.

Meu envolvimento com a educação só aconteceu em 2016, quando a Paulinha já estava com treze anos de idade, antes disso era muito difícil, mas após o diagnóstico concluído – síndrome de Noonan, as internações por infecções e/ou cirurgias cessadas, e as condições clínicas favoráveis, ou seja, ela apresentava estabilidade em todo quadro clínico, a partir disso iniciei o curso de Pedagogia, me apaixonei.

No decorrer do curso, estudamos diferentes teóricos e diferentes teorias de aprendizagem, dentre elas, a teoria histórico crítica de Vigotski, que valoriza as interações e compreende o contexto social como determinante para o desenvolvimento cognitivo. Foi para mim muito importante ter conhecimento disso, pois pude conversar com as professoras da escola de minha filha, observar as interações e as atividades que eram enviadas, fazer sugestões, enfim, identificar caminhos que pudessem promover a melhora dela.

Hoje, por causa das interações sociais que ocorrem no ambiente escolar, ela desenvolveu uma das funções psicológicas superiores mais importantes do ser humano – a linguagem. Vigotski entendia que ao focar nas habilidades que a pessoa com deficiência possuía seria possível ampliar a capacidade de aprendizado. Ou seja, focava menos na deficiência e mais na aptidão. (Vigotski, Luria e Lentiev, 2017).

Ainda durante o curso de Pedagogia iniciei um trabalho de ensino de Língua Portuguesa para migrantes haitianos, costumo dizer que a barreira linguística é somente a primeira das muitas barreiras que os migrantes e refugiados encontram nos países de acolhida. Depois vieram sírios, venezuelanos, ucranianos, enfim, várias etnias precisando de aulas de português, auxílio para documentação, orientação para acesso aos serviços públicos.

A ideia de abrir o Instituto veio depois de seis anos de iniciada as primeiras ações em favor dessa população sofrida e fragilizada. É importante reconhecer a humanidade nos povos que migram, estar sensível aos sofrimentos, investir contra a desigualdade e se reconhecer nesses “estranhos” (BAUMAN, 2017). Alguma semelhança com o pensamento freiriano?

Ah, esqueci de mencionar que somos meio migrantes também, nascemos em Goiás, passamos por vários estados brasileiros e um país da América Latina, claro que de forma bastante diferente, nunca saímos por motivo de fome, guerra, perseguição ou catástrofes naturais, como é o caso dos refugiados, aflição inigualável. (ACNUR, 2015).

Foi surpreendente descobrir que Paulo Freire também se tornou um refugiado, perseguido por questões políticas precisou deixar o Brasil e viver no exílio, isto é, 16 anos fora do país. Viveu em inúmeros países, com certeza difíceis, porém produtivos, pois permaneceu sempre envolvido com a educação e as causas populares. Se ele vivesse hoje estaria indignado com tanta barbárie, estamos em janeiro de 2023, recém saímos de uma das eleições mais polarizadas da história, com democracia solidificada, mas os derrotados nas urnas atentam contra a ordem e estabilidade do país, é lamentável!

Em uma das aulas da disciplina de Paulo Freire, após uma aula de História sobre a sociedade burguesa e o proletariado, produção social versus apropriação individual, cada vez produzindo mais em menos tempo, superprodução de mercadorias em contraposição com a miséria crescente, a professora Maria Cristina disse uma frase congruente: “a democracia é o ideal para repor as desigualdades, a luta deixa de ser armada e passa a ser pelo voto”.

Nós, alunos da disciplina de Paulo Freire, somos agradecidos à professora Ercília e professora Maria Cristina pela inserção desta disciplina no programa de pós-graduação. Estudar sobre sua vida e seu legado produz crescimento, desenvolvimento e melhoria para educação e para cada um individualmente.

Iniciamos com a leitura do livro *À Sombra Desta Mangueira*”, obra singular ao tratar da significância da mangueira como memória identitária. Retrata ainda a dor, a fome e miséria de seu povo, que, como ele, tem esperança de um mundo sem desigualdade, sem discriminação, sem injustiças, onde a educação alcance seu objetivo: conscientizar, libertar e transformar. Que ela relacione conhecimento ao contexto do aluno, senão se torna vazia.

No primeiro dia de aula, a prof. Ercília leu o prefácio do livro feito por Ladislau Dowbor, economista, professor da PUC de São Paulo e do Instituto Metodista de Ensino Superior, doutor em Ciências Econômicas pela Universidade de Varsóvia, apreciando a relevância das palavras de alguém do meio econômico que coaduna com o pensamento de Freire, que vê o capitalismo como um gerador de desigualdades e injustiças sociais, em antítese à teoria de Milton Friedman, o neoliberalismo.

Tivemos algumas aulas presenciais e outras remotas, outras híbridas, é interessante fazer essa intercalada na forma das aulas, já que ajuda aqueles alunos que vêm de outras cidades e às vezes fica difícil vir pra Maringá. Ainda mais com as estradas estando bloqueadas devido a algumas manifestações políticas que ocorreram após as eleições.

Aprendemos sobre a vida de Paulo Freire, sua história, suas teorias, seu método de alfabetização de adultos, suas contribuições ao frequente desafio de uma educação libertadora. Uma educação pensante, crítica, questionadora, não passiva, não linear e horizontal. Os pressupostos metodológicos e epistemológicos devem auxiliar docentes e discentes a reconhecerem situações de opressão, alienação e desumanização. A alienação enclausura, o conhecimento liberta.

As aulas foram fascinantes, além das queridas professoras, elas diversificaram, os textos foram ministrados por freirianos e freirianas de carteirinha (kkkk), acho que todos e todas que participamos destes dias de aprendizado acabamos nos tornando também.

Tivemos o professor C zar de Alencar Arnaut de Toledo – PPE/UEM, com detalhes contou sobre fatos históricos/políticos do Brasil e da vida de Freire, ele esteve face a face com o autor, que emocionante; Paulo Freire e as crianas, com a professora Clara Peloso – UTFPR/Pato Branco, descobrimos muitas coisas interessantes sobre a infância dele, foi ótimo; o professor Joao Colares -UEPA – Belém, que discorreu sobre a decolonialidade, assunto de bastante relevância na luta contra a hegemonia eurocêntrica.

Depois das aulas com a Prof^a Ercília, seguimos a disciplina com a Prof^a Maria Cristina, a qual retomou sobre os aprendizados que havíamos conseguido construir até aquele momento sobre Freire. Lembro de nossa colega Joelma, muito tranquila, dizer que quanto mais aprendia de Paulo Freire mais descobria que não sabia nada, que ele é apaixonante, uma pessoa que se deve conhecer cada vez mais.

Também participamos do estudo das convidadas da Prof^a Maria Cristina, uma delas foi a Prof^a Cristiane Silva Melo, UNESPAR, Campo Mourão. Foi legal fazermos um prático com a metodologia freiriana, cada um deveria escrever seu nome e a partir de cada letra do nome formar outras palavras. Ela retomou o que já tínhamos visto sobre as palavras geradoras, que são aquelas que desencadeiam o processo de alfabetizao. Um exemplo dado pela professora foi a figura de uma casa, que poderia gerar “moradia”, dessa palavra seria possível ensinar também sobre as questões econômicas, políticas e sociais que apresentam significado para quem aprende.

Igualmente importante foram as palestras das professoras Maria da Conceio N. Marques – GEOTEC/UNEB, Prof^a De História da rede municipal de salvador e a Prof^a Kátia Santos Araújo – GEOTEC/UNEB. Em discussão o livro *Pedagogia do Oprimido* com o tema sobre “conscientizao”.

O livro mencionado acima é um clássico dos escritos de Paulo Freire, foi traduzido para vários idiomas, de notória significao para a atualidade, ele trata da relao entre oprimidos e opressores, da alienao que a educao propõe, já que a mesma pretende

manter a hegemonia da sociedade capitalista. Para ele, a educação precisa ser libertadora, emancipadora, humanizadora, por meio da reflexão, os oprimidos poderão se libertar.

Posso dizer até este momento que foi intenso e muito produtivo participar desta disciplina. Acredito que tenha sido plantado em cada um de nós uma semente freiriana, pois seus pensamentos são de esperança, humanidade, humildade, aprimoramento profissional e pessoal. Cada pessoa que luta contra a dominação, contra a alienação, em favor dos desfavorecidos, em favor de uma educação de qualidade para todos e todas, enfim, que lutam por liberdade, ainda que não saiba, tem em si uma similitude com o pensamento de Paulo Freire.

Maringá, 13 de janeiro de 2023.

Dinalva Souza Ferreira Oliveira

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**; tradução Carlos Alberto Medeiros, I. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DICKMANN, Ivano. As 10 características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas pedagógicas**: Tópicos Epistêmico Metodológicos de Educação Popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

EDWARDS, Adrian. **Refugiado ou Migrante?** O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> Acesso em: 13 de jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. Editora Olho D'Água. São Paulo, 2004.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV. A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**; tradução de: Maria da Pena Villalobos. 16^a ed. São Paulo: Ícone, 2017.

CARTA PEDAGÓGICA PARA AS MINHAS FILHAS ARIANE E FRANCIELLE

Edna Aparecida Pitelli Sabatine¹

Carta para as minhas filhas Ariane e Francielle,

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros (FREIRE, 2000, p. 67).

Olá, queridas!

Inicio esta carta com um pensamento de Paulo Freire, por concordar e acreditar em suas palavras. Enquanto redijo estas linhas, pergunto-me: o que escrever e como manusear adequadamente as palavras para mostrar a vocês os caminhos que trilhei até aqui para adentrar ao mundo da Educação? Embora me conheçam muito bem, vocês não têm conhecimento de parte da minha história, ainda. Por isso, deixarem aqui registradas algumas de minhas memórias. As reflexões aqui apresentadas partem, primeiramente, de recordações guardadas em minhas recordações que ora estão vivas, ora se encontram adormecidas. Em outros momentos, as reflexões são oriundas dos textos propostos na disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire” e das discussões realizadas em sala de aula durante meu curso de mestrado em Educação.

¹ Edna Aparecida Pitelli Sabatine é Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-graduação em História, Arte e Cultura pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

Escrever esta carta possibilitou um encontro comigo mesma. Retornar à minha infância cronológica permitiu reviver o passado, com todas as marcas específicas de uma criança curiosa e esperançosa que convivia com os medos e as alegrias daquilo que lhe era permitido viver tendo em vista sua classe social e os limites do seu tempo histórico.

Nasci em Alto Paraná, uma pequena cidade situada na região noroeste paranaense, no ano de 1964. Logo nos mudamos para o município de Cidade Gaúcha, quando completei quatro anos de idade. Àquela altura, meus pais tinham três filhos. No ano seguinte à mudança, nasceu o antepenúltimo filho, seguido do caçula, que já nasceria em Terra Roxa do Oeste, também no Paraná, cidade em que morei até me casar. Somos, portanto, em cinco irmãos, dos quais sou a única do gênero feminino. Naquele momento, apenas eu e meu irmão mais velho tínhamos idade para frequentarmos a escola.

Em Cidade Gaúcha moramos na zona rural, em uma fazenda cujo nome era Estrela, a 2 km de distância da área urbana. A propriedade pertencia a dois irmãos: Nelson e Adriano Dorneles Vargas, sobrinhos do então presidente Getúlio Vargas (1882-1954). Ambos eram médicos, os únicos que existiam por lá. Naquela época, eu não entendia muito bem o que era um lugar bom ou ruim para se viver, pois tinha apenas cinco anos de idade. Hoje, porém, eu posso afirmar: lá construiu-se a etapa mais importante da minha vida.

Na minha época de criança não havia computador, celular, dvd, blu-ray, jogos eletrônicos e outras tecnologias digitais, mas o que não faltava era criatividade durante as brincadeiras de faz de conta. Entre o silêncio encontrado no jardim de nossa casa e o porão, eu criava vários mundos e amigos(as) imaginários(as); lá eu brincava de casinha, fazia comidinha, fui princesa, mamãe de boneca feita de espiga de milho, cozinheira, professora, médica, deusa de outro mundo, fazendeira, mulher-maravilha, escritora e outras tantas personagens que a minha imaginação permitia.

Outro lugar que eu adorava ir era a cachoeira, pois se tratava do único local em que minha mãe me deixava brincar com as meninas que moravam nas colônias. Enquanto ela lavava as roupas, eu aproveitava e brincava de betes, tomava banho de cachoeira, subia em um pé de pinha que lá existia, comia frutas e corria atrás das borboletas coloridas que ficavam pousando nas flores e nas taboas que nasciam e cresciam às margens do córrego. Estas últimas eram colhidas pelas mulheres que, com elas, confeccionava travesseiros.

Aqueles locais eram feitos, pelas mulheres, de lavanderias. Não havia tanques de cimento, muito menos uma lavadora Brastemp. O que se tinha eram várias tábuas de madeira, que elas usavam para ensaboar, esfregar e bater as roupas, e, ao seu lado, havia um grande canteiro de grama verdinha, que era usado para quasar as peças de roupas brancas.

No ano de 1969, meus pais decidiram que nos mudaríamos. O propósito de mudar de cidade se deu em meio ao cenário de assistência à infância no estado do Paraná. Naquelas redondezas, foi o único trabalho que meu pai conseguiu próximo à cidade, o que facilitava o acesso à escola. Meu pai estudava por correspondência e sempre deu muito valor aos estudos. Foi influenciado também pelos médicos proprietários da fazenda, que sempre o aconselharam sobre o quanto instruir os filhos era importante. Por isso, meus pais estavam sempre presentes em nossa educação, pois, para eles, aquele era o momento de sonhar e imaginar um futuro melhor para os filhos.

Minha mãe não estudava, mas fazia de tudo para que eu e meu irmão tivéssemos oportunidade de vivenciar o mundo das letras. Ela possuía alguns livros e romances e, mesmo com pouco estudo, foi capaz de nos ensinar as primeiras letras. Além disso, recitava poesias: eu ficava encantada e me esforçava ao máximo para escrevê-las. Com a ajuda de meus pais, aprendi a escrever meu nome e algumas palavras antes mesmo de ir para a escola primária.

Minha trajetória escolar: aprendendo a observar e compreender o mundo

Eu ainda não havia completado seis anos de idade quando ingressei no jardim de infância. A educação era ofertada pelo Grupo Escolar Dom Bosco, cuja trajetória pode ser verificada conforme os dados que seguem:

Decreto nº. 21881 de 11 de dezembro de um mil novecentos e setenta (1970), o Senhor Governador do Estado do Paraná, usando de atribuições que lhe confere o artigo 47 itens XVI da Constituição Estadual e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura decretam: “Fica criado o Grupo Escolar Mal. Costa e Silva no município de Cidade Gaúcha”, onde a partir de 1971 foi implantado a 1ª a 4ª série primária alterando o número de alunos para 208 alunos. Ainda no ano letivo de 1970, a escola em pauta funcionou como extensão do Grupo Escolar Dom Bosco, tendo como Direção a mesma da Escola Normal Colegial da qual era anexa (COLÉGIO ESTADUAL MARECHAL COSTA E SILVA, 2010, p. 5).

De acordo com o projeto político-pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, a instituição foi fundada pelo decreto nº 8.270, em 30 de dezembro de 1967. Já em 1968, o colégio iniciou suas atividades docentes com duas turmas de primeira série, somando um total de 53 alunos e nove professores. Com a criação da Escola Normal Colegial Estadual Marechal Costa e Silva, houve a necessidade de construir uma “[...] escola primária anexa à Escola Normal, onde as alunas estagiárias poderiam pôr em prática os conhecimentos recebidos e estar em contato com as crianças, como também aplicar seus princípios didático-pedagógicos”.

No primeiro dia de aula, eu e meu irmão fomos levados pela minha mãe, e, na hora certinha, chegamos à escola, cansados, pois aqueles 2 km somados ao medo que sentíamos nos deram a impressão de termos caminhado durante uma eternidade. Ao nos deixar com a professora na sala de aula, minha mãe nos disse que na hora saída estaria nos esperando, se despediu e foi embora. Não sei

se ela voltou para casa ou se ficou nos esperando do lado de fora da escola. Não me recordo dessa parte, e ela não está mais entre nós para relatar como tudo ocorreu. Lembro-me que meu irmão chorou muito na sala de aula e, para nossa alegria, na hora que soou o sinal de saída, nossa mãe, de fato, lá estava à nossa espera.

Do segundo dia em diante, nós passamos a ir sozinhos. Depois de atravessarmos o assombroso capão de mata, caminhávamos por uma estrada boiadeira até a escola, onde sempre nos deparávamos com a boiada e os ponteiros, isto é, os cavaleiros que iam à frente conduzindo-a, os quais faziam a nossa proteção. Mas, mesmo com o medo de atravessar o capão de mata – que tanto nos assustava – e encontrar a boiada pela estrada, eu gostava de ir para escola, sentia-me importante com a minha primeira lancheira e uma bolsa preta de alça bem comprida, na qual carregava um caderno, lápis, borracha e a inesquecível cartilha *Caminho Suave*.

Quando chegávamos à escola, corríamos para as filas, cada um para a sua: eu ia para a fila das meninas, enquanto meu irmão se dirigia para a dos meninos. Todos os alunos deveriam obedecer ao seu lugar na fila, organizada por tamanho, do menor ao maior. As filas ficavam em frente à bandeira do Brasil, que era estizada por uma professora conforme cantávamos o hino nacional. Nós entrávamos na sala de aula e rezávamos a oração do pai-nosso, em seguida, a professora iniciava as atividades.

Tais foram os primeiros passos que trilhei para compreender o mundo. Apesar de terem sido muito significativos, não me deram suporte para que eu interferisse efetivamente na realidade. Digo isso porque vivemos em um mundo predominante capitalista, no qual “[...] o analfabetismo atinge mais de 800 milhões de pessoas e aumenta cerca de 10 milhões a cada ano” (FREIRE, 2015, p. 16). Paulo Freire explica que, na educação como intervenção, deve-se

aspirar por mudanças extremas na sociedade, “[...] no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário,

reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta (FREIRE, 1996, p. 55).

A escola que eu frequentava era de alvenaria, toda cercada de muro, portanto, era segura. Em relação à alimentação, eu não gostava do leite em pó, mas gostava muito da sopa verde que era servida. A sala de aula era espaçosa e com boa claridade, as janelas eram de vidro e permitiam que a luminosidade entrasse. Eu me sentava à segunda carteira dupla, ao lado da janela por onde se podia observar a avenida, ainda de chão batido e, quando passavam os carros e as carroças puxadas por cavalos, eu via subir uma nuvem de poeira.

Não sei por que razão, mas eu adorava ficar olhando através da janela, observando a poeira ir se assentando, colorindo as folhas do capim colonião que ficava à margem da avenida.

Em pouco tempo, no ano de 1971, precisamos nos mudar de cidade, em razão de meu pai ter conseguido comprar um sítio em Terra Roxa do Oeste, que ficava a 5 km de Cidade Gaúcha. Nosso sítio se chamava *São Cristóvão*, pois abrigava uma imagem do santo em sua cabeceira. Do seu lado, havia uma escolinha de madeira, com apenas duas salas de aula, uma de frente para outra, entre as quais havia uma área que as separava, uma quadra coberta atrás da escola, um poço que era a fonte de água para os alunos e as professoras, além de uma casinha ao fundo da escolinha, que funcionava como um banheiro.

Quando meus pais disseram que íamos estudar lá, chorei muito, pois queria minha escola de volta, minhas amigas e minha professora. Mas, minha mãe, sempre carinhosa, me acalmou dizendo que seria apenas por aquele ano, me orientou a ter paciência pois, no ano que se seguiria àquele, eu estudaria novamente na escola da cidade.

A turma da escolinha era multisseriada, as carteiras acomodavam três ou quatro alunos ao mesmo tempo, pois eram muitas crianças. Havia duas professoras, Lucimara e Marli, ambas leigas, que cursavam o ginásio na cidade. Lucimara era a minha

professora, uma moça bem novinha, que gostava de brincar conosco na hora do intervalo. Lá não havia merenda, não se cantava o hino nacional, não se tocava campainha e nem se formavam filas.

As professoras não tinham tempo para se dedicarem a uma série específica e, quando uma delas faltava, a outra tomava conta das duas salas. Os alunos gostavam quando isso acontecia – principalmente os meninos –, porque, quando brigavam, não havia quem os repreendesse, visto que havia uma única professora para dar conta de tantas crianças.

No ano seguinte, já na 6ª série, voltei a estudar na cidade, no Colégio Antônio Carlos Gomes. Ah, como aquela escola era bonita! Tinha a mesma rotina e as características da minha primeira escola. Contudo, tive um impacto muito forte quando comecei a cursar o ginásio: percebi que o ensino que tive na escola rural era fraco e, mesmo sendo significativo para mim, os conteúdos não me prepararam para enfrentar uma escola que tinha quase quarenta alunos por série, matérias diversificadas e vários professores.

Depois de terminar o ensino médio, comecei a organizar o meu casamento, que aconteceria em 1983. Desde então, passei um bom tempo sem estudar. Somente no ano de 2009 resolvi voltar aos estudos: fiz o vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e, para minha felicidade, fui aprovada.

Em 2010, estava cursando a graduação em Pedagogia na UEM. Eu sequer acreditava, estava realizando um sonho. Os dias foram passando e o curso se tornou cada dia mais difícil. Cursar uma faculdade depois de passar anos sem estudar não foi fácil, parecia que eu estava em um lugar desconhecido, onde as pessoas falavam um dialeto completamente diferente do que eu conhecia. Era exatamente assim que eu me sentia no primeiro ano do curso. Contudo, os professores, sempre afetuosos, dialogavam muito com os alunos, contavam histórias de suas vidas, faziam perguntas sobre o que nós gostaríamos de estudar. É claro que isso era apenas os momentos de interação entre alunos e professores, porque também “choviam” textos por todos os lados. Mas, momentos assim fizeram

toda a diferença, pois eu aproveitava para tirar minhas dúvidas. Minha formatura aconteceu em 2014, foi um dia inesquecível, que ficará gravado para sempre em minha memória.

No ano de 2016, fiz a seleção para o curso de mestrado em Educação da UEM e, embora tenha passado na prova escrita, não fui aprovada na fase das entrevistas. Foram várias tentativas até que, em 2018, fui aprovada – uma grande conquista! – e, ao final do ano de 2021, defendi a minha dissertação.

Mais um sonho realizado, tornei-me mestra em Educação! Entretanto, não parei por aí, não. Em 2022, me inscrevi para o processo seletivo do doutorado em Educação da mesma universidade, no qual não obtive aprovação na prova de títulos. Isso não me impediu de frequentar aulas como aluna não regular na disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire”, do Programa de pós-graduação em Educação, ministrada pelas professoras doutoras Ercília Maria Angeli T. de Paula e Maria Cristina Gomes Machado, ambas docentes titulares da instituição.

Por meio da disciplina, tivemos contato com as principais obras do autor, como, por exemplo, *Pedagogia do Oprimido*, publicada originalmente em 1968. Além disso, as aulas contaram com professores convidados que se dedicam aos estudos e à discussão sobre o tema: Dr. André de Souza Santos, Dr. Cézár de Alencar Arnaut de Toledo, Dra. Cristiane Silva Melo, dentre outros, que trouxeram contribuições enriquecedoras para nossa aprendizagem.

Tais experiências foram significativas e me ajudaram a compreender as razões pelas quais Paulo Freire defendia a Educação Popular. Paulo e Dickmann (2020, p. 30) ressaltam o conceito de Educação Popular enquanto “[...] atividade teórico-prática coletiva na busca da libertação.

Isto é, educação como processo de humanização. O popular como povo implica considerar que vivemos em uma sociedade de classes”. Sob esse aspecto, tal educação tem a função de humanizar e libertar o oprimido, ou seja, libertar o “povo”. Por isso, não deve

ser discutida e nem concebida fora do contexto histórico e econômico (PAULO; DICKMANN, 2020).

As discussões dos textos abriram um leque de possibilidades para descobrir mais sobre mim mesma. Durante as aulas, as professoras nos incentivaram na busca pelo sentido das coisas que nos propomos a fazer, sair um pouco do sistema, buscar alegria, agir com consciência, ouvir e respeitar a opinião do próximo, porque ninguém aprende sob pressão ou sendo coagido.

A disciplina em questão me proporcionou uma gama de possibilidades, ampliou meus conhecimentos sobre a área da educação. A partir dos estudos, comecei a entender que precisava romper ainda mais com barreira petrificada que estava envolta a mim como, por exemplo, julgar a história do outro, tirar conclusões precipitadas e fazer suposições. Foi nesse momento que passei a ter mais clareza sobre a responsabilidade e o compromisso que o professor deve ter com o processo de formação dos sujeitos, ao passo que não podemos, como professores, distanciar as crianças de suas emoções e sentimentos, de seus princípios e valores, mas, ao contrário, precisamos olhar para a criança a partir de sua perspectiva, envolvendo-a em atividades dinâmicas e concernentes à sua faixa etária e ao seu nível de desenvolvimento.

Então, minhas filhas, encerro esta carta dizendo que muito esforço foi empregado até chegar aqui. Ficam, nessa história, o carinho, o respeito e o orgulho daqueles que fizeram parte dela, sobretudo do apoio e incentivo que vocês me deram para que meu sonho se tornasse possível. Por isso, para encerrar, quero deixar mais um pensamento de Freire (1979), para que o levem sempre com vocês: o “[...] amor implica lutar contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (FREIRE, 1979, p.15).

Assim, quando o homem se permitir amar e ser amado, ele poderá compreender a sua realidade e conseqüentemente, buscar por mudanças conscientes.

Maringá, verão de 2022.

Com carinho, de sua mãe, Edna Aparecida Pitelli Sabatine.

REFERÊNCIAS

Colégio Estadual Marechal Costa e Silva (EFM). Projeto Político Pedagógico. Cidade Gaúcha, 2010.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular.

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE MINHA VIDA: SUPERAÇÕES E CONQUISTAS

Jéssica de Jesus Souza Suzuki¹

Queridas Professoras Ercília, Cristina e estudantes da pós-graduação da disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire” - do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Estadual de Maringá,

tudo bem com vocês? Espero que sim.

Esta carta tem como cunho central agradecer às professoras Ercília e Cristina pela oportunidade de poder explanar nossa vivência com o conhecimento científico desde a mais tenra idade, em que eu me deparei quando tinha apenas seis anos de idade. Para uma criança desenvolver em meio a um ambiente de pobreza e tráfico de drogas ao redor, não foi fácil. Eu morava na favela de São Paulo quando comecei os estudos, morava com minha mãe costureira, meu pai açougueiro, e, mais dois irmãos menores.

Sem a perspectiva de um futuro melhor, eu fui me dedicando aos estudos, mesmo que fosse o público, eu gostava muito de conhecer e pesquisar para me aprimorar mais. Minha maior alegria foi quando minha mãe comprou a enciclopédia Barsa por minha causa quando tinha onze anos e a pagou em suaves prestações.

Imagina só, eu com todo aquele conhecimento dentro de casa! Foi maravilhoso pois como a biblioteca da escola não tinha muitos recursos, aquela coleção iria me ajudar a abrir meus olhos para o

¹ Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Pedagogia e Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Gestão Educacional e Educação Especial (AEE). Docente da rede municipal da Prefeitura de Maringá-PR.

conhecimento, mesmo que resumidamente. E assim foi os primeiros momentos com o conhecimento, fui crescendo e as condições de poder frequentar uma faculdade/universidade era precária. Tinha que trabalhar para ajudar em casa e morando no ambiente que me encontrava, favela, ficava cada vez mais longe o sonho de continuar a estudar e me formar professora, o que sempre sonhara em ser.

Querida ser aquela professora que ensinava o conhecimento científico aos alunos com dedicação e amor. Em que os alunos se apaixonassem pelo saber como eu me apaixonei, era muito esforçada, mas minhas notas nunca saíram da média, sete ou oito, mas o dia que tirei dez em literatura fiquei muito alegre, imagina, como eu poderia tirar dez? Sem chance, mas tive uma professora que me via além de uma estudante na sala dela. Ela me encorajou a continuar a estudar, porém morando onde morava a realidade era outra, na escola eu vivia um sonho, mesmo estudando a noite e trabalhando com quatorze anos oito horas por dia.

Quando meus avós que moravam em Maringá ficaram doentes, nós todos nos mudamos para cá e minha mãe cuidava deles, eu logo comecei a trabalhar e estudar no Instituto de Educação Estadual de Maringá à noite no curso de Magistério, imagina a minha alegria, era minha chance de ser professora, mesmo que não conseguisse ingressar numa faculdade/universidade. Conheci meu esposo com dezesseis anos e começamos a namorar. Ele era bem metódico, filho de japoneses já dá para imaginar como ele era.

Mas nos apaixonamos e casei com dezoito anos e já tinha terminado o magistério, porém ele não deixou que trabalhasse na profissão. Tivemos dois filhos (os quais me orgulho muito atualmente os dois têm curso superior na UEM, o rapaz de 28 anos, já formado há 4 anos em Arquitetura e Urbanismo e a moça de 25 anos, cursando Biomedicina e formada em estética pela Unicesumar).

Então fui criá-los primeiro e depois voltei a estudar com trinta e três anos. Fiz cursinho e passei no primeiro vestibular que fiz pra Pedagogia na UEM de manhã, onde tinha apenas vinte vagas. Foi

uma festa quando soube do resultado na quadra de esportes da UEM onde constava os nomes dos aprovados de cada curso.

A partir daí não parei mais de estudar, que felicidade poder aprender mais, e mais. Fiz um PIC e um PIBIC durante a graduação. Publiquei em vários congressos(EAIC, HISTEDBR) artigos dos assuntos que estudava. Após a graduação, continuei com os estudos me formei especialista em Psicopedagogia.

Clínica e Institucional, em que trabalhei em clínica por seis anos até chegar a pandemia, em que não pude mais atuar e nem suportar os gastos sem trabalhar na clínica. Também sou especialista em Gestão Escolar e Educação Especial.

Foi quando que aos trinta e seis anos passei no concurso para professora 20h na prefeitura de Maringá e logo adiante aos trinta e nove anos, passei em outro concurso para professora de contraturno 20h na prefeitura de Maringá também. Dois concursos que me realiza muito, o trabalho com as crianças, seja na turma regular, seja nos atendimentos dos alunos com dificuldades de aprendizagem, é muito gratificante.

Após algumas tentativas para o mestrado, este ano de 2022 com quarenta e nove anos, consegui ingressar como aluna regular do PPE em Educação com o tema de pesquisa sobre o aprendizado das crianças com dificuldades de aprendizagem tendo como base a teoria histórico-cultural e tem sido um aprendizado atrás do outro durante as aulas no mestrado.

Na disciplina de “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire”, tem sido aulas as quais têm contribuído muito com meu aprendizado, para ser melhor como pessoa e como profissional. Vou mencionar alguns dos textos que me marcaram.

No primeiro dia de aula tivemos as apresentações das professoras Ercília e Cristina e dos colegas presentes na aula, foi mais uma introdução ao que seria a disciplina, que ela seria ministrada por dois momentos um pela professora Ercília e num segundo momento pela professora Cristina, inclusive, os textos de

mais importância que iríamos nos ater. Foi proposto que fizéssemos uma carta para as professoras Cristina e Ercília contendo as impressões das aulas que viriam a seguir, inclusive com o nosso momento de fala.

No segundo encontro, com a professora Ercília a frente do primeiro momento, o texto de Freire (2015) “A sombra desta mangueira”, em que Paulo Freire falava que os temas da sociedade deveriam ser discutidos do amplo para o menor [...] ele era muito criticado em sua metodologia. Com o exílio, ele enraizou para o mundo inteiro [...] Paulo Freire deixava claro que precisamos das realizações materiais, mas não somente isso, que deveríamos refletir sobre a concepção de civilização que queríamos [...] e ter muita tecnologia iria tirar o emprego das pessoas. As discussões nesse dia como em outros foram imensas, pois aguçaram muito nossa reflexão com o nosso dia a dia.

Na semana que estudamos com o professor César foi algo que me marcou, pois ele relatou com muita propriedade sobre Paulo Freire e das aulas que havia tido com ele na Unicamp.

O professor César mencionou que Freire havia dito que não existia método e sim uma metodologia que fosse construída coletivamente, em que o educador só ensina quando aprende. Entre tantas palavras proferidas pelo professor naquele dia, parecia que era o Paulo Freire ali falando conosco. Numa simplicidade sem tamanho e de uma clareza naquilo que ele tinha como objetivo, nos por a refletir.

Quando foi na outra semana tivemos aula remota com Franciele Clara, Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira e discutimos o texto “ A constituição do ser humano a partir de diversos contextos e experiências nas infâncias: a complexidade das obras de Paulo Freire” de Peloso e Paula (2021).

A professora Franciele que nos encantou com seu modo intrínseco de falar de Paulo Freire, me marcou muito como ela nos apresentou, relatou e explanou o autor para todos nós. Do seu jeito

calmo de falar nos revelou que Freire dizia que nós devíamos nos colocar no lugar do outro e não querer ser o outro.

Num outro momento, já com a professora Cristina a frente dos trabalhos, ela trouxe a professora Cristiane Silva Melo, minha amiga da pedagogia, que satisfação em revê-la, e sua aula então, muito boa. Ela se apresentou e nos trouxe uma visão muito bem elaborada do método do Paulo Freire, fez até uma dinâmica conosco para apreciarmos como aconteceria em uma aula freiana. Mencionou rapidamente sobre o livro *A pedagogia do oprimido*, por conta do horário.

Outro momento marcante em nossas aulas foi com o professor André de Souza Santos, que falou sobre o livro de Paulo Freire *A pedagogia do oprimido*. Ele se apresentou e começou a falar bem claramente com muita propriedade sobre Paulo Freire. Ele mencionou que Freire dizia que o diálogo é o meio construtor que seria a fonte de conhecimento e a partir daí existe aprendizado dentro desse processo. Falou do exílio de Freire, de como ele escrevia mesmo estando longe do Brasil. Foi uma aula de “tirar o chapéu”, nunca tinha visto alguém falar de um autor assim com tanta devoção.

Não podia deixar de mencionar das professoras da Bahia, as professoras Maria Conceição e Kátia que fizeram também outra abordagem de Paulo Freire maravilhosa sobre sua teoria e prática, da práxis que o autor tanto relata em suas obras com junto as pessoas menos favorecidas financeiramente. Foi uma aula remota excepcional que eu nem vi passar o tempo, e tão intrigante que estava a discussão das convidadas conosco.

Continuando com o nosso aprendizado, a reprodução dessa carta que realizamos nos marcou, pois trouxe lembranças que não havíamos parado para pensar no que passamos durante a vida e no que podemos atuar com o aprendizado que obtivemos nas aulas.

Sabe, durante as aulas foi muito prazeroso aprender com as professoras Ercília e Cristina, as aulas como elas conduziam eram intrigantes e bastante instigantes, pois em cada aula foi muito

aprendizado, principalmente ao meio político em que vivemos atualmente.

Não tenho palavras para agradecer tamanho aprendizado que levarei comigo para sempre, desde suas palavras afetuosas até as palavras de incentivo no mundo do saber.

Aqui me despeço com muita gratidão às aulas que tive nessa disciplina até o momento. Essa carta foi escrita com muito apreço e consideração as professoras Cristina e Ercília, e, aos nossos colegas da disciplina.

Maringá, 15 de dezembro de 2022.

Abrços com carinho,
Mestranda Jessica de Jesus Souza Suzuki

REFERÊNCIAS

Aula com César de Alencar Arnaut de Toledo – PPE/UEM dia 05 de outubro de 2022.

DICKMANN, Ivano. As 10 características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas pedagógicas: Tópicos Epistêmico Metodológicos de Educação Popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. Editora Olho D'Água. São Paulo, 11. Edição. 2015, p. 1-51.

_____. Educação e conscientização. In: FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. (Capítulo 4)

_____. A pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Capítulos 1 e 2). **A práxis e conscientização em Paulo Freire** - André dos Santos, UEL, Londrina.

_____. A pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Capítulos 3 e 4)

PELOSO, Franciele Clara, Paula, Ercilia Maria Angeli Teixeira. A constituição do ser humano a partir de diversos contextos e experiências nas infâncias: a complexidade das obras de Paulo Freire. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e2116609, p. 1-18, 2021.

CARTA PEDAGÓGICA AOS PROFESSORES E PROFESSORAS QUE VIVENCIARAM A BARBÁRIE DO MASSACRE: 29 DE ABRIL NO ESTADO DO PARANÁ

Joelma Fátima Castro¹

Em um país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário. Paulo Freire

Estimadas(os) professoras e professores, tudo bem? Espero que sim, venho por meio desta carta, dialogar com vocês sobre o massacre ocorrido no dia 29 de abril de 2015, em Curitiba-PR, no qual vocês estiveram presentes, neste momento de luta, mas antes de iniciarmos nossa conversa permita apresentar, qual o meu lugar de fala, para que assim possam compreender o motivo de ter escolhido vocês, desbravadores que lutam e resistem constantemente, como destinatários para esta carta pedagógica.

O meu eu estudante/professora

Me chamo Joelma, sou filha da escola pública, desde criança aprendi com meus pais que deveria respeitar as(os) professoras(es) e fui crescendo sempre tentando uma grande admiração por todas(os) aquelas(es) que me ensinaram muito durante a trajetória escolar. Em minha infância devido a separação dos meus pais, acabei

¹ Mestra em Educação pelo Programa de pós-graduação (PPE) na Universidade Estadual de Maringá (UEM) em 2022 e é Doutoranda deste mesmo programa. Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. Participou do Programa Institucional de Bolsa à Docência (PIBID) com foco em matemática (CAPES) e participou do Programa Residência Pedagógica, núcleo Gestão Escolar (CAPES). Participa da Oficina Pedagógica de Matemática (OPM/UEM), do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde. Foi bolsista da CAPES no mestrado e também é bolsista no Doutorado (PPE/UEM).

por frequentar escolas em SP, MG e PR, e mesmo em estados diferentes, o que ficou em minha memória foram as mais belas recordações de cada instituição e de cada professora(o) que contribuiu para com a minha formação.

Em 2015 ano deste lamentável ocorrido, ainda não tinha ingressado no curso de Pedagogia, acompanhando pelas mídias, vendo aquelas cenas, era difícil acreditar, como professoras(es), educadoras(es) estavam sendo tratados pelo governo do Beto Richa.

Em 2016, ingressei no curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), durante a graduação um dos assuntos que sempre esteve presente foi o massacre aos professores, e todos os anos passamos a ir para rua como forma de rememorar essa data, de maneira que não caísse no esquecimento da sociedade a brutalidade sofrida pela classe de professores(as).

O curso de Pedagogia é ministrado no Bloco I 12 da UEM, no dia 14/09/17, durante assembleia, docentes e discentes do curso escolheram 29 de abril como nome do auditório do bloco, em que “Auditório 29 de Abril-Significado de luta: esforço feito por duas ou mais pessoas, por um ideal. Significado de resistência: defesa contra o ataque a escola pública”.



Acervo pessoal da pesquisadora

Na porta do auditório ficou registrado por meio de fotos, a tortura sofrida no dia que era para de ser de luta e se transformou em um massacre, um ato de covardia do governo do estado, em agir desta forma com aqueles que apenas estavam em luta da defesa de seus direitos.

Prosseguindo em 2019, ao participar da seleção do mestrado pelo Programa de pós-graduação em Educação (PPE/UEM), tive o privilégio de me aproximar da obra *Pedagogia do Oprimido* (2013) de Paulo Freire, por meio da leitura, é notável que os escritos de Freire vão de encontro com o ocorrido em 29 de abril. A luz das palavras de Paulo Freire (2013), temos que é preciso libertar-se desse processo de alienação, libertar-se dessas desigualdades, das opressões do poder colocado sobre o oprimido, a forma de permitir que o indivíduo se liberte é através do ensino.

Ensinar não significa apenas a leitura de palavras, frases ou a resolução de operações, é permitir que o aluno tenha uma visão de mundo, segundo Freire (1989, p. 9) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Logo podemos dizer que a leitura de mundo nos permite enxergar tudo que está a nossa volta, compreender e não aceitar tudo o que é imposto, saber interpretar os fatos apresentados, é saber dos nossos direitos e lutar para que sejam garantidos. Os professores ao lutarem por seus direitos, não significa apenas a melhoria de salário, mas também o respeito, a dignidade, e a valorização da profissão, pois são eles que irão permitir o conhecimento ao educando.

Diante de novos aprendizados, no dia 29 de abril de 2022, defendi a dissertação de mestrado sob orientação da professora doutora Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, no qual não pude deixar de prestar minha singela homenagem a vocês professores (as) em um momento tão memorável de minha formação acadêmica, pois se tornar mestra no mesmo dia em que há sete anos professores eram torturados em um ato de luta e resistência.

Em 2022 no doutorado, tive a oportunidade de participar da disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire”, ministradas pelas professoras Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Dra. Maria Cristina Gomes Machado, as aulas ocorreram em 2022, em um momento de grandes discursões que antecediam as eleições para os representantes políticos: presidente da República, governador, senador, deputado federal, deputado estadual ou deputado distrital.

Estudar vida e obra de Paulo Freire em um momento que almejávamos mudanças no cenário político, é entender o desmonte que a educação brasileira vem sofrendo nos últimos anos com um desgoverno que no silêncio da madrugada criam leis, retrocedendo

a educação, de forma autoritária, sem dialogar com os professores(as).

Em meio as leituras de Freire, trazendo comigo a indignação do ocorrido naquele 29 de abril e a esperança de mudança que optei por escrever a vocês, professores(as) que tanto estimo, como uma maneira de dizer que a luta de vocês não foi em vão, pois conforme Freire nos aponta:

Se sonhamos com uma sociedade menos agressiva, menos injusta, menos violenta, mais humana, deve ser o de quem, dizendo **não** a qualquer possibilidade em face dos fatos, defende a capacidade do ser humano de avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo. (FREIRE, 2000, p. 28)

Continuando no viés desse pensamento, Freire (2000) nos diz, que não podemos ficar de braços cruzados diante dos desafios, assim, não podemos nos acomodar diante da miséria, da precarização das escolas, da falta de recursos para a educação, não ter um plano de carreira. E foi o que vocês fizeram, não se calaram diante de tantas dificuldades, desvalorização da carreira foram à luta.

Nesse mesmo viés, Gaader (1995) discorre que não podemos ficar apenas descascando batatas, se habituando ao mundo e não se surpreendendo com mais nada, em que não buscamos mudanças, vivendo desta maneira num estado de dormência. Quando não lutamos por nossos direitos é assim que permanecemos num comodismo.

Diante do exposto, peço licença a vocês para destinarem esta escrita também a uma parte da sociedade, que muitas vezes apenas criticam os(as) professores(as), sem terem o conhecimento das causas que fizeram com que vocês fossem a ruas naquele 29 de abril, desta maneira a seguir recordamos este dia de luta.

Lembranças do dia 29 de abril de 2015

“Nunca esqueceremos esse dia”, assim iniciamos essa seção, em 29 de abril de 2015, um ato para reivindicar direitos às(aos) educadoras(es) públicas(os) do Paraná, terminou de forma trágica, no qual não esqueceremos jamais. Essa data marcaria um dia de luta da APP-Sindicato e demais sindicatos que representam servidoras(es), na Praça Nossa Senhora de Salete, no Centro Cívico de Curitiba.

O movimento desse dia vai ao encontro das palavras de Freire (2015) que discorre sobre a valorização, os direitos do(a) professor(a), no qual enfatiza que “Para que esses direitos sejam mais do que reconhecidos, respeitados e encarnados é preciso que lutemos” (FREIRE, 2015, p. 91). Porém o dia de luta e resistência da categoria se transformou em um dia de barbárie, cenas de medo, tristeza e revolta diante de tamanha crueldade tomam conta das redes sociais, em que professores são massacrados ao lutarem por seus direitos.

Mas o que levou os(as) professores(as) às ruas naquele ano? Segundo Silva e Zanatta (2017, p. 312) “em 1º de janeiro de 2015, Richa atrasou o pagamento de compromissos do Estado, demitiu 29 mil professores com contratos temporários, sem pagar os valores devidos, deixando, inclusive, de quitar o terço de férias de todo o funcionalismo público estadual”.

Prosseguindo, em fevereiro Richa encaminhou à LEP um conjunto de medidas, no qual propunha a revogação de direitos estabelecidos na carreira dos servidores públicos e atacava o fundo previdenciário deles, os paranaenses chamaram estas medidas de “Pacotaço de Maldades”. O ponto central do pacotaço era a Reforma Previdenciária, no qual o governador iria se apropriar em torno de oito bilhões de reais do Fundo Previdenciário dos servidores públicos, desde então inicia-se mobilizações de professores(as) contra essas medidas.

Depois de paralizações e negociações, o governo retira parte dos ataques impostos por Richa e garante que a previdência dos servidores não seria tocada, porém esta trégua dura pouco, no mês seguinte o governador por meio do Projeto de Lei nº251/2015 em que altera o Regime da Previdência Social, sem discussão com a sociedade, agora o objetivo segundo Silva e Zanatta (2017, p. 315) “a transferência de 33 mil servidores que se aposentaram antes da constituição do Fundo Previdenciário, e que, portanto, deveriam ter suas aposentadorias pagas pelo caixa do governo”.

Sabendo que os (as) professores(as), funcionários(as) das escolas iriam retomar a greve, o governador já se preparava para impedir a ocupação da assembleia, limitando as manifestações, e não permitindo que a votação fosse adiada, nos dias 27 e 28 de abril de 2015, já ocorreram alguns ataques por parte da polícia militar, o carro de som do sindicato foi impedido de ingressar na praça Nossa Senhora da Salete e permanecer em frente à Assembleia Legislativa.

Essa falta de diálogo imposta pelo governador, Freire considera como antidiálogo, visto que “No antidiálogo quebra-se aquela relação de “simpatia” entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados” (FREIRE, 1967, p, 108)

Em 29 de abril, o governador manchou a educação paranaense, deixou marcas, feridas abertas que não irão cicatrizar, jamais esqueceremos o dia em que o governador Beto Richa (PSDB) promoveu o massacre contra os(as) servidores(as) públicos do Paraná, momento de guerra, em que foram utilizadas bombas de gás lacrimogênio, spray de pimenta e balas de borracha utilizada em grande quantidade contra os(as) manifestantes.

De forma brutal, desumana e covarde a mando do governador Beto Richa (PSDB), a polícia atacou os(as) professores(as), em que mais de 392 pessoas ficaram feridas, em mais de duas horas de ataque, em entrevista os professores relataram que a polícia não tentava apenas conter a manifestação, mas que atacavam os (as) manifestantes e estes quando caíam no chão continuavam

apanhando de cacete até que alguém conseguisse retirar a pessoa daquele local, as pessoas utilizaram o caminhão de som do sindicato pra implorar aos policiais para que pudessem retirar os feridos.

Enquanto professores(as) eram massacrados(as), os deputados aprovavam o saque ao fundo previdenciário. Diante de tamanha crueldade, nos indignamos que até o momento ninguém foi responsabilizado, esperamos com esse breve descrito que as pessoas possam compreender as lutas enfrentadas constantemente pelos(as) professores(as) e que abracem a nossa causa, pois o dia 29 de abril de 2015 ainda não acabou.

Continuamos lutando...

Hoje após oito anos desse massacre, permanecemos em luta, resistindo aos desmontes que a educação vem sofrendo com esses desgovernos que não promovem uma educação humanizadora e de qualidade a todos, mas que acreditam que a educação é um direito apenas de um grupo de pessoas, e quando lutamos por uma educação igualitária nos julgam dizendo que estamos promovendo balburdia.

Se hoje Freire fosse participar de uma roda de cultura com vocês professores(as) que estiveram presente naquele dia na Praça Nossa Senhora da Salete, acredito que os temas geradores que iriam desencadear a conversa seriam: *LUTA, RESISTÊNCIA, FORÇA e RESPEITO*, palavras essas que representam vocês, nós professores nessa luta diária por uma educação emancipadora, que levem os educandos a serem reflexivos e críticos.

Outro ponto que não posso deixar de falar a vocês, valorizem a carreira que escolheram seguir, estamos sempre em atividade, estudando, aprendendo e não podemos aceitar menos do que merecemos, ou seja “Quanto mais aceitamos ser tias e tios mais a sociedade estranha que fazamos greve e exige que sejamos bem-comportados” (Freire, 2015, p. 105).

Refletindo sobre a escrita desta carta, me levei a refletir, que Freire em suas obras denuncia tudo o que vem ocorrendo com a educação, tanto no dia 29 de abril como nos dias atuais, mesmo depois de anos do ocorrido vemos que o desgoverno atual continua com a desvalorização da educação de outros governos, acredito que esse é um dos motivos que leva ele a ser temido por uma parcela da sociedade, pois a partir de seus estudos passamos a refletir sobre o mundo que nos cerca, e lutar pelos direitos, e isso deve ser ensinado desde cedo para as crianças pensando em uma sociedade mais justa, logo:

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. (FREIRE, 1996, p. 34)

Acredito que este excerto sintetiza tudo o que busquei trazer nessa escrita, aos professores e professoras a quem destinei esta carta, dou uma pausa neste momento em nossa conversa, dizendo a vocês que hoje também faço parte dessa luta, e que juntos permaneceremos na busca por dignidade, respeito por melhorias na educação, pelos nossos direitos. Não finalizo esse diálogo, pois sei que ainda temos muito que refletir, e dialogar, então não irei dar um adeus mas um até breve.

Abraços afetuosos de quem luta por e com vocês, professora Ma. Joelma.

Maringá, 14 de janeiro de 2023.

Joelma Fátima Castro

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo, Ed. Cortez, 1989.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: companhia das letras, 1995.
- SILVA, Salete da; ZANATTA, Shalimar Calegari. Relato e análise política dos fatos que marcaram o 29 de abril de 2015, no Paraná. **Revista eletrônica arma da crítica**, n. 8, p. 308- 328, 2017.

NUNCA DESISTI DOS MEUS SONHOS: NARRATIVAS EXPRESSAS NESTA CARTA PEDAGÓGICA

Lucas Henrique Barbosa Alves¹

Para as queridas professoras doutoras Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Maria Cristina Gomes Machado, e a todas as pessoas que assim como eu acreditam na educação e sonham com um futuro melhor independente de faixa etária ou classe social, pois como nos reafirma o grande pesquisador Paulo Freire (2000) em seu livro *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. A vocês dedico essa carta, na qual compartilho vivências e emoções.

Sempre fui um bom aluno na escola, dedicado aos estudos e aos trabalhos e atividades escolares; desde criança tinha o desejo de ser professor, brincava de escolinha com meus primos e vizinhas onde

¹ Professor habilitado para atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pelo Curso de Formação de Docentes em nível médio na modalidade Normal. Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Itaquá; Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; Especialista em Alfabetização e Letramento pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci; Mestre em Ensino (área de concentração: Formação Docente Interdisciplinar) pela Universidade Estadual do Paraná - Campus de Paranavaí; Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional; Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Surdez e Ensino de Matemática - GEPSEM, e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura - GEPEDIC. Atua como Professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como Coordenador Pedagógico na Escola Municipal Doutor Narbal Oreste May - E.F. da Prefeitura Municipal de Inajá/PR.

eu sempre era o professor, reproduzindo as boas ações e os ensinamentos que recebia das minhas professoras na escola.

Minha primeira experiência acadêmica foi no pré-escolar, eu ainda não tinha idade para frequentar, porém, a vizinha da minha avó paterna era professora e toda vez que a via passar para ir à escola, eu chorava para ir, até que um dia minha mãe pediu para que ela me levasse, foi legal, porém, fui só nesse dia, porque fiquei querendo estar com a minha mãe (risos).

Esperava ansioso pelo início do ano, pois nesse período meu pai me levava para comprar os materiais escolares e aquilo era um sonho. Dormia com os materiais em cima da cama, até que o ano letivo tivesse início. Tanto meu pai quanto minha mãe não conseguiram concluir o Ensino Fundamental, devido às condições em que viviam, em que era necessário que trabalhassem na roça para ajudar seus pais no sustento da casa. Não tive uma infância luxuosa, porém, nunca faltou amor, cuidado e educação, meus pais sempre fizeram de tudo por mim e pela minha irmã. E o principal que mais me orgulha e emociona é que apesar de não terem concluído os estudos, eles sempre me incentivaram a estudar e a buscar conhecimento, pensando em um futuro melhor para mim.

Quando chovia, minha mãe colocava a capa de chuva amarela e nos levava (eu e minha irmã) para a escola, e muitas vezes meu pai quem ia nos buscar com uma bicicleta que tinha um banco enorme atrás que cabia nós dois.

No ano de 2005, fui para a quinta série dos anos finais do Ensino Fundamental, foi uma experiência muito legal, pois sempre que passava em frente à escola na garupa da bicicleta do meu pai, voltando da casa dos meus avós, ele dizia que ali a escola era diferente, tinha várias matérias e os professores apagavam o quadro rápido, por isso tinha que ser esperto para não ficar atrasado. Escola e experiências novas, professores e conteúdos diferentes; na época minha matéria preferida era Geografia, sempre tirava a média 10,0 ou próximo disso, e era ministrada pela minha querida professora

Marinalva Consoli, a qual foi uma das minhas inspirações de infância para lutar pelo sonho de ser professor.

Neste mesmo ano, fui eleito pelos meus colegas para ser o representante da turma como vereador mirim, projeto da câmara de vereadores que visava a participação dos estudantes nas reuniões e ações da câmara de vereadores; fato que me deixou feliz e orgulhoso, pois se me escolheram é porque viam em mim uma pessoa estudiosa e responsável. Quando fui para a oitava série em 2008, alguns alunos e alunas do colégio do município vizinho, foram divulgar o curso de formação de docentes (magistério) que estava com matrículas abertas para fazer o ensino médio profissionalizante de quatro anos e ao final os alunos teriam um diploma que garantiam a atuação na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Conversei com meus pais e mesmo sem ter a noção de como seria esse curso, eles me apoiaram. Foi a melhor escolha que fiz, foram quatro anos de muitos desafios, mas não me arrependo de nenhum momento. Meus pais trabalhavam na roça, e para ir até Paranacity, só tinha ônibus da viação real, que era a base de R\$ 5,50 por dia (ida e volta), porém, para nós esse valor era muito alto. Nos dias normais saía de casa para pegar o ônibus às 12h30min., saía do colégio às 17 horas, porém, o ônibus para Inajá, passava somente às 18 horas, isso quando não atrasava, e eu ficava dependendo de caronas das pessoas conhecidas que passavam, na esperança de chegar mais cedo em casa. Durante os quatro anos tinha aula de estágio, era uma vez por semana no período matutino, tinha que sair de casa às 06h40min. para ir até a rodoviária esperar o ônibus, nesse dia, quando tinha dinheiro almoçava, quando não tinha comia bolacha e/ou iogurte até chegar no horário do recreio do período vespertino. Os dias de regência nas escolas, eram aqueles que tinha que levar os inúmeros materiais para dar aula, e como meus pais não tinham carro e trabalhavam, eu dependia das caronas que meu pai conseguia para me levar até lá, pois nesses dias tinha que estar bem mais cedo no colégio em Paranacity.

Apesar das lutas, vencemos, digo vencemos porque não foi só uma vitória minha, mas de toda a minha família. Foi nesse curso que o desejo de ser professor e fazer o melhor pelos meus futuros alunos e alunas floresceu ainda mais. No mês de novembro deste ano, prestei o meu primeiro vestibular e foi para o curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí, no qual fui aprovado. A partir daí teve início a minha trajetória acadêmica universitária. Quando estava no segundo ano da faculdade, em 2014 com 19 anos de idade, fui convocado para assumir aulas PSS de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, na escola em que recentemente havia estudado, e para substituir a minha querida professora Marinalva, olha que emoção e responsabilidade; foi uma experiência curta, porém, incrível.

No último ano da faculdade de geografia, especificamente no dia 9 de maio de 2015, postei no Facebook algumas metas que eu sonhava alcançar, as quais foram 'com 22 anos serei graduado em Geografia, com 23 anos serei pós-graduado em Psicopedagogia, com 24 anos serei graduado em Pedagogia, com 26 anos serei Mestre em Geografia e com aproximadamente 31 anos serei Doutor em Geografia, com fé'. Acreditar e lutar pelos sonhos que se tem, é mágico: com 22 anos conclui a graduação em Geografia, dos 23 aos 25 conclui três especializações *latu sensu* (Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia, e Educação Infantil), após duas tentativas sem sucesso, na terceira fui aprovado no processo de seleção do mestrado para ingresso no ano de 2019, sendo no dia 14 de maio de 2021 a defesa da minha dissertação do Mestrado em Ensino, pela Universidade Estadual do Paraná – campus de Paranavaí, com 26 anos, que teve como título *A formação de pedagogos e pedagogas sob a perspectiva da educação inclusiva: um olhar para os projetos pedagógicos de cursos paranaenses de formação inicial*; aos 27 conclui o curso de Pedagogia, e exatamente um ano após a defesa da minha dissertação de mestrado, no dia 16 de maio de 2022, começavam as minhas aulas do Doutorado em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá.

Meus sonhos sendo realizados, ressaltando as contribuições e as transformações da educação em minha vida. Atuo como professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental desde o dia 10 de fevereiro de 2016, data em que assumi o concurso público de Professor 40h, da Prefeitura de Inajá/PR. Ao longo destes quase sete anos, foram muitos momentos de aprendizagem; o incrível é que cada novo conhecimento que aprendi nas graduações, especializações e especialmente no mestrado e agora no doutorado, foram e continuam sendo importantes para que eu possa repensar sobre minhas práticas, buscar metodologias diferentes, proporcionar momentos prazerosos e mais próximos da realidade para os alunos e alunas. Assim eu me sinto vivo e sentia que realmente estava fazendo a diferença na vida deles, pois como diz Paulo Freire (1977) “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”, e sendo assim, ainda de acordo com os pensamentos do autor “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.” Todo o processo seletivo do doutorado até o resultado final, foi marcado por muitas turbulências em minha vida pessoal, tristezas e angústias que prefiro não expor aqui; em muitos momentos me veio a vontade de desistir, ou de pensar que não aguentaria tudo, mas a minha fé em Deus, a força do meu sonho e o desejo de conhecer para contribuir aos meus alunos e a todos a minha volta foi mais forte. Uma semana antes de sair a homologação do resultado final, minha avó materna faleceu, foi um momento muito triste, principalmente por ela sempre me apoiar, me incentivar a estudar e por sempre ficar feliz com as minhas conquistas. Um mês após a divulgação do resultado, fui convidado para atuar como coordenador pedagógico da Educação Especial na escola em que trabalho; a experiência de ver a escola por outro viés, pelos ângulos dos documentos, atas e relatórios, foi sensacional.

Agradeço a Deus, por não me deixar desistir do meu sonho, pois em 2022 dei mais um passo em direção a concretização do mesmo; cumpri os créditos referentes as disciplinas do doutorado, e uma delas foi *Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo*

Freire, ministrada pelas professoras Doutoradas Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Maria Cristina Gomes Machado, onde tive aulas importantes para o meu processo de ensino e aprendizagem, refletindo sobre a práxis pedagógica, sobre as minhas responsabilidades enquanto professor, e sobre as contribuições de Paulo Freire à educação, que fazem-se cada vez mais atuais considerando o momento que estamos vivendo, em que muitas pessoas vivem alienadas e negam a eficácia da ciência. Durante meu processo de formação não tive oportunidade de estudar a obra e compreender a sua relevância para a sociedade, para a escola, e para os educadores. Confesso que a minha visão sobre Paulo Freire era outra antes da disciplina, não tinha conhecimento nem embasamento científico, era condicionada as frases de Paulo Freire que se tornaram populares e que muitas vezes as pessoas reproduzem sem compreender a sua importância.

No decorrer do semestre, foram apresentados e debatidos vários textos científicos, mencionados adiante, que me fizeram refletir. Uma das primeiras obras de Paulo Freire que tive contato na disciplina e em minha trajetória acadêmica foi *A sombra desta mangueira*, que remete a infância do autor, que lia embaixo das árvores de sua casa, estudava e fazia descobertas; é uma oportunidade de reflexão, de pensar no processo de aprendizagem considerando as origens, pois elas são a chave de nossa evolução. É observar de formas diferentes as inúmeras possibilidades, porém, com uma visão crítica. Neste caso, podemos associar tais reflexões com o que vem acontecendo desde o início das últimas eleições no Brasil, acusações graves e sem embasamentos científicos, informações falsas, situações que ferem os direitos humanos, a dignidade e a sobrevivência, especialmente dos mais pobres. Observa-se muita alienação, poucas buscas por informações verídicas e fontes confiáveis; uma luta de classes, em que os objetivos deveriam ser os mesmos, pois somos seres políticos, mas ocorre o inverso, justamente por faltar bom senso e visão crítica.

A obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), é uma das que mais apreciei a leitura e pude relacionar com a sociedade, com o trabalho e com algumas pessoas que fazem parte do meu ciclo. Aqui, Paulo Freire indica a necessidade de compreendermos as nossas necessidades e os elementos que formam as nossas relações e os vínculos sociais. A luta pela libertação dos oprimidos associa-se a ação e reflexão de todas as pessoas sobre o mundo que têm, e o que necessita ser transformado; é práxis, e sem práxis, “é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 52). Tal liberdade deve tornar os homens e mulheres em seres ativos, considerado seu contexto e suas circunstâncias, produzindo assim transformações em suas realidades e conseqüentemente em suas consciências enquanto ser crítico.

Se voltarmos um olhar crítico e reflexivo para as contribuições de Freire à educação, têm-se duas propostas de educação; a primeira é o que Paulo Freire (1987) combatia, o qual denominou como bancária, em que os seres deveriam pensar, transmitir e memorizavam, tornando-se alienados, oprimidos e dominados, onde os estudantes eram ‘coisas’, e não seres críticos que deveriam ser. Nessa proposta os educadores eram considerados como agentes indiscutíveis, cujos objetivos era ‘despejar’ conteúdos narrados por si, sem qualquer debate ou reflexão, isolando os alunos da função de protagonistas de seu conhecimento, tornando-os acrícos. A segunda proposta de educação, a qual enquanto professor educador defendo e busco utilizar em minhas práticas é a *libertadora e problematizadora*, cujo principal objetivo é o de humanizar todos os sujeitos do processo educativo, sejam educadores, sejam estudantes; a educação como uma prática social humanizadora.

Portanto, o educador deve problematizar e possibilitar aos estudantes, condições dignas para que possam superar as consciências. O professor deve considerar todas as curiosidades e questionamentos dos alunos, pois todos esses momentos são fundamentais, sendo esse, um dos caminhos que pode romper a proposta bancária de ensino combatida por Paulo Freire. Em muitos

de seus escritos, o autor ressalta que a educação e política devem estar associadas, pois educar é um ato político. Paulo Freire (1995) nos diz sobre emancipação em sua obra *Política e educação: ensaios*, fazendo referência as conquistas do campo político, que podem ser mantidas com a luta frequente em prol da libertação de todos os indivíduos, tendo em vista a sociedade em que vivemos. Faz-se necessário voltar um olhar sincero e cuidadoso para todas as pessoas que possuem suas vidas caracterizadas por dor causada pela desumanização do homem, que oprime e domina a sociedade, especialmente aquelas que necessitam de auxílio para superar suas barreiras e se emancipar. Ainda nesta obra (1995), quando o autor afirma que há relação entre política e educação, quer dizer que não existe uma política vazia de significados educativos, bem como, não pode existir uma educação neutra.

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996), o autor nos permite reflexões acerca das ações educativas que promovem a criticidade e a disponibilidade à vida e aos preceitos da docência. Um exemplo mais comum e recente que posso citar, é a situação de pandemia que vivemos desde meados de 2020; que foi uma possibilidade estarmos disponíveis ao “chamamento” à vida e às situações que permeiam o trabalho docente nesse contexto. Uma pandemia que jamais imaginaria que fosse presenciar, momentos de medo e angústias em que os professores e professoras tiveram de se reinventar para atender os estudantes, com qualidade e com compromisso com o processo de aprendizagem.

A sala de aula deve considerar os diferentes contextos em que nossos alunos estão inseridos, não deve isolar os problemas sociais, mas caminhar, refletir e abrir uma trilha de possibilidades. Experenciar o conhecimento e a emancipação é comprometer-se com a vida; somos nós os responsáveis por manter nossas escolas abertas, lembrando sempre que educar é um ato de amor e de coragem, e com isso, devemos sempre que possível, acolher os alunos, os colegas de trabalho e todos que acreditam no poder da educação,

derrubando os muros e as armas, para juntos, construirmos uma educação democrática e de qualidade.

Para escrever essa carta, foi pertinente e necessário ler o texto *As 10 características de uma carta pedagógica*, de DICKMANN (2020) para compreender todas as etapas e características de uma carta pedagógica e a importância dela como um recurso didático-metodológico, que pode ser usado também em outros níveis da educação.

Todas as aulas trouxeram informações riquíssimas e relevantes, aproveito para agradecer a forma como as professoras Ercília e Maria Cristina conduziram a disciplina. E a vocês, pessoas que assim como eu acreditam na educação, não desistam dos seus sonhos, não desistam da educação, pois como Freire nos permite reflexões em sua obra *Educação como prática da liberdade* (1999) “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Mesmo quando os ventos soprarem contrários, lembremos do que também nos diz Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996); “me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”, que saibamos nos mover como gente, como seres pensantes, críticos e políticos. Não vou me despedir por aqui, mas dizer um até logo, porque sempre tem mais espaço para novos sonhos e conhecimentos.

Inajá, 13 de janeiro de 2022.

Com carinho,
Lucas Henrique Barbosa Alves

REFERÊNCIAS

DICKMANN, Ivanio. As 10 características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas**

pedagógicas: Tópicos Epistêmico Metodológicos de Educação Popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira.** Editora Olho D'Água. São Paulo, 11. Edição. 2015, p. 1- 51.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação:** ensaios. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DIÁLOGOS E SONHOS EM UMA CARTA PEDAGÓGICA

Marcia Galbero¹

Prezados professores(as)

A Carta Pedagógica tem como objetivo expressar as vivências das pessoas, especialmente professores(as) pois é muito trabalhada na educação. Desta forma, vou apresentar meu trabalho enquanto professora de crianças pequenas no início da minha carreira. Ser professora era um sonho que tinha desde criança e foi conquistado com muito esforço e persistência. Atualmente sou uma das integrantes do grupo de estudos em formação docente e práticas na educação infantil (Gefoppei) coordenado pela professora Dr^a Heloisa Thoshie Irie Saito.

Nesse sentido, é com apressamento e alegria que escrevo a presente Carta Pedagógica, como conclusão da disciplina de TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO I: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE em nível de Mestrado na Universidade Estadual de Maringá.

Fui aprovada em um concurso público na cidade de Maringá no ano de 1999 e iniciei minha carreira com apenas dezenove anos

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2007). Atuou no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na modalidade Supervisão (UEM). Especialista em Neuropedagogia na Educação (FATEC) em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FATEC) e em Arte-Educação e Arteterapia no Ambiente Escolar (FATEC). Professora do Município de Maringá-Pr. Atualmente Assessora Pedagógica de Núcleo na Secretaria Municipal de Educação de Maringá (SEDUC), cursando Especialização em Gestão Educacional (Unicesumar). É integrante do Grupo de Estudos em Formação Docente e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil.

como Professora, realizando um trabalho com crianças pequenas no ano de 2000, sem experiência em sala de aula.

A primeira instituição na qual trabalhei foi Escola Municipal Oscar Pereira dos Santos, localizada no Parque Industrial na cidade de Maringá. Ao chegar na escola e me apresentar, o primeiro sentimento foi de alegria por realizar um sonho e ao mesmo tempo de medo, de muitos questionamentos.

Como seria minha profissão? Como seria recebida pelos(as) colegas de trabalho? Será que eu daria conta dos alunos? Que turma assumiria?

O que sobrou para eu trabalhar depois de todos escolherem suas respectivas turmas foi uma turma de infantil 5, que na época tinha a nomenclatura de “pré-III”. Ao assumir a turma confesso que tive todo o apoio da equipe pedagógica, principalmente da supervisora e da diretora educacional no que se refere a prática de sala de aula. Tive dificuldade quanto ao domínio da turma pois eram crianças muito pequenas, com idade de 5 e 6 anos. A supervisora me sugeriu, com o objetivo de me ajudar, observar o trabalho de outra professora que era experiente. Então me propus a tal observação em período contrário ao meu de trabalho, que por sinal me ajudou muito com a minha turma. Foram experiências significativas e com apoio da minha família, muito esforço e persistência para não desistir do meu sonho.

Notei a relevância da teoria e da prática, que ambas caminham juntas na sala de aula e que é necessário muito diálogo no ambiente de trabalho, tanto com os colegas de trabalho, quanto na sala de aula com os alunos, para conseguir realizar um trabalho eficaz.

Paulo Freire (1994) destaca em seu livro a “Pedagogia do Oprimido”, a importância de uma educação dialógica, considerando uma relação horizontal, em que os alunos participam com o professor, na qual ocorre uma aproximação entre ambos, mediando as informações apontadas pelos educandos. Esse movimento gera a criticidade.

Nesse sentido, o trabalho com as crianças pequenas no início não é fácil, ainda mais sem experiência, logo a necessidade do(a) professor(a) estarem em constante estudo e receberem o apoio da equipe e dos(as) colegas mais experientes. Nas minhas aulas procurava fazer os momentos de conversa no início, realizar questionamentos para saber o que sabiam sobre o conteúdo e, as vezes, no final, retomava o que haviam estudado, a fim de verificar se realmente tinham aprendido. Para isso, organizamos alguns combinados na turma, como para falar tinham que esperar o(a) amigo(a), ouvi-lo(a) para depois o(a) próximo(a) expor suas ideias. No começo foi difícil, mas conforme o trabalho foi acontecendo as crianças foram se acostumando.

Paulo Freire destaca que o ser humano é inacabado, constrói sua história, e que a consciência e a transformação devem acontecer em sociedade. Nesse sentido, à que se pensar na prática do(a) professor(a) enquanto trabalha com seu(ua) educando(a) na sala de aula, dialogando, problematizando o contexto com os seus eles(as).

Sabemos que nem sempre a educação foi assim, que a transmissão do conhecimento era de forma mecânica, em que o(a) professor(a) é que era o detentor de todo o conhecimento. Não havia uma reflexão por parte do(a) educando(a) sobre o que lhe era ensinado, apenas eram depositados os conteúdos. O conhecimento era transmitido de forma imposta, isto é, uma classe de opressores é que definia o tipo de educação (educação bancária), termo utilizado por Paulo Freire, que seria imposta a sociedade.

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (...) (FREIRE, 1994, p.38)

Este intelectual vem dizer, que os conteúdos não devem ser impostos, mas articulados com e a partir das demandas dos(as) estudantes. Isto é, que ocorra ação reflexão e interação, por meio do

diálogo, uma educação problematizadora, que propicie uma prática de liberdade, revolucionária, dinâmica e emancipatória.

É importante destacar que Paulo Freire utilizava os temas geradores como prática problematizadora e considerava que o(a) educador(a) enquanto educa é educado. É perceptível a necessidade de desenvolver uma forma crítica de se pensar o mundo.

Assim, não tem como nos dias de hoje, trabalhar da mesma forma que se trabalhava a vinte anos atrás. A sociedade mudou ao longo do tempo, os(as) estudantes são do tempo da tecnologia, mas que é preciso se ter um olhar com criticidade e precisamos refletir:

De que forma ensinar hoje nossos(as) estudantes para torná-los críticos(as) utilizando conteúdos articulados, dialogicamente, com uma prática para a liberdade? O(a) educando aprende, para libertar-se e então humanizar-se, segundo Paulo Freire.

É importante dizer, que no início da minha carreira profissional, se não tivesse uma equipe pedagógica comprometida em me ajudar, que dialogasse, que me provocasse a refletir sobre a minha prática, com certeza, não estaria a tantos anos como professora, e teria desistido do meu sonho. Foi primordial o apoio que recebi, as críticas construtivas, as leituras realizadas e principalmente o amor pela educação, pela minha profissão.

Paulo Freire destaca que,

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (FREIRE, 1994, p.51)

Sendo assim, por meio das práticas educativas é possível promover diálogo, mas não qualquer diálogo, mas sim aquele que propicie comunicação reflexiva, que envolve a compreensão de mundo, só assim haverá progresso humano. E para Paulo Freire o diálogo é uma estratégia de ensino. Mais que a que se olhar para a criança e conversar de forma verdadeira, ouvi-la dialogicamente, pois a primeira experiência é a infância.

Assim, durante o diálogo eu falo do meu lugar e o outro fala do lugar dele, ocorre coletivamente a educação, a compreensão da humanidade do outro, só existe conhecimento, se existe sujeito, isto é, o conhecimento é produzido pelas pessoas. Nessa ação coletiva, por meio do diálogo pode ocorrer a conscientização e então a transformação.

Retomo aqui algumas das minhas aulas, comparando a evolução dos meus alunos, do início do ano até o segundo semestre, a dificuldade que muitos tinham quanto a esperar a vez para falar, quanto a discutir e organizar as suas ideias, quanto a demonstrar suas emoções durante as brincadeiras. Havia muitos conflitos no início do ano, e ao longo do trabalho percebeu-se um bom desenvolvendo da maioria das crianças, inclusive o meu desenvolvimento quanto ao domínio da turma, com mais segurança.

Nota-se a relevância do diálogo durante as aulas para desenvolvimento dos alunos, para a tomada de consciência e para se ter um bom relacionamento de todos no ambiente e consequentemente uma transformação.

Contudo sabemos das dificuldades nos dias atuais do saber ouvir, respeitar as ideias do(a) outro(a), argumentar, diante da vida acelerada em que vivemos. Tudo sempre tem que ser feito muito rápido para cumprir prazos curtos, sem tempo para discutir, sem muitas vezes refletir sobre as consequências das decisões, porque o sistema capitalista nos cobra sermos assim.

Paulo Freire criticava o capitalismo por nos deixar pouco espaço para discutir os valores humanos, que desumaniza as pessoas, aliena as pessoas. E o objetivo dele é como reconstruir a solidariedade humana. Podemos notar quantas pessoas em situação de vulnerabilidade social, que estão sendo banalizadas, pessoas pedindo esmolas, sem uma moradia, sem uma alimentação básica, sem uma vida digna, isto é, convivemos com uma grande desigualdade social e econômica, isso é desumano.

Mas, será que o trabalho na educação será significativo, se realizarmos com esse olhar de atropelo, sem reflexões, sem diálogo,

pensando somente em vencer os conteúdos, atribuir notas aos alunos?

E o que é educação de qualidade?

É importante destacar que para Paulo Freire, ler era para além de codificar palavras. Para ele, ler e entender o mundo e ele defende uma educação que não seja imposta, de conscientização, que considera a realidade do(a) aluno(a), com engajamento social, com autonomia, liberdade. E que o inédito viável é a esperança, que devemos acreditar mesmo parecendo impossível, e que é uma construção coletiva, que a educação precisa de formação técnica, humana e profissional, de sonho e de utopia.

Paulo freire dizia que para as classes dominantes interessam a despolitização da educação, para que pudessem manter o poder da opressão sobre os(as) oprimidos(as). Que para as pessoas saiam dessa condição de oprimidos(as) precisam lutar, de forma coletiva e consciente, para que não se tornem posteriormente os(as) opressores(as). A conscientização é que leva a transformação. Para que essa ação ocorra, a que se questionar a realidade, no âmbito social, econômico e político.

Paulo Freire ainda destaca em seu livro *A Pedagogia da Autonomia* que

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2002, p.16)

Nesse contexto, Paulo Freire mostra a relevância dos questionamentos diante da realidade, da pesquisa, da comunicação e do incentivo a curiosidade dos discentes. Nesses momentos de aprendizagem e interação entre educador e educando, todos aprendem.

Sendo assim, precisamos romper com o caráter da educação bancária, resgatar os valores humanos, lutar por nossos direitos de forma coletiva, buscando não sermos os(as) opressores(as), mas

seres conscientes de nossos atos, buscando construir uma sociedade melhor, com menos desigualdades sociais e econômicas.

Enfim, participar dessa disciplina com os(as) colegas e os professores (as) que ministraram as aulas, foi enriquecedora, valiosa, gratificante, encantadora e reflexiva. Aprender e discutir sobre Paulo Freire com certeza, me fez pensar sobre minha prática em sala de aula e para além, enquanto ser humano, que deve lutar pelos meus(minhas) alunos(as), por uma sociedade melhor, levando-os a questionar e dialogar diante da realidade que os cerca, buscando resgatar o valor humano, mesmo diante de um sistema capitalista nos privando de todas essas ações. Além disso, com base em minha experiência, também fazer por aqueles(as) que precisam de apoio no trabalho, que muitas vezes não tem o acolhimento que tive, e cada um procurar fazer sua parte em seu ambiente de trabalho sempre com diálogo e humildade. Jamais desista de seus sonhos!

Maringá, 02 de janeiro de 2023.

Com carinho,
Márcia Galbero

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CARTA PEDAGÓGICA À DIARISTA E AO DIARISTA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS QUE SE ENTRELAÇAM

Regina Ridão Ribeiro de Paula¹

Olá querida ou querido Diarista! escrevo esta carta tendo como destinatário(a) as e os especialistas de limpeza que se denominam como sendo Diaristas.

Primeiramente me apresento a você dizendo que me chamo Regina Ridão Ribeiro de Paula e sou estudante universitária, matriculada no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá- UEM. Em uma disciplina que se chama “Tópicos Especiais em Educação I: contribuições de Paulo Freire”, fui desafiada a escrever uma carta pedagógica como trabalho final.

As Professoras Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e Maria Cristina Gomes Machado, atribuíram como avaliação final para a disciplina, a escrita de uma carta pedagógica com o tema “A contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire e as contribuições para educação” sendo que, um dos direcionamentos para a escrita desta carta foi, que o destinatário fosse alguém que possuía um significado especial em minha vida, e para quem eu gostaria de escrever os ensinamentos obtidos na disciplina. Por isso, justifico a escolha dos meus ou das minhas destinatárias(os) como sendo as e os Diaristas! Pois para mim essa profissão faz-me recordar pessoas importantes que conheço e também memórias minhas dos

¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação (PPE/ UEM) - Bolsista da (CAPES). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participa do Grupo de estudos e pesquisa em Educação Social em Saúde e do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI.

momentos em que trabalhei como Diarista, neste sentido, vou procurar delinear melhor esse percurso nas próximas linhas.

Talvez se você não conhece o Educador brasileiro Paulo Freire que nasceu em 1921 na cidade de Recife, e faleceu aos 75 anos, no ano de 1997, você pode estar se perguntando o que tem a ver o pensamento desse homem e o em que relaciona-se as contribuições que ele deixou para a educação, com a profissão de Diarista. Embora eu sempre tenha escutado falar de Paulo Freire, pouco sabia sobre ele até entrar na pós-graduação. Desde então, tenho conhecido a pessoa incrível que foi Paulo Freire e o quanto seus livros e suas escritas podem contribuir tanto para a Educação como para a vida diária de cada pessoa, mesmo as suas escritas mais antigas podem ser consideradas atuais, contemporâneas. Mas para explicar melhor sobre as contribuições de Paulo Freire, antes quero falar um pouco sobre alguns de meus passos até chegar na pós-graduação.

Nasci na cidade de Maringá interior do Paraná no ano de 1990, com uma mãe Diarista, e um pai aposentado por invalidez. Minha mãe era multitarefas, quando não fazia diária na casa das Donas, vendia bananas que carregava na garupa da bicicleta. Minha mãe por ser uma pessoa simples e viver toda sua infância no sítio, não se importava tanto com os estudos, por isso, quando eu deixei de frequentar a pré-escola por vontade própria, aos 5 anos de idade ela não se opôs. E sendo eu a sexta filha a nascer, meus irmãos pegavam no pé da minha mãe pra que eu estudasse, pois os três homens e as duas mulheres, meus irmãos e minhas irmãs, haviam deixado os estudos por falta de condições, pois mesmo a escola sendo gratuita, existia uma série de fatores que faziam com que nós não conseguíssemos nos sentir pertencentes à comunidade escolar. Com o auxílio das políticas públicas que vem ao longo dos anos, atuando de modo mais profícuo no acesso e na permanência das crianças à educação, e com todos os esforços de minha família eu conclui o Ensino Fundamental. Outro motivo que me recordo ser um dos únicos que minha mãe usava pra me convencer a ir para escola, era a bolsa Família e o Auxílio gás, que apesar de terem um valor

pequeno, já ajudava bastante, quando ela falava que se eu não fosse a escola eles cortariam os benefícios, já me lembrava dos dias em que minha mãe chegava cansada do trabalho e ainda tinha que montar um fogãozinho a lenha no fundo do quintal para fazer a comida, e às vezes também esquentar água para o banho, pois em muitos momentos cortavam a energia e acabava o gás, por não termos condições de pagar.

Com muito esforço, concluí o Ensino Fundamental sem reprovar, apesar das inúmeras faltas, reconheço que dei bastante trabalho, pois não gostava da escola, me sentia em uma prisão e tinha dificuldade de socialização, mas gostava muito de aprender, de ler, de conhecer coisas novas. Quando entrei no ensino médio, consegui um trabalho de Menor Aprendiz, meu primeiro trabalho registrado, no setor administrativo, antes disso eu sempre dava um jeito de ter meu dinheirinho, cuidando de crianças e fazendo faxinas na vizinhança. Mas se eu tive dificuldade no Ensino Fundamental enquanto criança, no ensino médio isso se agravou com a adolescência. No primeiro ano, desisti de estudar, não ia para a escola e quando ia saía no início da aula e ficava andando pelo bairro. Por isso, tive que encerrar o contrato de trabalho Menor Aprendiz que me proporcionou um ano de experiência administrativa em um hotel chique da cidade e a participação em cursos profissionalizantes aos sábados, porém uma das exigências do programa Menor Aprendiz, era que eu não reprovasse na escola por motivo de faltas, e mesmo que o estágio não fosse a razão pela qual eu não frequentava a escola, tive que aceitar o fim do contrato de trabalho. Enquanto muitas amigas minhas sonhavam com uma faculdade, eu não queria de jeito nenhum, não via a hora de terminar os estudos (que para mim era o Ensino Médio) e poder trabalhar tranquila. Logo, concluí o Ensino médio fazendo supletivo na EJA- Educação de Jovens e adultos, pois ter o ensino médio era exigência nos empregos que me interessavam, outro fator que me motivava a concluir a Educação Básica era o desejo de passar em um concurso público.

Me casei aos 18 anos e então não tinha motivação nenhuma para estudar, para mim, eu só precisava de sustentar minha casa e construir minha família, mas aos 21 anos ao fazer um curso de desenho, habilidade que eu gostava muito de desenvolver desde criança, ouvi falar do curso de licenciatura em Artes Visuais, que até então eu não sabia da existência, fiquei interessada, apesar de pensar – para que serviria esse curso? O que uma pessoa formada em Artes Visuais faz? Comecei a fazer uma graduação EAD, tinha um valor acessível e era só uma vez por semana que eu tinha que ir até o polo realizar as provas, mas não tive condições de concluir, cursei apenas 4 meses, tanto pela falta de tempo para estudar como pela falta de recursos financeiros e motivação.

Quando minha primeira filha nasceu, parei de trabalhar fora, pois não saiu vaga na creche assim que terminou minha licença maternidade, não compensaria pagar para alguém cuidar dela, ou pagar uma escolinha particular, então comecei a fazer concursos públicos enquanto ficava em casa, dentre eles me inscrevi pela primeira vez em um vestibular, tinha curiosidade em ver como seria a prova. Apesar de não acreditar que eu pudesse passar, pensei que se eu passasse eu não iria efetuar minha matrícula e cursar a graduação, não queria estudar naquela altura do campeonato. E então para minha surpresa, eu passei no vestibular, com o auxílio das Cotas Sociais, as cotas dão a oportunidade para pessoas que estudaram em escolas públicas a vida toda e que não tem uma renda alta ao realizar o vestibular a ingressarem na Universidade Pública. Bem, já que eu tinha passado e conseguido me matricular, então comecei a cursar a graduação em Artes Visuais, para ser professora, profissão que nunca quis por causa de minha aversão a escolas.

O curso que escolhi, Artes Visuais, foi para mim uma alegria, meu medo de encontrar pessoas engravatadas e orgulhosas por estarem na faculdade, acabou, pensei que eu fosse me sentir inferior em um ambiente acadêmico, mas conheci pessoas incríveis, professores e professoras muito queridos e queridas, e me apaixonei por estudar, enfim, me senti bem enquanto estudante. Mas ainda

assim, não foi nada fácil conciliar a vida de dona de casa, mãe e estudante, como a graduação era no período da tarde ficava difícil encontrar um emprego de meio período, mas graças a Deus consegui algumas diárias que fazia no período da manhã, e também fazia brigadeiros e vendia para complementar a renda familiar. Ao vender os doces falava que era para me ajudar com a graduação, mas algumas pessoas não entendiam, me perguntavam, mas o curso não é gratuito? Sim, mas a comida que como, os livros que compro, o transporte até a universidade, e tantas coisas que preciso para ter condições de estudar custa dinheiro e não são baratos. Engraçado como algumas pessoas acham fácil o esforço das outras, só veem a parte boa, não imaginam quantas coisas temos que abrir mão quando fazemos escolhas, não imaginam quanto tempo renunciamos para realizar a esperança, bem como a que Paulo Freire descreve, esperar não no sentido de esperar, mas no sentido de correr atrás dos sonhos. Junto a toda essa dificuldade que tive que enfrentar ao cursar a graduação atemporal, engravidei no segundo ano do curso, consegui terminar aquele ano, mas o terceiro teve que esperar, tranquei a matrícula por um ano para cuidar do meu filho. Neste um ano que não estudei, voltei a fazer concursos públicos e pensei seriamente em desistir dos estudos, minha realidade era outra, agora com dois filhos pequenos para sustentar, financiamos nossa casa própria e as parcelas eram mais caras do que o aluguel que pagávamos anteriormente, com essas tantas demandas e seus agravantes continuar a graduação era remar contra uma maré revolta. Mas consegui retornar, e apesar de toda dificuldade em permanecer, não desisti, foram muitas lágrimas confesso, era quase sobre humano o esforço que eu tinha que fazer pra dar conta de tudo e até pra acreditar que aquela escolha era a melhor pra mim e pra minha família, eu aproveitava intensamente cada aula que tinha, queria estar presente em tudo que eu pudesse na universidade, pois sabia o preço que custava pra mim e pra minha família o esforço que eu tinha que fazer para estar ali.

Ao concluir a graduação, tracei como meta ser professora da rede pública, gostaria de contribuir com minha profissão no mesmo sistema em que eu estudei, além disso, tinha também o interesse em fazer um mestrado, que é uma continuação da graduação, preparando professores e professoras para darem aula inclusive em universidades e cursos de graduação. Então enquanto participava da seleção de mestrado e aguardava sair edital de concurso público para professores(as), trabalhei meio período com meu marido. Na segunda tentativa de entrar no programa de pós-graduação em Educação da UEM, que abre vaga uma vez por ano, fui aprovada, e com os trabalhos que elaborei e eventos que participei enquanto ainda fazia a graduação pude adquirir uma bolsa de estudos que fornece um valor mensal para auxiliar estudantes pesquisadores(as) com suas despesas enquanto se dedicam aos estudos. As políticas de ingresso e permanência na Universidade são importantes para que as classes populares também acessem esses espaços. Tento ser breve em minhas palavras, mas procuro traçar esse percurso sem deixar de lado os pontos principais que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Bem, diante de tudo que descrevi até aqui, os percursos que passei, sempre me incomodei com algumas coisas, sabia que certas situações que enfrentei e que muitas pessoas enfrentam não são justas, e que alguns privilégios e regalias fazem parte da vida de poucos enquanto muitos lutam por alcançar seus sonhos e objetivos. Então ao conhecer Paulo Freire, percebi o quanto seus estudos e seus pensamentos vem ao encontro de meus questionamentos. Para Freire (1974) a vocação que todos nós enquanto seres humanos temos é a de “Ser Mais” a de “humanizar-se”, uma vocação que é histórica e ontológica. Para Freire nós não fomos e nem seremos, mas estamos sendo, ou seja, todas as etapas de nossas vidas são importantes, por isso, a importância de lutar por nossos direitos, e por isso Freire defende uma educação para todos e todas.

Freire se envolveu em movimentos que defendiam os direitos dos sujeitos sem fazer distinção de raça ou classe social, por isso disse que “Reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não

basta. É necessário precisamente por causa deste reconhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo”.” (2000, p. 56).

Paulo Freire em suas obras apresenta um sistema ao qual nós estamos inseridos e confere a nós a possibilidade e o direito de mudar essa realidade que oprime os sujeitos. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* publicada pela primeira vez em 1968, Freire aborda sobre uma educação para a liberdade e não para opressão, o autor revela a condição de oprimidos e opressores que os sujeitos detém socialmente, hora conscientes deste estado, hora não conscientes. A luta de classes, por vezes silenciosa, faz com que as classes populares, a dos trabalhadores e trabalhadoras sejam as menos favorecidas, em função disto a “Vocação Ontológica de humanizar-se” defendida por Freire, que é de direito de todo ser humano, passa a ser uma “Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores.” (FREIRE, 1974, p. 19).

E o que tem a ver tudo isso com a Diarista e o Diarista? Nesse momento, acredito que você que lê esta carta já tenha se identificado com alguns apontamentos, 1 Ontológica vem da ontologia, considerada pelo filósofo Aristóteles parte da filosofia que tem por objetivo estudar as propriedades gerais do ser, analisando o que existe no mundo, na natureza concreta e a realidade, relacionando-os a esta profissão. Para entender a relação que eu considere para a escrita desta carta, conto a você que em uma das aulas da disciplina, tivemos a visita de um professor de história que tanto estudou como também vivenciou as transformações na educação no mesmo período em que Paulo Freire atuava ativamente na educação. O professor convidado tocou em um assunto que me deixou reflexiva, e me motivou a escrita desta carta, que foi sobre a “herança escravocrata que nós temos”. Hoje muitos são os(as) estudiosos(as) que falam sobre decolonização, decolonialidade, que, sem me aprofundar em termos científicos, resume-se a transgredir os modos de naturalização das situações ao

identificar que somos um país que foi colonizado por outros países, e esses colonos trouxeram com eles saberes, costumes e culturas que por muito tempo foram impostas a sociedade brasileira, gerando uma desvalorização de outros modos de viver que não fossem os que por eles são validados como preciosos.

Neste contexto, houve inclusive o tempo da escravidão exercida no território brasileiro, onde pessoas negras eram consideradas pelas mais abastadas como sendo inferiores e, por isso, utilizavam a mão de obra destas pessoas sem pagar pelo trabalho que elas faziam e ainda puniam e matavam sem considerar a humanidade delas. Mesmo após a abolição da escravatura, momento em que os escravos e escravas passaram a ter o direito de serem “livres”, a escravidão continuou de diferentes formas.

O que seria então essa “herança escravocrata” apontada pelo professor? Podem ser os mais distintos modos de oprimir as pessoas, de se achar no direito de mandar, maltratar, inferiorizar outras pessoas, tratando-as como objeto. No momento em que o professor falou sobre essa herança, me recordei de uma experiência que vivi enquanto Diarista, que se soma dentre tantas situações que tanto as e os profissionais da limpeza como de outras áreas desvalorizadas pela sociedade podem enfrentar. A situação foi a seguinte, quando eu apesar de trabalhar meio período todos os dias da semana fui contratada, sem contrato, por uma família, exercendo a função de diarista que hoje entendo ser de doméstica, minha patroa perdeu um par de tênis e pensou que eu tivesse roubado, ela não falou diretamente para mim “você roubou” mas sugeriu isso, ao afirmar com toda certeza que ela não havia tirado o tênis da lavanderia mas ele repentinamente sumiu. Para minha falta de “sorte” eu calçava o mesmo número que ela, o que tornou a situação ainda mais suspeita, mas passado um tempo a graças a Deus encontrou o tênis no porta-malas de seu carro, tirou quando foi para a academia, em momento algum, ela me pediu desculpas, ou agradeceu por eu ter ajudado ela a procurar o tênis pela casa. Enquanto isso eu, passei dias me sentindo mal pela situação, e pelo constrangimento de ter sido

acusada, pensando que minha condição enquanto empregada conferiu a ela o direito de me julgar e me assediar, além de não considerar que eu estava ali dignamente prestando meus serviços. Esta situação é apenas mais uma dentre outras que eu, minha mãe, minhas irmãs e tantas outras pessoas passam no dia a dia de profissões tidas socialmente como inferiores, enquanto pessoas humildes e de classes economicamente desfavorecidas. Como diz o ditado popular “a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco”, só de fazer parte da classe popular as pessoas já são rotuladas como quem tem que aceitar o que vier, pois não tem poder aquisitivo para adquirir uma condição melhor, semelhante a citação que descrevi acima, onde Freire fala sobre a posição fatalista que o sistema confere a sociedade, fazendo-a acreditar que “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo”.

Paulo Freire (1974) debate sobre vários mitos que delineiam as classes populares como sendo a oprimida e os mais abastados financeiramente como opressores, dentre eles “O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos.” E nesta luta junto aos oprimidos, Paulo Freire foi além de sua teoria e elaborou um método de alfabetização que antes do período da ditadura militar auxiliou muitas pessoas das classes populares a serem alfabetizadas. Segundo Gadotti (1989) as primeiras experiências deste método ocorreram em 1962, na cidade de Angico-RN, quando em 45 dias foi possível alfabetizar 300 trabalhadores rurais. O diferencial em Freire, descrito por Gadotti (1989), era a proximidade que o educador tinha da população, ele não desconsiderava o saber que as pessoas já tinham de seu dia a dia, alegando que “Indiscutivelmente, há uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social de que o povo pratica, mas, às vezes, o que está faltando é uma compreensão mais solidária dos temas que compõem o conjunto desse saber” (GADOTTI, 1989, p. 33). As cartilhas elaboradas por Paulo Freire ao invés de trabalhar com os adultos frase como “Ivo vê a ave”, lançavam frases que fariam sentido para os e as trabalhadores(as), como a frase “o voto é

do povo”, povo que na época não podiam votar por serem analfabetos. Por isso, seu método e seu trabalho como educador foi tão criticado, porque ele permitia ao povo o empoderamento e entendimento de seus direitos.

Ao falar da profissão de Diarista existem muitos empasses e controvérsias sobre os direitos e garantias desta profissão. Primeiro, quero dizer que me refiro ao e a diarista, tanto no feminino como no masculino, por saber que atualmente existem também homens que trabalham nesse ramo, apesar de serem poucos, pois ao longo da história, serviços considerados menores e inferiores se reduziam somente a população feminina, mas a luta das mulheres pela igualdade e reconhecimento no mercado de trabalho, tem oportunizado uma atribuição de profissões ditas femininas, também acessíveis aos homens e as masculinas acessíveis às mulheres. Por muito tempo, inclusive nos dias atuais o que se tem como lei para a profissão de Diarista, não tem sido garantida na prática desses e dessas profissionais, por exemplo, o Projeto de Lei 160/2009 aprovado pelo Senado Federal, alega que para ser considerado(a) Diarista, o, ou a profissional, não podem prestar serviços na mesma casa por mais de dois dia por semana, se passar de dois dias para um mesmo contratante esse serviço passa a configurar como empregado(a) doméstica, tendo ele ou ela todos os direitos de um(uma) empregado(a) doméstico(a), além disso o pagamento pela diária deve ser realizado no mesmo dia em que presta o serviço, e não uma vez no mês. Sendo assim, apesar de ter regulamentado o direito do ou da Diarista de ter os benefícios de um(a) empregado(a) doméstica(o) se trabalharem mais de 3 dias da semana em uma mesma casa, isso não é colocado em prática, e existem muitas(os) trabalhadoras(es) que não exigem de seus patrões e suas patroas o registro em carteira. O fato de não ter o registro em carteira, impossibilita essas e esses profissionais de terem como garantia, auxílio-doença, aposentadoria por tempo de contribuição, 13º salário, férias e outros benefícios garantidos ao registrar a carteira de trabalho na Consolidação das Leis de Trabalho - CLT. O desabono

ao direito desses e dessas profissionais guardam relação com o termo “oprimidos” apontado por Paulo Freire, são pessoas que precisam de seus pagamentos garantidos ao final do mês, e por isso, não recorrem à justiça por seus direitos, ou mesmo, cobram de seus patrões e patroas que os paguem tudo o que for exigido pela lei. Porque os trabalhadores e as trabalhadoras não exigem de seus patrões e patroas o que é deles(as) por direito? Porque existe o medo de perder o emprego ou a redução dos valores recebidos ao requerer o benefício que lhes são por lei garantidos? Paulo Freire (1974, p. 86) discorre mais um dos mitos que envolve essa relação de opressores e oprimidos “O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe, é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda[...]”. Essa relação debatida por Freire, pode ser relacionada a profissão de Diarista que estou me referindo nesta carta, fazendo com que exista uma falsa amizade, onde o assistencialismo prestado pelos patrões e patroas não são de obrigação dos mesmos e da mesmas, e a ajuda que eles e elas conferem para além do pagamento combinado é uma generosidade voluntária, sendo assim a empregada e o empregado entram em um dever de gratidão pelo assistencialismo recebido, alienando assim os direitos já adquiridos por lei. Ao falar sobre isso, posso me recordar das muitas sacolas de roupas que eu recebia das patroas de minha mãe, me recordo dos móveis, eletrodomésticos, utensílios para casa que quando não eram de utilidade mais para elas, elas doavam para nós. Me recordo das noites de natal e ano novo, que minha mãe passava preparando e servindo a ceia das patroas e esperando dar meia-noite para recolher as sobras de comidas e trazer para casa, comida que sustentaria as crianças famintas, aguardando ansiosamente a chegada da mãe. Me recordo das datas comemorativas que ficava na rua esperando passar os caminhões que com os recursos de gente rica jogavam doces, balinhas e brinquedos no bairro em que eu morava, únicas datas no ano em que eu recebia presentes. O ápice foi quando minha mãe trouxe brinquedos e doces que sobraram da festa de aniversário que a

patroa dela havia feito para sua filha mais nova, a cachorrinha chamada "Sacha", acho que eu tinha uns 8 anos na época, minha primeira festa significativa tinha sido aos 7, e a cachorra na maior festança em seu primeiro ano de vida. Não sou ingrata e nem odeio eles por nos ajudarem, mas pensando na configuração do mundo, sei que outras e outros diaristas tem ainda mais histórias semelhantes a estas para contar, mas desde de nova não entendia essa configuração maluca de um mundo que mesmo sendo o mesmo para todos, é ao mesmo tempo totalmente diferente para cada pessoa, principalmente nessas distinções das classes. Será mesmo que eles e elas eram tão caridosos(a) assim, será que já pensaram alguma vez em tirar parte do dinheiro que gastavam com festas luxuosas, roupas caras, longas viagens para ajudar os pobres? Ou o que restar como não mais útil em suas vidas já será o suficiente para ajudar os pobres? Ou pensam que os pobres não tem dinheiro porque não trabalharam o suficiente, ou porque são preguiçosos. Hoje em dia, até as doações estão escassas, pois as classes média e alta passaram a vender ao invés de doar. Mas se os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras fossem garantidos, se houvesse uma distribuição mais justa, não falo nem de igualitária, mas falo de justiça, certamente os filhos e filhas das classes populares não dependeriam mais desse assistencialismo que se faz necessário, pois ao final do mês, após o trabalho justo e digno dos trabalhadores e trabalhadoras, eles e elas teriam provisão suficiente para suas necessidades e ainda sobraria para lazer. Se esta justiça que proporciona a humanização dos indivíduos defendida por Freire puder ser alcançada, a distribuição do tempo livre então seria mais justa, não seria necessário um mesmo sujeito ter que pegar duas a três diárias no mesmo dia, porque só assim é possível honrar com os compromissos de sobrevivência.

Contudo, quero salientar que meu desejo é para que a Diarista e o Diarista, bem como seus filhos e filhas possam concluir não só o Ensino Fundamental e Médio, como também uma graduação e pós-graduação. Nós temos sim o direito de ocuparmos as escolas, e de

termos acesso à educação, bem como, tem sido para as classes mais abastadas. As políticas de afirmação e permanência na educação precisam ser mantidas e reformuladas em favor das classes menos favorecidas, até que estas, assim não sejam mais consideradas. Sei que o discurso de luta, que faz com que nos sintamos vitoriosas e vitoriosos em meio as dificuldades pode ser visto como algo bom, somos guerreiros e guerreiras que vencemos a luta, mas não podemos nos esquecer que, enquanto isso, muita gente está morrendo e perdendo, por deixar de lutar, ou por nem mesmo conseguir lutar, enquanto outros e outras já nascem com a luta ganha, porque isso não é sobre mérito, mas sobre oportunidades.

Estudar na graduação e pós-graduação tem sido para mim libertador, tenho aprendido cada dia mais com as professoras e professores, com as disciplinas estudadas, com os(as) teóricos(as) e estudiosos(as), e com a pesquisa, meu lugar de Ser Mais, não mais do que os outros e as outras, mas, “mais” em alcançar meus direitos, de humanizar o que sou, reconhecendo-me no processo, e seguindo na humanização. Espero que essa carta possa continuar a nos mover em direção a luta por uma sociedade mais justa, não é meu intuito salvar ninguém, porque o próprio Paulo Freire diz que o responsável pela liberdade somos nós mesmos, não somos libertadores ou libertadoras de ninguém, cada um tem seu protagonismo rumo a humanização de si mesmo, e esta humanização é o que desejo que todos e todas nós tenhamos consciência de que seja nossa por direito.

Agradeço o tempo que você dispôs para ler esta carta até o fim, espero sinceramente ter contribuído para acrescentar em sua vida uma reflexão que te mova para diferentes espaços, gerando muitos questionamentos, pois eles nos impulsionam a continuar a estudar e conhecer sobre temas e caminhos que jamais pensávamos trilhar.

Maringá, 14 de janeiro de 2023

Abraços fraternos,
Regina Ridão Ribeiro de Paula

REFERÊNCIAS

Freire, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Paulo Freire. – São Paulo: Editora. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire**. Editora Scipione, São Paulo, 1989, 175 p.

PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo. **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (orgs). 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

CARTA PEDAGÓGICA SOBRE EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE

Vânia Rodrigues Nicolau¹

Prezados Professores de Educação Infantil, escrevo esta carta para que possamos dialogar sobre algumas reflexões que surgiram durante a disciplina “Tópicos Especiais em Educação I: Contribuições de Paulo Freire” - PPE/UEM, onde tive o prazer de participar como aluna externa das aulas com as professoras Ercília e Maria Cristina, agradeço a elas e aos colegas de curso que nos estudos e trocas durante as aulas pudemos conhecer mais sobre Paulo Freire e adquirir conhecimentos que podem e devem ser utilizados para o trabalho com as crianças pequenas.

Vou começar me apresentando, me chamo Vânia, tenho 33 anos, sou casada e tenho um lindo filho de dois anos, que me faz querer cada vez mais estudar e aprender o que é melhor para o desenvolvimento infantil, principalmente para que seja uma criança feliz, e que alcance todo seu potencial de ser humano, não só ele, como todas as crianças que passam pelas minhas mãos como professora da Educação Infantil.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Global de Umuarama (FGU). Pós-graduada em Educação Infantil com ênfase em Psicomotricidade, Faculdade ALFA. Pós-graduada em Métodos e Técnicas de Ensino: Tópicos Especiais de Metodologia de Ensino de Comunicação e Artes, Área de Conhecimento: Educação (UTFPR). Pós-graduada em Educação Especial pela Faculdade Focus. Cursando Licenciatura em Computação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) a distância. Atuou como professora de Educação Infantil e Ensino fundamental, como Coordenadora Pedagógica do EJA no estado. Atualmente é Diretora/Coordenadora Pedagógica do Centro Municipal de Educação Infantil São Cristóvão de Umuarama-Pr.

Eu tive muita sorte de ter uma boa infância, brincando na rua com os amigos, uma escola com espaço para brincar, fiquei em creche e no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), onde brincávamos, fazíamos as tarefas, tinha muito convívio social e muitas brincadeiras. Sou filha da Ercilia e do José, meus pais não tiveram muito estudo, minha mãe estudou até a 2ª série e trabalhou a vida toda como empregada doméstica e meu pai estudou até a 4ª série e trabalhou como serviços gerais até se aposentar por invalidez, para eles os estudos nunca foi algo que eles me incentivaram e cobravam, pois não fazia parte da realidade deles, mas uma das minhas melhores amigas desde a pré-escola era filha de professora que exigia bastante dela e eu acabei me espelhando, querendo ser também uma boa aluna.

Na realidade que eu vivia, as expectativas eram terminar os estudos e arrumar um emprego no comércio, não passava pela cabeça fazer uma faculdade, era algo que não fazia parte do meu meio. Na minha família até hoje pouquíssimas pessoas fizeram faculdade e eu fui uma das primeiras, isso graças aos anjos que Deus colocou na minha vida que são o Professor Isidoro e a Professora Maria Luiza.

Com 15 anos uma amiga da patroa da minha mãe disse que eles precisavam de uma moça para ajudar com a limpeza da sala da clínica deles de psicopedagogia e para fazer café, então, eu comecei a trabalhar com eles fazendo isso, com o passar do tempo fui auxiliando nas tarefas das crianças, tomando leitura, dentre outras coisas, lá eles me incentivaram a fazer faculdade, conseguiram um desconto, então entrei em 2008 no curso de Pedagogia. Trabalhei por sete anos nessa clínica, saí de lá em 2013 para assumir o concurso público municipal de professora. Atualmente estou exercendo a função de Diretora/Coordenadora de um CMEI que atende crianças de zero a três anos.

Agora que vocês já sabem um pouco da minha história, vamos para o principal que é Paulo Freire, a contemporaneidade do seu pensamento e as contribuições para a educação. Durante a

graduação tive algumas aulas com textos dele, mas confesso que não gostei na época e por isso nunca mais tive interesse de ler suas obras, depois das aulas do curso percebi como minha visão sobre ele era distorcida, provavelmente na época por eu ser muito nova e imatura eu não compreendi o que ele falava.

O que me chama muita atenção é que tudo que ele escreveu há anos ainda é muito atual e como sua pedagogia se aplica sim à educação infantil. Paulo Freire destaca o papel da educação como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da “consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da educação como uma prática de liberdade”. Nós sabemos que para a formação do ser humano é necessário que se experencie, vivencie e não apenas se transfira o conhecimento, e na educação infantil a aprendizagem se dá efetivamente por meio das vivências e experiências, a criança aprende fazendo, experimentando, testando e criando. Nós, como professores, dessa etapa tão essencial precisamos ser capazes de promover uma educação problematizadora e libertadora como nos ensina Freire para uma educação na realidade do educando. Será que estamos possibilitando essa educação para nossas crianças? Sobre o respeito a autonomia do ser educando, Freire diz que:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário que, por isso mesmo, afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado, rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na

diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. (FREIRE, 2022, pag. 58)

Ser professora exige uma série de saberes necessários para a prática educativa de qualidade e que essa prática seja voltada para a verdade, a autenticidade do sujeito e para a liberdade, no livro *Pedagogia da Autonomia* Paulo Freire nos traz reflexões sobre o que o ato de ensinar nos exige enquanto educadores e educandos e nos mostra essas práticas a partir do amor revolucionário e do rigor crítico. Na educação infantil essas práticas são necessárias, tendo em vista que esta é a fase inicial da criança, onde ela deve ser bem desenvolvida.

Acredito que esse livro deveria fazer parte da graduação e assim, os futuros docentes teriam uma excelente formação do que é necessário para uma prática humanizadora e capaz de uma ação transformadora, reconhecendo tudo que o ensinar exige, favorecendo a autonomia de seus educandos, e assim superando o ensinar como mera transferência de conhecimento. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.” Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho “a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. (FREIRE, 2022, p. 47)

Freire enxerga o ser humano como um sujeito inacabado e inconcluso. Aliás, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento.” O ser humano, enquanto ser inacabado, rejeita a “inexorabilidade do futuro” e o determinismo fatalista típico do discurso neoliberal: “pragmático e reacionário.” Cabe a nós educadores promover o pensamento reflexivo, a fim de promover uma educação transformadora e isso desde a primeira infância.

Sabemos que o professor é um profissional insubstituível, afinal temos a missão de educar e auxiliar no desenvolvimento integral do

ser humano, preparando-o para viver em sociedade. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire nos mostra a importância da libertação das pessoas, para que ele seja capaz de compreender a realidade e agir nela, superando as injustiças e opressões tendo os seres Humanos como pessoas e não coisas.

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir — a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso —, “é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando”. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto — o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente, porque éticos, podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*. (FREIRE, 2022, pag. 58).

Sendo assim, o aluno não é um objeto, é preciso uma educação baseada na realidade vivida pelos educandos, que eles reflitam sobre o que estão aprendendo, que não seja uma educação bancária, ou seja uma educação imposta, sem ter consciência da realidade, sem ter auxílio para “pronunciar o mundo” e sem compreender que é capaz de modificar o seu redor. Nossos alunos estão sendo respeitados?

Para Freire, (2022): Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão — a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez

destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. Pensando na Educação Infantil como um momento importante para que o ser humano aprenda a se relacionar e viver em sociedade, desenvolvendo habilidades fundamentais à formação humana, além das capacidades cognitivas e motoras é necessário que incorporamos os saberes Freireanos, para que nós educadores possamos promover uma educação respeitosa e dialética tendo os educandos como sujeitos e por se tratar de crianças pequenas não caíamos no erro de nos achar detentores do saber e assim anulemos o poder criador deles.

Paulo diz que “o diálogo faz parte dessa nossa pedagogia dialógico-dialética, que hoje começa a desabrochar na educação em todo mundo, renovando a prática pedagógica”. Queridos professores, quão importante é o diálogo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, o quanto é bom ser ouvido, interagir, compartilhar, como diz Freire o diálogo faz parte da própria natureza humana. “Precisamos do outro para conhecer. Conhecer é um processo social, e o diálogo é justamente o cimento desse processo”. Para ele, o diálogo propicia se aproximar e conhecer o aluno, seu contexto, sua cultura e seu ser estar no mundo.

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade.

O gosto da pergunta, da crítica, do debate. (FREIRE, 1995, p.89) É uma insistência de Freire a importância do diálogo como estratégia de ensino, e realmente é necessário que em nossa prática docente nós escutemos nossos alunos, dando voz e vez para que eles se expressem, manifestem seus desejos e necessidades. Por meio do diálogo, é possível compreender o que as crianças pensam, o que elas sabem e os questionamentos que estão se fazendo sobre tudo o

que as cerca, tendo em vista que crianças são curiosas e comunicativas.

Vemos também que a curiosidade é um aspecto necessário para Freire:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2022, p. 83).

Para que nós educadores possamos estimular a curiosidade nas crianças é preciso de saberes específicos para nossa prática, no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, Freire apresenta alguns saberes que certamente nos ajuda no trabalho como um todo com a educação infantil, alguns deles são: escuta, tolerância e amorosidade, precisamos olhar a criança, a infância é onde elas tem as primeiras experiências no mundo, são tempos de sonhos e nós não podemos matar seus sonhos.

Para finalizar gostaria de deixar registrado algo que a Clara, uma grande estudiosa de Paulo Freire falou em uma das aulas e me fez refletir e levar para a vida, não lembro exatamente as palavras, mas ela disse mais ou menos assim: eu não tenho que me colocar no lugar do outro e sim respeitar, pois não é possível me colocar nesse lugar. Que educar seja um ato de respeito, amor, liberdade, verdade, diálogo e esperança. Que nossas crianças se sintam acolhidas, amadas e respeitadas, que educador e educando construam o conhecimento em conjunto e que a escola seja um espaço de troca, produção e de uma educação libertadora.

Umuarama, 10 de janeiro de 2023.

Um grande abraço!
Vânia Rodrigues Nicolau

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 6. ed., 1995.



Este livro traz as Cartas Pedagógicas dos(as) estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação, estudantes do Curso de Pedagogia e de três professoras da Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR. As Cartas Pedagógicas foram fundamentadas na perspectiva teórico-metodológica de Paulo Freire e nelas encontramos histórias de vida, denúncias de desigualdades sociais, autoritarismos e anúncios de novos tempos no Brasil.